UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

TARSILA MEI ANTUNES

A REVOLUÇÃO RUSSA ATRAVÉS DOS MOVIMENTOS NACIONALISTA E SOCIALISTA ITALIANOS

Campinas

2025

TARSILA MEI ANTUNES

A REVOLUÇÃO RUSSA ATRAVÉS DOS MOVIMENTOS NACIONALISTA E SOCIALISTA ITALIANOS

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Ciência Política.

Supervisor/Orientador: Prof. Dr. Alvaro Gabriel Bianchi Mendez

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA TARSILA MEI ANTUNES E ORIENTADA PELO PROF. DR. ALVARO GABRIEL BIANCHI MENDEZ.

Campinas
2025

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Adriana de Araujo Neitzel - CRB 010393

An89r

Antunes, Tarsila Mei, 1999-
A Revolução Russa através dos movimentos nacionalista e socialista italianos / Tarsila Mei Antunes. – Campinas, SP : [s.n.], 2025.

Orientador: Alvaro Gabriel Bianchi Mendez.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Rússia - História - Revolução. 2. Nacionalismo - Itália. 3. Socialismo - Itália. I. Bianchi, Alvaro, 1966-. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações complementares

Título em outro idioma: The Russian Revolution through the lens of italian nationalist and socialist movements
Palavras-chave em inglês:
Russia - History - Revolution
Nationalism - Italy
Socialism - Italy
Área de concentração: Ciência Política
Titulação: Mestra em Ciência Política
Banca examinadora:
Álvaro Gabriel Bianchi Mendez [Orientador]
André Kaysel Velasco e Cruz
Luciana Aparecida Aliaga de Oliveira
Data de defesa: 17-03-2025
Programa de Pós-Graduação: Ciência Política

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)
Não se aplica

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0009-0009-9505-2156
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/5389034608655675

Prof. *Dr. Alvaro Gabriel Bianchi Mendez*
Prof. *Dr. André Kaysel Velasco e Cruz*
Profa. *Dra Luciana Aparecida Aliaga de Oliveira*

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Edmur e Deborah cuja dedicação, amor e generosidade foram o alicerce de tudo o que sou e conquistei. E ao meu irmão, Pedro, que sempre se fez presente de maneira excentricamente carinhosa. Obrigada por acreditarem em mim, por cada esforço feito para que eu fosse feliz e pudesse sonhar alto, e por me proporcionarem todas as oportunidades que me trouxeram até aqui. A vocês, devo não apenas minha educação, mas também a força e a coragem para perseguir meus objetivos. Sou imensamente grata por vocês serem minha família e meu maior motivo de orgulho.

Ao meu namorado, Lucca, que esteve ao meu lado em cada passo desta jornada, acreditando em mim quando eu mesma duvidava, celebrando comigo cada vitória e me confortando nos momentos de incerteza. Sua confiança no meu potencial e seu imenso amor tornaram os desafios mais leves e as conquistas ainda mais significativas. Obrigada por compartilhar comigo as aventuras mais inesperadas e ser meu parceiro em todos os sentidos que esta palavra possui.

Às amigas que ganhei na dança, Carol, Nathany, Helena, Letícia e Mafê, por conta das quais nunca me senti sozinha. A cada semana, vocês coloriram meus dias, mesmo quando o cansaço e as responsabilidades insistiam em pesar. Dentro e fora dos palcos, vocês foram as melhores companhias que eu poderia desejar, sou grata por compartilharem comigo todos os tombos e aplausos.

Aos meus amigos de infância, Bia, Giovanni e Leo, que cresceram comigo e me acompanharam também nessa fase. Obrigada por fazerem parte dessa história, que ainda irá se renovar em outros tantos capítulos.

Aos meus companheiros de sala, pela ajuda inestimável, pelos intervalos que sempre foram uma pausa bem-vinda na correria do dia a dia, e pelas memórias que compartilhamos no querido "postinho".

Aos professores do Programa de Pós-Graduação de Ciência Política da Unicamp, ao meu orientador, Alvaro Bianchi, que me guiou nesse processo e acreditou no meu projeto, e aos professores que compuseram minha banca examinadora, André Kaysel e Luciana Aliaga, pela atenção dedicada, pelas contribuições valiosas e pelas críticas construtivas. Cada aula e discussão foram fundamentais para o meu crescimento intelectual e para a construção deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

O presente trabalho propõe uma investigação da perspectiva dos membros da Associação Nacionalista Italiana (ANI) e do Partido Socialista Italiano (PSI) acerca dos eventos que se sucederam na Rússia entre a Revolução de Fevereiro e a convocação da primeira Assembléia Constituite, marco de consolidação do novo governo. Partindo do pressuposto de que estas se tratavam de organizações declaradamente inimigas, com séria disputa por espaço no imaginário social das massas, busca-se apurar de que maneira ambas compreenderam a ação revolucionária, condicionadas por suas próprias lentes e agendas políticas.

O objetivo não é reforçar uma única interpretação, mas mostrar como os posicionamentos destas foram construídos ao longo do período revolucionário, se transformando à medida que os seus efeitos se faziam perceber fora do território russo, especialmente no que diz respeito à Primeira Guerra, na qual o país era grande aliado da Itália. Para isso, o projeto se apoia na análise documental, pretendendo investigar os jornais *L'Idea Nazionale*, controlado desde 1911 pelo comitê central da ANI, e *Avanti!*, criado em 1896 pela direção do PSI. Estes periódicos, que atingiram distribuição nacional, funcionaram por anos enquanto fontes de propaganda das respectivas instituições, atendendo seus interesses partidários.

Palavras Chave: Revolução Russa, Nacionalismo, Socialismo, Itália

ABSTRACT

The present study proposes an investigation into the perspectives of the members of the Italian Nationalist Association and the Italian Socialist Party regarding the events that unfolded in Russia between the February Revolution and the convening of the first Constituent Assembly, a milestone in the consolidation of the new government. Starting from the premise that these were openly antagonistic organizations, engaged in a fierce struggle for space in the social imagination of the masses, this research seeks to examine how both interpreted the revolutionary action, shaped by their own lenses and political agendas.

The goal is not to reinforce a single interpretation but to demonstrate how their positions were constructed throughout the revolutionary period, evolving as its effects became perceptible beyond Russian borders, particularly concerning the First World War, in which Russia was a key ally of Italy. To achieve this, the project relies on documentary analysis, focusing on the newspapers *L'Idea Nazionale*, controlled since 1911 by the Italian Nationalist Association's central committee, and *Avanti!*, founded in 1896 by the Italian Socialist Party's leadership. These nationally distributed periodicals functioned for years as propaganda outlets for their respective organizations, serving their partisan interests.

Keywords: Russian Revolution, Nationalism, Socialism, Italy

SUMÁRIO

Introdução ……..……...……...…10
De onde estamos partindo? …….…….……...……10
Sobre os materiais…….…….……..….22

Capítulo 1: A Revolução Russa sob a perspectiva da Associação Nacionalista Italiana……..…...31
1.1 A Revolução como potência da guerra……..….33
1.2 A Revolução do seu período de ajustamento à morte do Estado……..….....48
1.3 A Revolução antiimperialista…….…....63
1.4 A Revolução sob o comando de Lênin…….…….….84
1.5 Resultados……..….96

Capítulo 2: A Revolução Russa sob a perspectiva do Partido Socialista Italiano……...100
2.1 A Revolução como esforço das massas……..……...100
2.2 A Revolução como proposta de paz.……...…...120
2.3 A Revolução como combate a burguesia……..130
2.4 A Revolução como proibição…….……...141
2.5 Resultados……...……...…..148

Conclusão……...151

Referências bibliográficas……..…….…..…162
Anexo…….…….....173
Tabela de artigos consultados *L'Idea Nazionale* ……...….173
Tabela de artigos consultados *Avanti!*.....179

INTRODUÇÃO

De onde estamos partindo?

Ao abordarmos o pensamento italiano do início do século XX, é crucial reconhecermos que estamos diante de um momento de complexificação do cenário político nacional. As reformas eleitorais da década de 1880 e o consequente crescimento do número de partidos e associações, haviam alargado as possibilidades de participação popular, ao passo que tornavam a disputa política e ideológica mais atrativa para o grande público. Entretanto, como afirma Fulvio Cammarano (2011, p. 22), tais mudanças haviam sido motivadas antes pela preocupação com o enraizamento do sistema liberal do que por ambições de política social.

Tomado por uma série de tensões internas, o recém-unificado Reino da Itália se via constantemente ameaçado em seu processo de consolidação. Por um lado, os crescentes movimentos republicanos e socialistas pressionam o governo pela capacitação das massas para a participação política. Os apelos se fundavam no combate ao analfabetismo, fator decisivo na delimitação do grupo votante, e na ampliação da educação, permitindo que todos tivessem acesso a cultura política e cívica, pré-requisito de uma nação moderna aos olhos de muitos expoentes da esquerda. Por outro, a nova burguesia, formada por comerciantes e industriais, exigia maior influência no sistema político, até então dominado por elites tradicionais. As reivindicações focavam no despreparo governamental frente às suas demandas, especialmente no nível internacional, visto que esta se encontrava isolada no cenário europeu, dentro do qual outras nações desfrutavam de estruturas sociais e econômicas mais estáveis.

Pressionado por todos os lados, o governo italiano se apoiou em um projeto político de legitimação do Estado liberal, ainda de acordo com Fulvio Cammarano (2011, p.89). Nele, combinadas estratégias propunham o fortalecimento das relações com demais potências, e a aceitação coerente do quadro de liberdades jurídicas. Efetivamente, em 1882 os trabalhos para além da fronteira se firmaram na assinatura do tratado da Tríplice Aliança. Na mesma época, o Parlamento aprovava, depois de prolongadas discussões, concessões e barganhas, o que, significativamente, o primeiro-ministro teria nomeado de “sufrágio universal possível".

A definição dos requisitos mínimos a serem exigidos dos eleitores se tornou uma verdadeira batalha política. Partidos de direita e esquerda tentaram esculpir suas respectivas bases eleitorias, reconhecendo que em discussão estava a identificação artificial das novas fronteiras políticas da sociedade civil. Como resultado, a possibilidade de participação foi

apresentada a todos os homens, com pelo menos 21, que comprovassem uma qualificação educacional mínima de dois anos primários, garantindo sua alfabetização, ou tivessem contribuição tributária superior a 19,80 liras anuais.

Apesar do número de potenciais eleitores ter triplicado com as reformas, os rígidos critérios não permitiram que estes correspondessem a uma parte significativa da população, com abrangência de apenas 6.9% desta. A mudança, entretanto, foi de alto impacto, marcando o primeiro passo de uma sociedade de massa embrionária. Especialmente porque veio acompanhada de uma revisão do sistema eleitoral como um todo, exigindo que tais instituições desenvolvessem formas modernas de propaganda e agência política.

Em destaque, temos a Associação Nacionalista Italiana (ANI). Sua história tem início em março de 1910, momento em que Enrico Corradini, em entrevista concedida a *La Grande Italia*, propôs a elaboração de um Congresso Nacional Nacionalista. Tendo repercutido no meio, a ideia foi ganhando corpo com a criação de um Comitê Ordenado, no qual o mesmo se juntou a figuras como Gualtiero Castellini e Luigi Federzoni, futuros grandes expoentes do movimento. Nos próximos meses, conforme destacado por Ermínio Fonzo (2017, p.38), o grupo se empenhou em reunir e transformar ideias, então dispersas, em um verdadeiro programa político nacionalista. O projeto foi apresentado em agosto às várias figuras políticas e intelectuais que marcaram presença na reunião nacional, sediada em Florença, e deu início às discussões sobre a criação de uma de uma instituição nacionalista organizada.

Apesar da iniciativa ter representado o primeiro esforço desses intelectuais em construir uma estrutura representativa, as raízes do movimento nacionalista italiano remontavam ao início do século XX. Momento em que toda a Europa experienciava a transformação da identificação nacional em força política. O amplo fenômeno, contudo, desenvolveu-se com certa particularidade na Itália, influenciado pelas tensões internas do período de pós-unificação tardia.

Atrasado em relação aos seus vizinhos, o país ainda se encontrava profundamente dividido na virada do século, marcado por disparidades regionais, econômicas e culturais, que dificultavam a consolidação de um sentimento de unidade nacional. Segundo Federico Chiaricati (2023, p. 57), a distinção entre o Norte, industrializado e com forte desenvolvimento econômico, e o Sul, agrário e defasado, havia gerado ressentimento popular e diversas resistências locais. Para muitos dos norte-italianos, concebê-los nos mesmos termos dos compatriotas meridionais, pensados como menos civilizados, representava um insulto. De forma extrema, alguns estudiosos, como o psiquiatra Cesare Lombroso e o antropólogo Giuseppe Sergi, chegaram a

elaborar teorias sobre a existência de diferenças naturais entre os povos das duas regiões, os classificando como duas raças separadas de italianos.

Nesse contexto, de acordo com Roberto Badger (1936, p. 76), a missão assumida pelos nacionalistas italianos foi a construção de uma nacionalidade única, na qual os homens de todas as partes do país pudessem se reconhecer. Não bastava que estes habitassem a Itália, era preciso integrá-la. O esforço, portanto, tratava-se de uma transformação da percepção do povo italiano, submetendo-o à causa nacional através da identificação patriótica.

Mais do que uma solução política, os nacionalistas estavam à procura de, na prática, alcançar o cidadão no território da sua vida cotidiana e no cerne da sua existência natural, manobra que exigia dos seus teóricos uma forte delimitação ideológica. Como resultado, de acordo com Aliza Wong (2006, p. 83), o movimento passou a englobar termos étnicos e linguísticos na definição de nação, historicamente construída. Assim, abraçavam a suposta origem comum como o ponto chave da identidade nacional, era ela que definiria, de maneira natural, os italianos como um único povo, apesar de quaisquer diferenças provinciais.

Destas raízes, entretanto, não apenas recolhiam uma herança compartilhada, mas o dever de restaurar suas antigas glórias. O pretenso legado, que para os nacionalistas italianos remetia ao Império Romano, não apenas lhes daria o direito sob as 'terras não redimidas', mas lhes capacitava para sua conquista. Portanto, caberia ao Estado incentivar as tendências imperialistas, relembrando as massas italianas de suas necessidades expansionistas naturais, intrínsecas à sua raça. Especialmente em direção àquelas regiões que, sob domínio de outros Estados soberanos, sobretudo do Império Austro-Hungaro, lhes seriam destinadas por nascença, pertencendo cultural e etnicamente à Itália. Assim, os nacionalistas italianos "construíram um discurso baseado em um legado histórico imaginado ou percebido e na raça, que reivindicava uma legitimidade para o império, defendia um destino imperial e justificava uma brutal empreitada militar" (WONG, 2006, p.82, tradução nossa).

Acreditando nesse propósito, os membros do movimento lançaram seu olhar para a África e o Oriente Médio em busca de potenciais colônias, elegendo a Líbia como local de interesse. Segundo Ronald Cunsolo (1962, p. 201), a questão da colonização líbia estava presente no discurso de Enrico Corradini desde 1905, ainda que este não estivesse pronto para propor, naquele momento, a tomada efetiva do território. O fato é que os nacionalistas eram, em maioria, jovens da chamada "geração de Adua". Como explica Federico Imperato (2006, p.24), tratavam-se daqueles que, tendo crescido sob a sombra da desastrosa derrota na Batalha de

Adua[1], se mostravam inteiramente determinados em apagar tal vergonha da memória italiana, vingando-a a todo custo. Ao entrar para a história como um significativo golpe nas ambições coloniais do país, esta foi entendida como sinal de uma falha não só na constituição militar da Itália, mas no próprio espírito da burguesia italiana, difamada por um liberalismo derrotista.

Contudo, à medida que se aproximava o quinquagésimo aniversário da unificação italiana, Corradini teria encontrado na onda de fervor patriótico, que tomava conta do país, a garantia de que a população estava, enfim, preparada moralmente para tal empreitada. Durante o ano de 1910, este esteve a frente do movimento nacionalista, guiando-os para que encontrassem formas coletivas de pressionar o governo por uma nova campanha, convencido de que a vitória restauraria a confiança do povo italiano. Como resultado, a ANI foi oficialmente decretada no último dia do primeiro encontro nacional, tendo como principal finalidade a difusão da ação nacionalista.

Munida por uma estrutura moderna, esta foi formada de maneira ramificada e hierárquica, na qual um comitê, centralizado em Roma, mantinha controle permanente sobre os grupos locais. Apesar da Associação funcionar de maneira muito semelhante a um partido, tal nomenclatura lhe foi recusada durante o Congresso. A decisão, segundo Imperato (2006, p. 41), estava formalmente ligada a necessidade de autonomia do movimento nacionalista em comparação aos outros partidos do espectro político italiano. Especialmente porque este pretendia reunir todos aqueles que almejavam um papel mais ativo para a Itália no cenário internacional.

Apesar de escolher conscientemente uma abordagem mais elitista, objetivando a construção de uma nova classe intelectual, a ANI foi a primeira instituição no campo da direita a utilizar os espaços públicos como ferramenta política. Ainda que a mesma não tivesse nenhuma pretensão de representar ou educar as classes populares, preferindo abordar apenas a classe dominante e a burguesia. Na prática, os comícios e as manifestações de rua não vão aparecer para os nacionalistas enquanto momentos de coletivização da luta política, mas apenas como um apelo pela defesa de pautas específicas. Tal forma de ação, inclusive, teria sido motivo de polêmicas e hesitações dentro da Associação, pelo menos por parte daqueles que entendiam o movimento

[1] A Batalha de Adua, também conhecida como a Batalha de Adwa, ocorreu no norte da Etiópia em 1º de março de 1896, e foi um confronto militar decisivo entre o Império Etíope e o Reino da Itália. A derrota italiana foi esmagadora, com milhares de soldados mortos ou capturados.

como disciplinar, ou seja, não condizente, em sua própria razão de ser, com tais agitações ruidosas e impulsivas.

Seguindo uma proposta completamente divergente, por outro lado, estava o Partido Socialista Italiano (PSI). Sua origem remonta a Gênova em agosto de 1892, momento em que o Segundo Congresso do Partido Operário Italiano era convocado para debater a nacionalização das ferrovias, demanda latente dos ferroviários que, enquanto categoria proletária em expansão, sofria com longas jornadas e condições precárias de trabalho. Durante o evento, os discursos proferidos revelaram, segundo Gaetano Arfé (1965), diferenças substanciais entre a corrente socialista e as correntes anarquistas e operistas, fazendo evidente a necessidade de criação de um programa socialista próprio. A resposta aos impasses veio na aprovação de um documento de clara inspiração marxista, aceito em votação por partes expressivas dos núcleos operários organizados. Através deste, o partido socialista teve, enfim, sua doutrina caracterizada e sua particularidade teórica consumada frente a outros movimentos.

Mesmo que a autoatribuição do termo ‘socialista’ não tenha sido imediata, acontecendo explicitamente apenas no ano seguinte durante um novo congresso, os membros do PSI teriam exaltado, ao longo do século, o episódio como o momento de sua criação. A própria concepção de estrutura partidária adotada em 1892, com elaboração de Filippo Turati, havia sido emprestada da experiência socialista alemã. Nesta perspectiva, a ideia de Turati consistia em criar um organismo político de base puramente classista, capaz de inserir as reivindicações dos trabalhadores em uma estrutura orgânica e duradoura, tendo como objetivo final a transformação da sociedade capitalista para uma sociedade socialista.

Apesar de Turati ter carregado para o PSI os moldes germânicos de luta, estes se distanciavam quanto aos critérios de admissão partidária, fato que acabou afastando-os no desenrolar do seu desenvolvimento. No caso italiano, as adesões não foram abertas para indivíduos, ficando reservadas apenas às formas de coletividade, espalhadas por centenas de vilas e cidades, principalmente ao norte e centro da Itália. Como resultado, segundo Arfé (1965), o princípio orientador do partido, a ser estabelecido sobre o movimento econômico de classe, não foi definido. De modo que a instabilidade das fronteiras entre os diferentes momentos da ação de classe, teria permitido a sua interpenetração. Fato que explica o sentido sindicalista que o PSI assumiu no início do século XX.

O partido socialista foi, portanto, pioneiro no país ao adotar uma organização moderna, demonstrando notável habilidade em integrar e adaptar antigas práticas ao novo

sistema politizado. Como destaca Maurizio Ridolfi (1992), sua estrutura serviu posteriormente de modelo para outras formações políticas, inclusive aquelas compostas por forças sociais distintas, como a ANI. O PSI, com bases proletárias e luta fortemente pautada pelo marxismo, já era conhecido pelo uso da praça, passando a procurar maneiras de fazer política em lugares de sociabilidade desinteressada. De modo a se revelar um grande empreendedor, sobretudo, no campo educativo e cultural.

Hostis ao caráter 'neutro' das associações recreativas, os socialistas italianos teriam passado a buscar a inserção de pautas políticas também nos momentos de descontração da classe trabalhadora. A recém conquistada jornada laboral de oito horas, objetivo há muito reivindicado pelo movimento operário, havia assegurado que as massas tivessem momentos para a diversão, a educação e a vivência social. Para tal partido, não se tratava de uma simples limitação do tempo de trabalho, mas de uma oportunidade para que os trabalhadores prosseguissem objetivos pessoais. A ideia era democratizar o lazer, até então tido como privilégio e luxo de poucos, enquanto construíam espaços recreativos capazes de absorver atividades políticas e econômicas de classe.

Assim, os Clubes Cooperativos assumiram um papel fundamental, especialmente nas cidades do interior, como local de organização do tempo livre dos militantes e de suas famílias. Intercalando curtas e animadas conferências, cantorias, recitação de poemas e exposições de panfletos e jornais, estes teriam se tornado, como revela segundo Ridolfi (1992), um dos fenômenos mais significativos e inovadores do movimento socialista na Itália. Seu sucesso teria levado a um crescimento exponencial, de modo que em 1913 foi relatada a presença de 250 clubes familiares, com cerca de 50 mil membros apenas na província de Milão.

Em última instância, estes foram uma resposta às transformações induzidas pelo desenvolvimento industrial. Alargando o leque de oportunidades de acesso à política, ao passo que apresentavam uma nova forma de recriar as relações comunitárias além das fábricas e dos sindicatos. Mais do que difundir determinados discursos políticos, os socialistas teriam passado a almejar, acima de tudo, a superação da segregação capitalista. Acreditavam que a classe trabalhadora, dividida pela produção industrial, havia se tornado dispersa e desconectada, carente de encontros nos quais pudesse se entender como unidade, vibrando pelo mesmo ideal.

O partido socialista, no entanto, precisava adaptar suas estratégias para garantir o acesso à política por parte da população vulnerável, majoritariamente analfabeta e agrária. Visando ampliar sua base e promover maior inclusão, este buscou distanciar-se dos moldes

burgueses, não permitindo que suas reuniões seguissem o academicismo que tinham nos partidos liberais. Mesmo que estas se dessem nos espaços de instrução, que, por sua vez, passaram a ser organizados de maneira mais aberta e igualitária. Da mesma forma, para fortalecer a identidade de grupo sem os possíveis constrangimentos hierárquicos de um congresso, seus membros se encarregaram de realizar diversas festas e cerimônias comemorativas, abrangendo as diversas esferas da vida coletiva e individual dos operários.

Mesmo carregando concepções contraditórias sobre o próprio conceito de ação política, ambos os movimentos adotaram uma estratégia em comum, a criação de um periódico com pretensões de distribuição por todo o país, que atendesse diretamente seus interesses partidários. Funcionando especialmente, na convocação de figuras fora das estruturas partidárias. No caso da ANI, este era *L'idea Nazionale*, para o PSI, este era *Avanti!*.

De acordo com Gaetano Arfé (1965) a criação de *Avanti!* representou a conclusão do intenso trabalho de construção partidária, iniciado quatro anos antes. Planejado e elaborado em meio a nova reunião do PSI, este foi publicado pela primeira vez em Roma na data de 25 de dezembro de 1896. A ideia era que este desenvolvesse um meio de comunicação para promover uma identidade socialista na qual toda a classe trabalhadora, operários e camponeses, pudessem reconhecer a si e aos demais, não apenas dentro do seu país, mas em qualquer contexto de exploração capitalista. Como objetivo principal, visavam que o periódico contribuísse para a diluição das várias frações existentes dentro das bases do partido, através da convocação para um mesmo método de luta, deixando claras as ligações que os uniam e os tornavam elementos de um único plano orgânico.

Embora outros pequenos grupos socialistas já tivessem tentado concluir tal tarefa com o lançamento de jornais próprios, haviam falhado ao se limitar a questões locais, alimentando apenas as vontades de um segmento específico. Adquirindo pouco prestígio, estes haviam servido para demonstrar a necessidade de um extenso trabalho para recolha de informações e capital adequado, ou seja, da mobilização de todo o partido num poderoso esforço financeiro e organizacional.

Neste ponto, *Avanti!* apresentava-se como o único instrumento capaz de superar a questão meridional. Marcada pela substancial diferença socioeconômica entre o Norte e Sul da Itália, esta vinha deixando profundas marcas nos trabalhadores de todo o país, especialmente os que ficaram marginalizados na região sul. Desde a sua unificação, o Estado italiano havia optado por priorizar o desenvolvimento industrial da região norte, deixando o resto da nação preso em

um sistema agrário e de resquícios feudais, no qual a terra estava concentrada nas mãos de poucos proprietários. Como resultado, o modelo foi capaz de enriquecer e potencializar a infraestrutura das áreas urbanas, enquanto condenava grande parte da população rural a viver em condições de extrema pobreza.

As disparidades, contudo, não se limitavam às condições de trabalho, mas estavam também nas reivindicações destes. O próprio PSI, enquanto pretenso representante de toda a classe explorada, enfrentava dificuldades em estabelecer uma linguagem socialista comum. Exatamente por isso que o partido buscou na criação do jornal a promoção de trocas de experiências de um extremo a outro da Itália, buscando vencer as barreiras regionais e ideológicas que haviam se instaurado no próprio movimento.

No Norte, se desenvolvia uma forte agitação orientada em direção à luta de classes, com os trabalhadores urbanos, predominantemente operários, buscando redução das longas jornadas, melhorias salariais e direitos sindicais. Em contrapartida, no Sul, os trabalhadores rurais, em maioria analfabetos, se mostravam preocupados com a terra e com a luta contra a grande propriedade fundiária, buscando a reforma agrária. Sem organização formal, estes baseavam suas relações em laços pessoais e espontâneos, estruturados ainda de maneira muito fragmentada e rudimentar.

A descentralização estabelecida no Sul, como afirma Luigi Cortesi (1969), estabelecida com base na valorização dos pequenos agrupamentos e das situações locais, teria favorecido o desenvolvimento de contínuos atritos entre os diversos representantes e os órgãos administrativos do PSI. O fato é que, desde a formação do partido, os poderes atribuídos ao Comitê Central não estavam claramente delimitados. Como consequência, este ficava condicionado às assembléias e congressos, não conseguindo fazer valer sua autoridade na prática. Perante o movimento, assumia funções meramente coordenativas.

Sem uma institucionalização forte e reconhecível, o PSI permitiu que em suas dependências se formassem acentuados fenômenos de “personalismo”. Com as possibilidades de comando da ação de classe localizadas antes nas organizações regionais do que no comando partidário, diversas figuras administrativas passaram a migrar para espaços de relações diretas com os trabalhadores. Pautadas em prestígio pessoal e questões emocionais, longe de uma lógica funcional rigorosa. Apesar de ter sido uma estratégia vantajosa na construção de um eleitorado socialista, esta permitiu que uma poliarquia de pequenos poderes fosse instaurada dentro do movimento, facilitando o desenvolvimento de correntes alternativas e divergentes em demandas.

Segundo Franco Gaeta (1981, p.6), alguns anos mais tarde, em 1º de março de 1911, o grupo liderado por Corradini iniciou a publicação do semanário *L'Idea Nazionale*. Impresso em Roma, este se preocupava em comentar os principais eventos nacionais e internacionais, com atenção especial aos "italianos além-fronteira," que residiam em terras não redimidas ou colônias. Consolidando-se como expressão dos posicionamentos mais extremistas que circulavam dentro da Associação Nacionalista Italiana, motivo pelo qual teria sido rejeitada, em um primeiro momento, a proposta de transformá-lo em órgão oficial do partido. Fato que se tornaria realidade ao longo dos próximos anos, tendo tal corrente radical assumido o papel majoritário dentro desta.

A grande preocupação neste caso era construir um movimento baseado na unidade nacional como a mais alta forma de expressão social, dando-lhe uma linha política mais precisa. Em outras palavras, a ideia era criar um espaço de complexificação do pensamento nacionalista, elevando-o para além de um mero patriotismo ou irredentismo. Passo que era fundamental para estabelecer uma distância teórica entre suas teses e as do liberalismo, vistas como deturpadoras da capacidade burguesa em administrar o Estado.

Por mais que fosse possível traçar paralelos entre a atuação da ANI e de grupos liberais engajados, este encontro sempre teria se dado em detrimento de pautas específicas, nunca com o objetivo de criar alianças duráveis. Na realidade, os nacionalistas enxergavam em *L'Idea Nazionale* o potencial para reconstruir o imaginário das classes burguesas, depurando-as da corrupção das doutrinas liberais, supostamente resumidas por um individualismo exacerbado e perigoso.

Logo, assumindo o compromisso de guiar as instituições falidas de volta às suas antigas formas gloriosas e globalmente respeitadas, uma das chaves principais do funcionamento do periódico foi exatamente o resgate da tradição intelectual e cultural do país. Para Gaeta (1981, p.15), ao menos naquele momento, os membros da associação acreditavam que mais importante do que fazer propaganda política, era despertar a paixão pela pátria. Queriam restabelecer a antiga força e autonomia do Estado através da união e modernização das classes burguesas. Missão que não conseguiriam completar sem antes reacender no povo o orgulho da sua história, bem como a vontade de colocar a Itália na posição de grande potência mundial.

Por mais que defendessem a necessidade de um trabalho específico voltado para a burguesia, a quem se dirigiam, os nacionalistas se declaravam contrários a programas políticos de classe, como era o caso socialista. De acordo com o proposto pela ANI, as medidas a favor

dos grandes industriais, em parte financiadores de *L'idea Nazionale*, eram formas de fortalecer a nação como um todo. Não apenas o progresso econômico italiano refletiria, eventualmente, em melhores condições para os trabalhadores, mas permitira o investimento em tecnologia bélica, fundamental para um país pobre em matérias-primas. De acordo com Fonzo (2017, p.145), o objetivo a ser traçado, então, não era a redistribuição da riqueza, como queriam seus adversários, mas o seu aumento através de enérgicas políticas expansionistas e coloniais.

Nesse ponto, um paralelo interessante pode ser traçado entre os dois movimentos. Ainda que os mesmos carregassem concepções distintas sobre a ação política, a teoria nacionalista teria utilizado de princípios socialistas desde o primeiro Congresso Nacional Nacionalista. Tal inspiração viria de Enrico Corradini, um dos maiores ideólogos do nacionalismo italiano do início do século XIX, ao elaborar a proposta base do mesmo. Este identificou que as relações de poder e exploração no cenário internacional se assemelhavam às estabelecidas entre classes, de modo que, como os proletários, a Itália se encontrava, material e moralmente, subjugada as demais potências europeias. Logo, na tentativa de defender seu programa imperialista, declarava que o movimento deveria partir do princípio que

> Existem nações proletárias tal como existem classes proletárias; isto é, nações cujas condições de vida estão desvantajosamente sujeitas às de outras nações, como as classes. [...] Assim como o socialismo ensinou ao proletariado o valor da luta de classes, também devemos ensinar à Itália o valor da luta internacional. Mas a luta internacional é uma guerra? Bem, que haja guerra! E o nacionalismo desperta na Itália a vontade da guerra vitoriosa (CORRADINI, 1914, p. 27-49).

Em contramão ao movimento socialista, os nacionalistas desconsideravam a importância dos conflitos de classe na formação das sociedades, resumindo a história humana como uma constante luta entre nações. Surge, então, a questão da Primeira Guerra. Inimigos declarados, *Avanti!* e *L'Idea Nazionale* já vinham se ocupando, por muitas vezes, de apresentar os mesmos temas, cada um à sua própria maneira, mas a divergência se tornou um embate com a eclosão do conflito em 1914. Frente à incerteza do governo italiano sobre sua participação na guerra, de um lado, estava o PSI, declaradamente a favor da neutralidade do país, de outro, a ANI, um dos grupos políticos que lutou mais energicamente pelo envolvimento da Itália.

Segundo Imperato (2006, p. 11), nos nove meses que decorreram entre o início das hostilidades e a entrada definitiva da Itália junto a Entente, os socialistas se encarregaram de expor a Associação e o que consideravam como suas verdadeiras intenções no desejo pela intervenção italiana. A denúncia residia no fato de que seus membros, através do investimento e aliança com a indústria bélica, estariam tentando se beneficiar monetariamente de uma tragédia.

Em outras palavras, descreviam os nacionalistas como aqueles que, visando apenas lucros materiais próprios, estariam dispostos a condenar toda a população do país em uma guerra para a qual não tinha qualquer tipo de preparo adequado. Obrigando-a a adentrar um conflito que a maioria dos cidadãos não queria ou mesmo compreendia.

A rejeição categórica do partido ficou marcada pelo lema lema "nem aderir, nem sabotar", posição que buscava se equilibrar entre a oposição ativa à guerra e a recusa em apoiar qualquer iniciativa que pudesse ser interpretada como colaboracionismo com os interesses belicistas. Desde o início do conflito, o PSI destacou que a guerra não era uma solução para os problemas sociais e políticos que afetavam os trabalhadores italianos. Inspirado pelos ideais da Segunda Internacional, o partido via o conflito como uma traição à solidariedade internacional dos trabalhadores, promovendo divisões entre os proletários de diferentes países, enquanto servia aos interesses imperialistas das elites capitalistas e monarquias europeias.

Contudo, a decisão não se fez unânime dentro do movimento socialista. Enquanto parte de suas lideranças afirmavam que o embate não dizia respeito à classe trabalhadora, não fazendo sentido esta se sacrificar em seus campos de batalha, uma parcela defendia que a guerra poderia ser um catalisador para transformações revolucionárias na Itália. Assim, mesmo com a maioria permanecendo firme na posição neutralista, a disparidade alimentou ainda mais algumas tensões internas que floresciam no PSI. Em consequência, a derrota do alinhamento pró-intervencionista culminou na expulsão de seu maior expoente, Benito Mussolini.

Por sua vez, segundo Fonzo (2017, p.148), os nacionalistas justificavam a participação nacional como um meio de renovar espiritualmente o povo italiano. Estes queriam a guerra por si só, colocando o seu significado moral acima das vantagens econômicas e territoriais que obteriam com a vitória, desfecho que lhes parecia certeiro. Quanto à vontade popular, a ANI reconhecia que seus aspectos devastadores tornavam a guerra indesejável a nível individual, mas defendia que esta era uma necessidade suprema da nação, devendo prevalecer a tudo, até mesmo aos interesses particulares dos cidadãos. Motivo pelo qual a Associação se encarregou de atacar os neutralistas, acusando-os de colocar o seu partido acima dos propósitos nacionais.

Exaltando a guerra pela suprema beleza libertadora, ao invés de defini-la pelo seu custo social, os nacionalistas italianos construíram uma verdadeira “estetização da violência”, como coloca Donatello Aramini (2022). Manifestada com o uso exacerbado de mitos e ritos coletivos, cuja parte fundamental era o homem-soldado, um cidadão viril e heroico que encarnava os valores de força e sacrifício, a vontade pelo conflito “deu forma a uma verdadeira

religião da guerra, uma guerra vista como purificadora, medicinal, capaz de libertar os germes que infectavam a nação e de reconsagrá-la através do sangue dos seus mártires" (ARAMINI, 2022, p. 4, tradução nossa).

Não foi por acaso, portanto, que a Associação se mostrou muito ativa ao organizar comícios, conferências e manifestações, utilizando de novas formas de comunicação na tentativa de envolver, na medida do possível, grandes setores da população. Com seu discurso simbólico e enérgico, convocou grupos de jovens para um treinamento militar prévio, preparando-os para intervir a qualquer momento. A forte campanha intervencionista se mostraria essencial para a construção da ANI enquanto um partido moderno.

É importante destacar que o anúncio da Primeira Guerra marcou um momento de virada para a mesma. Até aquele momento, a Associação teria sido sustentada, como define Ermínio Fonzo (2017, p. 106), por um "nacionalismo variado", heterogêneo em objetivos e proposições sociais. Ao contrário do PSI, a ANI não nasceu da agregação de experiências associativas anteriores. Pelo contrário, a própria decisão de não se apresentar na forma de um partido tradicional, apesar de se comportar como um, havia permitido que membros filiados a outras instituições participassem da mesma, abrigando, assim, um caldeirão de ideologias diversas. A guerra, entretanto, viria como um elemento unificador, ao passo que a propaganda intervencionista teria exigido que os nacionalistas, enfim, elaborassem e seguissem um programa bem definido e delimitado.

O interesse bélico da ANI, no entanto, intensificou os embates com o grupo socialista, acirrando ainda mais as disputas no cenário político italiano. Com ambos os movimentos competindo diretamente pela atenção das massas, a tensão se deslocou do campo ideológico para o confronto físico, especialmente nos centros urbanos, onde estes passaram a ocupar os mesmos espaços públicos. As divergências se tornaram cada vez mais evidentes na prática, resultando em um ambiente marcado pela violência, que se manifestava por meio de insultos, agressões e, em alguns casos, até a morte de manifestantes.

Ao fim, com a prevalência da corrente intervencionista, o governo italiano foi levado a assinar um tratado com a França e a Inglaterra em 1915, forçando ambos os periódicos a se adaptarem a uma realidade sem precedentes na história mundial. Então inseridos no contexto de guerra internacional, os socialistas iniciaram um trabalho pela sua abolição, a ser conquistada por uma greve geral dos trabalhadores, marcando o início de uma união de classe que se colocaria acima da delimitação das fronteiras nacionais. Mais uma vez em conformidade com as

afirmações de Gaetano Arfé (1965), o partido teria promovido diversos encontros internacionais pela paz, utilizando de *Avanti!* como importante ferramenta de divulgação. Este também assumiu o papel de, cotidianamente, denunciar os horrores vivenciados cotidianamente pelos soldados nas trincheiras, especialmente na forma dos macabros desenhos do ilustrador Giuseppe Scalarini.

Paralelamente, os nacionalistas aproveitavam o seu espaço em *L'Idea Nazionale* para celebrar a guerra através de uma narrativa extremamente parcial. Aproveitando de cada vitória contra as potências centrais para exaltar os exércitos italiano e aliados, de modo a inflar a consciência coletiva de patriotismo. Para acompanhar a guerra com a atenção que desejavam, publicando integralmente os boletins militares, o jornal expandiu sua periodicidade, até então semanal. Em 2 de outubro, este passava a ser impresso diariamente.

No meio de todo esse contexto já potencialmente caótico entre os movimentos, as notícias sobre a Revolução Russa de 1917 serviriam de mais munição aos embates, abalando suas agendas políticas, intrinsecamente engajadas no contexto internacional. O presente trabalho se propõe, então, a investigar como os membros da Associação Nacionalista Italiana e do Partido Socialista Italiano compreenderam estes eventos que se sucederam na Rússia entre a Revolução de Fevereiro e a convocação da primeira Assembléia Constituite, evento esperado desde a queda do regime czarista.

Com base nos pressupostos apresentados, este estudo busca compreender como essas instituições partidárias interpretaram a ação revolucionária, considerando suas próprias lentes e ideais políticos. O objetivo não é simplesmente reforçar um posicionamento por parte destas organizações, mas exatamente explicar que, enquanto figuras políticas ativas, estas teriam construído suas opiniões à medida que os fatos iam se desdobrando no território russo. Além disso, pretende-se estabelecer paralelos e comparações entre essas perspectivas, ressaltando que suas interpretações nem sempre foram lineares ou coerentes ao longo do processo revolucionário.

Sobre os materiais

Os jornais desempenharam um papel crucial na Europa, particularmente, no início do século XX. Marcado por profundas transformações sociais, com a ascensão do capitalismo industrial, a eclosão de guerras e movimentos revolucionários, o período coincidiu com a ebulição de diversas ideologias políticas e econômicas, que se encontravam em uma constante

luta por poder e espaço no imaginário social. Teóricos e apoiadores de direita e de esquerda, ansiando por mudanças, passaram a se reunir em torno de novos partidos, através dos quais disputavam posições de autoridade nacional. Unidos, estes tiveram a possibilidade de acumular de recursos materiais, facilitando a criação de meios diretos de comunicação com as massas, nos quais poderiam incitar debates, expressar opiniões ou criticar opositores.

Os novos órgãos, associações e partidos assumiram, então, o desenvolvimento e distribuição de diversos veículos de informação, consolidando a imprensa como instrumento fundamental para a difusão de propaganda política e convocação à movimentação social. Para Antonio Gramsci (2004), os jornais eram não apenas transmissores de informação, mas instrumentos estratégicos para a formação política popular. Para além de relatar fatos, este atuava na construção de narrativas que orientassem os leitores, sendo o meio mais dinâmico de vincular a atividade teórica dos intelectuais à vida prática das massas. Em outras palavras, controlar os meios de comunicação era uma maneira eficaz de ampliar a conexão dos intelectuais com o povo.

Na perspectiva gramsciana, portanto, a importância dos jornais podia ser explicada pelo fato de que as transformações sociais também se davam fora das instituições. Na realidade, a luta pela hegemonia passava, inevitavelmente, pelo controle da informação e pela disputa no campo das ideias. Isso porque a teoria estabelece uma distinção entre a sociedade política e a sociedade civil. Enquanto a primeira se baseia na coerção exercida pelo Estado, a segunda é o espaço onde se articulam as disputas ideológicas, por meio de instituições como escolas, igrejas, sindicatos e, sobretudo, os meios de comunicação.

Nesse sentido, a hegemonia era sustentada por essas duas esferas, coerção e consenso. Sendo a segunda o local os jornais se revelavam como verdadeiras armas políticas, capazes de desafiar as representações dominantes e fomentar uma consciência crítica entre os trabalhadores. Para isso, entretanto, era fundamental que os grupos intelectuais atuassem na "organização cultural" das classes populares, apresentando-as uma visão alternativa à ordem vigente.

Estes não deveriam se limitar a funções meramente reflexivas ou acadêmicas, mas antes assumir um papel ativo em meio a determinados grupos sociais, comprometendo-se com a luta de classes. Eram eles que estabeleceriam os contornos do debate público, moldando concepções de mundo, naturalizando determinadas interpretações da realidade e consolidando o

consenso em torno de projetos políticos específicos. Os jornais, portanto, atuam como "aparelhos privados de hegemonia".

Além de influenciar diretamente nas dinâmicas políticas nacionais, a pluralização dos veículos de informação também permitiu maior contato entre os movimentos de diferentes países. Não apenas facilitando a chegada de informações sobre eventos que se passavam em território etrangeiro, mas diversificando as visões sobre estes, para além das propostas pelas fontes oficiais de cada governo. As recém-estabelecidas redes transnacionais de comunicação fizeram circular ideias, formatos editoriais e estratégias políticas. Essa interação contribuiu para a construção de discursos que transcenderam fronteiras, especialmente em momentos de grande agitação política e social, como a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa.

Especificamente na Itália, de acordo com Christopher Duggan (2008, p.385) os jornais assumiram uma ampla gama de perspectivas políticas, funcionando como plataformas para os diferentes partidos. Como muitos destes circulavam regionalmente, refletindo a fragmentação cultural que ainda marcava a Itália pós-unificação, assumiram tanto a função de informar as comunidades quanto de integrá-las ao discurso político nacional. Embora a tecnologia de impressão estivesse avançando, com a virada do século correspondendo ao início da popularização de processos mais mecanizados, a produção ainda era limitada pelo seu elevado custo. Ao mesmo tempo, a tipografia manual também era um delimitador da capacidade das gráficas e, por consequência, da circulação dos periódicos, especialmente dos de pequeno porte.

Garantir maior veiculação exigia, em grande parte dos casos, que a equipe editorial se aliasse a financiadores. Apesar destes já receberem de anunciantes locais, que começavam a perceber o valor dos jornais como meio de atingir o público, o sistema de propaganda ainda não tinha a estrutura necessária para manter integralmente o funcionamento destes. Portanto, parte da imprensa italiana se desenvolveu com forte dependência de grupos empresariais, especialmente os vinculados a ideologias nacionalistas e liberais.

Como a maioria do público burguês estava concentrada no Norte do Itália, devido à ampla industrialização e urbanização, os jornais puderam se desenvolver com mais força na região. A infraestrutura dos grandes centros econômicos permitiu, assim, que cidades como Milão e Turim abrigassem os jornais mais relevantes do país. Além de concentrarem boa parte das oficinas de impressão, tendo entre seus habitantes um maior número de alfabetizados, ou seja, de possíveis leitores.

Turim, inclusive, foi o local de fundação e produção de um dos jornais mais antigos da história italiana. O *Gazzetta del Popolo* foi criado em 1848 com orientação nacional-liberal. Assumindo uma postura mais conservadora ao longo dos anos, este foi forte apoiador da monarquia de Sabóia[2] e de investidas militares e imperialistas, especialmente da Primeira Guerra Mundial. Em paralelo, se desenvolvia o periódico *La Stampa*. Instituído em 1867, este foi um meio crucial de informação para a elite e classe média de Piemonte, atuando em favor da linha política de Giovanni Giolitti, quatro vezes Primeiro Ministro da Itália e símbolo liberal.

Em Milão, por sua vez, estava um dos mais influentes e respeitados jornais do país, *Corriere della Sera*. Desde 1871, este representou os interesses da burguesia industrial de maneira independente, com contribuição de figuras conectadas a diversos movimentos de direita. Referência por sua abordagem analítica e vasta cobertura dos eventos nacionais e, especialmente, internacionais, este exerceu uma influência significativa na opinião pública, contando com o robusto financiamento do grupo Crespi, família dona de diversos empreendimentos industriais na Lombardia. Bem como *Il Popolo d'Itália*. Fundado por Benito Mussolini em 1914, após a ruptura deste com Partido Socialista Italiano, tinha como objetivo principal a persuasão das massas, incitando-as a ambicionar e demandar do governo a intervenção do país na Primeira Guerra. Com o tempo, à medida que seu fundador se radicalizou politicamente, o jornal foi adotando um tom nacionalista cada vez mais extremo.

Embora geograficamente mais afastada, Roma também foi um local da criação de diversos meios de comunicação, que disputavam espaço entre variadas narrativas ideológicas. Enquanto a capital italiana, a cidade concentrou não apenas as instituições e partidos políticos, mas um grande número de jornais que funcionam como ferramentas de divulgação ou mesmo como órgãos oficiais destes. Em destaque, está o movimento nacionalista, cujos membros foram idealizadores de diversos veículos informativos, de maior e menor circulação e durabilidade.

Entre esses, está *Il Regno*, fundado em 1903 por Enrico Corradini, representando o descontentamento com as instituições liberais e democráticas da época. Além de *La Voce*, de 1908, por criação de Giuseppe Prezzolini. Inspirado no ideal de reforma cultural, este promoveu uma reflexão sobre o papel da literatura, filosofia e política na construção de uma Itália moderna e consciente. E *La Vita Italiana*, elaborada por Giovanni Preziosi em 1915, como um espaço para

[2] A dinastia Sabóia foi uma das famílias nobres mais tradicionais da Europa. Antiga governante do Reino da Sardenha, desempenhou um papel crucial na unificação italiana no século XIX, com Vítor Emanuel II ascendendo como o primeiro homem no trono do Reino da Itália. Comandaram o país durante o novo século, permanecendo no poder até a abolição da monarquia em 1946.

discutir e promover uma identidade italiana coesa, através da renovação moral e cultural dos cidadãos.

No meio destes, estava também *L'Idea Nazionale,* que alcançou grande prestígio entre as elites, especialmente por ter sido uma iniciativo direta, conforme apresentadona primeira sessão, da Associação Nacionalista Italiana, em um momento de particular interesse destas.

A impressão do jornal, assumida em 1911 pela *Società Editrice Nazionale,* estabeleceu o formato diário, organizado em quatro laudas que se dividiam na abordagem dos principais eventos nacionais e internacionais do momento. Com foco na política e economia, acompanhava de perto as ações do parlamento, com ênfase nas discussões tributárias e de classe. A nível local também estava encarregado da divulgação das principais atividades da ANI, e da vida cultural romana, com foco em eventos, apresentações de teatro e concertos.

Externamente, o periódico destacava a situação dos italianos que viviam fora do país, fossem nas terras não redimidas, nas colônias ou na emigração. Além de, conforme afirma Ronald Cunsolo (1962, p. 222), assumir uma importante função logo em seu ano de criação, a de manter vivo o espírito popular de luta, que havia proporcionado a ocupação Líbia pelos exércitos italianos em setembro daquele ano. No período, o jornal foi uma importante fonte de contato entre os civis e a situação das frentes líbias, garantindo que estes recebessem descrições acerca da bravura dos oficiais italianos e as ótimas oportunidades que os mesmos estavam conquistando para a nação. Bem como caracterizações sobre o povo ali encontrado, supostamente passivo à presença italiana, aceitando sua ajuda civilizadora. Discurso que funcionava como uma importante ferramenta no reforço da identidade coletiva através da formação de uma dicotomia nós/eles, conquistador/conquistado, branco/negro.

Posteriormente, na Primeira Guerra Mundial, o interesse militar voltou a se fazer muito presente nas suas páginas. Desde o primeiro momento, *L'Idea Nazionale* se empenhou em fomentar rivalidades e manter o povo atualizado sobre a ação dos governos da Entente, bem como o desempenho e os avanços territoriais de seus respectivos exércitos, aos quais demonstrava extrema admiração e torcida. Além disso, sua equipe mostrou interesse particular no desenrolar da Revolução Russa, apresentando reportagens que variavam entre artigos de opinião, análises e previsões sobre os rumos do movimento, elaboradas pelos próprios redatores, e artigos informativos, muitos deles advindos de correspondentes estabelecidos em Petrogrado, Berna e Zurique.

Motivos pelos quais o jornal foi escolhido como fonte na presente pesquisa. A mesma utilizou os exemplares do jornal disponíveis no arquivo digital da Biblioteca Nazionale Centrale di Roma. Mais especificamente as edições publicadas em 1917, especificamente as compreendidas entre os números 76 e 358. Equivalentes às datas de 17 de março, quando a Revolução Russa foi noticiada pela primeira vez no periódico, e de 30 de dezembro, última citação do ano. E em janeiro de 1918, nas edições 1 a 25, que é entendido, para fins categóricos da pesquisa, como o fechamento de um ciclo interpretativo. Os artigos escolhidos estarão detalhados no anexo, e embora a maioria destes tenha sido veiculado de forma anônima, Luigi Federzoni, Enrico Corradini, Francesco Coppola, Alfredo Rocco, Pio Mari e Gino Rinaldi são nomes presentes em alguns.

Enquanto os jornais nacionalistas defendiam suas bandeiras, os periódicos socialistas marcavam sua presença como contraponto às suas publicações, disputando espaço no efervescente cenário jornalístico romano. Entre eles, *Critica Sociale*, fundado em 1891 por Filippo Turati. Voltado para o debate teórico e político dentro do socialismo, foi importante na formação de intelectuais ligados ao movimento. E a revista de publicação mensal *La Lotta di Classe,* de criação de Amadeo Bordiga em 1909. Tornou-se um espaço para discussões mais radicais sobre a luta de classes e a necessidade de uma revolução proletária, adotando uma abordagem mais alinhada ao marxismo ortodoxo. Além de *Avanti!,* uma referência indispensável no debate político e cultural da península.

O jornal foi publicado pelo Partido Socialista Italiano, que estruturou redes de distribuição próprias para garantir maior alcance, evitando a dependência de empresas externas. Apesar de ter sua origem em Roma, este foi gradualmente se fragmentando em edições locais, que, para além de proporcionar um contato mais próximo com os trabalhadores, refletiam as divisões internas do comitê partidário. Entre as edições romana, piemontesa e milanesa, contudo, a temática dos artigos permaneceu alinhada à ideologia e aos interesses do PSI.

Avanti! se preocupou em cobrir os temas que afetavam diretamente a vida dos trabalhadores. Relatava a situação das greves, manifestações e protestos realizados por todo o país, juntamente com artigos acerca das condições de trabalho nas fábricas, minas e no campo, destacando a exploração em cima desta classe. Da mesma forma, denunciava os abusos praticados pelo governo, tanto em casos de repressão policial contra movimentos operários, quanto em casos de corrupção e favorecimento das elites capitalistas. Além de trazer poesias,

textos literários e análises culturais que buscavam promover a emancipação social das massas por meio da educação.

Fora da Itália, os editores do jornal dedicaram-se à publicação de artigos críticos à intervenção italiana na Líbia, denunciando o colonialismo e os custos humanos da guerra. Postura que posteriormente foi ampliada, consolidando o caráter pacifista e anti-belicista que o este assumiu durante a Primeira Guerra Mundial. Paralelamente, noticiavam avidamente os avanços do movimento socialista nos demais contextos europeus, reforçando o conceito internacionalista de classe, com destaque para os eventos na Rússia em seu período pré e pós Revolução de Fevereiro.

Nesse sentido, *Avanti!* traduzia artigos e notícias de jornais estrangeiros, como o francês *L'Humanité* e o alemão *Vorwärts*, ambos órgãos de partidos socialistas em seus respectivos países. De acordo com Gabriella Torricelli (1967, p.734), entre os principais líderes políticos e importantes expoentes dos círculos intelectuais do socialismo italiano da época, o jornal contava com a colaboração de dois exilados russos, que comentavam sobre o movimento revolucionário em curso no seu país de origem. Assim, ao lado de nomes como Antonio Gramsci, Pietro Nenni, Filippo Turati e Giuseppe di Vittorio, os informantes Vasilij Suchomlin e Michail Vodovosov publicaram suas análises e reflexões sobre tais eventos. Identificados, respectivamente, como "Junior" e "Ing", estes eram partidários dos Socialistas Revolucionários na Rússia, que buscaram refúgio na Itália em razão da forte repressão e perseguição instaurada pelo regime czarista após a Revolução de 1905.

O uso de pseudônimos e a escolha pelo anonimato, embora inicialmente associados à proteção dos russos em fuga, se tornaram frequentes também entre os italianos do PSI, visto que o partido era duramente vigiado pelo governo. Na época, de acordo com Christopher Duggan (2008, p.379), a Itália era uma monarquia constitucional, liderada pelo rei Vítor Emanuel III. No entanto, devido à Primeira Guerra, o papel do Parlamento e das instituições democráticas foi enfraquecido, permitindo que o Primeiro Ministro Paolo Boselli e o alto comando militar concentrassem boa parte do poder. Juntos, estes implementaram uma série de medidas autoritárias para reprimir conteúdos considerados subversivos e desestabilizadores, como as críticas à participação nacional na guerra, especialmente aquelas que tivessem potencial para minar a moral das tropas.

Os esforços se intensificaram em 1917, um ano particularmente turbulento para os italianos. Marcado por uma série de derrotas militares significativas, sobretudo pela devastadora

Batalha de Caporetto[3], e a greve geral de agosto, conhecida como os tumultos de Turim[4], este foi um período de crescente ressentimento das massas em relação às decisões do governo. Frente a isso, com confrontos violentos já em curso entre essas duas forças, a Revolução Russa intensificou ainda mais o temor das elites de que um movimento revolucionário semelhante eclodisse na Itália.

Nesse contexto, a forte censura imposta a *Avanti!* resultou, por muitas vezes, em edições publicadas com trechos ou artigos inteiros ausentes. Os cortes comprometem, em certa medida, o entendimento pleno das opiniões e análises do grupo intelectual socialista, uma vez que não se consegue acesso ao debate como um todo. Todavia, sendo este o conteúdo que chegava de fato às massas, podemos ter a total dimensão do discurso que o PSI era capaz de veicular e promover aos seus leitores. Além de nos permitir refletir sobre a forma com que os redatores contornaram a censura, conseguindo circular boa parte de seus artigos, ao passo que manteve, sem falha, o jornal diariamente publicado.

Mesmo com a repressão, *Avanti!* se mantém uma fonte valiosa para a análise documental, com as lacunas representando, elas próprias, uma parte relevante e constitutiva da história do partido e das tensões políticas do período. Estas representam uma característica específica deste tipo de fonte, que justifica, inclusive, a sua escolha na presente pesquisa. Mais do que registrar história, os jornais revelam o processo de construção desta, de modo a refletir não apenas os fatos de determinado momento, mas também as perspectivas, interesses e narrativas que moldaram a percepção pública desses eventos. A análise do conteúdo e tom que rege as publicações, bem como do vocabulário empregado nestas, oferecem subsídios valiosos para compreender estratégias de comunicação e os valores subjacentes de cada movimento. Se mostrando um meio eficiente para explorar e comparar diferentes forças sociais.

Para além da comparação de grupos políticos distintos, o uso de tais veículos de comunicação nos permite examinar os contrastes dentro do mesmo movimento, através da construção de uma linha do tempo detalhada dos acontecimentos. Isso porque a periodicidade,

[3] A Batalha de Caporetto foi uma ofensiva lançada pelas forças austro-alemãs em 1917 na frente italiana na região do rio Isonzo, próximo a cidade de Kobarid (Caporetto, em italiano) na atual Eslovênia. O ataque utilizou de táticas inovadoras, como infiltração rápida e o uso de gás tóxico, desestabilizando totalmente as forças da Entente. O confronto resultou em uma derrota devastadora para o Exército Italiano, com um número alarmante de mortos, feridos e prisioneiros, deixando um impacto profundo na população e nas operações militares subsequentes.

[4] Os tumultos de Turim foram uma série de greves e protestos que ocorreram em agosto de 1917, marcando a história italiana como um dos maiores movimentos operários. A cidade de Turim, um importante centro industrial, foi palco de diversas manifestações devido às péssimas condições de trabalho, à carência de alimentos e aos elevados preços causados pela guerra. Como resultado, a repressão das autoridades foi brutal, com confrontos violentos entre os operários e as forças de segurança.

constitutiva do jornal, carrega em si as transformações internas e adaptações contextuais às quais seus autores foram submetidos. Particularmente útil para entender o andamento de processos históricos em um intervalo definido.

Assim, para examinar a percepção dos socialistas sobre o desenrolar da Revolução Russa, serão utilizadas as edições milanesas de *Avanti!* de número 75 a 362 de 1917, equivalentes à primeira menção do episódio em 16 de março, e a última do ano em 30 de dezembro. E as edições enumeradas de 3 a 23, publicadas em janeiro de 1918. Todas disponíveis no arquivo digital da Biblioteca do Senado Da República da Itália.

Capítulo 1 - A Revolução Russa sob a perspectiva da Associação Nacionalista Italiana

A Revolução Russa estabeleceu-se como um conjunto de eventos que se desenrolaram ao longo de 1917, culminando na destituição do regime czarista e a consequente construção do Estado Soviético. Para Iná Costa (2018, p.23), esta foi apenas o primeiro de uma série de desafios enfrentados pelo sistema capitalista no início do século XX, como produto de uma crise complexa e prolongada, que atingiu seu auge durante a Primeira Guerra Mundial. Assim, o movimento revolucionário não resultou de uma insatisfação imediata das massas, mas vinha se construindo e se revelando em ações contestadoras desde janeiro de 1905. Neste ano, o episódio conhecido posteriormente como domingo sangrento[5] marcava a emergência da agitação política no país.

Sua explosão em 1917, contudo, não foi aleatória. Como aponta Osvaldo Coggiola (2007, p. 18), as ilusões patrióticas acionadas no início da guerra, que até então haviam atuado como apaziguadoras do descontentamento popular, já não conseguiam, desde o final de 1916, se sustentar diante da dura realidade que assolava o continente europeu. As inúmeras vidas perdidas em ofensivas militares, o aumento exponencial dos preços e a escassez de insumos básicos não apenas precipitaram um desastre econômico sem precedentes, mas também provocaram um profundo abalo moral nas massas russas, criando o cenário propício para a revolta.

Nesse contexto conturbado, a Rússia destacava-se como o país mais severamente impactado pelo conflito, visto que o governo czarista teria se mostrado incapaz de fornecer o equipamento bélico adequado, ou mesmo alimentar propriamente seus exércitos, que, após três anos de combate já contabilizavam mais de 4 milhões de mortos. Somado a isso, os esforços empreendidos por este para controlar a situação, como a requisição militar de gado e o arrocho salarial, contribuíram para empurrar amplas parcelas da população em direção a uma política de paz civil. Dentro de diversas organizações, sindicatos e partidos, as correntes pacifistas, silenciadas nos anos anteriores, voltavam a ganhar força e atenção.

[5]O Domingo Sangrento foi um massacre ocorrido em 22 de janeiro de 1905, em São Petersburgo, quando tropas do Czar Nicolau II abriram fogo contra uma manifestação pacífica de trabalhadores que marchavam até o Palácio de Inverno para entregar uma petição por melhores condições de vida. O evento marcou o início da Revolução de 1905 e abalou a autoridade do regime czarista.

Os crescentes ressentimentos à guerra, contudo, não eram as únicas questões que fervilhavam entre as massas russas. Ainda que acentuada pelo conflito, a crise econômica no país vinha se agravando por anos sob o governo do Czar Nicolau II. Assim, o atraso do desenvolvimento industrial do país, com diversos setores dominados pelo capital estrangeiro, somado a extrema desigualdade social, que havia provocado um esvaziamento das classes médias, ajudaram a criar uma atmosfera singular e propícia para a ação revolucionária.

Como resultado, ao início de 1917, diversas manifestações passaram a ocupar os maiores centros urbanos russos, como afirma Wanderson Melo (2017, p. 5). A resposta do exército czarista, por sua vez, foi brutal. Em 26 de fevereiro, conforme o calendário Juliano, este atacou os grupos mobilizados e, sob o comando do governo, desferiu tiros que vitimaram fatalmente 40 civis. A violência injustificável durante a repressão, acabou fortalecendo o apoio social ao movimento, inclusive dentro das próprias tropas. Naquela mesma noite, multidões saíram às ruas e tomaram diversas instituições estatais, em um episódio conhecido posteriormente como Revolução de Fevereiro.

Tendo se apropriado da Fortaleza de Pedro e Paulo, estes puderam assumir o controle de Petrogrado e marchar até o Palácio de Inverno, residência oficial do Czar. A invasão, de forma prática e simbólica, representou não apenas o fim da dinastia Romanov, depois de mais de trezentos anos e oito gerações no poder, mas o início do processo revolucionário russo. A abdicação oficial de Nicolau II veio dias depois, em 3 de março daquele ano.

Rapidamente, os operários passaram a organizar-se à nova realidade, elegendo delegados para assumir os comitês de fábrica e o Soviete de Petrogrado. Sem que houvesse qualquer demanda legislativa para tal, segundo Melo (2017), a iniciativa foi produto de uma ação espontânea dos grupos de trabalhadores. A ideia destes era retomar a experiência interrompida no processo revolucionário de 1905, momento fundamental na criação de órgãos operários, expandindo sua área de atuação ao estabelecer “os sovietes regionais, provinciais e o Comitê Central Executivo dos Sovietes de toda a Rússia, de modo que pode-se perceber a ampliação organizativa e qualitativa do processo de fevereiro em relação à primeira Revolução Russa” (MELO, 2017, p.8).

Enquanto os trabalhadores e soldados se estruturavam para atuar politicamente, a Duma, então assembleia legislativa imperial, procurava manter a autoridade do Estado e da administração pública. Embora a instituição tivesse recebido ordens de Nicolau II, no breve

tempo que este permaneceu no poder após o início das manifestações, para encerrar suas atividades e dissolver seu corpo parlamentar, a mesma optou por desobedecer, antecipando-se à possível queda do regime. Assim, no momento decisivo, seus membros foram capazes de declarar-se como Governo Provisório, assumindo a condução política da Rússia até que fosse viável a convocação de uma Assembleia Constituinte, responsável por definir uma nova forma de governo

Foi nesse contexto que as informações sobre a ação revolucionária começaram a circular pela Europa, chegando até a Associação Nacionalista Italiana, que realizou sua própria interpretação sobre os acontecimentos.

1.1 A Revolução como potência da guerra

Para a Entente, o ano de 1917 começava em um estado de impasse sangrento, com suas forças presas em batalhas desastrosas ou se recuperando destas, marcadas pelo alto custo humano e pouca mudança territorial significativa. A estratégia de trincheiras e o inverno rigoroso contribuiam para a criação de um cenário estático na frente ocidental. Na frente oriental, em contrapartida, a ordem do conflito seria completamente perturbada pela Revolução de Fevereiro na Rússia. Os nacionalistas italianos, percebendo a magnitude do evento que afetava este seu grande aliado na guerra, trataram de estampá-lo na primeira página de *L'Idea Nazionale*, em exemplar publicado em 17 de março daquele ano. A edição, que manteve o anonimato dos redatores, reunia análises pessoais e informações advindas dos correspondentes em território russo e suíço, enquanto se ocupava de celebrar o episódio.

De acordo com Salvatore Cingari (2017,p. 34), o jornal nacionalista foi a primeira voz relevante na Itália a expressar um otimismo em relação à ação revolucionária russa. O entusiasmo inicial, contudo, decorria do fato da organização ter interpretado a Revolução de Fevereiro como um fruto vivo da Primeira Guerra Mundial. Tendo se consolidado, ao longo dos anos, como instituição de vigorosa defesa da capacidade construtiva do conflito, a ANI encontrou na Rússia uma comprovação definitiva desta, ou seja, uma resposta para todos aqueles que permaneciam incertos sobre a sua necessidade política e social.

Nesse sentido, os artigos publicados no dia 17 tratavam, de modo geral, da impossibilidade de reduzir a guerra ao seu desconforto moral. Ainda que não neguem os

aspectos devastadores e sangrentos desta, seu foco é apresentá-los como sacrifícios essenciais para o avanço da humanidade. A grande conclusão apresentada é que "esta guerra também é uma grande revolução" (L'ABDICAZIONE [...], 1917, tradução nossa), devendo ser exaltada, portanto, por sua potencialidade de renovação.

A ideia chave, introduzida nesta primeira edição e desenvolvida ao longo de todo o mês de março em *L'Idea Nazionale*, é a necessidade de atualização das estruturas russas frente à realidade imposta pela Primeira Guerra Mundial. Enfaticamente, seus artigos apontam que o desenrolar do conflito teria sido capaz de expor que a velha aristocracia, burocrática e germanizada, era incapaz de atender as demandas sociais das jovens forças que emergiam na Rússia, determinadas em conquistar a vitória e romper com qualquer forma de domínio alemão. Especialmente porque, na opinião dos nacionalistas italianos, a Entente só sairia bem sucedida do conflito se os povos e Estados estivessem livres para cumprir com as suas respectivas demandas bélicas. Assim

> O próprio anúncio da abdicação do czar deve hoje ser interpretado no sentido de renovar o Tribunal, ou melhor, de suprimir os elementos ainda sobreviventes de velhas tendências hostis à guerra que foram travadas, aliás, também pelos próprios grão-duques. (Ibid., tradução nossa).

De acordo com David Stevenson (2019, p.493), a guerra provocou uma crise de subsistência na Rússia. A falta de estrutura das ferrovias, que haviam se mostrado ineficientes em tempos de paz e completamente caóticas quando encarregadas de abastecer os *fronts*, somada à incapacidade do governo czarista em manter estável o mercado nacional, provocaram um colapso social sem precedentes. Homens e mulheres tinham que aguardar horas nas filas para adquirirem produtos básicos, se frustrando diversas vezes, visto que as padarias eram frequentemente fechadas pela escassez de grãos. Nas grandes cidades, os novos trabalhadores, que haviam migrado das zonas rurais para assumir lugar nas fábricas armamentistas, penavam para conseguir moradia. Por todo o país, os índices de mortalidade infantil duplicavam em relação aos anos anteriores.

Nos exércitos, a insatisfação com uma alimentação inadequada, acompanhada do número atroz de baixas, abalavam profundamente os soldados, dando-lhes cada vez menos propósito na luta. Concomitantemente, Stevenson (2019, p.493) afirma que a frágil disciplina estabelecida pelo Czar, fundada sob um sistema de pouca diferenciação hierárquica e carência de oficiais regulares, teria proporcionado o constante abandono das frentes, que acabavam lideradas por homens jovens e inexperientes.

Para os nacionalistas, de acordo com a análise apresentada no jornal no dia 23 de março, em "Le dichiarazioni di Lvoff sul colpo di Stato russo: I Governi e legge di guerra", assinada em nome da equipe de *L'Idea Nazionale*, a conduta do governo czarista não se mostrava à altura da Primeira Guerra. Visto que teria sido incapaz, ao longo dos três anos de conflito, de manter a rede de abastecimento e munição do exército, dividido então em várias frentes. Fato que indicam não ser apenas resultado da desordem que reinava no país, mas de um trabalho de desmoralização da guerra, levado a cabo por parte de seus próprios agentes. Estes, em maioria reacionários, teriam caminhado rumo a atitudes extremas, motivados por uma aguda disputa representativa contra o partido progressista, nomeado pelo jornal por vezes também como liberal.

Segundo a edição de *L'Idea Nazionale* do dia 19, assinada em parte por Pio Mari, a crise política já se alongava por anos, intensificada por um conflito de interesses entre a aristocracia reacionária, com grande poder e participação no governo de Nicolau II, e a maioria progressista dentro da Duma, que resistia a imposições absurdas, tomadas pelos primeiros, contra a guerra. Para o nacionalista italiano, esse conflito interno não representava apenas uma disputa política comum, mas sim a divisão da nação em dois polos distintos e irreconciliáveis, simbolizados visualmente por duas bandeiras opostas. Enquanto um era representado pela figura de Mikhail Rodzianko, presidente Duma, descrito como aquele que tinha em seu rosto os sinais do homem ocidental, o outro era por Alexander Protopopov, Ministro do Interior, e aquele carregava todas as características manifestas do homem asiático. Um capaz e muito bem escolhido para seu posto, o outro indicado ao seu cargo pelo infame monge Rasputin.

As duas forças opostas teriam enlouquecido uma à outra, até que, como revelado em "Storia retrospettiva della rivoluzione" publicado no dia 18 de março na sessão internacional do jornal, nomeada como *nostro servizio particolare*, "a reação, obcecada pela preocupação de perder terreno, perdeu todo o sentido de medida e os acontecimentos mais estranhos e fantásticos tiveram lugar na Rússia" (STORIA [...], 1917, tradução nossa). De maneira como colocam os membros da ANI em tal edição, a intenção dos reacionários, por trás de seus comportamentos abomináveis, era explorar ao máximo o desconforto causado pela guerra para se beneficiar, a fins demagógicos, do apelo popular pela paz imediata. Assim, de forma criminosa, teriam passado a desorganizar as ferrovias, isolar províncias e impedir a passagem de soldados e cargas de grãos, garantindo a fome como uma poderosa ferramenta de

seu plano. Motivados pelo medo, estes expoentes radicalizados estariam tentando impedir que a guerra seguisse seu curso, acreditando que o partido progressista contava com a vitória da Entente para encenar um grande movimento republicano.

Ideias dessa natureza teriam se espalhado rapidamente pelos círculos políticos de Petrogrado até se instaurarem no séquito da Czarina Alexandra Feodorovna, apresentada pelos nacionalistas italianos como figura de grande influência no antigo governo. Não obstante, "da comitiva da Czarina, o movimento passou rapidamente para a do Czar. Se tratava de convencer o Czar e a sua comitiva de que a ação do bloco progressista pretendia esmagar os alicerces do regime autocrático e interferir nas prerrogativas da Coroa" (Ibid., tradução nossa). De fato, como resultado da sua aproximação com os radicais, as correntes reacionárias teriam conseguido se credenciar na Corte como as verdadeiras guardiãs dos direitos dinásticos.

Para os membros da ANI, a expansão dos interesses pessoais de Alexandra para esferas institucionais não foi, entretanto, tratada como um evento separado. Pelo contrário, uma série de artigos publicados entre os dias 18 e 27 de março, todas em nome de Pio Mari, se encarregaram de tecer diversas críticas a maneira com que Nicolau II teria permitido que a Czarina, que era nascida na Alemanha, instaurasse elementos germanizados nas estruturas governamentais. A mesma teria concedido excessiva hospitalidade aos compatriotas na sua comitiva, inclusive com permissão para que se comunicassem oficialmente em alemão, facilitando as conspirações contra o exército russo. Assim, enquanto Alexandra lamentava a guerra e tentava promover uma aproximação entre os dois países, os alemães espionavam impunemente os passos do Czar.

Segundo Stevenson (2019), Nicolau II, convicto de que tinha o dever de proteger os poderes autocráticos para passá-los aos seus filhos, teria desperdiçado oportunidades de firmar acordos com o exército e demais figuras de autoridade. Incentivado por Alexandra, este estava completamente paralisado, se recusando a qualquer tipo de compromisso, os quais poderiam ter lhe ajudado a apresentar uma resistência maior frente aos eventos de fevereiro. Assim, este "que sempre fora uma curiosa combinação de retraimento indiferente, descobriu-se quase completamente isolado, com seu absolutismo teórico esfarelando em suas mãos" (STEVENSON, 2019, p. 491, tradução nossa).

Por sua vez, este é definido, em análise publicada por *L'Idea Nazionale* em três artigos no dia 19 em nome de Pio Mari, como um homem que governou dividido entre a

política de guerra, na qual havia submetido o país, e a preservação do regime em vigor, cada vez mais dominado pela visão reacionária antibelicista. A dupla tarefa que assumiu teria se mostrado cada vez mais impossível, puxando-o em direções contrárias e intensificando a crise estatal.

Para o autor nacionalista, apesar de não ter agido diretamente junto dos reacionários em suas ações violentas, Nicolau II pouco teria feito para impedi-los. Na realidade, sua passividade teria permitido que a polícia se tornasse um instrumento nas mãos de Aleksandr Protopopov, político conservador e último Ministro do Interior do Império russo, conhecido por sua ineficiência administrativa e forte repressão política. Seguindo cegamente suas ordens, esta teria atuado na dissolução de manifestações e congressos, inclusive contra membros da própria Duma.

Para Pio Mari, ao longo de toda a guerra, a relação do Czar com o partido reacionário, havia se provado um risco à estabilidade do governo, tendo em vista que seus membros se tornavam cada vez mais impopulares entre as massas. Com esta percepção, sobretudo no momento em que as ideias revolucionárias avançavam pelo país, diversas personalidades políticas teriam solicitado ao mesmo que proporcionasse alguma satisfação para o partido progressista, atendendo, ao menos em parte, às suas demandas. Os apelos, entretanto, não teriam obtido sucesso.

Como resultado, aqueles que pressionaram pela mudança, especialmente os que insistiram na remoção dos chamados elementos germanófilos da corte czarista, acabaram condenados ao exílio. A intransigência de Nicolau II teria se mantido mesmo às portas da revolução, momento em que os próprios membros da família imperial teriam escrito a ele, preocupados com a sua segurança. Novamente se recusando a ceder, este teria ignorado a possibilidade de firmar um acordo com as lideranças progressistas, considerando os avisos dos aliados como imposições contra as prerrogativas da Coroa.

A verdade, apresentada de modo geral nas edições de março de *L'Idea Nazionale*, é que Nicolau II teria demorado a perceber a real gravidade da situação. Assim, sua insistência em um comportamento paradoxal, somado às demissões e contínuas revogações de ministros, resultariam em um cenário de descontrole sem precedentes, de modo que "em nenhum país beligerante, ao lado e no meio da guerra, ocorreu uma luta tão significativa, profunda e implacável como aquela entre a burocracia reacionária permeada por elementos

germanófilos e a Duma liberal, nacional e irredutivelmente antigermânica" (LA DUMA, 1917, tradução nossa).

Luigi Federzoni, em um artigo publicado em 27 daquele mês, intitulado "Luci ed ombre della crisi russa: occorre di un Carnot", demonstra que desde o início do conflito em 1914, os países europeus teriam enfrentado crises parlamentares ou governamentais, sem que estas representassem, entretanto, uma verdadeira crise nacional, como o caso da Rússia. A explicação para esse fenômeno estaria no fato de que a entrada do país na guerra não teria criado novas tensões políticas e sociais, mas apenas acelerado um processo historicamente inevitável. Levando os impasses, que já se arrastavam há décadas dentro das instituições russas, a um estado agudo.

Sem as medidas extremas tomadas pelos revolucionários russos, de acordo com Federzoni, o abismo em expansão entre a burocracia e a nação afundaria toda a sociedade, aniquilando completamente as possibilidades de um desfecho positivo e produtivo da guerra. Assim, os eventos de fevereiro não poderiam representar algo senão a vitória da Rússia do futuro sob um regime ultrapassado, que "em vez de canalizar e disciplinar as jovens forças da nação para o máximo proveito da guerra, começou a impedi-las e reprimi-las" (FEDERZONI, 1917b, tradução nossa). Tratava-se, portanto, do passo definitivo em direção à formação de uma "nação em armas".

Na visão nacionalista italiana, conforme apresentado no artigo anônimo do dia 17, "L'abdicazione di Nicola II ed il rivolgimenti per la guerra in Russia gli: crisi di guerra", as massas russas ansiavam pela guerra, se sentindo, assim, no direito de travá-la sob as melhores condições possíveis. Logo, ao tentar suprimir suas forças, Nicolau II perdeu o que lhe restava da confiança popular, tornando-se o alvo da sua ação coletiva. O fenômeno explicaria a ampla adesão ao movimento revolucionário, que, na interpretação da ANI, havia atravessado o país com uma energia impressionante, mas sem precisar enfrentar grandes resistências.

Unidas no objetivo de derrotar a autocracia germanizada, as massas teriam se tornado gigantes na Rússia, não permitindo que o grupo reacionário, pequeno e limitado, lhes apresentasse qualquer perigo. Foi, inclusive, esta conciliação de forças dentro do grupo revolucionário que havia tornado os eventos de fevereiro tão interessantes aos olhos dos nacionalistas, como explicitado por Gino Rinaldi no artigo do dia 29 de março, "La Russia contra il pericolo della rivoluzione estremista". Dentro deste, entendiam que estavam entrelaçadas diferentes correntes ideológicas e classes sociais, de modo que "nos primeiros

dias da revolução, socialistas, anarquistas, utopistas, todos se encontravam à frente do movimento, misturados com a burguesia, com os mais ardorosos defensores da guerra, com muitíssimos aristocratas, com os elementos mais moderados" (RINALDI, 1917, tradução nossa).

O sentimento de união nacional crescia também entre os oficiais e militares. Para Rinaldi, estes haviam conquistado uma forte solidariedade entre as frentes, plenamente dispostas a continuar o trabalho de defesa da pátria, iniciado internamente com a Revolução de Fevereiro, agora com a conquista sobre o inimigo externo. Assim, não haveria, ao menos naquele momento, nenhum risco de que a Rússia abandonasse a guerra para lidar com seus assuntos privados, estando a própria revolução ligada diretamente ao desejo de vitória e aniquilação das forças alemãs em território russo.

Na realidade, para o autor nacionalista, a derrubada do regime czarista, e a consequente implementação de um novo governo que concedesse apoio integral aos exércitos, permitiriam que as tropas russas atuassem com um entusiasmo e empenho nunca antes experienciados. Nesse sentido, Rinaldi demonstrava enxergar um potencial transformador na revolução, capaz de justificar a campanha intervencionista da ANI. Eram por renovações como estas, estruturais e espirituais, que seus membros afirmavam ter apoiado a guerra. Era exatamente esse sentimento de união e renascimento nacional, observado no povo russo, que esperavam despertar na Itália pós-guerra, uma nação livre para a inovação necessária.

De volta a David Stevenson (2019, p.491), a abdicação do Czar em favor de seu irmão, o grão-duque Miguel Alexandrovich, e a consequente deserção deste dois dias depois, marcaram o fim da monarquia no país, atendendo ao que teria sido o grande anseio das massas russas. Em comemoração, estas se manifestaram energicamente, destruindo símbolos e emblemas da dinastia Romanov, então espalhados por Petrogrado.

O desejo por um regime monárquico, contudo, se manteve vivo no Governo Provisório, rapidamente formado pelos membros da Duma para substituir a figura de Nicolau II, sob o comando do seu presidente, Rodzianko. Na análise de Stevenson (2019, p.491), ainda que alguns destes se mostrassem hostis ao czarismo, almejando uma nova forma de monarquia constitucional, temiam que a tomada de decisões drásticas pudesse ser reprimida pela autocracia, caso a mesma conseguisse esmagar a ação revolucionária e retomar o poder. Portanto, seu comitê, ao menos nesse primeiro momento, funcionou apenas na restauração da ordem, buscando garantir o bem-estar público e o esforço da guerra.

Para *L'Idea Nazionale,* o comportamento do Governo Provisório neste momento elementar era digno de diversos elogios, resumidos em uma publicação do dia 18 de março, na qual destacava-se o caráter combativo de alguns ministros, em especial aqueles que já enfrentavam as estruturas germanizadas antes da Revolução de Fevereiro. Na edição anônima, algumas figuras receberam um destaque especial, como é o caso de Alexander Kerensky, Ministro da Justiça e Alexandr Guchkov, Ministro da Guerra e da Marinha, ambos exaltados pela sua suposta campanha contra os espiões alemães no exército. Da mesma forma que Georgy Lvov, tido como peça fundamental na organização do movimento revolucionário. Este, que tinha se tornado o novo Presidente do Conselho do Governo Provisório, era descrito como a melhor opção para o cargo, visto que "se dedicará a reconstrução e ao fortalecimento da nação no dramático empreendimento da guerra, também conhecerá e ousará derrubar as forças negativas e destrutivas, que o distraíam e distanciavam do único propósito: vencer" (I NUOVI [...], 1917a, tradução nossa).

Do ponto de vista constitucional, para a ANI, a mudança de regime permitiria que, pela primeira vez, a Rússia vivesse sob comando de um ministério composto por parlamentares realmente dedicados à renovação social e intelectual da nação. Se tratavam dos homens certos, capazes de extrair da Rússia todo o seu potencial. Além de, ainda mais importante, mantê-la longe do extremismo.

Todavia, os nacionalistas italianos, apesar de defender o objetivo principal da Revolução de Fevereiro, expressam que não apoiavam todas as demandas que emanavam do povo russo. Conforme afirmado em artigo de Pio Mari, "La condotta e la situazione dello Zar Nicola II", publicado no dia 19 de março em resposta a última manifestação do Czar, faltava aos revolucionários submeter seus postulados às exigências da realidade efetiva, dado que entre estes residiam também certos princípios anárquicos e utópicos.

A ideia, reforçada por Gino Rinaldi em artigo do dia 29 de março, era que a união social na Rússia, ainda que fundamental para a fortificação do movimento revolucionário, teria permitido que elementos radicalizados ganhassem espaço no imaginário popular. Esses grupos, formados por socialistas, anarquistas e agentes alemães, teriam se conectado na oposição ao Governo Provisório liberal e à participação do país na guerra. Logo, com o objetivo comum de levar a revolução até a implementação de um modelo internacionalista,

buscaram sua institucionalização através do Comitê Executivo dos Operários e Soldados[6], sob o qual se reuniram. Temos que

> Uma vez formado o Governo Provisório, o desacordo tornou-se imediatamente muito claro: os socialistas separaram-se dos burgueses liberais, firmes na decisão de que a revolução que derrubou o czarismo devia continuar o seu curso e dar à Rússia uma ordem internacional (RINALDI, 1917, tradução nossa).

Nesse contexto, o autor nacionalista sinalizava que a função primordial do Governo Provisório, naquele momento, era manter as massas focadas exclusivamente nas liberdades conquistadas. A missão, por sua vez, não lhe parecia muito difícil, visto que, ao final do mês de março, a fúria popular da qual os extremistas esperavam se beneficiar estaria começando a se dissipar, reduzindo consideravelmente as chances de continuidade da ação revolucionária. A demora de tais grupos, que pareciam ter deixado passar o auge da crise, teria causado seu enfraquecimento e, muito provavelmente, sua derrota definitiva. Ainda que perigosos, estes só declinaram em influência, considerando que

> Nos primeiros três dias após a revolução, os trabalhadores poderiam ter dado as mãos aos jovens de Petrogrado. Isto não aconteceu, e há todas as razões para acreditar que, à medida que a vida regressa à normalidade, todas as partes na Rússia se unirão na vontade de serem vitoriosas, porque todos compreendem que um compromisso com a Alemanha seria um desastre não apenas para a Rússia, mas pela causa pela qual luta (Ibid., tradução nossa).

De modo geral, o mês de março se encerrava para a ANI recheado de otimismo acerca dos rumos da Revolução e o estabelecimento da supremacia das correntes moderadas no país. Mantendo esse sentimento, abril traz uma apresentação da Duma como uma instituição de importante formulação e história política, ideal para governar a Rússia, e acima de tudo, estruturá-la no período até a convocação da Assembleia Constituinte. Conforme explicitado no artigo "Il nuovo governo russo proclama l'indipendenza polacca: rivoluzione nazionale", assinado no dia 1 em nome de toda a edição de *L'Idea Nazionale*, desde de sua criação os ministros da Duma teriam comprovado seu valor ao resistirem aos equívocos czaristas por todos os meios que a burocracia lhes permitia. Alguns destes, inclusive, ainda

[6] O Comitê Executivo dos Operários e Soldados, formado após a queda do Czar Nicolau II em 1917 na Rússia, foi um órgão representativo criado pelos Sovietes para dividir o poder com o Governo Provisório. Inicialmente, os sovietes eram assembleias de delegados eleitos pelos trabalhadores e soldados nas principais cidades e guarnições militares, e o Comitê Executivo era seu órgão de liderança. Seu papel era tanto político quanto administrativo, buscando representar os interesses das massas urbanas, coordenando as atividades dos trabalhadores, e os soldados na frente de batalha.

teriam ido além, se aproveitando de sua imunidade parlamentar para promover, diretamente entre as massas, as propostas de uma guerra até o fim.

Na visão dos nacionalistas italianos, a Duma triunfaria como representante legítima do país, não porque representava uma unidade, mas porque abarcava diferentes classes e interesses sociais de maneira cooperativa, sempre em busca do bem geral da pátria. Com apoio de grande parte das massas, e total suporte do Zemstvo[7], organização política mais sólida e difundida em todo o Império russo, a mesma teria facilidade em assegurar a fiel execução das ordens do seu novo governo. Inteiramente preparada para enterrar as velhas estruturas burocráticas e viver para a nação bélica do futuro, a Duma, "tendo afrouxado as antigas correntes, nega hoje as vergonhas de seu passado. Filhos reconstroem o que seus pais destruíram" (IL NUOVO [...], 1917, tradução nossa).

As análises dos nacionalistas, contudo, se transformam rapidamente, com a chegada de uma nova questão de interesse, o suposto acordo de paz separada que acreditavam ter sido oferecido pelo governo alemão, sob influência dos socialistas, ao povo russo. A proposta foi alvo de muitas críticas de *L'Idea Nazionale* neste novo mês, sobretudo porque era entendida por estes como uma enganação. Assumindo um disfarce internacionalista, a paz germânica estaria orientada exclusivamente à consolidação da hegemonia da sua nação, desconsiderando por completo as necessidades da Rússia. Motivo pelo qual seria incapaz de lhe oferecer qualquer desfecho positivo.

Segundo Catherine Merridale (2016), embora nunca tenha havido uma proposta oficial entre os governos da Rússia e da Alemanha, a ideia de que socialistas dos dois países atuavam como intermediários na construção de uma paz separada circulou amplamente pela Europa. As especulações decorriam, sobretudo, da viagem de retorno de Vladimir Lênin à sua nação em abril de 1917. Exilado na Suíça, este havia garantido seu regresso por meio de um "trem selado", que cruzou o território alemão com autorização do governo imperial, gerando desconfianças sobre uma possível colaboração entre ambos os lados.

Contudo, para Merridale (2016), a decisão germânica de permitir a passagem estava antes relacionada a uma estratégia político-militar, do que a uma aproximação ideológica entre os movimentos de esquerda. A manobra visava fomentar a corrente socialista da ação revolucionária, enfraquecendo o Governo Provisório e, assim, facilitando a retirada da Rússia

[7] O Zemstvo era uma forma de governo local criada na Rússia imperial em 1864, durante o reinado de Alexandre II. Consistia em assembleias eleitas que funcionavam nos níveis distrital e provincial, encarregadas de administrar questões locais como educação, saúde, infraestrutura e assistência social.

da guerra, fato que aliviaria a pressão sobre o front oriental. Na realidade, para a autora, nem se poderia falar em um apoio sem ressalvas dos socialistas alemães com os russos, visto que a relação entre estes assumiu contornos ambíguos. Enquanto parte expressiva do movimento socialista na Alemanha, sobretudo a ala mais radical, como a Liga Espartaquista, via a Revolução Russa com entusiasmo, os moderados a observavam com cautela, preferindo um caminho reformista e gradual, em vez de buscar uma ruptura semelhante.

Na análise de Pio Mari, como apresentado no dia 2 de abril, em artigo intitulado "Speranze e intrighi tedeschi nel movimento rivoluzionario russo", o governo alemão teria convocado seus agentes, que antes atuavam secretamente na corte czarista, a ocuparem os espaços públicos, trocando a burocracia pelas praças. Nelas, poderiam uniriam-se à parcelas populares internacionalistas, que apelariam aos ministros do Governo Provisório pelo aceite de tal paz separada. A ideia do nacionalista italiano era que a Alemanha estaria tentando se aproveitar do desejo pacifista das correntes socialistas russas, já que sabia, como os membros da ANI também sabiam, que a paz a qualquer custo na Rússia só poderia ser, em última instância, a paz alemã.

Nesse sentido, a proposta, bem como os esquemas alemães para vendê-la ao povo russo, não chegavam como surpresa a Pio Mari. Na realidade, estas eram regidas pela mesma lógica, egoísta e predatória, que o governo da Alemanha vinha aplicando nas suas relações com os demais países europeus. Representavam, assim, apenas um plano adaptado à situação excepcional vivida pelo povo russo, dando um novo uso para as velhas ferramentas de controle e manipulação que teriam conseguido infiltrar no país durante o regime czarista.

O que de fato era novo, conforme apontado por Enrico Corradini na edição de *L'Idea Nazionale* do dia 4 de abril, era que, naquele momento, os apelos alemães representavam uma grave ofensa contra o patriotismo russo. É claro que as ações dos governantes germânicos sempre teriam sido maliciosas, mas, no contexto revolucionário, estas passaram a expressar uma ameaça ainda maior. Com as massas fortemente mobilizadas, uma aproximação dos russos com os seus agentes deixava de ser apenas um comprometimento pontual e individual, como acontecia dentro da corte czarista, para se tornar um risco coletivo, capaz de destruir a consciência nacional erguida durante a Revolução de Fevereiro.

Motivo pelo qual o Governo Provisório deveria combater os conceitos alemães de paz com todas as suas forças, aplicando um golpe fatal ao pangermanismo. Defender a Rússia

naquele momento deveria significar, para Corradini, o livramento dessa forma de apropriação indébita, profunda e violenta, com "penetração contínua e progressiva que passou dos estratos bancário-industriais aos estratos político-culturais" (CORRADINI, 1917a, tradução nossa).

A missão, atribuída pelos nacionalistas italianos ao novo governo russo, foi avaliada como bem sucedida dias depois, em uma nova edição de *L'Idea Nazionale*. No artigo "Il problema prussiano", publicado no dia 9 de abril, estes afirmam, com satisfação, que o momento de maior perigo de concretização da paz separada, desastrosa para a Rússia e para os revolucionários, já havia sido superado. Ainda que por um breve momento tivessem temido que a nação se dirigisse para o abismo separatista, o Governo Provisório teria sido capaz de, rapidamente, identificar as ameaças, e suprimi-las com os reais propósitos da Revolução. Assim, na visão da ANI, os líderes revolucionários haviam conseguido proporcionar às massas uma visão mais clara da situação, fazendo com que estas, naturalmente, abandonassem as falácias dos movimentos internacionalistas e pacifistas.

Deste modo, como revelado no artigo anônimo "Socialisti itineranti", uma série de materiais alemães, composta por jornais e brochuras, supostamente produzidas clandestinamente na Rússia para promover a ideia de paz vantajosa, não teria encontrado adesão entre a população geral do país. Além do baixo interesse das massas, já conscientes das enganosas tentativas germânicas, estes teriam sido enviados como evidências para a Polícia Civil de Petrogrado, que planejava agir contra os agentes alemães infiltrados, alguns supostamente já detidos na cidade.

Naquele momento na Rússia, apenas os socialistas ainda permaneciam ao lado da corrupção alemã, como declarado no artigo intitulado "Gli intrighi tedeschi in Russia", publicado em *L'Idea Nazionale* no dia 26 de abril. Nele, os membros da ANI afirmavam, inclusive, que tal grupo havia se encontrado pessoalmente com alguns agentes germânicos em Estocolmo, onde realizavam uma conferência internacional pela paz. Para os nacionalistas italianos, ainda que seu governo negasse em suas declarações, a Alemanha estaria à procura da melhor forma de explorar e se beneficiar em cima da nova situação russa.

A insistência do movimento socialista russo, por sua vez, seria derivada da própria maneira com que este compreendia o conceito de revolução, opondo-o à guerra. De acordo com *L'Idea Nazionale,* este não conseguia identificar as diferentes fases do conflito, tampouco entender que o mesmo já havia entrado em um estágio no qual uma 'paz justa e humana para todos' não seria possível. Assim, guiados por fracas análises acerca do contexto

político e militar que cercavam a Revolução de Fevereiro, tais socialistas permaneceriam presos em uma visão teórica de paz sem vencedores que estava em completo desacordo com a realidade viva.

Da maneira como descreve Corradini na edição do dia 6 de abril, no artigo "Che cosa fu ed è il pangermanismo", a Revolução Russa se conectava de uma forma muito particular com a Primeira Guerra, uma vez que ambos os eventos estavam sendo guiados pelo mesmo espírito humano, o espírito revolucionário. Natural aos homens e essencial para a sobrevivência das sociedades, este se voltaria contra todo regime esgotado, independente do seu conteúdo, para que sua abolição abrisse espaço para novas ideias, que viriam como libertação e expansão.

A ideia que Corradini apresenta, portanto, é que a nível nacional este espírito incitava revoluções, enquanto no global, guerras. Assumindo, ao mesmo tempo, o caráter destrutivo e construtivo, aniquilando antigos sistemas esgotados, ao passo que oferecia as novas estruturas para nações ou, em última instância, para a humanidade. Assim, por mais que o nacionalista italiano considerasse de extrema relevância os feitos pontuais de generais e soldados da Entente, constantemente aplaudidos em seu jornal, ressalta que "o que é mais importante hoje são as coisas que acontecem não na guerra, mas para a guerra, para este motor: a guerra concebida como a revolução natural de sociedades humanas" (CORRADINI, 1917d, tradução nossa).

Era essencial atender às necessidades de tal espírito revolucionário e da sua constante busca por renovação, que por tanto tempo movimentou a história dos homens. Por ora ativo, ora adormecido, ora visível, ora latente, este sempre esteve presente nas sociedades, atuando por vezes na forma de guerra, por outras de revolução propriamente ditas, e em casos como o russo, na combinação de ambas. Assim, para Corradini, da mesma forma que a Revolução Francesa, o episódio na Rússia não deveria, ao menos naquele momento, ser julgado pelas suas ideias, mas pela coragem de enfrentamento de um antigo regime que era a dissolução e a morte. De modo que "uma manhã destes dias acordamos e nos deparamos com esta descoberta: que a Revolução Francesa, que foi antes uma revolução europeia e mundial que por respeito ao tempo e ao espaço teve então seu epicentro na França, continua agora na Rússia" (Ibid., tradução nossa).

Afirmar isso, entretanto, não significava que os nacionalistas italianos concordavam inteiramente com os rumos que os eventos tomaram na França. Pelo contrário,

segundo Ermínio Fonzo (2017, p.20), tal Revolução é apontada pelos mesmos como o ponto de partida de diversas ideias degeneradas, pelas quais mantinham alto desprezo. Sendo a origem de todos os males da nação moderna, das "falsas doutrinas, do liberalismo, da democracia e do socialismo, contra o qual surgiu o nacionalismo" (FONZO, 2017, p.22). A questão para Corradini, então, era defender o direito dos homens de agir segundo esse espírito de sobrevivência, sendo válida a motivação de derrubada do antigo regime francês, que, nesse sentido, deveria ser compreendida e respeitada.

Contudo, segundo artigo publicado no dia 29 de abril, sob assinatura de *L'Idea Nazionale*, o mesmo não poderia ser dito sobre o modelo de revolução que os socialistas russos estariam propondo implementar no país. Dentro da lógica reforçada pela ANI, na qual a guerra era um processo totalmente integrado ao movimento revolucionário, as tendências pacifistas do socialismo contradiziam a revolução em sua essência. Assim, se estes conseguissem assumir os rumos da Revolução de Fevereiro, iriam retirar o país da Primeira Guerra, impedindo que o movimento de renovação se concretizasse em sua máxima potência.

Interromper esse processo, no entanto, teria se mostrado fundamental para a conquista da estabilidade alemã. Apesar dos membros da ANI explicitarem que a queda do czarismo não tinha grande potencial para afetar materialmente a Alemanha, sustentavam a ideia de que a democratização da Rússia tinha dado à guerra a aparência de uma "cruzada democrática" contra o Kaiserismo e suas encarnações. Portanto, o comportamento germânico não havia nascido de um mero oportunismo, mas também da compreensão de que a nação alemã não poderia permanecer inerte diante dos acontecimentos russos. Temos então que

> O período de lisonjas corruptas acabou; Alemanha tenta o golpe de ferro. Até poucos dias atrás, os jornais alemães não escondiam sua alegria com o que estava acontecendo na Rússia e sua confiança de que em um tempo mais ou menos longo a Rússia seria levada a uma paz separada; saudações românticas à liberdade moscovita, a passagem dos revolucionários pelo território do Império, a conferência de Estocolmo, são indícios dessa confiança e tentativas de aproximar esse evento, que deveria libertar o país do inimigo do Oriente (MASCHERA [...], 1917, tradução nossa).

Ao menos para os membros da ANI, o Governo Provisório havia sido eficiente em expor às massas o caráter germanizado que regia, ao fundo, o pacifismo presente no programa dos socialistas russos. Como consequência, de acordo com o apresentado novamente no artigo anônimo do dia 26 de abril, "Gli intrighi tedeschi in Russia", com a sua estratégia manipuladora exposta e desvalorizada, só havia restado aos agentes alemães abandoná-la. Na visão dos nacionalistas italianos, ao contrário do que imaginava o governo

alemão, a sua influência não adentrou o movimento revolucionário russo de forma decisiva, diferentemente da Revolução de Fevereiro que, por sua vez, começava a refletir no âmbito internacional, inclusive sendo motor de manifestações por diversas partes da Alemanha.

Observando esses efeitos globais que Pio Mari inicia as análises de *L'Idea Nazionale* do mês de maio, através do artigo "L'illusione del popolo tedesco: sulla situazione dell'Intesa", publicado dia 1. O nacionalista italiano afirma que os últimos dias haviam sido de extrema angústia para as autoridades alemães, alarmadas pelo estado de espírito das massas. Em razão da celebração do Dia do Trabalho, e influenciadas pelos eventos russos, as mesmas teriam organizado diversos movimentos, que se alastraram por todo o território germânico e, em algumas partes, escalonaram para motins violentos. O resultado foi uma greve geral, que, além de deixar vazios os postos de trabalho nas minas e paralisar as fábricas de munição bélica, empurrou seu povo na direção do movimento socialista majoritário.

Assim, segundo Pio Mari, os alemães, que teriam ido à guerra para conquistar o mundo e impor a este suas vontades e sistemas, não apenas haviam falhado em seus objetivos, mas, após três anos de duras batalhas, estavam vendo o crescimento do apoio popular ao partido socialista. Este, que antes era a organização mais odiada da Alemanha, estava conseguindo avançar rumo a direção política do Império, aproveitando-se da insatisfação das massas com as diversas investidas germânicas desperdiçadas em território russo. A soma de tais fatores, teria provocado uma instabilidade política e bélica dentro do país, colocando-o em um estado de completa exaustão de forças e recursos. Logo, para os exércitos da Entente, restaria apenas esperar o esgotamento e a capitulação das Potências Centrais.

Mesmo diante desse cenário, Mari alertava o seu próprio governo quanto ao período de resistência final na guerra, afirmando que os próximos golpes não poderiam partir apenas da Rússia, contra qual a Alemanha se voltava mais agressivamente, mas de todos os países aliados. Sobretudo porque acreditava ser imperativo aos membros da Entente entender que a vitória ou derrota de uma nação, significaria o sucesso ou ruína de outra. Não porque as mesmas tivessem se tornado dependentes entre si, mas porque a libertação da ideologia germânica era vantajosa para todos os povos, inclusive aqueles declarados como neutros.

A aliança da Entente, assim, era mais do que um fim em si mesma, era um meio para vencer a perigosa dominação alemã, e uma forma coletiva de satisfazer as ambições individuais de cada país, tendo que "somente a derrota completa do militarismo germânico garantirá a felicidade do mundo" (GLI INTRIGHI [...], 1917, tradução nossa).

1.2 A Revolução do período de ajustamento à morte do Estado

Ao longo do mês de maio, as análises da ANI acerca da Revolução de Fevereiro passam gradualmente a assumir um outro caráter, agora não tão exaltado com a guerra e o perigo dos movimentos extremistas. Ainda que positivas, estas ganharam um tom mais sóbrio, imersas antes na política interna russa, do que em seus possíveis efeitos internacionais.

No primeiro dia do mês, um manifesto, redigido pelo Governo Provisório às potências da Entente, comprovando a vontade russa pela guerra até o fim despertou o interesse dos nacionalistas italianos, que trataram de analisá-lo dias depois no artigo anônimo "La nuova Rússia adempirà agli impegni verso gli Alleati". A conclusão apresentada pelos redatores do jornal era que através deste a Rússia não estaria apenas reforçando seu compromisso com os aliados, mas demonstrando sua consolidação interna. Nesta perspectiva, negar abertamente qualquer possibilidade de uma paz separada com a Alemanha, significava mostrar ao mundo que a nação não carregava mais resquícios da incerteza provocada pelos socialistas e os demais grupos pacifistas, tidos pela ANI como revolucionários radicais ou extremistas. Pouco tempo antes, os governantes da Duma não poderiam, nem teriam ousado, fazer tais afirmações, inibidos pelo medo da provável retaliação das forças socialistas, então atuantes no país.

Ainda que as manifestações socialistas, hostis ao programa do novo governo, não tivessem cessado por completo, o recado que a maioria da população de Petrogrado estaria passando era uma clara vontade de neutralizar as tentativas destes. Assim, mesmo com alguns insistindo em propagar teorias incongruentes nos comícios agitados pelo Comitê Executivo dos Operários e Soldados, esvaziados e improvisados, as multidões estariam saindo às ruas em favor da ordem da Duma. Mesmo com o desarranjo provocado pelos socialistas, que instauraram, de fato, uma visível rivalidade na capital, os nacionalistas italianos acreditavam que eram irreais as chances de que estes alcançassem o poder.

A divisão entre a Duma e o Comitê Executivo dos Operários e Soldados, é um tema de destaque na análise de Osvaldo Coggiola (2007, p. 28) acerca da Revolução Russa. Descrita pelo autor como uma situação de duplo poder, esta era decisiva para explicar a falta de ação do governo revolucionário, incapaz de promover reformas significativas ou garantir a paz nacional. Na realidade, o fenômeno se mostra como um dos maiores fatores de acirramento das tensões entre os diferentes grupos atuantes em fevereiro. Sendo fruto direto

da coexistência entre dois centros de autoridade instaurados após a queda do regime czarista, o Governo Provisório, predominantemente composto por representantes da oposição burguesa da Duma, que buscava manter a ordem e a continuidade do Estado; e o Comitê Executivo dos Operários e Soldados, ao qual logo se juntaram os diferentes Sovietes estabelecidos nos centros industriais do país, inicialmente constituído por socialistas moderados, ao menos até que se tornassem evidentes os efeitos das "Teses de Abril" de Lênin.

Um ponto importante desse dualismo, ressaltado por Leon Trotsky (2000), é o fato de que ele foi criado de maneira consciente e intencional pelo regime revolucionário. Ao contrário do que se pode ver em outras democracias européias, a dupla soberania russa não era fruto de uma luta de classes pelo poder, mas de uma "rendição voluntária de poder por parte de uma classe para outra" (TROTSKY, 2000, p. 152, tradução nossa). Paradoxalmente, então, ela se mostrava a chave para evitar o conflito aberto entre burguesia e proletariado, e a causadora de diversos embates entre as duas instituições, através das quais operavam, respectivamente, ambas as classes.

Na visão dos nacionalistas italianos, o antagonismo entre os dois grupos, havia se acirrado depois de tais anúncios proferidos pelo Governo Provisório, como descrito no artigo "Nemici interni ed esterni contro Pietrogrado: i pericoli della crise", assinado por *L'Idea Nazionale* no dia 8 de maio. As afirmações sobre a continuidade do país na guerra teriam feito a liderança do Comitê Executivo dos Operários e Soldados sentir-se totalmente invalidada em relação às suas demandas, fato demonstrado energicamente pela mesma, que cobrou um posicionamento dos membros da Duma. Apesar da sua visível indignação, contudo, a organização não acionou os trabalhadores ou os incentivou a quebrar a ordem, acreditando que a questão poderia ser resolvida com o estabelecimento de sessões de debate entre os dois órgãos.

Poucos dias depois, o jornal publicou "La prima manifestazione parlamentare della nuova Russia", relevando que a assembleia, definida em termos conciliadores, havia acalmado o Comitê Executivo de Operários e Soldados. A ideia de diálogo significava, nesse contexto, uma vitória da disciplina da Duma sobre os revolucionários extremistas. No entanto, na análise da ANI, seria um erro esperar uma reconciliação duradoura e definitiva entre as duas instituições, sobretudo com os membros socialistas mais turbulentos. Acreditavam, na realidade, que os embates continuariam a acontecer na Rússia, não por conta de uma

instabilidade ou fraqueza do governo, mas em razão da própria natureza do processo revolucionário e sua formação em um cenário tão particular. Assim

> É previsível que ainda se passe algum tempo entre alternativas semelhantes, uma vez que é impossível que o céu se acalme repentina e duradouramente após um furacão tão grande. Mas é certo que aquilo que o furacão derrubou, isto é, o castelo construído pelos traidores para entregar a Rússia nas mãos da Alemanha, nunca mais poderá erguer-se novamente das suas ruínas dispersas (LA PRIMA [...], 1917, tradução nossa).

Como defenderam no artigo "Nemici interni ed esterni contro Pietrogrado: i pericoli della crise", publicado em 8 de maio com assinatura de *L'Idea Nazionale*, os nacionalistas italianos acreditavam que o destino da nova nação russa não se fazia duvidoso naquele momento. Nesse sentido, apesar de inconvenientes, os obstáculos que a mesma enfrentava eram completamente correspondentes com a brusca mudança política experienciada na Revolução de Fevereiro.

É claro que os membros da ANI continuavam olhando para qualquer tipo de resistência pacifista com ressalvas, uma vez que se esta superasse o Governo Provisório, a Rússia seria novamente lançada à tempestade, tendo que enfrentar outros tantos perigos. Contudo, entendiam que os grupos responsáveis pelos distúrbios contra a ordem militar eram compostos por pequenos elementos obscuros que teriam encontrado no furor revolucionário uma oportunidade para emergir. Tais radicais, convencidos pelo antimilitarismo socialista e o pacifismo germanófilo, estavam muito distantes de corresponder à população russa, que estaria confiante no novo governo, especialmente graças ao sucesso e carisma pessoal dos ministros.

L'Idea Nazionale não deixou de considerar, inclusive, que este tipo de manifestação extremista se concentrava apenas em Petrogrado, onde seus representantes conseguiam o mínimo de destaque, enquanto a revolução não havia sido nem de longe um fenômeno exclusivamente urbano. Na realidade, o verdadeiro espírito revolucionário, entusiasmado pela Primeira Guerra, estava espalhado pela imensa Rússia, condicionando as massas a apoiar o Governo Provisório e sua missão pelo bem comum. Temos então, que "esta, portanto, como outras crises, acabará por ser superada; mas a Rússia quererá superá-los e poderá superá-los graças ao único factor verdadeiramente eficiente e único digno da sua hora terrível: a guerra" (NEMICI [...], 1917, tradução nossa).

Em publicação no dia 9 de maio, "Un comitato di guerra in Russia", os nacionalistas italianos trazem, com satisfação e entusiasmo, a notícia da aprovação do Comitê

de Guerra russo, com participação de membros do Comitê Executivo dos Operários e Soldados. A exaltação da decisão do Governo Provisório expressava, por sua vez, a crença da ANI de que a Rússia consolidaria sua unidade política honrando os seus compromissos internacionais, assumidos pelo czarismo e confirmados pela vontade popular no novo regime. Dentro desta lógica, apresentar uma frente militar unificada, em solidariedade com os aliados da Entente, significava enviar ao povo uma mensagem essencial para uma reconstrução nacional harmônica.

Portanto, o Comitê de Guerra não viria apenas como facilitador de determinados processos, centralizando as decisões militares, mas como um marco fundamental de conciliação entre o Comitê Executivo dos Operários e Soldados e o Governo Provisório. De acordo com o artigo "La prima manifestazione parlamentare della nuova Russia", presente edição do dia 12 de maio de *L'Idea Nazionale*, somente a urgência da guerra teria sido capaz de retirar os partidos de suas próprias batalhas internas, mostrando-lhes que o verdadeiro ganho estaria no trabalho conjunto. Livre dos embates institucionais, a Rússia poderia se preocupar exclusivamente com a implementação de um programa vitorioso frente aos inimigos alemães.

Nesse sentido, a ANI indicava que o sucesso da assembleia que havia votado e ratificado o Comitê de Guerra seria apenas o início de um movimento de colaboração, viabilizando a convocação de novos plebiscitos, por meio dos quais a remodelação governamental poderia começar a se delinear. Idealizada para acabar com o dualismo de poderes que afligia o país, a estratégia visava incluir representantes de outras forças vitais da nação no gabinete do Governo Provisório, até então composto exclusivamente por ministros da Duma. Como dissertam os nacionalistas, era essencial para o fortalecimento do governo russo, que este se erguesse, por meio de manobras hábeis, com base na cooperação de uma comissão parlamentar. De modo que a Rússia caminhasse "para um ministério de coligação, isto é, para a conciliação entre os elementos que compõem o Comitê de Delegados dos Operários e Soldados e o Governo Provisório" (LA PRIMA [...], 1917, tradução nossa).

A Revolução Russa dava, então, os primeiros passos para entrar oficialmente em uma nova etapa, marcada pela coordenação das diversas forças morais que teriam ganhado espaço durante a ação revolucionária. Integração que poderia facilmente ser conquistada, uma vez que todas estas, ao menos as verdadeiramente preocupadas com o bem-estar da nação,

estavam em busca da defesa total das liberdades conquistadas em fevereiro, ainda que divergissem quanto aos meios para tal.

Na visão dos nacionalistas italianos, se a primeira fase revolucionária havia sido completamente destrutiva, exterminando as velhas formas de vida pública, esta segunda viria como um momento de exploração das capacidades criativas do seu povo. Tratava-se de um momento para reestruturar a Rússia enquanto pátria e potência beligerante, através da canalização daquelas energias confusas entre as multidões de Petrogrado. Combinadas em um só corpo, estas ideologias revolucionárias seriam capazes de fazer o país prosperar, mantendo a obra que inauguraram com a derrubada do regime czarista. De modo que,

> A participação dos representantes das classes proletárias no Governo marca o início daquele trabalho de reorganização e disciplina de todas as forças nacionais que levará a Rússia à afirmação e consolidação do regime nascido da revolução e à vitória sobre os inimigos de todos liberdade contra a qual o mundo inteiro luta (Ibid., tradução nossa).

Como reforçado por *L'Idea Nazionale* em "I rappresentanti degli operai entreranno nel governo", artigo anônimo de 12 de maio, esmagar o dualismo de forças que agiam sob as massas russas deveria ser a preocupação primordial das autoridades. Sobretudo porque os extremistas já estariam esboçando seu descontentamento com os esforços unificadores do Governo Provisório, iniciando uma campanha violenta contra seus princípios. Aproveitando-se da sua maior influência nos meios rurais, espaços onde as palavras de ordem da Duma não conseguiam se fazer tão presentes, esses grupos agitavam a população com rumores artificialmente exagerados sobre a possibilidade de que a anarquia tomasse conta da Rússia. O principal perigo, por sua vez, era que Lenin e seus agentes socialistas, de modo igualmente desonesto, estariam se aproveitando de tal dicotomia para construir seus discursos manipuladores.

Segundo Leon Trotsky (2000, p.200), o retorno de Lenin a Rússia, datado em 3 de abril, marcou o momento em que "o Partido Bolchevique começa a falar em voz alta e, o que é mais importante, com a sua própria voz" (TROTSKY, 2000, p. 204, tradução nossa). Se o bolchevismo havia permanecido estagnado, vacilando diante do processo revolucionário, com o regresso de Lenin ele retomava a sua vitalidade, ainda que este reencontro tenha balançado com as bases partidárias.

As 'Teses de Abril', conjunto de diretrizes políticas que este levou consigo para a Rússia, ajudaram a consolidar sua liderança dentro do partido, ao passo que repeliram vários

velhos bolcheviques para o campo menchevique ou para grupos moderados. Apesar de muitos terem considerado seu programa utópico e radical, os desligamentos não produziram, para Trotsky (2000, p.332), efeito político sério. Aos que permaneceram, este foi sendo trabalhado e mostrado na prática, entrando na ‘carne e sangue’ do partido.

Vale destacar que ao longo do mês de maio, Vladimir Lênin começou a ser citado com frequência no jornal nacionalista em função de seu papel de liderança no movimento socialista. Por mais que, em tal edição, os membros da ANI reforcem que a população de Petrogrado já havia assumido uma postura de desconfiança em relação a sua proximidade com os alemães, apontam também que seu programa litúrgico, de furiosa ação de recrutamento ideológico entre os mais pobres, não poderia ser subestimado pelos meios de comunicação russos. Como alertado de antemão pelos nacionalistas, em publicação de 27 de abril, manter-se em silêncio sobre sua obra, só serviria para dar a entender ao público geral que o perigo das declarações leninistas havia cessado. Contudo, Lenin não teria parado, nem por um dia, de arengar o povo nas ruas, de modo que “a afeição de suas afirmações pode ser vista em certas atitudes dos trabalhadores contra a burguesia” (LA PROPAGANDA [...], 1917, tradução nossa).

Ainda que não acreditassem mais que os socialistas fossem capazes de alcançar o poder, os nacionalistas italianos passaram a se preocupar com os efeitos que estes poderiam causar nas massas, tidas como manipuláveis e mal informadas. Para a Rússia, então, acabar com as tendências radicais não era apenas uma questão de segurança e estabilidade para o novo governo, mas também uma forma de garantir que desordeiros não transformassem esse dualismo em uma bandeira política, levantada contra o trabalho de integração entre a Duma e o Comitê Executivo dos Operários e Soldados.

Contudo, o resultado desses exercícios cooperativos teria sido completamente diferente do esperado originalmente pelos nacionalistas italianos, como apresentado pelos mesmos em “L'Intensa e la Russia”, assinado por *L’Idea Nazionale* em 20 de maio. Ao alcançar uma posição de maior destaque e prestígio, o Comitê Executivo dos Operários e Soldados teria passado a demandar cada vez mais espaço no governo, exigindo que diferentes ordens fossem submetidas ao seu exame e aprovação prévia. Precisamente por estarem em desacordo com determinados princípios do Governo Provisório, se colocavam como orgulhosos guardiões da revolução. Logo, o que deveria “representar toda a enorme massa de trabalhadores e soldados russos através de sabe-se lá que sistema de sufrágio perfeito, é

evidentemente composto por personalidades que sentem-se delegados por vocação e por auto eleição" (L'INTENSA [...], 1917, tradução nossa). Mostrando, assim, a verdadeira face da organização, autoritária e tirânica.

Fatalmente, o fortalecimento da presença destes poderes arrogantes teria culminado na renúncia do ministro Alexandr Guchkov, seguida pela de Lavr Kornilov, governador militar de Petrogrado, como anunciado em artigo anônimo no dia 15 de maio, "In Russia: Gutchkoff si è dimesso". Exaustos pela constância com que suas autoridades estariam sendo desafiadas pelos membros do Comitê Executivo, ambos estariam deixando cargos para os quais a ANI acreditava que tinham alta qualificação, além de se fazerem essenciais na defesa da liberdade e da própria existência do Estado russo. Assim, a nação apresentava ao mundo um claro sintoma da anarquia generalizada que começava a tomar conta da Duma.

Ao não respeitar a hierarquia imprescindível à guerra, o Comitê Executivo dos Operários e Soldados estaria cometendo um grave pecado contra a pátria, transformando-a em uma desastrosa impotência militar. Por isso, o ministro da Guerra e da Marinha "hoje vai embora, declarando que o mal é mais forte do que ele, e que não pode fazer de você cúmplice do crime que a loucura revolucionária está cometendo contra sua pátria e a Europa" (IN RUSSIA [...], 1917, tradução nossa).

Frente a rígida denúncia de Guchkov acerca da desordem que tomava conta do Governo Provisório, os nacionalistas italianos se diziam à espera de uma grande reação popular. A esperança era de que a atitude drástica, acompanhada de francas palavras, colocassem as massas contra as figuras traiçoeiras do Comitê Executivo dos Operários e Soldados, que estariam tentando subjugar o poder dos verdadeiros responsáveis pela nação, os ministros anteriormente exaltados no periódico por um passado político de valentia e respeito.

Nesse contexto, em artigo assinado por *L'Idea Nazionale* no dia 20 de maio, os nacionalistas condenavam a incapacidade russa de construir um centro de autoridade unificado, vital para realizar o trabalho criativo de regeneração do novo regime. As consequências mais graves desta falta de competência do Governo Provisório podiam ser vistas, sobretudo, nos exércitos, que estariam colapsando sem uma forte poder de comando e disciplina. Na guerra, as forças militares russas haviam se tornado fugitivas, enquanto a maioria de seus soldados, ao invés de avançarem contra o inimigo, estariam confraternizando com estes nas fronteiras. Dessa forma, em troca das garrafas de vodca fornecidas pelos alemães, a Rússia lhes concedia uma trégua, permitindo que os esforços e recursos

germânicos fossem facilmente realocados para as batalhas travadas nas frentes dos demais países da Entente.

A ação dos exércitos russos, então, não só colocava em risco a frente italiana, como também estendia aquela guerra sangrenta em, no mínimo, mais um ano, de acordo com os cálculos apresentados pela ANI no artigo “L'Intensa e la Russia”. Portanto, os nacionalistas italianos acreditavam que o fato dos exércitos russos se ausentarem tão abruptamente em um momento decisivo do conflito, deveria ser compreendido pelos líderes da Entente com a devida seriedade, uma vez que representava a quebra de parte significativa do acordo por estes definido. A grande questão é que os membros do Comitê Executivo dos Operários e Soldados, na tentativa de impor condições aos ministros da Duma quanto à participação do país na Primeira Guerra, não estariam apenas rescindindo acordos internos, mas também aqueles internacionais, que afetavam os países aliados.

A situação caótica dos exércitos russos é explicada por David Stevenson (2019, p. 495) como reflexo de um amplo processo de transformações e desmonte das instituições czaristas. O Governo Provisório havia substituído a polícia e removido os governadores provinciais, o que, junto da abolição da pena de morte, permitiu que um clima de impunidade se alastrasse pelo país, especialmente fora dos centros urbanos. Sem as antigas estruturas de repressão, e com autoridades incapazes de construir seus próprios mecanismos, os desafios à ordem se tornaram constantes, inclusive no meio militar. Assim, embora o Governo Provisório tivesse interesse em manter e até intensificar a contribuição da Rússia na guerra, canalizando o impulso revolucionário para tal, na prática, eles estavam perdendo completamente a capacidade de fazê-lo.

O corpo de oficiais, que mantinha a hierarquia durante o regime anterior, havia sofrido um duro golpe com a dispensa e prisão de diversos de seus membros. Fragmentado e enfraquecido, este não conseguia conter os soldados espalhados pela Rússia, resultando em deserções que, segundo Stevenson (2019, p.493), variaram entre 100 mil e 150 mil apenas em março de 1917. Por outro lado, a transferência de parte dos poderes disciplinares para os tribunais eleitos, intensificava os embates governamentais, que causavam ainda mais descontrole entre as massas, com as decisões dos ministros constantes sendo anuladas pelo Comitê Executivo dos Operários e Soldados.

No entendimento de Francesco Coppola, como publicado ao final do mês de maio em artigo com o título de “La Russia rivoluzionaria e L'Intensa: pregiudiziale”, se as demais

nações da Entente não haviam considerado, nem por um instante, recusar a Rússia revolucionária, esta não poderia negá-las naquele momento. Assim, manter os pactos, definidos por unanimidade e firmados com sangue de seus soldados, era uma questão de honra. Para os governos da Itália, França e Inglaterra só existia uma Rússia, aquela que tinham se comprometido a proteger na guerra, fosse esta regida pelo Czar ou pelos ministros revolucionários. O que significava, também, que só existia uma Rússia quanto às suas obrigações, sendo inadmissível que a mesma renegasse os tratados que até ali lhe haviam beneficiado, principalmente quando sua motivação estava longe de ser uma necessidade vital, mas uma simples mudança de prioridades internas.

Nenhum país teria o direito de se ausentar das batalhas enquanto exércitos aliados estivessem na linha de frente, dando seu máximo esforço e sacrifício. Portanto, para Coppola, a função essencial do novo gabinete de coligação russa deveria ser a adoção de medidas que impedissem a traição proposta pelos socialistas dentro e fora do Comitê Executivo dos Operários e Soldados. Enquanto às demais nações, caberia para agir e garantir a existência de um governo realmente capaz de ordenar o povo russo, por mais que a interferência em assuntos internos não fizesse parte dos acordos entre estas.

A guerra que viviam era a maior e mais terrível guerra que alguma vez decidiu o destino da humanidade, como já havia afirmado a equipe de *L'Idea Nazionale* no dia 16 de maio, em "La crisi russa". Exatamente por isso, era melhor ao homem morrer como soldado nas trincheiras do que abandonar o destino da sua pátria, e deixar toda a Europa à deriva. Era necessário que estes fossem firmes, comandados por uma lei férrea frente a qual todas as outras razões deveriam desaparecer, "e esta lei chama-se disciplina e não anarquia, chama-se autoridade e não demagogia. A demagogia, que na paz é decadência, é a morte violenta na guerra" (LA CRISI [...], 1917b, tradução nossa).

Dentro desta lógica, para os membros da ANI, o conflito havia se constituído de forma a permitir apenas dois resultados à Entente, vitória ou servidão. Só lhe restava ser inexorável, não podendo se deixar abalar por instabilidades, mesmo de um grande aliado como a Rússia. O contexto de guerra demandava dos Estados uma política interna restritiva e decisiva, não havendo possibilidades de meios compromissos por parte desta.

De acordo com David Stevenson (2019, p.492), naquele momento o governo russo, pelo menos a maior parte de seus representantes, queria terminar urgentemente a guerra, o que não significava providenciar acordos paralelos que a deixassem em paz com os

inimigos, mas apelar aos aliados por uma redução de seus objetivos de guerra, encerrando os conflitos de forma rápida e vitoriosa. Na liderança deste plano estava o sucessor de Guchkov, Alexander Kerensky, um homem de ambições napoleônicas e notável talento como orador, que acreditava no seu dever de caminhar entre as tropas a fim de ganhar sua simpatia e persuadi-las a retomarem aos seus postos e continuarem lutando pela libertação nacional. Ao mesmo tempo, na busca da retomada da disciplina, este buscou restituir os castigos corporais dentro dos exércitos russos.

Contudo, para Stevenson (2019, p. 488), a existência do Comitê Executivo dos Operários e Soldados era uma constante ameaça a sua autoridade, especialmente devido à abertura que este havia dado ao partido bolchevique, a única organização inteira e ativamente contrária à guerra. A influência que o mesmo conseguiu estabelecer sob os soldados, os levaram a irromper diversos motins, recusando-se a aceitar quaisquer ordens antes que as autoridades do Comitê concedessem sua aprovação.

Alexander Kerensky representou, na visão dos nacionalistas italianos, um vestígio de esperança no movimento revolucionário, como declaram na edição do dia 24 de maio, em “Kerensky deciso a stabilire nell'esercito: una disciplina di ferro”. O novo ministro da guerra e da marinha, teria assumido o cargo com a determinação necessária para recuperar a vitalidade do exército russo, munido de declarações que se mostravam mais do meras abstrações, mas atos concretos de vontade. A começar com a instituição de punições severas para os desertores que não regressassem aos fronts até o final do mês.

Ainda que grande parte dos generais e comandantes do exército russo tivessem permanecido nos seus postos, a situação das massas que o compunham, na visão apresentada pelos membros da ANI, era desanimadora. Completamente dispersas e desmotivadas, estas necessitavam de um líder que as revivessem, e Kerensky lhes parecia ideal para tal função. Jovem e com grande popularidade, o mesmo estaria botando em prática um plano de visitas a diversos pontos da Rússia, através do qual seria capaz de demonstrar aos soldados a sua importância na defesa da nação e de todo o povo russo.

De fato, o principal dever do novo ministro naquele momento, bem como de seus companheiros, deveria ser reassumir a guerra ativa. Garantindo que os danos, infligidos à causa comum da Entente pela Revolução de Fevereiro, fossem diminuídos ou até anulados em um futuro não muito distante. É importante ressaltar, todavia, que mesmo confiando na força material e moral de Kerensky para domar a anarquia e disciplinar o esforço da nação, a

postura dos nacionalistas italianos com relação a ação revolucionária já havia começado a se transformar nesse ponto, ganhando um tom de desconfiança. Temos que,

> É certamente aconselhável não exagerar hoje no otimismo que tão repentinamente se segue ao pessimismo dos últimos dias, mas dada a natureza das massas russas, é também necessário ter em conta a possibilidade de fenômenos sugestivos que podem de reviver as massas com alguns discursos das vestimentas mais populares (KERENSKY [...], 1917b, tradução nossa).

Ainda que não tivesse se voltado inteiramente contra o desenrolar da Revolução de Fevereiro, acreditando na possibilidade de recuperação da ordem russa, em junho a ANI passou a assumir uma postura condenatória quanto a esta. Assim, ao início do mês, Alfredo Rocco publicou o texto "La Russia, la guerra e la pace", no qual se refere ao movimento revolucionário como um episódio de dois meses de caos e prejuízos aos países aliados. Não tratando apenas do momento de paralisação dos exércitos, mas de toda a conjuntura estabelecida desde a derrubada do Czar, evento que semanas antes havia sido celebrado por *L'Idea Nazionale*.

Rocco reconhece, inclusive, que a Rússia revolucionária havia ficado totalmente impotente para se defender durante tal período, de modo que teria caído sob domínio alemão, se não fossem os esforços desempenhados pelas forças armadas da Inglaterra, França e Itália, as verdadeiras protetoras de sua liberdade. O fato é que, nesse momento, o nacionalista italiano começou a questionar a própria participação russa na Entente, tanto em relação ao impacto de sua ação militar, quanto em seu direito de definir os objetivos da aliança.

Rocco baseava-se na ideia de que, dentro de cada associação, o direito de um membro de influenciar o destino dos demais deveria ser proporcional à contribuição que este dava ao trabalho comum. Logo, a Rússia revolucionária, em virtude de sua impotência econômica e política, pouco deveria ter a dizer sobre o destino das demais nações. Em outras palavras, se os exércitos russos haviam escolhido se retirar da batalha, seus líderes deveriam fazer o mesmo em relação aos conselhos militares internacionais. Tendo que, antes de qualquer discussão sobre os objetivos e ganhos da guerra, a mesma precisava ser travada. Portanto, somente "no dia em que os exércitos russos expulsarem o invasor através da fronteira, a voz da revolução russa sobre os critérios da guerra e da paz também será ouvida com deferência e respeito" (ROCCO, 1917a, tradução nossa).

Rocco demonstrava seu desejo de que o momento de restauração russa não tardasse a chegar, mas alertava que não seria prudente aos demais governos da Entente ficar à

espera de um milagre. Seus líderes deveriam estar preparados para o pior, considerando seriamente todas as eventualidades em um plano, militar e diplomático, que os garantisse um distanciamento da caótica situação russa. Afinal, se haviam conseguido resistir sozinhos às investidas inimigas até aquele momento, provaram que não só eram capazes de conservar suas posições, mas, uma vez preparados e unidos, de aplicar golpes ainda mais sérios em direção aos alemães e austro-húngaros.

Contudo, repousar o peso da guerra inteiramente sobre as potências ocidentais, significava imbuí-las de decidir por si os seus termos, inclusive da situação russa no meio desta. Para o nacionalista italiano, se os demais governos da Entente não podiam contar com a ajuda russa, precisariam ao menos calcular o impacto de sua deserção, retirando-lhe as vantagens materiais e territoriais previstas nos acordos de aliança. A ideia não era buscar vingança contra a Rússia, mas justiça pela sua traição. Além de politicamente conveniente, "seria extremamente moral que as consequências dos erros e falhas da revolução russa recaíssem sobre a revolução russa" (ROCCO, 1917c, tradução nossa).

Complementando essa narrativa, Francesco Coppola redigiu uma série de artigos, publicados em *L'Idea Nazionale* entre os dias 12 e 20 de junho, nos quais direcionou apelos ao próprio governo italiano, bem como a seus aliados franceses e ingleses. O nacionalista indicava que estes não poderiam permitir que fossem defraudados nos frutos de seus enormes sacrifícios. Portanto, mais do que perder sua oportunidade de participar ativamente da tomada de decisão, não tendo cumprido seus deveres firmados pelo Pacto de Londres[8], a Rússia deveria ter seus antigos direitos completamente negados. Tendo em vista que o povo russo o estaria violando desde o dia em que escolheram parar de combater o inimigo, abraçando-o nas manifestações pacifistas que tomavam conta de Petrogrado, e exaltando-o nas supostas confraternizações regadas a vodca nas trincheiras.

Para Coppola, a salvação da Entente só viria por meio de um ato imediato e enérgico, o que estaria longe de ser a postura adotada pelos seus governos, mais preocupados em manifestar seu descontentamento na forma de comunicados oficiais. Na realidade, estes estariam demandando uma resposta da Rússia sem perceber que não havia uma soberania consolidada capaz de fornecê-la. O Governo Provisório, na situação em que se encontrava, poderia no máximo falar por si, o que não valeria de nada enquanto o mesmo não pudesse

[8] O Pacto de Londres, assinado em 26 de abril de 1915, foi um acordo entre a Itália e a Tríplice Entente (Reino Unido, França e Rússia) durante a Primeira Guerra Mundial. Nele, a Itália se comprometeu a entrar na guerra contra a Tríplice Aliança (Alemanha e Áustria-Hungria) em troca de promessas territoriais.

oferecer uma garantia séria de estabilidade e sujeição das massas. Em outras palavras, nenhum ultimato diplomático surtiria efeito porque não haveria autoridade apta a prometer qualquer coisa em nome da nação. Assim, Coppola questiona

> Existe um governo na Rússia capaz de comprometer a Rússia de forma sólida e duradoura? Nós não pensamos assim. E por esta razão, não a partir da resposta do Governo Provisório de Petrogrado, mas a partir da ação imediata ou da não ação do exército russo, teremos de traçar a norma segura e definitiva para os nossos acordos urgentes e radicais, não apenas militares, mas também e especialmente políticos (COPPOLA, 1917a, tradução nossa).

Por mais que confiasse no trabalho incansável de Alexander Kerensky, Coppola acreditava que este estaria sendo imensamente prejudicado pela falta de maturidade do novo governo. Com ministros discordando e contradizendo-se publicamente sobre questões básicas, em especial as que contemplavam a guerra, a revolução estaria se envolvendo em polêmicas diárias. Enquanto isso, os dirigentes dos organismos socialistas, em sua maioria representados dentro do esquema de coligações, não teriam conseguido alcançar a coesão e harmonia necessária com os demais elementos, alimentando ainda mais a desorientação do espírito geral da nação.

A análise continuou na publicação do artigo de Rocco no dia 27 de junho, "Le laboriose tappe della Rivoluzione Russa: i due alleati". Nele, destaca-se que o maior perigo apresentado pelos partidos de esquerda era a divulgação, entre as massas, da ideia de paz com urgência. Ainda que reconhecessem, com diferentes graus de reserva, a necessidade de retomar a guerra ativa, sendo perigoso aquele desarmamento absoluto e imediato, acreditavam que as dificuldades internas do país não correspondiam com uma luta de longa duração. O grande problema, de acordo com o membro da ANI, era que tal encurtamento do conflito permitiria à Rússia e à Entente apenas uma paz sem anexações e sem indenizações.

Dando uma nova cara a antiga fórmula wilsoniana de paz sem vencedores ou perdedores, essa proposta socialista de paz representava, em última instância, o retorno ao status quo. Dotado de um egoísmo individualista, o modelo pacifista estaria propondo, para Rocco, uma restauração completamente absurda diante dos três anos de uma guerra terrível e sangrenta. No mínimo, seus teóricos não estariam sendo capazes de compreender a imoralidade e injustiça que acompanhava tal formulação, "mas compreendem-no os estadistas que guiam os destinos das grandes potências ocidentais, a quem uma tradição e experiência histórica milenar conferem outra consciência e outra responsabilidade" (ROCCO, 1917a, tradução nossa).

No fundo, a proposta representava a não anexação somente para a Entente, jogando esses territórios de volta nas mãos dos alemães. A Rocco, parecia claro que quem desistisse de vencer resignaria-se a ser derrotado, da mesma forma que quem abrisse mão de qualquer conquista, a deixaria para os adversários. Mais insensata ainda, era a recomendação socialista de que os Impérios Centrais saíssem da guerra sem severas penalidades, essenciais para garantir que todo o mal da guerra fosse reparado e não voltasse a afligir a Europa.

Por mais absurdo que parecesse para Rocco, era baseando-se em tais formulações falhas que o governo russo teria pedido uma revisão dos acordos da Entente, colocando em risco os objetivos de milhões de soldados, sofredores de todas as angústias e sacrifícios da guerra. Por sorte, a ANI previa que os governos ocidentais, perfeitamente conscientes da sua superioridade, não cederiam às chantagens russas, principalmente por saberem que qualquer ameaça vinda da Rússia era totalmente vazia.

Na realidade, como revelou Coppola, em "Messagi alla Non-Russia", publicado no dia 12 de junho, a Rússia não faria nada, como também não faria guerra, nem paz. Não faria nada porque, na visão nacionalista, nenhum povo poderia fazer aquilo que não lhe é ordenado pela sua lei interna, e a lei russa teria sido subvertida e silenciada. A tentativa de agregação de elementos irreconciliáveis havia atingido um ponto fatalmente paralisante, de modo que não fosse mais possível enxergar Estado no país, apenas a aparência de um, sem coragem suficiente para tentar fazer valer qualquer estatuto. Fato que o autor acreditava se refletir diretamente no exército, desprovido do conceito de autoridade, com soldados abandonando as trincheiras e elegendo ou julgando seus próprios chefes, cujo poder já não se fazia valer na prática.

A Rússia, morta pela loucura revolucionária não era mais uma nação, "nem um poder, nem um organismo; é a soma enorme e amorfa de centenas de milhões de homens delirantes. É o inorgânico por excelência, ou seja, não só o irresponsável, mas o inexistente" (COPPOLA, 1917b, tradução nossa). E exatamente por isso, não poderia agir senão dentro do jogo do inimigo, altamente beneficiado pela sua paralisia e embriaguez. Decerto, com o Governo Provisório completamente inerte diante dos inimigos externos e dos compatriotas traidores e anarquistas, a Revolução de Fevereiro entraria para a história como o maior exemplo de destruição da potência de um país.

Na visão da ANI, aos italianos, franceses e ingleses, só restava aprender com os erros cometidos pela Rússia, bem como pelos seus próprios governantes, por muito tempo

ausentes e permissivos diante da situação caótica que se formava. Com uma lentidão obtusa e extremamente perigosa, teriam custado a estabelecer o governo revolucionário como um traidor da aliança. Especialmente considerando que este havia assumido uma visão de guerra que não correspondia com os tratados estabelecidos em Agosto de 1914. Assim,

> Antes de reagir contra o perigo externo russo, é necessário reagir internamente contra o mal-entendido original que o perigo criou e perpetua. Devemos finalmente compreender e proclamar que a Itália, a França e a Inglaterra estão a lutar, a sangrar, a sofrer, numa palavra, a travar uma guerra, pela Itália, pela França e pela Inglaterra, e não pela democracia universal (COPPOLA, 1917c, tradução nossa).

Desde o princípio a mesma teria sido definida como uma guerra nacional e imperial, tanto para aqueles países que almejavam a expansão territorial, quanto para os que precisavam defender seu papel de destaque na política global. Na análise de Coppola, tratava-se de uma luta fatal entre potências, raças e civilizações concorrentes, sem espaço para a batalha ideológica que a Rússia revolucionária estaria propondo. Tal retórica, descrita pelo nacionalista como idiota e venenosa, não poderia deixar de produzir, mais cedo ou mais tarde, os seus frutos de bestialidade e perigo, ideais de guerra pacifista, anti-imperialistas e humanitária.

E aqui estaria, para o nacionalista italiano, a chave do problema que identificava nos socialistas recém inseridos no governo russo. Concentrados em sua arrogância demagógica e baseados em cálculos políticos míopes, propunham não apenas um ideal de paz sem sentido, como uma continuidade da guerra que não correspondia à realidade, ainda que quisessem que esta fosse breve. Não poderiam esquecer, assim, que a classe trabalhadora alemã, por mais socialista que fosse, desejava ardentemente a vitória, entendendo que as aspirações imperialistas do seu governo lhes impactavam de maneira direta.

Ao final do mês de junho, fica claro que os membros da ANI, tomados por frustrações, não iriam mais esperar pela reversão da situação na Rússia, acreditando que este também deveria ser o posicionamento adotado pelo governo italiano. O apelo do movimento para que a Itália se afastasse da confusão russa não significava, entretanto, uma rejeição ao seu povo, ainda visto como valente e inteiramente capaz de guiar a nação rumo a concepções revolucionárias mais realistas. Na verdade, se mostravam perturbados pela dor de vê-lo perdendo os rumos da revolução, que o próprio jornal havia tanto comemorado.

1.3 A Revolução antiimperialista

De março a outubro, o processo revolucionário na Rússia foi marcado por uma conflituosa relação entre diferentes forças e classes sociais. Tamanha instabilidade das bases imobilizou o Governo Provisório, incapaz de implementar as reformas anteriormente prometidas, como a redistribuição de terras e a melhoria das condições de vida. Apesar dos esforços de diversos ministros, o descontentamento generalizado era crescente, especialmente entre os soldados e trabalhadores, culminando em múltiplas manifestações por Petrogrado durante os meses de junho e julho.

Em julho, a tensão atingia seu ápice com operários, soldados e marinheiros da base naval de Kronstadt saindo às ruas para exigir a transferência de todo o poder para os Sovietes, em um novo movimento de massas que Leon Trotsky (2017a, p.53) descreve como motivadas, mas politicamente descoordenadas. Apesar do envolvimento dos bolcheviques, os atos não foram organizados por estes, hesitantes em apoiar plenamente uma insurreição, visto a preocupação de Lênin quanto as reais condições para tomada de poder naquele momento, bem como as drásticas consequências que poderiam recair sobre os autores de uma tentativa prematura e fracassada. Sem uma liderança firme, contudo, as massas não conseguiram resistir às tropas do Governo Provisório, que facilmente reprimiram o movimento e restabeleceram a antiga ordem.

Nesse contexto, a inquietação tomava conta de *L'Idea Nazionale*, à medida que seus redatores denunciavam os grupos leninistas como os responsáveis por uma série de investidas violentas pelas ruas de Petrogrado. No artigo "Socialisti e agenti tedeschi: preparavano la rivoluzione anarchica", assinado por Pio Mari em 29 de junho, tais ações são explicadas como parte de um plano para a derrubada do Governo Provisório. Combinadas com invasões a sedes governamentais e militares, estas teriam como objetivo semear o caos entre as massas, desestabilizando qualquer organização que pudesse frear o pretendido golpe socialista.

Os atos de terrorismo, como foram entendidos pelo nacionalista italiano, contavam com o apoio ideológico e material das autoridades alemãs, comprometidas em contribuir para o fortalecimento do programa pacifista de Lenin. Para os supostos golpistas russos, tratava-se de destruir as estruturas nacionais que tentavam permanecer fiéis à Entente, para, em um único movimento, assumir o poder e ordenar o encerramento do trabalho de seus

exércitos. Enquanto para os agentes germânicos, o objetivo seria garantir que, nas mãos dos radicais, a Rússia se tornasse mais suscetível à sua influência e dominação.

O principal ponto de alerta no artigo de Pior Mari era, então, que o governo da Alemanha já teria percebido que a consolidação do regime leninista significaria a fragilização completa da nação russa frente ao cenário internacional. Tendo se mostrado anarquista, na visão da ANI, o programa socialista visava a abolição dos princípios de autoridade e de propriedade, o que não apenas incapacitaria o seu povo de agir militarmente, mas acabaria por isolar o país de seus aliados. Assim, o apoio de qualquer entidade internacional a Lênin só poderia representar uma manifestação de interesses egoístas desta no declínio russo. Temos que

> Não é exagero dizer que a liderança virtual do movimento maximalista caiu nas mãos de emissários alemães e agentes provocadores pagos pela Alemanha. Lenin nada mais é do que uma ferramenta inconsciente nas mãos de agentes alemães, que exploram a sua ambição ilimitada e as suas marcadas tendências anarquistas para fazer do movimento maximalista uma máquina infernal contra a existência da Rússia (MARI, 1917, tradução nossa).

Conseguindo evitar, contudo, o domínio de tal corrente catastrófica, o Governo Provisório voltava a ser exaltado em *L'Idea Nazionale* no dia 22 de julho. No artigo anônimo "Kerensky capo del governo", os redatores do jornal comemoram a enérgica reação das autoridades russas, capazes de frustrar a tempo o que seria um monstruoso plano de insurreição extremista. Ao, enfim, optarem pelo confronto direto com os desordeiros, cercando-os em seus principais centros de resistência, os agentes governamentais teriam sido capazes de negociar sua rendição. À medida que os pontos de apoio leninistas eram desmobilizados e desarmados, a ansiedade começava a se dissipar entre a população da Rússia.

Por fim, a ocupação do palácio da bailarina Kschessinskaya, apontado pelos nacionalistas italianos como o centro vital da agitação de Lênin, representou o resgate do movimento revolucionário, que antes estaria caminhando em direção à sua ruína. Ainda que a conquista não tivesse sido inteiramente pacífica, com forte resistênia de algumas figuras extremistas, "o sangue que avermelhou as ruas de Petrogrado nestes dias não foram desperdiçados se serviram para afirmar uma vontade forte e um homem capaz de resistir e vencer" (KERENSKY [...], 1917a, tradução nossa). As fatalidades, apesar de lamentáveis, haviam selado a vitória do Governo Provisório, sob o comando de Kerensky. Mais do que um

evento isolado, esta foi interpretada pela ANI como a primeira vitória real, plena e completa, que a Revolução Russa havia alcançado sobre si mesma.

Mesmo tendo ficado para trás, os caóticos dias experienciados pela capital russa serviriam para ditar o futuro da nação, demonstrando ao governo a impossibilidade de continuar aplicando os métodos estabelecidos até aquele momento. Afinal, para os nacionalistas italianos, o impacto de tais dramáticos eventos seria positivo, como explicitado no ensaio "Il criminoso tentativa massimalista schiacciato dall'energia del governo", publicado também na edição do dia 22 de julho.

Ainda que todos os indícios tivessem apontado para o colapso da Rússia revolucionária, Kerensky teria sido capaz, notavelmente, de aproveitar da situação para fortalecer as estruturas nacionais. Para a ANI, enfrentando diversos ataques pessoais e supostas ameaças sinistras proferidas pelos grupos leninistas, este havia resistido a todas as tempestades com uma energia sem igual. Como resultado de seu nítido esforço de liderança, o exército russo restaurava suas capacidades ofensivas, ao passo que as massas recuperavam sua consciência, cientes, então, do perigo iminente que o trabalho tortuoso do germanismo e do leninismo representavam para a nação.

De acordo com Orlando Figes (2011, p.169), Alexander Kerensky destacou-se como um dos poucos parlamentares dispostos a confrontar abertamente o autoritarismo czarista, consolidando sua reputação como um elo entre as elites liberais e as massas trabalhadoras. Formado em direito, este ganhou notoriedade ao defender trabalhadores e dissidentes políticos, experiência que lhe deu acesso às camadas populares e o colocou em contato com movimentos revolucionários. Em 1912, Kerensky foi eleito para a Duma como membro de um partido social-reformista. Seu discurso inflamado e habilidade oratória o tornaram uma figura popular entre soldados e trabalhadores, especialmente após a eclosão da Revolução de Fevereiro, na qual foi nomeado Ministro da Justiça no Governo Provisório.

Segundo Sheila Fitzpatrick (2008), Kerensky buscava posicionar-se como um mediador entre as diversas facções revolucionárias, incluindo os socialistas moderados e os liberais. No entanto, essa tentativa de conciliação revelava uma fragilidade estrutural em sua política, pois sua postura reformista inicial não era suficiente para conter a crescente radicalização representada pelos bolcheviques.

Assim, mesmo sendo herdeiro de uma tradição socialista, sua evolução política havia o colocado em uma posição de antagonismo em relação à esquerda revolucionária. Essa

mudança, como afirma Fitzpatrick (2008), foi particularmente evidente quando este passou a perceber os bolcheviques como uma ameaça direta à estabilidade do novo governo e à própria ação revolucionária. Temendo que o radicalismo alienasse setores importantes da sociedade russa e acabasse por provocar um colapso total do Estado, este incluiu em seu plano de governo claros esforços para conter o avanço dos bolcheviques, tanto política quanto militarmente.

Com os militares a sua disposição e o apoio popular sobre seu trabalho, Kerensky presenteava o Governo Provisório com um sucesso que era, primordialmente, moral. Descrito como "o homem da situação" em artigo assinado em nome de *L'Idea Nazionale* no dia 23 de julho, este era exaltado como o único com caráter e posição política elevados o suficiente para dominar a Revolução Russa e, assim, transformar suas bases, à beira da ruína, em alicerces para a construção de um novo e forte regime. Os efeitos do seu trabalho, descritos como quase milagrosos pela ANI, confirmavam que Kerensky "pertence à raça daqueles homens que personificam a força construtiva nas revoluções" (LA NUOVA [...], 1917, tradução nossa).

Baseando-se em suas próprias análises históricas, os nacionalistas italianos afirmam que o sucesso de um movimento revolucionário era ditado pela capacidade dos seus elementos construtivos em superar os seus elementos destrutivos. Para serem consideradas legítimas, assim, revoluções tinham que surgir como enfrentamento a um regime esgotado. Era através da oposição e da perversidade dos inimigos que os verdadeiros heróis poderiam se destacar e se elevar na sociedade. Logo, Kerensky emergiria fortalecido do tumulto, pronto para irromper nas massas a nova chama do patriotismo, pilar que sempre ergueu e sustentou as revoluções democráticas.

Exatamente nesse ponto que se mostrava a suprema importância de Kerensky. Para os membros da ANI, a Rússia não se salvaria da ruína sem que se esforçasse para retornar à imensidão de fevereiro, na qual pôde agir como uma única pátria inspirada no bem nacional. Assim, não apenas o povo deveria reencontrar seu orgulho patriótico, mas o governo precisava se consolidar como uma autoridade única, fosse através da absorção do Comitê Executivo dos Operários e Soldados pelo Governo Provisório, ou pela substituição destes por um novo órgão superior. Independente da forma, era indispensável que este

> Seja verdadeiramente um organismo nacional, tão democrático quanto se queira, mas um verdadeiro organismo com poderes centrais totalmente responsáveis, porque é absolutamente soberano, qualquer que seja a sua origem, mesmo extremamente popular (Ibid., tradução nossa).

O apelo dos membros da ANI, reforçado no artigo anônimo do dia 26 de julho, "La Russia ritorna: l'abdicazione del Soviet", era por um governo que pudesse agir como tal na Rússia, deixando para trás aquela forma abstrata, dividida em duas forças concorrentes e pouco efetivas. Acreditavam que a iniciativa de Kerensky, para onde quer que caminhasse, não poderia ser mais fatal à nação do que o modelo dualista. Sem poder, sem disciplina e sem unidade, este não se mostrava na forma de um governo fraco, nem mesmo na de um governo primitivo, mas de um "antigoverno", sob o qual os Sovietes haviam conseguido prosperar e instaurar seus propósitos desordenados.

Tendo ganhado poder logo nos primeiros dias da Revolução de Fevereiro, o Soviete estaria, em seu princípio, agindo violentamente contra os ministros da Duma, motivo pelo qual alguns destes não haviam conseguido suportar o peso de seus cargos. Completamente fora do controle, este havia crescido a cada dia, tomando espaço no Governo Provisório através da atuação insistente do Comitê Executivo de Soldados e Operários. Em outras palavras, "todos os dias os trabalhadores ganhavam terreno, organizavam-se e derrotavam o governo provisório. [...] Impuseram-se brutalmente ao governo, repudiaram-no, expulsaram-no" (Ibid., tradução nossa).

Permitir a atuação destes, ainda que tenha sido uma estratégia eficiente para satisfazer as necessidades momentâneas das massas, teria fornecido ao proletariado as ferramentas ideias para sua união, através da qual este se fez independente e politicamente operante. As massas, então, foram tomadas por claras tendências anárquicas. Nesse sentido, para os nacionalistas italianos, Kerensky havia sido o único capaz de deixar suas tendências extremistas no passado e reconhecer a guerra vitoriosa como o real interesse da nação.

A grande distinção do ministro residia, portanto, na compreensão de que o desempenho das frentes russas e o triunfo da revolução estavam inextricavelmente ligados. Para Kerensky, como diziam concordar os membros da ANI, era preciso reunir a revolução que se dispersava nos seus conflitos internos, e dominar as correntes em desintegração. Tratava-se de obrigar os homens dos Sovietes a enxergar o abismo ao qual haviam submetido Rússia a cair, deixando-a imobilizada e incapaz de estabelecer boas relações internacionais. Como resultado, apostavam no desaparecimento dos Sovietes, já claramente arruinados e sem funcionalidade. Aos nacionalistas, o episódio encerraria a fase anárquica da revolução, lhe permitindo continuar a avançar.

Ainda que, segundo Leon Trotsky (2017a, p.75), o Soviete fosse inicialmente dominado por mencheviques e social-revolucionários, a repressão às manifestações populares de julho recaiu especialmente sob os bolcheviques, que vinham ganhando força com suas propostas radicais. Com Lenin refugiado na Finlândia, diversos líderes presos, e a sua imprensa suprimida, o partido enfrentava uma intensa campanha de difamação, enquanto era descartado pelas autoridades de tal organização.

Objetivando sua preservação, os Sovietes teriam encontrado no distanciamento com o grupo bolchevique a maneira de solidificar uma aliança com o Governo Provisório. A atitude, por sua vez, não foi bem recebida pelas massas que passaram a vê-los como incapazes de representar os seus reais interesses de classe, levando a um enfraquecimento temporário do apoio popular. Para Trotsky (2017a, p.84), naquele momento, estes corriam um sério risco de perder sua relevância e serem substituídos por formas mais tradicionais de poder estatal.

Para os editores de *L'Idea Nazionale* era necessário refletir sobre a nova fase que surgiria na Rússia, renascida livre da desordem dos Sovietes. Em artigo publicado no dia 27 de julho, sob assinatura de G. L. Franchi, este reivindica o direito dos aliados de se manterem informados sobre os rumos de tal futuro reconstrutivo, certificando-se de que a disciplina nacional fosse mantida no centro de cada ação russa. Sem ela, não seria possível estabelecer uma ordem definitiva no país, mas apenas mais um frustrado governo transitório, cujas medidas se fariam puramente simulações, como havia acontecido no desenrolar dos últimos meses.

A disciplina, contudo, não era para Franchi apenas uma virtude necessária para salvar o movimento revolucionário ou dar continuidade à guerra, mas era uma das grandes lições que o povo russo estaria deixando ao resto da Europa. Embora ainda houvesse um longo trabalho pela frente, Kerensky teria em si o potencial para unir todos os homens e partidos que não tivessem professado traição à pátria, ou seja, mostra-lhes uma verdade acima dos seus interesses particulares ou de classe. Não se tratava de imaginar o banimento da luta de classes, mas de acreditar na possibilidade de um regime

> Capaz de canalizar e dirigir as forças vivas que de vez em quando se vêm pressionar umas às outras. [...] E teremos isso principalmente quando toda a indústria, todo o comércio sentirem a necessidade de encontrar uma harmonia nacional superior. O trabalhador verá então no crescimento orgânico e disciplinado da produção a sua verdadeira fortuna (FRANCHI, 1917, tradução nossa).

A união necessária no país deveria ser, em primeira instância, ideológica. Para atingi-la, ao longo do mês de julho, os nacionalistas italianos se mostraram a favor de um regime ditatorial comandado por Alexander Kerensky. Em artigo do dia 28, intitulado "Il regime dittatoriale in Russia", é expressado o desejo da ANI de que o mesmo criasse espaço para um verdadeiro Gabinete de concentração nacional, capaz de reprimir definitivamente a agitação socialista. Este deveria substituir por completo a fraca coligação arranjada pelo Governo Provisório por uma que, de fato, representasse o quadro social russo, visto que a anterior teria se mostrado substancial e numericamente socialista, coisa que a ANI acreditava que Rússia não era.

Na mesma edição, o artigo "Verso un gabinetto di coalizione nazionale" atribuia essa responsabilidade não apenas à Kerensky, mas também à classe intelectual russa, destacando o papel crucial que esta deveria desempenhar na canalização das vigorosas correntes revolucionárias em prol da ressurreição do patriotismo. As massas, uma vez inseridas nesse novo contexto ideológico, demandariam avidamente pela ordenação nacional e punição das figuras extremistas, a serem reconhecidas como traidoras da nação. De acordo com *L'Idea Nazionale*, o governo ditatorial perderia o apoio popular se não tomasse medidas enérgicas para satisfazer o seu desejo de justiça, o que incluía remover tudo e todos aqueles que contribuíssem para sabotar os serviços públicos e de transporte.

Nesse sentido, o peso da traição de Lenin e seus companheiros não poderia ser minimizado, mas pelo contrário, era essencial para os nacionalistas italianos que ela fosse exposta ao máximo. Alguns dias antes, na edição do dia 25, o artigo "Il pericolo rivoluzionario e il dopo guerra" de Pio Mari trazia sérias acusações sobre o revolucionário russo, suspeito de ter sido contratado pelo governo germânico para destruir toda a confiança da própria nação sobre o Governo Provisório. O acordo teria sido firmado com ajuda de funcionários infiltrados, enquanto o pagamento se fazia através do Banco Siberiano de Petrogrado, instituição que Mari afirma ter sido historicamente dirigida por alemães.

Apesar de afirmar que as autoridades provariam facilmente a deslealdade leninista, recuperando telegramas políticos e financeiros entre os agentes alemães e os líderes extremistas, bem como analisando as contas ligadas a estes últimos, o nacionalista italiano acreditava que a verdade ainda abalaria muito o povo russo. Portanto, "quando a história da corrupção alemã levada a cabo na Rússia durante o período revolucionário for escrita, leremos números e dados que nos chocarão" (MARI, 1917d, tradução nossa). Os gastos exorbitantes

vindos da Alemanha seriam o investimento de um governo que não queria ter à sua porta um Estado como o proposto pela Duma, em que os mais avançados princípios democráticos e libertadores constituíssem os critérios orientadores da vida política.

Para Pio Mari, o imperialismo alemão se sentia gravemente ameaçado pela possibilidade de uma nova Rússia. Assim, o trabalho que partia de Berlim buscava encorajar as correntes russas que o governo germânico confiasse que poderiam moldar uma república à sua imagem e semelhança. Para isso, não teria poupado nenhum recurso, explorando habilmente todas as possibilidades de contato, inclusive no envio de agentes aos fronts russos para incentivarem a deserção da luta através do apelo à fraternidade de classe dos soldados.

No meio de tantas denúncias, o mês de julho se encerrava com a máxima de que agir contra Lênin, nas condições apresentadas, não se tratava apenas de dominar a situação no interesse da nação russa, mas dos verdadeiros regimes democráticos. O pretendido governo leninista, através de uma estranha confusão de ideias, havia se colocado contra o imperialismo, considerando-o odioso às democracias. Na visão da ANI, o que seus entusiastas não percebiam, contudo, era que o perigo no disfarçado no seu internacionalismo.

Conforme explicitado pela equipe de *L'Idea Nazionale* no artigo "L'imperialismo della democrazia", publicado em 1 de agosto, os extremistas, não enxergando as ameaças em seu próprio aliado, o governo alemão, haviam nutrido uma desconfiança injustificada em relação aos países da Entente. Assim, julgavam-os com base em seus respectivos interesses imperialistas, sem compreender que estes seriam apenas uma resposta ao próprio imperialismo opressor de estilo alemão, que já teria avançado pelo mundo.

A falha da ideologia leninista era, portanto, não perceber que existiam duas categorias de imperialismo, distinguidas pelos nacionalistas italianos entre uma forma negativa e egoísta, e uma outra de caráter humanitário. Na primeira, segundo a descrição feita pela ANI, os objetivos de expansão territorial e preservação social interna da nação serviam como pretexto para o estabelecimento de uma política de isolamento internacional, com foco na predação e submissão de países já altamente civilizados. O resultado, não poderia ser outro senão a promoção da barbárie arbitrária por toda a Europa, como vinha se mostrando na prática pelos Impérios Centrais, "para os quais o pé em casa tem mais importância do que o pé que deveria estar fora" (L'IMPERIALISMO [...], 1917, tradução nossa).

Do outro lado, fortalecido na Itália, estaria o verdadeiro imperialismo, fundado em propósitos civilizatórios. Comprometido com o avanço das grandes potências sobre

sociedades, consideradas pelos nacionalistas italianos, menores e deficientes, este buscaria fazê-las se desenvolver em seu máximo. Mais do que um simples modelo, o bom imperialismo da Entente se revelava como uma regra que deveria reger a vida material e espiritual das nações. Assim, era obrigação dos países europeus manter a hierarquia internacional, garantindo uma ordem necessária ao progresso da humanidade como um todo. Posicionar-se contra a concretização dos objetivos de guerra de tais países, nessa lógica, era entendido como uma falta de compreensão do alcance do conflito, cujas consequências transcendiam os limites da Europa. Temos que

> As nações que lutam por uma nova estrutura europeia não poderão ignorá-las. A Europa não pode ser considerada isolada do resto do mundo. Não é aceitável que tudo se mova na Europa e que tudo no resto do mundo permaneça estacionário e inalterado. [...] Há a questão do amanhã. Não constitui um problema de imperialismo, mas sim um problema agora secular de civilização (Ibid., tradução nossa).

Apoiando o governo alemão sem ressalvas, Lenin mostrava que seu programa não trazia um caráter antiimperialista, como afirmava, mas a negação dos objetivos imperialistas específicos da Entente. Contudo, na visão de Enrico Corradini, declarada em 4 de agosto no artigo “Il trionfo dell'istinto di conservazione”, era possível que os socialistas se convertessem à política externa e reconhecessem seu dever moral internacional em um futuro próximo, uma vez que seu comportamento dentro da Rússia já começava a dar sinais de uma mudança.

Depois de um primeiro furor revolucionário, a vivência prática teria revelado a incapacidade de tal grupo em traduzir o seu programa extremo em ação, restando-lhes apenas declarar seu fracasso político e econômico. Motivados pelo instinto de autopreservação do movimento, contudo, estes estariam se desvencilhando das ideologias extremistas, transformando sua agenda em um modelo de cooperação burguesa. Para Coradini, o fenômeno não se mostrava surpreendente, visto que apenas uma parte insignificante do imenso povo russo teria aderido à loucura leninista, nunca encarada pela ANI como uma vontade verdadeiramente popular.

A atitude, por sua vez, era entendida por Corradini como uma resposta à falta de governabilidade enfrentada por Kerensky. Com este preso em um sistema que se tornava cada dia mais caótico, até mesmo os socialistas, enquanto parte das correntes revolucionárias mais irracionais, haviam percebido a necessidade de se fortalecer e unificar o governo para que este pudesse defender a pátria do perigo mortal de desintegração. Começava a se fazer nítido na Rússia que, para que algo construtivo pudesse emergir da Revolução de Fevereiro, era

necessário concentrar o poder nas importantes figuras partidárias e industriais. Mais do que qualquer outra forma política, a democracia, recém-instaurada no país, precisava ser organizada e disciplinada em um estado orgânico.

Em um novo artigo, “Il pericolo russo e quello tedesco”, agora datado no dia 12 daquele mês, Corradini defende que as críticas da ANI, por meses direcionadas aos grupos leninistas, não partiam de uma implicância com a ideologia socialista em si, apesar das discordâncias entre os dois movimentos. Na realidade, estas seriam fundamentadas pelas consequências catastróficas que a insistente ação segregadora socialista havia gerado, e ainda podiam gerarar, na Rússia e no mundo. Assim, “podemos conceber um povo submetido a um regime socialista. Mas o que não podemos conceber é um regime socialista sem Estado” (CORRADINI, 1917c, tradução nossa).

Caso a iniciativa conciliadora do grupo socialista falhasse, repercussões negativas poderiam recair sobre as nações europeias, independente do resultado da guerra. Para o autor italiano, duas ameaças se destacavam pela sua gravidade: o perigo germânico, símbolo da subjugação política, econômica e moral do continente à Alemanha, e o perigo russo, representando o contágio da dissolução das sociedades nacionais. Muitos, intelectuais e partidos, teriam comemorado a Revolução Russa como resposta para os sonhados planos, já estabelecidos no pré-guerra, de renovação social e libertação do imperialismo alemão. No entanto, estes próprios haviam permitido que a Rússia se tornasse uma ameaça equivalente, e indissociada, da apresentada pela Alemanha.

De forma semelhante, a democracia universal, confiada pela ANI em vencer ideológica e materialmente tal imperialismo nocivo, teria sido o sistema que permitiu uma desproporção de forças entre nações que havia levado à premeditação, à agressão e à guerra. Permissiva com o desenvolvimento de ideias socialistas e pacifistas, esta teria contribuindo enormemente para o despreparo militar da Europa anti-alemã. De modo que “a Alemanha era culpada em relação à Europa, mas a Europa tinha sido culpada em relação a si mesma, isto é, mais culpada, por não garantir a sua segurança” (Ibid., tradução nossa).

Indo além na análise, Luigi Federzoni, no artigo “Il pericolo russo”, publicado pelo jornal no dia 14 de agosto, afirma que as ameaças alemã e russa constituíam um único perigo. Tendo em vista que as forças desintegradoras que assolavam o Estado russo, atuavam precisamente em função do poder militar e político do Império Alemão. A relação entre estes,

portanto, não se tratava de uma simples simultaneidade fortuita, como Corradini teria aludido, mas de uma conspiração para o mesmo fim.

Os políticos e intelectuais italianos, para Federzoni, não podiam deixar-se enganar pelo caráter intencionalmente antigermânico sob o qual a Revolução Russa e seus elementos dirigentes teriam surgido. Mesmo que este estivesse, de fato, na base motivacional do movimento, fato que Federzoni indicava ser contestável, considerando a escassez de informações que deixavam a Rússia, não seria impossível que este se desenvolvesse de modo a negar suas próprias raízes. Inclusive, o autor nacionalista acrescenta que este não seria nem o primeiro movimento político, nascido como protesto a um regime subserviente ao Império germânico, a transformar-se, nas ruas, em um instrumento ainda mais dócil e eficaz de dominação alemã.

Especificamente no caso russo, os revolucionários teriam perdido o controle da insurreição popular por dar espaço para homens que eram capazes de tudo, exceto colocar as necessidades supremas da nação em primeiro lugar. A ameaça russa-alemã, tornava-se ainda mais preocupante por conta daqueles que sofriam da "velha embriaguez democrática", presos em uma visão imprudentemente otimista, já não correspondente com a realidade ou os objetivos do movimento. Sobretudo porque "a ação alemã sempre soube tirar vantagem disso" (FEDERZONI, 1917a, tradução nossa).

Diferentemente de Corradini, Federzoni não demonstrava ter grandes expectativas na capacidade do novo governo russo de restabelecer a ordem interna no país, tampouco de contornar a situação desconcertante que a ação revolucionária criara a nível internacional. Afinal, mesmo que este se mostrasse triunfante no futuro, ainda não seria suficiente para justificar ou legitimar a subversão política e social que havia observado meses antes na Rússia. Com efeito, "cada revolução está condenada a destruir cem vezes mais do que é capaz de construir. Existem relativamente poucas revoluções na história das quais se possa dizer que o que criaram valeu mais do que destruíram" (Ibid., tradução nossa).

Um ponto que se evidencia em ambos os autores, por sua vez, era que o governo italiano não poderia ignorar que a Rússia, ao menos naquele momento, havia se convertido em mais uma peça do jogo geopolítico alemão. Não seria prudente, assim, conceder aos extremistas russos passagem livre pela Itália. Desde o dia 8 de agosto, o artigo "Il Soviet e il Pus", assinado pela equipe de *L'Idea Nazionale,* alertava sobre a má conduta de tais

visitantes, supostamente encarregados por Lênin de agitar as massas italianas e desorientá-las com mentiras.

O envio de representantes para a Itália, nesse sentido, não era um caso isolado, mas fazia parte de um programa leninista de peregrinação entre nações para recolha dos detritos do gotejamento internacional. Tratava-se de uma missão para renovar os acordos firmados pelos partidos socialistas de vários países do mundo, com notado esforço dentro dos territórios integrados à Entente. Fortemente abraçada pelo Partido Socialista Italiano, esta não estaria recebendo nenhuma atenção regulatória do governo, permissivo com as várias infrações cometidas por tais agentes.

Em primeiro lugar, os representantes do falido Soviete, de acordo com *L'Idea Nazionale*, haviam se associado a uma minoria "obscura e briguenta", para se manifestar pelas ruas italianas e difamar a nação na sua guerra, incentivando a traição para alcançar uma paz imediata. Mais significativamente, ignoravam por completo a mais importante regra da hospitalidade, de não se associar com os inimigos do anfitrião. Em um artigo do dia 10 daquele mês, "La questione della difesa nazionale in Russia e le incertezze della situazione interna", os membros da ANI continuaram a definir as ações dos extremistas russos, afirmando que estes "traficaram com os assassinos do inimigo, com os sabotadores da nossa guerra, com os esfaqueadores dos nossos soldados" (LA QUESTIONE [...], 1917, tradução nossa).

Diante das graves ofensas proferidas à pátria italiana, os companheiros de Lênin não poderiam levar de volta ao seu país nada além de vergonha. O abuso da hospitalidade, oferecida não apenas pelos socialistas, mas em nome da Itália, evidenciaria a incapacidade orgânica destes para governar, sequer no contexto de uma revolução. Dessa forma, trairiam, em nome de uma Internacional desmoralizada, não apenas a confiança que lhes foi concedida, mas também o povo e o movimento que afirmavam representar.

O Soviete deveria, antes de perturbar os aliados com assuntos de guerra e paz, aprender como lutar e morrer pela independência e liberdade da Rússia. Para os nacionalistas italianos, a melhor decisão que seus membros poderiam tomar naquele momento, tendo ignorado por meses os avisos, exortações e conselhos das potências ocidentais, era optar por sua própria abolição. Encerrando sua trajetória política extremista com "um ato de justiça que finalmente distinguirá a revolução russa de todas as outras que a precederam nos dois mundos" (Ibid., tradução nossa).

Mesmo no meio da violenta praga anarquista, das forças leninistas e da insistência dos Sovietes, a Rússia teria conseguido acumular energias saudáveis, conforme o artigo “La strada di Pietrogrado non condurrà alla pace”, assinado por Pio Mari em 8 de setembro. Assim, quando o perigo final batesse à sua porta, no momento de catástrofe iminente para o povo russo, os autores da revolução não permitiriam facilmente que o seu trabalho, preparado através de anos de dor e sacrifícios, acabasse nas mãos do pior inimigo da nação. Seriam capazes de encontrar forças para reagir contra o perigo e resistir até ao fim, confiando nas forças vingadoras dos aliados.

Ao contrário do que os alemães estariam imaginando, a Primeira Guerra não se encerraria com a paz na frente russa, mas em um esforço combinado das forças ávidas pelo confronto, no qual os demais governos da Entente se mostrariam fundamentais. Mesmo conscientes quanto ao forte comprometimento de alguns setores do país pela propaganda anarquista, bem como do grande plano de ação alemã sobre estes, os membros da ANI haviam tido sua fé no desempenho militar russo restabelecida por Kerensky.

Ainda que Pio Mari não descartasse a possibilidade de que territórios, incluindo a capital da Rússia, fossem invadidos em um futuro próximo, dado o processo de enfraquecimento militar do país, acreditava que não superariam a determinação dos bravos homens russos. Se tal cenário se concretizasse, os mesmos resistiriam, atraindo os exércitos inimigos para as vastas planícies nevadas, nas quais forças despreparadas ficariam encurraladas. Mantê-las presas, por sua vez, garantiria uma quebra na frente alemã, criando condições ideais para que os soldados da Itália, França, Inglaterra e Estados Unidos desferissem o golpe decisivo e fatal ao Império germânico.

Apesar de ter declarado guerra em abril daquele ano, as forças estadunidenses estavam começando a chegar às frentes naquele momento, marcando uma virada significativa no conflito, como afirma David Stevenson (2019, p.495). Tendo optado por uma política isolacionista, o governo dos Estados Unidos havia se mantido em posição neutra durante três anos, até que uma mudança na opinião pública o teria pressionado a agir. A intensificação da guerra submarina irrestrita da Alemanha, levando ao afundamento de navios com civis e mercadorias descolados do conflito, como o caso do britânico *Lusitania*, cujo ataque vitimou 128 cidadãos americanos, vinha se mostrando um catalisador da vontade pela participação no conflito. Fagulha que foi definitivamente acendida pela intercepção do *Telegrama Zimmermann*, no qual alemães estariam incentivando o México a atacar a nação vizinha.

Como resultado, um acordo foi firmado entre os Estados Unidos e a Entente, baseado na cooperação militar e econômica do ingressante, que comprometeu-se, inicialmente, a fornecer suprimentos e apoio logístico, mas mantendo certa autonomia operacional. O país se ocupou, então, de aumentar sua capacidade industrial e recrutar novos soldados, enviando seu exército à França ao final de junho de 1917, onde ocupou posições de treinamento em setores mais tranquilos. Ainda que só fossem entrar nos combates de modo significativo no ano seguinte, as suas forças desempenharam um papel crucial para a moral dos aliados e para pressionar os recursos limitados da Alemanha.

Para Woodrow Wilson, então presidente dos Estados Unidos, o envolvimento do país representava um esforço para "tornar o mundo seguro para a democracia" (WOODROW, 1917), como proferido diante do Congresso na declaração de guerra do dia 2 de abril. Para Enrico Corradini, de acordo com seu artigo “Sotto il fuoco e il ferro”, do dia 12 de setembro, as razões da democracia não poderiam superar as razões da guerra. Por mais que a discordância não tenha o impedido de reconhecer a potência do novo aliado, este alertava sobre a necessidade de colocar os deveres militares acima de desejos particulares. Afinal, a exagerada glorificação e encorajamento de um novo regime democrático na Rússia havia impedido que a Entente cobrasse o Governo Provisório sobre sua atuação no confronto, atitude que teria, pelo menos em parte, poupado ambas as partes de sérios danos.

A culpabilização dos regimes democráticos da Entente é um tema recorrente nas publicações deste mês de *L’Idea Nazionale*. Em um artigo assinada por Pio Mari no dia 13 de setembro, “I precedenti del conflitto”, o nacionalista italiano reafirmou as ideias apresentadas por Corradini, mostrando um abismo entre os esforços materiais e ideológicos desempenhados dentro da Rússia pelos alemães e pelos aliados. Enquanto os primeiros teriam investido milhões em espiões e agitadores, capazes de se infiltrar para semear anarquia e deserção, os demais pouco fizeram para vencer essa propaganda de distanciamento ou converter os russos à disciplina e à guerra, assistindo de longe sua transição ao “sovietismo” e à paz.

Além de não mediarem a situação, de acordo com artigo de *L’Idea Nazionale* do dia 14, as autoridades da Entente teriam trabalhado para desorientar a opinião pública, influenciando e censurando os respectivos jornais locais para que os mesmos mantivessem os acontecimentos russos sob linguagem otimista e lisonjeira. A ideia era não permitir que o povo ocidental ficasse deprimido pelo verdadeiro estado de dissolução em que a Rússia havia

caído. Assim, até onde puderam controlar, perpetuaram a ilusão preguiçosa de que a Rússia ainda poderia representar um fator ativo na guerra, sem perceber que "só a declaração plena e total da dolorosa verdade teria validado o pedido de novos, maiores e mais duros sacrifícios aos outros povos aliados para compensar a deserção russa" (APRIRE [...], 1917, tradução nossa).

A equipe do periódico nacionalista indica que cartas contendo uma descrição detalhada da angustiante condição de desintegração anárquica de toda ordem militar, política e civil, estariam sendo produzidas por correspondêntes em território russo desde maio, sem qualquer divulgação. Para a ANI, a decisão dos Estados aliados, que não viria sem custos para suas populações, foi tomada para que não se pudesse destruir a lenda democrática estabelecida sobre a Revolução Russa.

O grave erro destes, portanto, teria sido permitir que um princípio transcendesse a guerra. Apegando-se a antigos pressupostos das relações internacionais, construídos em tempos de paz e inadequados para o contexto de um confronto total, julgaram que era melhor fazer causa comum com a democracia do que exigir o comprometimento russo. Para os nacionalistas italianos, no momento em que um dos elementos da aliança começou a mostrar-se militarmente problemático e ineficiente, o mesmo deveria ter sido isolado do restante da Entente. Essa estratégia não só teria evitado que os efeitos da desgraça e da anarquia russa se espalhassem para as demais nações, como também pressionaria a Rússia a se reestruturar, movida pelo desejo de reconquistar sua posição no acordo, que lhe fornecia proteção externa.

A atitude, contudo, era inerente ao que Corradini define, em "Sotto il fuoco e il ferro", como o "otimismo insondável" e a "imensurável arrogância de proselitismo", típicos do regime democrático. O que deveria levantar questionamentos ao próprio funcionamento das democracias ocidentais, sendo que "estas na nossa época atingiram o nível de desenvolvimento para tornar o regime democrático falso, corrupto e pernicioso como qualquer outro regime nos seus piores dias" (CORRADINI, 1917f, tradução nossa).

A grande questão é que os defensores de tal regime teriam se afundado na ilusão de que "o princípio da autoridade, ou soberania, pode descer até as camadas sociais mais baixas" (Ibid., tradução nossa). Era impossível, para o nacionalista italiano, que este fosse bem aproveitado nos estratos inferiores, uma vez que as massas não teriam a consciência da própria responsabilidade, ou mesmo a plena capacidade de discernir e decidir. O poder reside

na nação, mas deveria ser exercido do topo, pelas classes superiores, dotadas de prerrogativas fundamentais para utilizá-lo sem enlouquecer. Seguindo aquilo que sempre foi, “precisamente pela burguesia produtiva, em todos os tempos e entre todos os povos, nos bons períodos democráticos” (Ibid., tradução nossa).

Na Rússia, além de terem desejado tomar o poder das mãos das figuras preparadas do Governo Provisório, os membros dos Sovietes estariam querendo fazê-lo sem assumir qualquer compromisso com a nação e seus aliados internacionais. Para Alfredo Rocco, como afirmado no dia 13 de setembro no artigo “Lo sfacelo della rivoluzione russa: attesa”, nada salvaria a democracia russa se estes, desafiadores de uma ordem natural e dotados de uma autoridade completamente irresponsável, não fossem impedidos de concretizar seus planos.

Ao invés de desaparecer, como o previsto no mês anterior pelos nacionalistas italianos, os Sovietes haviam se fortificado em cima das fraquezas de Kerensky. Para além dos discursos, o mesmo teria provado na prática que não era digno da posição e confiança que lhe foram entregues, visto que preferiu se ater a cada parte do seu antigo programa de esquerda, ao se adaptar às necessidades da nação. Portanto, se o líder russo tinha antes sido exaltado pela ANI, agora era descrito como um simples instrumento nas mãos dos membros dos Sovietes, aquele que tanto não soube reverter a situação da nação, que acabou precipitando a catástrofe final.

Contudo, para Rocco, a Rússia não estaria desamparada. Um novo homem, o general Lavr Georgievich Kornilov, trabalhava avidamente para estabelecer a ordem política interna e nas frentes. Confrontando Kerensky diretamente, Kornilov estava disposto a adotar meios energéticos, propondo uma ditadura provisória, a ser exercida em colaboração das autoridades civis e militares, a qual poderia ser implementada sem prejudicar a posição e as prerrogativas do Governo Provisório.

O desacordo entre as duas figuras foi descrito como tempestuoso, transformando-se em um “sério conflito de princípios e programas políticos”, que logo assumiria formas coletivas. Com a resistência de Kerensky, o general apelava aos demais ministros, apresentando-lhes uma análise dos erros que haviam assolado a Rússia desde a Revolução de Fevereiro, acompanhada de uma série de possíveis soluções para reverter tal cenário, incluindo a limitação dos poderes do Soviete e da sua participação nas responsabilidades do governo.

A ação, entretanto, teria antes a intenção de enviar um ultimato, do que de convencimento do Governo Provisório, tendo este já assegurado o apoio do exército e de alguns partidos políticos. Ainda no dia 13 de setembro, o artigo "I precedenti del conflitto", de autoria de Pio Mari, trata da marcha do general e seus soldados sobre Petrogrado com certo ceticismo. A ideia era que um país paralisado, incapaz de comparecer na guerra que já estava envolvido, não conseguiria fazer uma guerra civil. Especialmente porque

> Seja como for, não devemos esquecer que estamos na Rússia, isto é, no Oriente, isto é, no país na grande cenografia vazia de conteúdo. Ora, se às influências gerais do ambiente e da mentalidade oriental somarmos o estado de decomposição em que caiu o exército russo, a bestialidade egoísta que grassa em todas as camadas da população, não seria surpreendente se a ameaça de tragédia terminasse em uma farsa, com abraços gerais e uma conciliação geral (MARI, 1917a, tradução nossa).

Segundo Sheila Fitzpatrick (2008), Kornilov foi autor de uma investida militar, motivado pela crença de que somente uma autoridade fortemente disciplinada poderia salvar a Rússia da anarquia crescente, exacerbada pela Revolução e pela pressão das forças bolcheviques. Em 25 de agosto, sob ordem do general, tropas marcharam em direção a Petrogrado, onde estava sediado o Governo Provisório, com o objetivo de tomar o controle e reprimir os Sovietes. No entanto, a reação ao golpe foi imediata e multifacetada, contando com a mobilização dos trabalhadores e soldados da cidade.

Recebendo informações desordenadas e percebendo a situação exponencialmente caótica na Rússia, os nacionalistas italianos não nutriam mais esperanças de uma reorganização das forças combatentes, como revelado na publicação anônima do dia 21 de setembro, "L'impresa di Korniloff e l'attuale situazione russa". Contudo, não atribuem a culpa ao empreendimento do general russo. Na realidade, acreditavam que a responsabilidade de Kornilov era muito menor do que as agências nacionais estariam sugerindo, uma vez que não apenas o estado de anarquia pré-existia sua tentativa de golpe, mas poderia-se dizer que foi a sua causa determinante.

Inclusive o militar era abordado em tom elogioso, sempre em comparação a Kerensky e os demais líderes do Governo Provisório, tidos agora como homens medíocres e de coragem puramente verbal. Mesmo com a tentativa fracassando diante dos olhos internacionais, Kornilov era o homem que verdadeiramente agiu diante do problema russo, ideia apresentada em "La verità sul piano di Korniloff: il generalissimo fu sacrificato al Soviet", de autoria de Pio Mari no dia 27 do mesmo mês.

Fiel às suas palavras de ordem, o general não teria tolerado a inércia do Governo Provisório em um momento em que suas horas pareciam contadas, com ofensivas se combinando de todos os lados. O grupo leninista, cada vez mais forte e organizado, elaborava novas maneiras de atacá-lo, enquanto as correntes reacionárias, encorajadas pelo constrangimento em que os ministros da Duma se encontravam, voltavam a conspirar abertamente. Portanto, a ação de Kornilov não poderia ser interpretada como uma ambição vulgar, mas antes como "natural e necessária". Se não tivesse agido, outro teria feito em seu lugar. Ao contrário da interpretação divulgada por algumas autoridades da Entente, para Pio Mari o mesmo "tentou desde o primeiro momento recorrer ao bem. Dar lições de moral patriótica às tropas, distribuir panfletos, apelar à causa da Pátria"(MARI, 1917c, tradução nossa).

Reafirmando sua autoridade mediante o embate, o Governo Provisório teria redigido um manifesto proclamando o Estado republicano na Rússia, sob a presidência de Kerensky. Para os membros da ANI, como revelado em artigo anônimo no dia 18 de setembro, "La proclamazione della Repubblica", o avanço nessa direção já era esperado desde a Revolução de Fevereiro, ainda que estes previssem que o passo fosse tomado apenas alguns meses mais tarde, após a reunião da Assembleia Constituinte. Apesar de representar um caminho em direção à estruturação política do país, o nascimento precoce da República russa poderia ter efeitos na direção oposta, dado seu potencial em ressuscitar atritos com os homens dos Sovietes.

Todavia, o desacordo pressentido pelos nacionalistas italianos não se referia à proclamação do novo Estado republicano, ato compreendido por todas as correntes com influência imediata no curso da política russa, mas ao caráter e o método de organização que este deveria assumir. O primeiro ponto de disputa acrescida ao dualismo revolucionário compreendia o princípio da autoridade. Considerado como a espinha dorsal do organismo estatal proposto pelos ministros do Governo Provisório, este era rejeitado no projeto socialista, tendo em vista que "os maximalistas querem uma república anarquista; enquanto os outros querem uma república de liberdade" (Ibid., tradução nossa).

Ao final dos mês de setembro, no dia 27, o artigo "La verità sul piano di Korniloff: il generalissimo fu sacrificato al Soviet", também de autoria de Pio Mari, mostrou a convicção do autor nacionalista de que esta situação da nova República não poderia durar muito. Sendo demasiadamente profundo o conflito entre a mentalidade e o programa do

Governo Provisório e os partidos que o apoiavam junto ao Soviete, era imperativo haver um vencedor e um perdedor. Diariamente, os fatos mostravam que as esperanças de um compromisso das partes eram absurdas. Para Mari, a questão só se resolveria quando um dos dois corações russos sucumbisse.

Diante desse postulado, a equipe de *L'Idea Nazionale* já havia avisado, no dia 22 de setembro, que "governos tímidos e classes dominantes fracas romperam-se" (L'ACCORDO [...], 1917, tradução nossa). Naquele momento, reagir energicamente contra os socialistas não era uma questão de vencer uma batalha ideológica, mas de defender o Estado e suas propriedades, além de ser a única maneira de resolver a caótica situação sem danos à Rússia e aos seus aliados.

Por mais que a ideia de suprimir parte das forças sociais pudesse parecer contraproducente diante da proclamação da República na Rússia, os nacionalistas italianos buscaram legitimar a ação apresentando o conceito de regime de liberdade enquanto um contrato entre povo e Estado, ambos submetidos a cumpri-lo. Nesta perspectiva, se o povo estivesse fazendo bom uso da sua liberdade e o Estado a diminuísse, esta seria uma reação deliberadamente adversa ao seu pacto. Porém, se o povo não o respeitasse, fazendo mau uso e abusando da sua liberdade, suspendê-la não seria uma reação, mas a proteção da nação. Especialmente em um momento como o que viviam,

> Dado que o Estado em guerra está colocado entre o perigo de perder a própria vida, o perigo supremo, e o objetivo de alcançar a vitória, o objetivo supremo, ele tem, em grau máximo, o direito, e em grau máximo, o dever para consigo mesmo e para com ele. para com a nação, para prevenir com o máximo rigor qualquer abuso da liberdade que possa aumentar o perigo e prejudicar o objetivo (Ibid., tradução nossa).

Os abusos dos socialistas eram graves e constantes, como denunciado no dia 26 de setembro, em texto assinado por Pio Mari, "Il bilancio della situazione della Kerensky". Fortalecidos por correntes menores, estes teriam adquirido uma capacidade de atividade política e social sem precedentes na história russa. Com grande acúmulo de capital, podiam se permitir pagar uma suposta legião de jornalistas, palestrantes, propagandistas e agentes políticos. Jornais, panfletos e folhetos estariam inundando o país diariamente, espalhando-se sobre o exército e as linhas de defesa russas, contendo uma série de mentiras e falsificações.

Em contraste com a definição que apresentavam ao início de 1917, os nacionalistas italianos deixaram de tratar os grupos leninistas como desorientados, passando a vê-los como aqueles que, embora tivessem conhecimento da realidade, optavam por rejeitá-la

por motivações políticas. Na ignorância, estaria apenas o povo, sofrendo com a influência destes que lhe negavam a pátria, a guerra e a Entente. A ideia foi apresentada no dia 30 de setembro, em mais um texto de Pio Mari, no qual revela que para muitos russos "não existe guerra mundial, não existe questão europeia, não existe nenhum complexo de problemas sociais e políticos, mas existe exclusivamente uma competição entre o governo provisório, que representa as tendências burguesas, e as correntes maximalistas" (MARI, 1917b, tradução nossa).

O cenário, nacional e internacional, era descrito às massas com uma simplicidade e superficialidade inteiramente calculadas. A alternativa, proposta pelo nacionalista, diante do baixo esforço do Governo Provisório para instruir a sua população e reverter os efeitos do controle leninista sobre a mesma, era que os diplomatas da Entente saíssem do fechado e árido jardim dos protocolos e estabelecessem maior contato com os movimentos populares. Era hora da diplomacia dos países aliados se adaptar às novas condições da Rússia, estabelecendo contato direto com os dirigentes dos partidos, visto que estes eram capazes de influenciar e representar as vontades sociais, tarefa para a qual o governo russo já não se mostrava mais suficiente.

A principal preocupação apresentada era que os governos da Inglaterra, França e, sobretudo, da Itália, colocassem à frente de seus programas a noção, esquecida com demasiada facilidade, de que, em tempos de guerra, erros poderiam custar rios de sangue e significar um enorme desperdício de riquezas. Os custos do comportamento permissivo da Entente viria para todos, mesmo depois do cessar do conflito. Dessa forma, se preocupar com a situação russa não era apenas uma forma de defender os soldados em batalha, mas de zelar pela Europa no seu pós-guerra.

Portanto, o mês de outubro é marcado pela ideia de que os crimes socialistas tentados contra o Estado russo estariam se espalhando por todo o continente, podendo proporcionar, pelo poder de propaganda que possuíam, um "amanhã pior que hoje". Logo no primeiro dia do mês, *L'Idea Nazionale* publica o texto "Inazione", criticando o próprio governo italiano, supostamente incapaz de "formar uma consciência adequada das responsabilidades que pesam sobre a Itália e o seu futuro" (INAZIONE, 1917, tradução nossa).

Os socialistas estariam aproveitando todas as oportunidades para criticar não apenas a guerra, mas também aqueles que lutavam por sua vitória. Difamando o esforço

bélico, buscavam enfraquecer o conflito, ao passo que pavimentavam o caminho para um futuro mais favorável no pós-guerra. O nefasto plano, apesar de ter seu centro de operações na Rússia, emanava para as antigas e novas forças, mais ou menos envolvidas no conflito, aproveitando da atrofiação dos sistemas de defesa interna dos demais países, preocupados somente com as nítidas batalhas externas. Assim, enquanto o barulho internacional chamava a atenção dos governos da Entente, de forma silenciosa, e às vezes sob figuras ocultas, o discurso leninista envenenaria nações.

Era o momento dos italianos avaliarem o problema russo com base nas consequências imediatas e remotas que este traria ao seu país. Nenhuma ameaça poderia ser desconsiderada pelo governo, que, pelo contrário, deveria unir todas as energias da nação no objetivo de eliminar os falsos rumores que circulavam entre as massas. Em "Un problema di governo", artigo de L'Idea Nazionale do dia 10 de outubro, é reforçada a ideia de não se poderia deixar que os socialistas, enquanto inimigos da pátria, ditassem os termos sociais, sobretudo no que dizia respeito ao papel dos industriais.

Mais uma vez se encontrando em um embate com o conceito socialista de nação, os membros da ANI se mostravam atormentados pelo medo de que os italianos herdassem a suposta tendência extremista russa de utilizar de problemas econômicos para fomentar o ódio de classe. Logo, "para que assim não seja, para que não se perpetue esta triste propaganda, que encontra ajuda e cumplicidade cega mesmo fora dos socialistas oficiais, é necessário que o governo não abandone o problema das indústrias" (UN PROBLEMA [...], 1917, tradução nossa).

Era exatamente a desarmonia de classes, considerada pelos nacionalistas italianos como ardente na Rússia, que estaria, naquele momento, impedindo a consolidação da recém-anunciada República. Conforme colocado em "La Conferenza e il Soviet: contro la coalizione", artigo publicado de forma anônima no dia 8 de outubro, os aparentes esforços de Kerensky na construção ministerial do novo regime, passo fundamental para seu desenvolvimento, estariam fracassando por falta de confiança entre os representantes burgueses e do Soviete.

Sempre dividido por essa linha inconciliável, Kerensky teria contado com a consumação de um acordo com os partidos burgueses, garantindo uma base segura ao seu gabinete, ao mesmo tempo que se recusava a libertar-se da sujeição das correntes extremistas. O resultado da tentativa de coligação não poderia ter sido outro senão a deterioração da sua

posição de liderança. De um lado, foi negado por não ter encontrado a energia necessária para escapar do domínio de correntes traiçoeiras, enquanto de outro, não recebeu o apoio integral dos trabalhadores, desconfiados da sua capacidade de fazer valer as vontades e demandas da classe. Como *L'Idea Nazionale* dizia já ter alertado, a Rússia só superaria o cenário caótico que se desenhava, quando alguma das forças que cercavam a política de Kerensky sucumbisse.

1.4 A Revolução sob o comando de Lênin

Objetivando mandar uma clara mensagem para os socialistas italianos, cada vez mais interessados nas propostas dos Sovietes, *L'Idea Nazionale* iniciou o mês de novembro com uma análise passional sobre a situação na Rússia. No terceiro dia do mês, o artigo "Realtà tedesca e russa" relatava que o cenário no país era comovente. As diversas permissões concedidas aos partidos extremistas teriam destruído todo tipo de organização estatal, causando o colapso das indústrias que, por serem a base do desenvolvimento e progresso do país, haviam afundado consigo todo o comércio, relegando o povo ao desemprego e à fome.

Desconsiderando a complexidade do cenário político e econômico de um país em guerra e em meio a uma mudança de regime, os nacionalistas italianos atribuíram a culpa de todos os problemas vivenciados pela população russa a um único grupo de homens. Um grupo cujo perigo era extremo e, exatamente por isso, deveria ser conhecido mundialmente pelos seus horrores, de modo que "nós, que estamos longe da Rússia e somos capazes de julgar com serenidade, não podemos, sem imprudência criminosa ou má-fé criminosa, ignorar as verdades essenciais" (REALTÀ [...], 1917, tradução nossa).

As acusações, além de um alerta, lhes pareciam provas suficientes de que, quando confrontados com a realidade, os princípios socialistas não encontravam qualquer aplicação útil, contribuindo apenas para facilitar o objetivo de uma vitória alemã que escravizaria o continente europeu. Logo, a ilusão pacifista, ao lançar a Rússia à mercê do inimigo, estava prestes a retirar a possibilidade de paz concreta da sua nação e do mundo. Ainda que parte da população, influenciada pelos leninistas, acreditasse que os ideais democráticos conquistados com a revolução poderiam ser preservados por meio de um compromisso precipitado com a Alemanha, estes só poderiam ser salvos com a guerra total e uma paz honrosa.

O declínio da pátria russa não era visto como algo inevitável, pelo contrário, ele

poderia ter sido impedido muito antes de atingir um estado avançado, uma vez que seus sutis sinais já podiam ser percebidos meses antes. Mesmo tendo aplaudido a força revolucionária na sua fase inicial, enquanto esta se mantinha como trabalho de poucas classes dominantes, liberais e progressistas, o jornal teria percebido o perigo no momento em que a mesma se contaminou com elementos obscuros, de demagogia subversiva e anarquismo criminoso. Para a ANI, como colocado no dia 6 de novembro em "La Russia e noi", tê-los apontado desde o princípio havia sido sua grande contribuição para a manutenção da guerra e proteção da aliança da Entente. Assim,

> Fizemos tudo para alertar o povo e o governo. Sempre fizemos tudo o que pudemos para que as pessoas compreendessem e sentissem que a guerra, e especialmente a nossa guerra moderna de grandes exércitos nacionais, não pode ser travada exceto por nações e exércitos em perfeita saúde moral. Sempre fizemos tudo o que pudemos para manter os olhos bem abertos sobre todos os perigos, elementos e correntes de corrupção, tanto no exterior como no país, contra os quais sempre pedimos uma ação governamental alerta e resoluta (LA RUSSIA [...], 1917a, tradução nossa).

Na madrugada do dia 6 para 7 de novembro, dias 24 e 25 de outubro pelo calendário juliano, os bolcheviques iniciaram a execução do seu plano revolucionário na Rússia. Para Orlando Figes (2011, p.474), a denominada Revolução de Outubro não foi um evento espontâneo, mas sim o resultado de uma série de ações meticulosamente planejadas por estes, sob a liderança de Lênin e Trotsky. Tomando forma menos como um levante espontâneo das massas, e mais como um golpe estratégico conduzido por uma minoria bem organizada que aproveitou a fragilidade do Governo Provisório.

Em contraponto, Leon Trotsky (2017b, p.109), explicita o papel das massas revolucionárias organizadas, apontando que o ponto de partida do levante popular como a fundação do Comitê Militar Revolucionário, um órgão criado, semanas antes, dentro do próprio Soviete de Petrogrado. Sua atuação se deu como um centro de comando, coordenando soldados, marinheiros e a Guarda Vermelha, alguns já sob influência bolchevique desde fevereiro. Este se mostrou essencial para o controle das forças armadas e das comunicações, sendo aquele que mobilizou, na fatídica noite, as forças que assumiram o controle da capital russa. A estratégia, a começar com a ocupação das estações de trem, correios, telégrafos e bancos, garantiu o domínio logístico e o isolamento do, então, antigo governo.

Para Trotsky (2017b, p.311), o planejamento detalhado, juntamente da falta de resistência, foram as garantias do sucesso inicial da ação bolchevique. Graças ao Comitê Militar Revolucionário, estes puderam organizar uma tarefa conjunta, confiando à Guarda

Vermelha o controle da circulação de tropas leais ao Governo Provisório, e aos marinheiros de Kronstadt o cercamento da capital e proteção dos revolucionários. O resultado foi a tomada do Palácio de Inverno, momento culminante da revolução e simbólico da troca de poder.

A transferência de comando foi anunciada por Lênin no II Congresso dos Sovietes, e, em poucos dias, decretos fundamentais começaram a ser emitidos. O episódio, de acordo com Figes (2011, p.449), foi notável não apenas pela sua organização, mas também pela velocidade. Em questão de dias, o Governo Provisório deixou de existir, e a Rússia entrou em uma nova fase, sob o domínio bolchevique.

Integralmente atentos ao desenrolar dos eventos russos, os nacionalistas italianos se viram anunciando, pela primeira vez, o real triunfo de Lênin. No dia 10 de novembro, o artigo anônimo "Il trionfo del leninismo in Russia: il proclama del Congresso generale dei Soviets" trazia informações sobre as reviravoltas no cenário político russo, posteriormente denominadas como Revolução de Outubro. Da forma como colocaram, o Congresso Geral dos Sovietes de toda a Rússia havia sido inaugurado com a eleição de 40 maximalistas, os novos "donos da cidade".

A ação culminara na deposição de Kerensky, um desfecho carregado de uma ironia particular para os nacionalistas italianos. Afinal, o mesmo teria tido a oportunidade de esmagar o "veneno do Soviete" com a ajuda de Kornilov, mas, em um esforço para salvar-se da fúria popular, sacrificou o plano do general em prol dos inimigos da Rússia. A grande questão era que os socialistas, ao tomarem o poder, foram informados de que ambos os líderes russos haviam, em um momento anterior, estabelecido as bases para um acordo, o que colocava Kerensky, aos olhos destes, como cúmplice de um movimento contra a liberdade. Assim, ao trair seu aliado, o ministro acabou abrindo caminho para sua própria queda.

A derrubada de Kerensky, ainda que ele próprio tivesse a facilitado, indicava aos membros da ANI uma intervenção germânica, conquistada através de promessas de paz. Por completo, a revolução lhes era clara e abertamente alemã, meditada e criada no ambiente ambíguo do Comitê Executivo dos Operários e Soldados, suposto refúgio de loucos criminosos e agentes provocadores, para explodir justamente quando a Entente estava sobrecarregada nas planícies italianas. Portanto, em um único movimento, "o maximalismo hoje trai a Rússia e atropela a honra do país" (IL TRIONFO [...], 1917, tradução nossa).

Como um dos primeiros atos dos revolucionários teria sido a apreensão da Agência Telegráfica Russa, colocando-os em controle direto de todas as informações que

saiam do país, *L'Idea Nazionale* advertia sobre a necessidade de cautela, já que as notícias recebidas poderiam ser exageradas e tendenciosas. No entanto, o periódico também alertava que, se o Governo Provisório não tinha sido capaz de proteger um órgão estatal tão crucial, era pouco provável que a situação relatada pelos telegramas recebidos na Itália estivesse longe da realidade.

A ocupação, apesar de indicar um cenário dramático e talvez irreversível, não causava surpresa, uma vez que era o desdobramento lógico da falta de ação de um governo que, por muito tempo, subestimou a ameaça socialista, ignorando apelos, como os feitos pela própria Associação Nacionalista Italiana. Quando este finalmente reconheceu o perigo, se viu diante de massas conquistadas pelas figuras de ideologia extremista, não tendo coragem de adotar qualquer medida efetiva contra Lênin ou seus aliados próximos. O episódio, contudo, deveria entrar para a história como um exemplo, uma lição que esperavam ensinar, de uma vez por todas, "aos italianos a necessidade de um Estado forte, de uma política firme e de sufocar os inimigos onde quer que estejam: em ambos os lados das trincheiras" (Ibid., tradução nossa).

Na visão dos nacionalistas italianos, o que o público europeu não poderia, como afirmado anonimamente no dia 11 de novembro em "Un colpo di mano", era se deixar levar por qualquer discurso que identificasse um ponto estável de reorganização e revigoramento do Estado russo. Ainda que o golpe revolucionário tivesse solucionado o problema do dualismo governamental no país, o processo extinguiu qualquer força saudável que ainda resistia no país. O socialismo havia destruído a nação, e, junto a ela, a guerra russa. Era hora da Itália, França, Inglaterra e América renunciarem oficialmente à aliança, empenhando-se apenas umas nas outras. Para a Rússia, deveria apenas restar a miséria do inimigo.

Por mais que acreditassem que o movimento fosse vontade de uma minoria moralmente corrompida e tirânica, os nacionalistas italianos diziam ter consciência de que toda a população, devido a sua inércia, compartilhava da responsabilidade por tal desfecho catastrófico. Os milhões de russos eram igualmente culpados por permitirem que a sua tradição combatente e seus anos de luta fossem apagados com imensa facilidade. Em um momento crítico, viravam as costas para todos os povos e soldados que haviam se sacrificado por três anos para proteger suas casas e não ceder um centímetro de terra ao invasor. Assim, "interrompem trabalho heróico de três séculos de história, isolam-se do mar, são rechaçados

para a Ásia, brutalizam-se no seu isolamento selvagem" (UN COLPO [...], 1917, tradução nossa).

No dia seguinte, um novo artigo anônimo de *L'Idea Nazionale*, "Kerensky marcia su Pietrogrado", reforçava que a resistência oferecida ao golpe havia sido quase nula, visto que os poucos homens que podiam comandá-la, haviam fugido covardemente. Entre eles, estava Kerensky, que aos primeiros sinais de enfrentamento, deixara a cidade escondido na traseira de um carro. O maior enfrentamento aos maximalistas, inesperadamente, teria vindo dos próprios socialistas, com a fração democrática abandonando a sala do Congresso do Soviete ao recusar qualquer solidariedade com os primeiros.

A visível ausência de oposição ao regime leninista confirmava a tese da ANI, elaborada durante o mês de dezembro, de que as investidas socialistas não representavam uma ruptura, mas um processo contínuo, uma mesma e trágica história de revolução, dividida em três atos. Como Enrico Corradini apontou no dia 3 deste mês, em "I buoni maestri fanno i buoni discepoli", desde fevereiro, a nação russa havia transitado de seu período burguês-liberal, liderado por Pavel Miliukov, para o socialista com Alexander Kerensky, até atingir seu último estágio, descrito como 'humanitário-criminoso-anarquista', sob o comando de Lênin.

Em cada momento, o espírito revolucionário havia sido incorporado pelas autoridades de uma forma diferente. Primeiro, Miliukov e seus companheiros queriam transformá-lo em algo concreto, digno de uma verdadeira revolução. No entanto, apesar de deterem um claro plano de reconstrução nacional e a aparente capacidade de colocá-lo em prática, falharam ao combinar as várias ferramentas à sua disposição. Em seguida, Kerensky se mostrou como um grande campeão revolucionário, pretendendo elevar o espírito que se afundava, salvando-o com o discurso patriótico. Porém, as palavras eram só o que o mesmo tinha, sendo apenas um orador, muito fraco em ação. Por fim, este se esvaia nas mãos de Lênin e seus companheiros, aqueles destruidores francos que

> Trazem seu triunfo sobre a união das ideologias mais loucas dos céus mais sublimes do ideal com o crime, a sujeira e toda espécie de mania subversiva e destrutiva dos elementos sociais mais baixos: a união da quintessência da civilização com a quintessência da bestialidade (CORRADINI, 1917b, tradução nossa).

Em todos os regimes, independente da forma que assumiram, a degeneração dos grupos leninistas sempre teriam encontrado formas de, infiltrada, corrompê-los em seus princípios mais fundamentais. Para Corradini, o que se denominou como democracia na

Rússia não foi guiado pelo espírito democrático ou pela livre ascensão dos valores ao poder, mas pela negação absoluta da necessidade de organização destes, sob qualquer ordem. Da mesma forma, as doutrinas liberais não haviam sido estabelecidas com base no reconhecimento de uma liberdade consciente e responsável dos cidadãos, como deveria, e sim num progressivo despojamento do Estado em todas as suas prerrogativas, em uma abdicação contínua ao exercício do princípio da autoridade. Já ao socialismo, esvaziado de sua organização técnica, isto é, do proletariado e da luta de classes, restava o subversivismo, tomado pelo espírito maligno da destruição demagógica.

De modo geral, as construções ideológicas e políticas na Rússia revolucionária haviam se caracterizado mais pelo uso de rótulos do que por uma base sólida de teorias e práticas substanciais. O socialismo, o liberalismo e a democracia jamais poderiam ter alcançado seus reais propósitos ou cumprido o papel para o qual eram originalmente destinados, tendo em vista que a mesma mentalidade os teria comandado. Nela, ao invés de três condições internas, estes foram entendidos como três meios externos e hostis de corrosão progressiva e de subversão do regime, do governo, do Estado. Para o nacionalista italiano, se tratava de uma "tragédia ridícula, ou a farsa trágica oriental, pingando tanto sangue, incluindo o nosso, da civilização política ocidental, como doutrina de indivíduos e de partidos e, o que é pior, como uma prática do Estado" (Ibid., tradução nossa).

A busca pela paz separada não passava do prelúdio para a verdadeira e completa efetivação da traição leninista, comprovando a suspeita, que já teria se instaurado nos círculos políticos italianos, de que não se poderia confiar no "lado oriental dos Aliados". Como afirmado no texto anônimo "Il tradimento leninista e gli Alleati", publicado no dia 4 de dezembro, a opinião majoritária nesse meio era de que a deserção russa da aliança não poderia ser vista de outra forma senão como um fato consumado. Ainda que fosse possível substituir o governo maximalista por outro menos leal à causa alemã, a realidade da situação dificilmente seria alterada, uma vez que a nação não era capaz de recuperar a mínima força moral ou material para retomar sua participação na luta anti-germanica.

Por mais que o trágico destino da Rússia tivesse sido traçado por uma minoria, as massas, apesar de sua superioridade numérica, eram inoperantes e desprovidas de valor prático. Estas, desorganizadas e incapazes de agir como um grupo coeso, careciam de uma vontade única ou de um critério comum para discernir e julgar as necessidades prioritárias. Assim, sua força potencial dissolvia-se em um conjunto de indivíduos isolados, incapazes de

exercer influência efetiva sobre os rumos do país. Na realidade, “não existe mais nada na Rússia, nem maioria nem minoria, mas que tudo é vítima da mais delirante anarquia. Cada indivíduo é dono do outro, da existência, da propriedade, da casa do outro” (IL TRADIMENTO [...], 1917, tradução nossa).

O mesmo teria acontecido no exército russo, no qual a hierarquia e ordem haviam sido substituídas pela brutalidade e imposição arbitrária de vontades. Para os nacionalistas italianos, como apresentado anonimamente em *L’Idea Nazionale* no dia 18 de dezembro, era esperado que, atuando em total descontrole, a deserção dos soldados fosse marcada por conflitos sangrentos. A única preocupação do novo governo, contudo, ao declarar a suspensão imediata dos trabalhos de defesa e engenharia militar, seria sufocar qualquer possível movimento interno. Enquanto o plano leninista de paz acelerada era satisfeito, as tropas encontravam sérias dificuldades na sua retirada, tendo que atravessar as regiões mais hostis ao governo maximalista.

Após a Revolução de Outubro, os bolcheviques, liderados por Lênin, assumiram o poder na Rússia com o compromisso de retirar o país da guerra. A continuação do conflito era insustentável para o novo governo, já que o exército estava desorganizado, a economia em colapso e o apoio popular à guerra havia praticamente desaparecido. Lênin argumentava, segundo Stephen Smith (2017), que a sobrevivência do regime bolchevique dependia da retirada imediata do conflito, mesmo que isso implicasse concessões territoriais e políticas significativas.

Assim, as negociações de paz começaram em dezembro de 1917, em Brest-Litovsk, uma cidade sob controle alemão. Para Smith (2017), Trotsky, representando os bolcheviques, adotou inicialmente uma estratégia de procrastinação, tentando ganhar tempo na esperança de que uma revolução socialista irrompesse na Alemanha e em outros países europeus, minando os objetivos dos Poderes Centrais. No entanto, essa estratégia falhou, e os alemães intensificaram suas exigências, ameaçando avançar ainda mais militarmente.

O tratado resultante foi altamente oneroso para a Rússia. Esta perdeu vastas áreas de território, incluindo a Ucrânia, a Bielorrússia, a Polônia e as repúblicas bálticas (Letônia, Estônia e Lituânia), que se tornaram estados sob controle ou influência alemã. No total, segundo cálculos de Orlando Figes (2011, p. 669), a Rússia cedeu cerca de um terço de sua população, metade de suas indústrias e minas de carvão. Além disso, foi obrigada a pagar uma

pesada indenização. Para Lênin, porém, essas perdas eram aceitáveis, já que acreditava que uma revolução socialista global eventualmente anularia os termos do tratado.

A grande questão é que, ao menos para Corradini, Lênin havia se tornado uma imensidão na Europa, tal qual a Primeira Guerra Mundial, como apontado por este em *L'Idea Nazionale* ao final de dezembro, na publicação do dia 27, "L'immenso Lenin". Por um lado, a guerra tinha atingido seu auge, afetando ou mobilizando diretamente diversos povos e nações, ainda carecendo de lideranças à sua altura, por outro, Lênin, apesar de limitado à Rússia, tinha a imagem da grandeza atribuída a si. Assim, a força ocidental estava toda na sua organização, enquanto a de Lênin repousava em seu nome.

Para o nacionalista italiano, era muito provável que, em sua realidade pessoal, Vladmir Lênin estivesse abaixo do que se fazia na realidade universal, ou seja, aquém da grandiosidade que sua lenda sugeria. No entanto, sua habilidade em reunir homens e movimentar massas teria lhe garantido um lugar de destaque entre seus pares. Na prática, "são imensas as formações humanas, sociais e políticas que foram chefiadas por ele e que nele assumiram a carne e a máscara de um indivíduo humano" (CORRADINI, 1917e, tradução nossa). Ele era o ponto de encontro de imensas correntes e fanatismos nacionais e internacionais, que haviam movimentado multidões desde o início do século, o internacionalismo, o antimilitarismo, o humanitarismo e o romantismo otimista.

Seu poder de destruição era forjado na literatura, o que o colocava como ameaça maior do que toda a força militar alemã. No máximo, esta destruiria fortalezas e cidades, enquanto Lênin, "talvez um homem pequeno que domina toda a tragédia mundial" (Ibid., tradução nossa), conseguia atirar ao nada uma antiga aliança entre potências mundiais, junto de um povo formado de cento e setenta milhões de homens. Sua maior perversidade, entretanto, não estava no fato de trabalhar arduamente para demolir a sua própria nação, mas de fazê-lo sob o pretexto de trazer paz à humanidade.

Corradini alertava para que os italianos não se deixassem enganar. Efetivamente, Lenin, "este pregador do amor universal, este defensor da bondade universal, este executor da justiça universal, é alguém obcecado pelo ódio e semeador de ódio contra o particular e o próximo, é uma pessoa má e um fomentador da maldade contra o indivíduo e o vizinho" (Ibid., tradução nossa). Desde o princípio não passaria de um instigador de injustiças, tendo corrompido, inclusive, o coração de parte da população mais vulnerável da Itália. A única

medida possível seria destruí-lo, antes que ele fizesse com o mundo o que pôde fazer na Rússia.

Era dever do governo italiano, de acordo com os nacionalistas italianos, bem como dos demais países da Entente, não tratar a questão russa como uma desorganização ou impotência, mas como uma vontade negativa. Os tratados com a Alemanha já haviam começado e, de acordo com a publicação do dia 29 de dezembro, "La Russia e la guerra dell'Intensa", agir contra os envolvidos na traição era uma dívida que os mesmos tinham com as suas populações e os sacrifícios colossais destas com a guerra.

Apesar dos governos da Entente terem demorado a entender a realidade da situação, um artigo de Pio Mari divulgado por *L'Idea Nazionale* no dia anterior, "Le risorse materiali", afirmava que estes não teriam sido os únicos. Para a ANI, as potências centrais também não compreendiam a dimensão da destruição do país com o qual buscavam aliança. O simples fato de terem pensado que obteriam vantagens econômicas por meio desta, mostrava como estavam, de certo, desatualizados sobre a baixa disponibilidade de cereais, principal produto do país, dado a semeadura escassa e processamento negligenciado. Bem como das condições desastrosas dos serviços de transporte, os quais ainda necessitariam de meses de reparos para voltarem a ser utilizados.

Janeiro de 1918 se inicia com os nacionalistas italianos ampliando suas perspectivas acerca do acordo de paz separada que tomava forma em Brest-Litovsk. A ideia, apresentada no dia 2 deste mês, no artigo anônimo "La Russia smembrata", era que a Alemanha teria criado uma vantagem sobre a Rússia, lhe permitindo ditar os termos da negociação. A estratégia, estabelecida através da manipulação de narrativas, colocava o desmembramento russo como uma expressão da vontade popular. Mirando em territórios como a Polônia, a Lituânia e a Curlândia, os agentes germânicos estariam adentrando as províncias sob domínio russo para organizar assembléias de cunho separatista. Os resultados, artificialmente arranjados, favoreceriam a independência destas com a República da Rússia.

Embora os bolcheviques fossem capazes de reconhecer o cinismo da proposta, estes não poderiam mais reverter a situação, tendo eles próprios arrastado sua nação para essa condição de sujeição. Se as ameaças a integridade do Estado russo fossem efeito da violência alemã, os nacionalistas italianos afirmam que defenderiam a intervenção da Entente, mesmo com o caótico governo, porém, estas eram consequência de uma mania coletiva de suicídio que havia emergido do povo russo.

Independente do jeito que havia se formado, o tratado em andamento deveria ser um ponto de atenção das autoridades ocidentais. De acordo com Armando Hodnig em "Il trionfo di Trotsky", artigo publicado em *L'Idea Nazionale* em 3 de janeiro, este representava um perigo inédito, com a união dos dois maiores inimigos da Europa, a força militar alemã e o socialismo internacional. Mais do que um aliado, a Entente estaria perdendo um importante contrapeso à Monarquia dos Habsburgos, especialmente porque a anexação de territórios do antigo Império czarista à confederação germânica, isolaria a Rússia de qualquer contato com o Ocidente.

O plano do governo alemão, portanto, não tinha o território russo como objetivo final, mas como meio para alcançar o restante das potências europeias. Para Hodnig, as regiões, conquistadas às custas da redução russa, dariam origem a novos estados, moldados inteiramente segundo os interesses expansionistas da Alemanha. Estes seriam peças políticas e econômicas fundamentais em tempos de paz, e armas poderosas em tempos de guerra. Assim, se tornava inegável "para todos os homens de bom senso, que os princípios que deram impulso aos movimentos sociais e nacionais da Rússia revolucionária são da escola alemã: a formulação dos problemas é alemã, certos exageros singulares são alemães" (HODNIG, 1918, tradução nossa).

No dia 5 de janeiro, uma declaração de Trotsky em nome do governo vira alvo de preocupações entre os nacionalistas italianos, descritas no artigo "Parole russo contro la pace tedesca: Trotsky parla al Soviet". Dirigida aos povos alemães e austro-húngaros, a mesma lhes servia como um alerta de que os governos da Entente não permitiriam a subjugação da Rússia ou de qualquer província sob seu domínio, estando prontos para intervir em defesa da Revolução Russa. O espanto, contudo, veio dos próprios aliados.

De acordo com *L'Idea Nazionale*, não se poderia ler o pronunciamento "sem piedade", visto que este era a prova nítida de que os maximalistas desconheciam o estado em que tinham lançado a Rússia. Especificamente, da impotência a que haviam a condenado e da desintegração que provocaram no seu organismo nacional e na sua história. Em uma triste piada, o mesmo governo que teria traído a aliança agora buscava nela um álibi moral para se proteger do imperialismo que havia abraçado. Construída, ao mesmo tempo, com um pouco de boa-fé e um pouco de má-fé, "uma comédia pode ser útil ao governo maximalista para se manter no poder, mas que não tem qualquer utilidade para nós e não significa nada" (PAROLE, 1918, tradução nossa).

A esperança de poder recorrer aos antigos aliados parecia absurda, tendo que estes haviam recém formalizado o não reconhecimento ao governo leninista, considerando os nomes que o compunham como instrumentos do inimigo. A ironia também estaria no fato de que Trotsky colocava como se liberdade da Rússia e das províncias pudesse ser preservada com uma ação dos exércitos ocidentais, sendo que

> Esta Polônia, esta Curlândia e esta Lituânia estão nas mãos dos alemães: os alemães controlam os portos, controlam as fortalezas, controlam as linhas fluviais. E isso não basta, porque os alemães realizam os seus exercícios militares nas praças de Petrogrado, a dez passos do edifício onde o Soviete realiza as suas reuniões (Ibid., tradução nossa).

Para Roberto Forges Davanzati, como anunciado no dia 6 de janeiro, o discurso de Trotsky se tratava apenas disso, de palavras proclamadas sem qualquer valor no seu conteúdo. Os maximalistas tinham destruído o pequeno exército que havia sobrado para defender a Rússia, o que demonstrava uma baixíssima preocupação com a preservação das suas províncias. As falsas ameaças não eram mais do que uma tentativa de impedir que estas lhe impusessem uma renúncia aberta, o que, por sua vez, poderia desencadear uma reação popular.

No dia 8, Davanzati publicou "L'isolamento della pace separata russo-tedesca: la guerra dell'Intensa", reforçando a ideia de não cooperação dos antigos aliados ocidentais. O nacionalista italiano sustentava a ideia de que a Entente sempre havia sido fiel à Rússia, atuando na guerra com total solidariedade a ela, enquanto esta, ao se alinhar com o inimigo, ignorou as consequências que seu ato traria às demais nações. Portanto, não caberia a França, Inglaterra ou a Itália o papel de intervir para evitar a catástrofe da qual os russos certamente seriam vítimas. Só o povo poderia salvar seu país. Só a vontade nacional de reagir e lutar seriamente poderia poupar seus antigos aliados de sofrerem ainda mais com os reflexos de sua fraqueza.

Estando impossibilitados de impedir o colapso russo ou a conquista dos propósitos germânicos, tais governos deveriam reconhecer formalmente que era hora de rever os acordos que haviam comandado a sua aliança durante a guerra. No dia 9 de janeiro, Davanzati articulou em "Le formule e le storia", que estes deviam por fim ao medo estúpido de serem acusados pelo seu imperialismo. Se seus povos estavam em batalha para defender os interesses nacionais, as autoridades não poderiam hesitar em afirmá-los internacionalmente. De fato, as negociações separadas alterariam a situação do Leste europeu, e as lideranças da

Entente não poderiam deixar, de forma alguma, que isso significasse uma redução dos direitos pré-estabelecidos a cada país beligerante.

O Ocidente havia sido permissivo demais com o socialismo, ora por ingenuidade, ora por generosidade. De acordo com a análise de Enrico Corradini, publicada no dia 25 do mesmo mês, o próprio sucesso da Revolução Russa era um exemplo e uma experiência que comprovava a necessidade de se reformar a mentalidade política europeia, modificando o Estado em teoria e ação. Tendo a guerra como combustível, o movimento revolucionário não teria criado nada, apenas reunido "todo o mal, toda a insanidade, todas as mentiras e toda a ebulição dos instintos mais bestiais que existiam na civilização, digamos assim, na civilização política contemporânea" (CORRADINI, 1918, tradução nossa).

Mais do que um evento histórico, este se marcaria por ser um episódio instrutivo, não para os demais socialistas, e sim para as burguesias. Especialmente porque os maximalistas russos haviam levado as organizações do socialismo internacional a acreditar que eram seus companheiros genuínos e autênticos. Os próprios italianos já teriam declarado que Lênin era um deles, celebrando-o no Parlamento e nas páginas de *Avanti!*.

A conquista dos bolcheviques russos era, portanto, o primeiro capítulo de uma revolução com pretensões universais. Uma vez completada a "colonização do povo russo", seria o momento de toda a raça humana, exatamente como desejavam os socialistas italianos, já que era nessa invasão que viam a libertação dos trabalhadores europeus. Para Corradini, essa proposta de liberdade não passava de um truque habilidosamente elaborado pelas mentes criminosas dos maximalistas, uma falaciosa obra leninista, "precisamente do seu socialismo declarado e confessado e não de outros, da sua escola, do seu programa, do seu método, do seu propósito" (Ibid., tradução nossa).

Para a ANI, a verdadeira face da liberdade de Lenin havia sido demonstrada na supressão da Assembléia Constituinte, eleita pelo povo russo e representante deste. Depois de, enfim, convocá-la, as mesmas autoridades teriam temido seus possíveis efeitos reversos e encerrado suas atividades no dia seguinte. Assim, o discurso sobre liberdade enquanto direito inviolável dos indivíduos e suprema justiça nacional e internacional, se dissolvia ao primeiro sinal de proveito popular. O ridículo episódio entregava, dessa forma, que o governo leninista era "a tirania mais absoluta e sombria que a história lembra. [...] Ele é tudo, o mais novo terror, o mais novo Czar" (Ibid., tradução nossa).

1.5 Resultados

A análise dos documentos produzidos pelos nacionalistas italianos mostra uma construção oscilante da percepção do movimento quanto à Revolução Russa. Fato que pode ser atribuído tanto à instabilidade do período, quanto a características próprias de *L'Idea Nazionale*. Por se tratar de um jornal de alta periodicidade, o mesmo exigia de seus editores uma constante produção de conteúdo e de análises dos novos eventos políticos, criando um descompasso entre o ritmo das publicações nacionalistas e o da chegada de novas informações a respeito do movimento revolucionário. Resultando em uma sequência de artigos que por ora se fazia redundante, por ora desordenada e contraditória.

É notável, ao decorrer de todo o ano, que as publicações da ANI alternam entre interpretações positivas e negativas a respeito dos acontecimentos na Rússia, variação que refletia, ao menos em partes, a dificuldade do acesso às notícias. Como os sistemas de transporte estavam severamente afetados pelos avanços da Primeira Guerra Mundial, não havia garantia quanto à regularidade no recebimento de informações. Por vezes, os telegramas chegavam à Itália fora de ordem cronológica, e por outras, não chegavam de forma alguma, levando os nacionalistas a recorrerem à imprensa internacional como fonte alternativa. A questão dos dados obtidos indiretamente, contudo, era a implicação de que estes já haviam sido filtrados e moldados conforme os interesses de outros partidos, além de não se poder assegurar a procedência destes. Fora dos meios oficiais, circulavam muitos rumores e informações imprecisas, baseadas em relatos de refugiados, diplomatas e exilados políticos.

No entanto, essa não era a única explicação para a disputa de percepções dentro de *L'Idea Nazionale.* Efetivamente, a mesma remontava também à constituição política do periódico. Na visão dos nacionalistas italianos, desde o princípio, o movimento revolucionário russo era uma conquista burguesa, ao invés de popular, mesmo tendo contado com a colaboração de diversas classes e grupos sociais. Nesse sentido, estes idealizaram os partidos liberais como os principais responsáveis pela queda do regime czarista, bem como a fração política russa mais qualificada intelectualmente, o que lhes classificava, portanto, como os verdadeiros detentores do direito ao poder.

Insistindo na legitimidade da reivindicação burguesa, a ANI ignorou os elementos operários, que haviam tido destaque nos eventos de fevereiro e, posteriormente, assumiram responsabilidades junto ao Governo Provisório. Logo, em abril, quando a mesma foi

confrontada com o fortalecimento do Comitê Executivo dos Operários e Soldados, viu-se diante de um perigo que, na Rússia, ameaçava o regime da Duma e, na Itália, comprometia a narrativa construída pelo jornal.

Os italianos depositavam sua total confiança na reestruturação estatal russa sob comando dos liberais. Assim, as rupturas no pensamento nacionalista, quando estes passavam a atribuir um tom melancólico à revolução, correspondiam exatamente aos momentos de destaque e protagonismo do proletariado, sobretudo dos bolcheviques. A questão do duplo poder, portanto, trazida pela ANI com tanto afinco, era entendida antes como a tentativa de grupos operários de usurpar um poder que não lhes cabia, do que o atrito de diferentes forças que buscavam o seu espaço à frente das massas. Como tal embate se fez constante até a Revolução de Outubro, alternando entre os dois lados, a análise dos nacionalistas sofreu com os mesmos altos e baixos, sempre apegada à esperança de salvação do movimento revolucionário.

A ideia de resgate da revolução, sequestrada pelas organizações operárias, é um fio condutor da interpretação apresentada por *L'Ideia Nazionale.* É através dela que se constroem estereótipos claros de polarização entre os bons defensores burgueses e os criminosos socialistas. A busca, própria da ideologia nacionalista italiana, por heróis a serem idolatrados se faz muito presente nessas análises. Primeiro, os antigos ministros liberais da Duma, em parte ocupantes do gabinete preliminar do Governo Provisório, foram transformados em símbolos de um povo intimamente preocupado em vencer a guerra. Depois, Kerensky, apesar de um passado marcado por concordâncias com os partidos de esquerda, foi descrito como aquele que traria o merecido triunfo à burguesia. Por fim, Kornilov, foi brevemente retratado como o último líder disposto a agir pelo bem de toda a Rússia e se sacrificar pela vontade popular, ainda que este tivesse planejado um golpe duramente reprimido pelas próprias massas.

Do outro lado desse antagonismo, a ANI reforçava uma falsa equivalência entre socialistas e anarquistas, deslegitimando o programa dos primeiros enquanto reduzia o dos segundos a mero caos e desordem. A estereotipação, no entanto, não atingiu apenas os russos, mas acabou sendo replicada dentro da própria Itália, contra o Partido Socialista Italiano, especialmente quando este passou a se aproximar ideologicamente dos bolcheviques. Como resultado, essa retórica serviu de base para que os nacionalistas pressionassem o governo por

medidas contra os socialistas, demanda que se intensificou após a visita dos membros do Soviete, interpretada como um ato de traição nacional.

Assim, apesar dessa conclusão combativa dos nacionalistas, direcionada tanto ao movimento revolucionário russo, quanto aos socialistas italianos, não ter se estabelecido de primeira, ajudou a reiterar a ideia das duas organizações políticas como polos opostos no contexto social da Itália. Fato que não se manteve apenas no imaginário italiano, mas potencialmente alimentou embates que, em 1918, transbordaram da esfera discursiva, culminando na intensificação dos ataques e confrontos violentos entre estas.

Embora a polarização teórica entre liberais e socialistas se faça mais visível, ela não foi a única presente no pensamento da ANI durante o período. Na verdade, o movimento italiano também se empenhou em desenvolver uma diferenciação dicotômica entre os supostos tipos de imperialismos, tidos como incompatíveis. A diferença, no entanto, parece ser antes uma manobra ideológica dos nacionalistas, do que de fato algo mostrado na prática pelos respectivos países.

É notável que o próprio jornal não parece conseguir demonstrar uma distinção entre a fundamentação dos programas imperialistas da Entente e dos Impérios Centrais, caracterizando-os como antagônicos com base apenas nos seus propósitos. Na sua análise, países como a Itália buscavam a expansão pelo bem comum, ao passo que a Alemanha tinha como guia seus próprios fins egoístas. Assim, a mesma lógica de Império era tida como benéfica ou nociva a depender do contexto ao qual se dirigia. Quando endereçada à submissão dos povos africanos e asiáticos, ganhava um aspecto altruísta e civilizatório, ao direcionar-se aos europeus, no entanto, era tratada como uma perturbação da ordem mundial. A distinção entre o bom e o mau, que era tanto terminológica, quanto ideológica, permitiu que a ANI justificasse suas críticas ao imperialismo alemão, mesmo após anos defendendo a implementação de uma política semelhante no seu país.

A questão é que, ao longo de toda a análise, é possível perceber que os nacionalistas italianos não apenas elaboram uma concepção política própria, mas também uma linguagem específica capaz de expressá-la. As escolhas lexicais refletem, assim, sua compreensão particular da Primeira Guerra Mundial, tida como motor de transformação e renovação social. Como consequência, os grupos italianos que apresentavam qualquer ressalva ao conflito passaram a ser interpretados como opositores diretos de seu potencial

disruptivo. Da mesma forma, aqueles que demonstravam entusiasmo militar eram enunciados pela ANI como alinhados a um ideal progressista.

Não por acaso que *L'Idea Nazionale*, utiliza do termo "progressistas" como sinônimo para abordar os partidos liberais à frente da Revolução de Fevereiro, considerando-os expoentes interessados em derrubar o czarismo justamente para garantir a continuidade da guerra. Nesse sentido, o jornal se refere àqueles que defendiam ideais pacifistas ou antibelicistas como "reacionários", título que concedem aos membros do PSI.

Caracterizando o socialismo como uma política reacionária, os nacionalistas italianos conseguiram, de forma intuitiva, colocá-lo como uma ameaça à nação. Sob essa ótica, o mesmo era formado por um programa de rejeição ao progresso social e material da Itália. Contudo, a formulação semântica particular da ANI não apenas expressava a maneira como esta compreendia os diversos grupos inseridos no cenário nacional, mas como posicionava a si própria neste contexto. Assim, em uma inversão da lógica política tradicional, ao enquadrar os socialistas nessa chave, *L'Idea Nazionale* afirmava que via seu movimento como oposição às tendências reacionárias.

Capítulo 2 - A Revolução Russa sob perspectiva do Partido Socialista Italiano

2.1 A Revolução como esforço das massas

De modo muito semelhante aos membros da ANI, os socialistas também observaram a Revolução de Fevereiro com grande interesse desde o princípio. Sua perspectiva, entretanto, era completamente distinta. Conforme apresentado no artigo anônimo "Lo Czar ha abdicato: La reggenza al granduca Michele", de 16 de março, a equipe de *Avanti!* entendia que o surgimento do movimento revolucionário não tinha uma simples explicação. Na realidade, ele era o resultado de um conjunto de agitações que, tendo se espalhado de Petrogrado para o restante do país, haviam se agravado, assumindo uma dimensão política.

Apesar destas terem sido, primordialmente, motivadas pelas dificuldades de transporte e abastecimento da capital, nas ruas a população teria transformado sua insatisfação em uma verdadeira contestação das estruturas de poder vigentes. Para o PSI, contudo, esse desdobramento já era previsível, considerando o embate entre forças incompatíveis que há tempos marcavam o cenário social do país. Assim, "o conflito entre o antigo regime autocrático-feudal e a Rússia do povo assumiu a forma de uma revolta popular que rapidamente se transformou numa verdadeira revolução" (LO CZAR [...], 1917, tradução nossa).

Tomando proporções inéditas na história do país, o movimento contou com a participação dos partidos liberais. Como explicado no dia 17 de março pelo socialista "Junior", em "Gli avvenimenti politici in Russia: Il significato", estes haviam dedicado esforços consideráveis para evitar que o levante assumisse um caráter de confronto direto, considerando que isto poderia resultar na perda do controle sob as massas. Ainda assim, ao perceberem a magnitude da mobilização e sua crescente força, reconheceram que seria impossível contê-la. A solução que encontraram para preservar seus próprios interesses foi, então, integrar o movimento, na tentativa de moldá-lo em suas bases.

Essa adesão, entretanto, não eliminou as tensões, nem se deu sob termos homogêneos. Na realidade, para o autor socialista, o bloco liberal, tendo declarado total interesse na continuidade da guerra, teria se associado ao grupo progressista para que, juntos, conseguissem impor a vitória definitiva sobre os objetivos do movimento. Visando, portanto, que influências pacifistas fossem gradualmente eliminadas do movimento. Especialmente com a consolidação da Duma, na posição que ela mesma havia se colocado, de intermediária

entre os ‘rebeldes’ e o poder soberano.

Para o efeito, segundo Junior, esta nomeou uma Comissão de Deputados composta por doze membros, representantes das frações liberais. Sob comando de Mikhail Rodzianko, seus membros, “os maníacos da ordem e da paz interna, animados pelo desejo de salvar as instituições, lançaram um apelo ao povo implorando-lhe para que se acalmasse” (JUNIOR, 1917a, tradução nossa). Era isso que queriam com a missão mediadora, encontrar medidas para abrandar as paixões revolucionárias, visto que estas estariam se espalhando com uma velocidade surpreendente, provocando greves por toda a Rússia, em diversos setores de produção, fábricas e bancos.

A principal preocupação da Duma e das autoridades militares era parar o movimento, mesmo que isso demandasse fazer imediatamente o máximo de concessões possíveis. A solução encontrada teria sido, então, a proposição de um gabinete de ministros provisórios no qual o povo confiasse. Assim, “o membro trabalhista Kerensky, que sempre votou contra o legado da guerra” (Ibid, tradução nossa), foi nomeado ao cargo de Ministro da Justiça. A medida, no entanto, não garantia, aos olhos do membro do PSI, que o grupo representasse uma expressão genuína da vontade das massas de Petrogrado, questão importante ao partido, uma vez que este desejava

> Que no turbilhão revolucionário o proletariado consciente encontre uma forma de organizar as suas forças e se prepare para as novas lutas pelo controle efetivo de todo o novo Governo, seja capaz de reagir com força e determinação contra qualquer tentativa imperialista de conquista ou opressão (Ibid., tradução nossa).

O potencial transformador que Junior identificava no movimento que tomava forma em fevereiro foi reforçado no dia 18 daquele mês em “Dal vecchio al nuovo regime in Russia: l’azione proletaria”. No entanto, o artigo afirma que o mesmo se perderia caso os trabalhadores se contentassem com tais condescendências dos partidos burgueses. Unidas, as massas estavam prontas para realizar mudanças profundas, com a força do momento se mostrando evidente até na própria conduta dos liberais. A proposta de, solenemente, iniciar os preparativos para a convocação da Assembleia Constituinte, um ponto que historicamente havia sido uma das principais fontes de dissenso tático entre estes e socialistas, só poderia significar que estavam sendo forçados a fazê-lo pela pressão do proletariado insurgente.

Na visão do PSI, só com este pacto que os liberais conseguiriam reter o poder, “que caiu em suas mãos como uma fruta madura” (DAL VECCHIO [...], 1917, tradução nossa). Exatamente por isso, teriam apontado, estrategicamente, Kerensky como um dos

ministros do gabinete. Sua figura representava, ao mesmo tempo, uma garantia para as massas de que tal promessa seria cumprida e um incentivo à sua colaboração no processo, visto que ele era o único entre os deputados escolhidos da Duma capaz de oferecer anistia completa e irrestrita às populações rebeldes. Por outro lado, os socialistas acreditavam que caberia aos trabalhadores assegurar, através das suas organizações revolucionárias e do Comitê Executivo dos Operários e Soldados, que a burguesia não os traísse, como era historicamente inclinada a fazer.

Era necessário prosseguir com precaução, visto que não faltariam demonstrações puramente teatrais vindas dos liberais da Duma e seus apoiadores, contaminados pela cumplicidade com o governo autocrático. Especialmente porque estes "não abandonarão os seus privilégios e, acima de tudo, suas terras" (Ibid. 1917, tradução nossa). Na realidade, uma percepção histórica, segundo os socialistas italianos, mostrava que os partidos burgueses estavam profundamente marcados pela essência feudal-reacionária da antiga classe dirigente do Império.

No dia 17 de março, o artigo "I nuovi dirigenti" trouxe uma apresentação dos novos ministros, detalhando a relação de parte destes com o regime czarista. Representados pela figura de Miliukov, descrito como a 'alma' do novo governo, os próprios liberais teriam reconhecido "a culpa de terem encoberto os crimes da autocracia com o silêncio, [...]. Mas o fizeram de forma covarde, desonesta, sem ter a coragem de enfrentar os acontecimentos, fazendo todos os esforços para preservar a súbita consideração que conquistaram para si" (I NUOVI [...], 1917b, tradução nossa).

O arrependimento, fosse este artificial ou não, era fruto das derrotas e adversidades que os russos vinham sofrendo desde o início do conflito, os quais se tornaram ainda mais evidentes na virada de 1917. Até aquele momento, para os socialistas italianos, Miliukov e seus companheiros haviam fingido acreditar na absoluta inocência da Rússia imperial, fechando os olhos para a sua política externa e interna, na vã esperança de persuadir o czar a mudar seus métodos de governo. Ao mesmo tempo, tentavam garantir à Nicolau II que o bloco liberal tinha um poder e importância coletiva, empenhando-se ao máximo para criar uma distância do movimento popular, temendo ser rejeitada nos círculos da nobreza. Miliukov, inclusive, teria declarado à Duma no ano anterior que "se organizar a Rússia para a vitória significasse organizá-la para a revolução, eu diria categoricamente: deixe como está agora durante a guerra" (Ibid., 1917, tradução nossa).

A questão, além de identitária de classe, dizia respeito à divisão que o movimento revolucionário de 1905[9] havia instaurado entre os liberais e os socialistas. Assim como Miliukov, outros membros da burguesia nascente tinham participado, às vésperas de tal evento, de conferências organizadas pelos partidos socialistas e radicais russos. Contudo, as discordâncias de abordagem com as massas trabalhadoras haviam empurrado os liberais cada vez mais para a direita. O deslocamento culminou em uma reforma partidária integral que consolidou, de forma definitiva, as duas forças como antagonistas no cenário político russo.

As manipulações burguesas, por sua vez, não estavam reservadas apenas a este seleto grupo de figuras políticas, mas se faziam presente na imprensa burguesa. Como explicitado por Junior em outro artigo publicado do dia 17, esta estaria tentando reduzir a enorme importância dos acontecimentos de fevereiro, reduzindo precipitadamente a sua causa à crise dos transportes e o seu objectivo à eliminação da burocracia germanófila, retratada erroneamente como o único ponto de discordância entre as vontades do Czar e do povo russo. Para o socialista, pelo contrário, a crise dos transportes não era suficiente para explicar a situação política do país, visto que esta se estendia desde os primeiros anos da guerra. Da mesma forma que

> As necessidades militares não eram de modo algum de natureza a causar escassez de cereais ou de carne em Petrogrado e Moscou. As causas foram e são, antes de tudo, de natureza geral, comuns a todos os beligerantes, depois são a política insensata e tola do Governo Russo que, pode-se dizer, foi guiada pelo espírito cego da oposição, ouvindo o que os liberais na Duma disse-lhe para fazer exatamente o oposto. Chegamos a esta situação paradoxal e incrível: que no país do trigo havia falta de pão (JUNIOR, 1917e, tradução nossa).

Para Junior, o momento em que os russos viviam não podia ser comparado com as manifestações de 1905, uma vez que a Revolução de Fevereiro não tinha suas reivindicações estabelecidas frente a um problema em particular, mas em questões sociais muito mais abrangentes e profundas. Tratava-se de se libertar da opressão secular e por fim a um regime que fez ‘cento e oitenta milhões de escravos’. Diferentemente dos esquemas de apropriação alemã e as negociações com ouro germânico, que as burguesias queriam atribuir como preocupações populares, a pobreza e a fome eram a realidade concreta na vida das massas. No último inverno, estas teriam atingido proporções territoriais, não sendo mais uma questão de desproporção entre inflação e aumento salarial, mas, em determinadas regiões, da completa impossibilidade de obtenção de alimentos, a qualquer preço.

[9] A Revolução de 1905 na Rússia foi um movimento de protestos contra o governo czarista, impulsionado por condições econômicas precárias, a derrota na Guerra Russo-Japonesa e a repressão política. Apesar de não derrubar o regime, esta forçou concessões, como a criação da Duma.

No resto da Europa, os grupos que conseguiram compreender o evento em sua essência, o valorizavam como um pequeno e decisivo passo rumo à democratização desta, que era a única grande nação no continente que havia permanecido isolada da civilização. Na Rússia, entretanto, o próprio povo não percebia a proporção do que tinha construído. Para os socialistas italianos, conforme explicitado em *Avanti!* no artigo "La situazione politica in Russia: bandiera rossa!", publicado anonimamente no dia 19 de março, os proletários estavam submetidos a uma realidade tão dura, que tendo apenas pães nas mãos, "regressaram aos seus bairros miseráveis, satisfeitos com alguns dias de agitação social" (LA SITUAZIONE [...], 1917b, tradução nossa).

Com suas distorções, os partidos liberais teriam, gradualmente, enfraquecido o movimento de dentro para fora. De acordo com *Avanti!*, prometendo ao povo que a guerra deveria continuar até a vitória, pelo bem da economia russa e da integridade dos trabalhadores, estes haviam conseguido colocar a indústria e seus interesses de classe à frente das multidões. Sob seu controle, portanto, a Revolução Russa era vencida, não pela falta de força, mas pelo esvaziamento das pautas populares. O ponto é que

> A burguesia russa era muito esperta. Aprendemos através da maravilha da história que é em vão opor-se com violência ao curso fatídico das coisas, que é melhor vencer o potro na corrida do que retê-lo no seu caminho. Então o Czar vai embora. Ela fica. E a revolução proletária está esgotada (Ibid., tradução nossa).

Logo, como reforçado pelo PSI, o encolhimento do movimento revolucionário não era natural, mas detalhadamente planejado pelos liberais, para que estes pudessem sair do pesadelo que os tinha deixado ansiosos por alguns dias. No entanto, enquanto estes estariam canalizando as energias das multidões para transformá-la em força útil para os seus próprios objetivos, ainda havia quem continuasse tentando girar a roda revolucionária. Esses seriam os socialistas, grupo para o qual levar a revolução até o fim era um trabalho fundamental para honrar todos aqueles que vieram antes, pavimentando o caminho para os eventos de fevereiro.

O que poderia parecer uma perspectiva nostálgica, era para os socialistas italianos, um reflexo da própria maneira com que os companheiros entendiam a revolução. Como estes apresentam no artigo "I precursori della rivoluzione russa", publicado em *Avanti!* no dia 25 de março, a revolta que acabara de eclodir na Rússia era a conclusão, ou o início da conclusão, de um longo processo de luta contra um dos regimes políticos mais opressivos que a história teria conhecido. Ao longo dos anos de aflição, haviam sido os socialistas, quase

exclusivamente, que lideraram este movimento de libertação, enquanto a burguesia aproveitava dos privilégios da paz que teria estabelecido com a autocracia, ainda que também carregasse fortes oposições ao governo czarista.

A questão é que os partidos liberais, que os membros do PSI consideravam excluídos da lista de precursores e mártires de fevereiro, nunca teriam se permitido sair dos limites da burocracia, limitando-se a poucos protestos, puramente verbais. Estes nunca teriam sido capazes de ir atrás das massas russas, abordando os operários nos espaços da sua vida cotidiana, coletiva e individual. Tampouco conseguiriam dar-lhes a coragem e o entusiasmo necessários para enfrentar a repressão, tendo eles próprios fugido constantemente de seus efeitos. Assim, enquanto a burguesia estaria se dobrando às vontades da corte czarista, os socialistas russos estariam dando a vida para alimentar um movimento que prometia renovar o mundo.

Apesar do PSI acreditar que os mesmos estariam triunfando nessa importante missão, “muitos desses heróis e precursores não foram autorizados a viver até o dia da revolta libertadora” (I PRECURSORI [...], 1917, tradução nossa). Aprisionados, exilados, enforcados e fuzilados por cortes marciais desde de 1905, muitos trabalhadores e intelectuais teriam perdido a oportunidade de ver a vitória que tanto haviam lutado para alcançar. Para que não fossem esquecidos, o restante desta edição do jornal foi dedicado a lhes apresentar, trazendo fotos e uma breve descrição da sua história, de modo que “curvamo-nos emocionados diante da memória dos caídos e saudamos aqueles que nestes dias saem das prisões e prisões tendo preservado a sua fé invencível” (Ibid., tradução nossa),

Entre estes, Catherina Brechcovska, descrita como "avó da revolução russa" e uma das propagandistas mais ativas e respeitadas entre os agricultores, presa em 1906 após ser considerada extremamente perigosa para o governo; Hermann Lopatin, amigo de Marx e um dos mais brilhantes oradores socialistas, condenado à prisão perpétua; Scisko, importante historiador do movimento revolucionário que, exilado, havia morrido antes de conseguir retornar ao seu país; Spiridonova, revolucionária que foi detida enquanto defendia camponeses de sua província, submetida a diversas humilhações por oficiais, que, por fim, tentaram “atacar sua honra’; Konopliannikova, professora do ensino fundamental e líder de motins em 1905, enforcada; Gregori Gersciuni, um dos promotores do movimento socialista revolucionário que, condenado à morte por participar de vários ataques contra ministros e governadores, acabou escapando da prisão ao se esconder em um barril de barro, mas faleceu

de uma doença contraída nas suas dependências; e Ragozinnikova, enforcada aos 20 anos depois de matar um diretor de prisões que havia determinado que os condenados políticos fossem submetidos a tratamentos ferozes, com aplicação do castigo corporal de flagelação.

Como os italianos descrevem em *Avanti!,* seus companheiros russos teriam pago um alto preço para acender a faísca revolucionária nas massas. Razão pela qual, de acordo com o artigo anônimo "Kerensky non è socialista", de 19 de março*,* os mesmos não poderiam ser equiparados a figuras como Kerensky, que haviam passado pela Revolução sem sacrifícios. Embora este tivesse tido um papel, anteriormente, relevante na resistência à burguesia e à guerra, acreditavam que sua postura política estaria se tornando cada vez mais ambígua.

Descrito como ex-socialista, Kerensky era um homem em busca de um delicado equilíbrio entre sua intuição, própria do movimento de massas e livre do preconceito doutrinário liberal, e o meio político que havia adentrado. Para os membros do PSI, então, seria interessante observar o caminho que este tomaria diante de sua difícil situação. Especialmente por considerarem que sua nomeação como ministro da justiça não havia passado de um ato político.

Kerensky teria ambicionado se tornar um verdadeiro mensageiro político e, apesar de ter conquistado essa posição, seu discurso estava isolado dentro da Duma. Como apresentado por Junior em *Avanti!* no dia 29 de março, através do artigo "Socialisti e borghesi nella rivoluzione", enquanto este insistia na necessidade de uma rápida liquidação do conflito europeu, a maioria do gabinete desejava continuar a guerra até a realização dos sonhos imperialistas italianos. Maioria esta, que "ainda ontem eram monarquistas constitucionais" (JUNIOR, 1917i, tradução nossa).

A perspectiva do ministro da justiça correspondia, contudo, à essência do movimento revolucionário, visto que este era, primordialmente, uma manifestação das massas trabalhadoras. Apesar dos esforços da imprensa burguesa em manipular a opinião pública, os acontecimentos não haviam demorado para confirmar a verdade, ditada pelo membro do PSI, de que a principal força motriz da revolução que se iniciava era o proletariado. As forças socialistas russas, as únicas empenhadas em equipar ideologicamente os trabalhadores contra o regime czarista, permitiram que estes desenhassem o movimento a despeito da oposição burguesa, visto que até as vésperas da revolução esta havia insistido em tratar as reivindicações populares como ilegais e inconstitucionais.

Sem se apoiar na burguesia em qualquer aspecto, o proletariado teria conseguido imprimir sua autonomia no movimento revolucionário, fato que alimentava as esperanças dos italianos sobre os rumos que este poderia tomar, portanto, "manifestamos a certeza de que conseguirá fazer prevalecer a sua política, que neste momento não pode deixar de ser a da maioria da nação" (Ibid., tradução nossa). O desejo do sucesso da visão dos proletários russos sobre a revolução, contudo, crescia à medida que o PSI via se concretizar nele os seus conceitos particulares de justiça e solidariedade internacionais.

Enquanto parte de um movimento internacionalizado, os socialistas italianos propuseram, em artigo anônimo do dia 23, "È permesso dire?", que havia chegado o momento em que os povos deveriam tomar, por si só, as decisões sobre o destino da paz e da guerra. De modo a "resolver sem a participação da diplomacia todos os intrincados problemas de nacionalidade, poder, equilíbrio, pelos quais lutam há três anos" (È PERMESSO [...], 1917, tradução nossa). O debate, no entanto, trazia alguns questionamentos sobre a cobrança operária internacionalista e sua aplicação no caso dos alemães. Visto que seus trabalhadores estavam sendo submetidos a confrontos diretos com os exércitos dos demais países europeus, e com os próprios soldados russos.

Na edição de *Avanti!* no dia 30, o artigo "Un appello dei lavoratori russi al proletariato di tutto il mondo" trazia a informação de que o Comitê de Delegados dos Operários e Soldados teria lançado um convite ao proletariado do mundo, para que este seguisse o exemplo do povo russo e quebrasse o jugo da autocracia. O terrível massacre ao qual os governos europeus tinham se comprometido representava uma desonra a toda a humanidade, devendo ser combatida por ela. O apelo, no entanto, também incentivava a defesa da liberdade da Rússia contra interferências reacionárias internas e externas. Fato interpretado pelo PSI como um reforço da capacidade nacional de resistir e não recuar diante das baionetas do inimigo, caso este insistisse em apontá-las.

Não por acaso, o mês de abril se iniciava com uma análise das condições do exército russo após a revolução, apresentada por Junior no dia 5 no artigo "I soldati russi nella rivoluzione". Para o membro do PSI, a queda do antigo regime havia provocado uma profunda, e positiva, transformação na estrutura deste. Tradicionalmente marcado por um rígido espírito de casta e uma hierarquia opressiva, o ambiente militar teria se concretizado como um espaço no qual oficiais ignorantes, imbuídos de orgulho, degradavam as "forças mais baixas". Em nome de uma suposta disciplina, a individualidade dos soldados teria sido

inteiramente suprimida, ao passo que o direito sobre suas vidas recaía, de forma quase incontestável, nas mãos dos oficiais superiores.

Em razão disso, desde 1905, uma série de motins teriam se espalhado por todo o país, impulsionados pelos constantes abusos e condições precárias de trabalho e alimentação. Os levantes, por sua vez, acabaram se convertendo em um movimento político de maior escala, intensificado pela propaganda socialista. Assim, quando a revolução eclodiu, comitês locais começaram a surgir em diversas unidades militares, assumindo a direção desse processo de renovação e consolidando uma aliança entre os soldados e os revolucionários urbanos e rurais.

Já nos primeiros dias da insurreição, oficiais e generais haviam sido assassinados ao tentarem forçar os soldados a marchar contra o povo, desmantelando a antiga ordem opressiva. Nesse contexto, de acordo com Junior, o Governo Provisório teria sido obrigado a promover reformas radicais no exército, abolindo privilégios tradicionais daqueles posicionados em estratos mais altos. Medidas como a proibição de espancamentos, a eliminação da abordagem desrespeitosa e a permissão para que soldados frequentassem os mesmos ambientes, meios de transporte e restaurantes dos seus superiores, simbolizavam essa mudança. O General Alexeieff, chefe do Estado-Maior, teve também que permitir que representantes do Comitê dos Delegados dos Operários e Soldados visitassem a frente de batalha para dialogar com os soldados e registrar suas demandas.

Com a possibilidade de participação de militares de todos os estratos na definição da sua organização e comando, a Rússia avançava rumo ao fim da instrumentalização do exército pelas classes dominantes. Por todo o mundo, e até aquele momento no país, estas teriam utilizado-o para oprimir o proletariado, mesmo com este dividindo parte da realidade da maioria dos soldados. Conforme destacado no artigo “La luce viene dall’Oriente”, publicado no *Avanti!* em 6 de abril e assinado por Quidam[10], essa mudança resultava de uma transformação no próprio conceito de disciplina. A autoridade dos oficiais deixava de se basear em uma hierarquia opressiva e cega, ficando condicionada ao consentimento dos soldados, de modo a ser validada apenas na medida em que fosse reconhecida pelos subordinados.

Para o socialista italiano, reconhecer o direito de cada segmento do exército a se autogerir representava uma conquista enorme, com implicações de grande alcance. Ao obrigar

[10] Segundo Giovanna Savant (2017), o pseudônimo Quidam era utilizado por Angelo Treves, importante intelectual italiano e tradutor ativo em *Avanti!*.

o Governo Provisório a repensar estruturas de opressão, a luta dos soldados carregava em si o potencial para transformar outros princípios arbitrários nos quais se baseavam as relações entre os homens russos. Acreditava que esta serviria, em última instância, para estabelecer as condições para um novo regime, tendo que nenhum presidente da república, governando no lugar de um soberano, poderia fazê-lo "com as mesmas leis de antes, ou com novas leis baseadas em princípios antigos" (QUIDAM [...], 1917, tradução nossa).

As realizações das classes trabalhadoras, no entanto, não ficariam limitadas às fronteiras do país. Para Quidam, por toda a história, as instituições civilizatórias teriam gradualmente se espalhado de povo em povo, em uma rede de solidariedade necessária entre os diferentes grupos humanos. Da mesma forma que a Grécia e Roma teriam sido importantes guias, mostrando ao mundo os primeiros focos europeus de cultura e civilização, e que a França, através da revolução, haveria estabelecido as bases de um regime político que dominou o continente, a Rússia, naquele momento, dava início a uma nova era, de mudança do regime social.

Em virtude desta lei humana imutável, o membro do PSI afirmava ter certeza de que os demais países caminhariam atrás da luz que a Revolução Russa acendia no horizonte. Especialmente porque "a liberdade é contagiante. E a justiça também. Outras nações não conseguirão permanecer comprimidas durante muito tempo nos estreitos limites das velhas instituições, quando tudo nas suas fronteiras tiver mudado e mudado para melhor" (Ibid, tradução nossa). Assim, de todo o mal e sofrimento enfrentado pelas massas russas, surgiria o bem, tornando as esperanças do socialismo internacional em realidade.

O internacionalismo da Revolução Russa, contudo, estava sendo amplamente explorado pela imprensa burguesa para sustentar uma narrativa distorcida, de acordo com a declaração trazida pelos socialistas italianos no artigo anônimo "Apertura dei negoziati fra socialisti russi e tedeschi: la politica estera del proletariado", publicado no dia 13 de abril. Na tentativa de manipular a opinião pública, veículos liberais de toda a Europa estariam oscilando entre exageros alarmistas e a minimização dos avanços revolucionários. Por um lado, denunciavam o operariado russo como composto por agentes alemães, acusando-os de querer desorganizar a Rússia e entregá-la desarmada ao inimigo. Por outro, procuravam retratá-los como utopistas irresponsáveis, cujas propostas jamais teriam adesão popular, acabando esmagadas pela "imensa massa de conservadores e monarquistas".

Essa tática, conforme apresentado no periódico, visava deslegitimar tanto os apelos revolucionários pela paz sem anexações quanto a mobilização operária internacional contra o imperialismo. Qualquer menção sobre prováveis sintomas de ações pacifistas era imediatamente apontada como conspiração inimiga, sobretudo depois que as especulações acerca da posição do Comitê de Delegados dos Operários e Soldados se concretizaram no primeiro pronunciamento aberto do grupo sobre o assunto. No dia 6 de abril, este teria mostrado ao mundo que pretendia implementar, na esfera da política externa, os mesmos princípios de liberdade e de direito que havia proclamado na vida interna da Rússia.

O que os representantes dos trabalhadores haviam feito, de acordo com Junior no artigo "Pace senza conquiste", do dia 15 daquele mês, foi reafirmar o compromisso da revolução com os fundamentos do movimento socialista internacional. Acima de tudo, estariam atuando com foco na democratização das relações internacionais, esforçando-se para que estas fossem baseadas na fraternidade e na igualdade dos povos livres. Portanto, estavam "preparando um novo passo à frente no caminho da limpeza da política internacional de todo imperialismo" (JUNIOR, 1917g, tradução nossa).

O apelo do comitê não significava, para o membro do PSI, uma rendição russa. Embora o grupo tivesse insistido no discurso internacionalista, ele estava igualmente preocupado com a defesa das suas liberdades recém-adquiridas. Ao contrário do que a imprensa burguesa, envolta em mentiras e malícia, estaria pregando, nenhum ministro havia adotado uma postura derrotista ou de abandono da pátria. Na realidade, garantir a continuidade da revolução, concretizando as conquistas russas, exigiria grande esforço dos trabalhadores, a serem mobilizados para deter e conter quaisquer elementos reacionários ou que ameaçassem reverter os avanços democráticos.

Nesse sentido, o Comitê de Delegados dos Operários e Soldados não defendia uma ideia de paz como fim imediato das hostilidades, mas que esta não se encerrasse nos moldes de uma "guerra de conquista". Efetivamente, como apontado em *Avanti!* no dia 17 de abril, no artigo anônimo "La via maestra", os membros das organizações operárias "se manifestaram aberta e resolutamente contra qualquer paz alemã ou britânica" (LA VIA [...], 1917, tradução nossa). O fato é que, retomando os princípios do Manifesto de Zimmerwald, assinado por socialistas internacionalistas de diferentes países, a paz deveria ser construída sem anexações ou compensações, como as definidas autoritariamente nos acordos da Entente. Mesmo entre os aliados russos, estes denunciavam o caráter imperialista e anti-popular da

guerra europeia, ao passo que rejeitavam suas imposições econômicas e suas propostas de ocupações violentas de territórios neutros ou inimigos, tendo em vista que tais ações estariam violando o direito das nações à autodeterminação, ideal muito caro ao movimento operário na Rússia.

Segundo John Smith (2015), a Conferência de Zimmerwald, realizada de 5 a 8 de setembro de 1915 na Suíça, representou um marco significativo no movimento socialista internacional durante a Primeira Guerra Mundial. Convocada por dissidentes da Segunda Internacional, a conferência reuniu representantes de diversos países com o objetivo de formular uma resposta unificada à guerra e às políticas dos governos imperialistas. O evento contou com a participação de 42 indivíduos e 11 organizações, incluindo figuras proeminentes como Lenin e Trotsky.

O resultado mais significativo da conferência foi a adoção do Manifesto de Zimmerwald, que denunciava o conflito como uma consequência do imperialismo e chamava os trabalhadores a se unirem contra os respectivos governos beligerantes. Este enfatizava a necessidade de uma paz sem anexações nem indenizações, defendendo a integridade de diversos povos e a transformação socialista da sociedade. No entanto, o evento também evidenciou as divisões internas do movimento. De acordo com Smith (2015), enquanto a maioria dos participantes apoiava uma abordagem reformista e pacifista, uma minoria, conhecida como a "Esquerda de Zimmerwald", liderada por Lenin, defendia uma postura mais radical, incluindo a transformação da guerra imperialista em uma guerra civil revolucionária. Essa divisão refletiu as tensões entre os revolucionários e reformistas, que se aprofundariam nos anos seguintes.

A Conferência teve um impacto particularmente profundo sobre o PSI, consolidando-o como um dos principais protagonistas do novo internacionalismo socialista, como afirma Ernesto Ragionieri (1973, p.130). Marcada pelo colapso da Segunda Internacional, a intensa transformação que recaiu sobre este conceito, caro aos partidos socialistas por toda a Europa, foi fundamental para garantir a aproximação direta entre os italianos e o movimento revolucionário russo. Antes da Primeira Guerra Mundial, as relações estabelecidas entre os mesmos eram mediadas pela socialdemocracia alemã, que exercia hegemonia sobre a circulação de ideias no movimento operário. Contudo, com o início do conflito, e a consequente adesão desta à guerra, o PSI, firme em sua oposição ao conflito imperialista, passou a estabelecer laços mais diretos e autônomos com os socialistas russos.

A relação, consolidada no evento em Zimmerwald, inscreveu o partido italiano em uma trajetória de renovação política que, mesmo sem romper imediatamente com todas as velhas estruturas, avançou na construção de novos vínculos entre os trabalhadores dos diferentes países em meio à crise global, conforme explicita Ragionieri (1973, p.160). Diferentemente dos contextos onde o movimento era sustentado apenas por minorias isoladas, na Itália a adesão às teses idealizadas na Conferência encontrou ressonância em diversas seções locais do partido e da Federação da Juventude Socialista, reforçando o enraizamento popular das ideias de solidariedade internacionalista baseada na rejeição comum à guerra. O PSI apresentou-se de maneira coesa e ativa, embora permanecesse relativamente alheio às divisões internas que fragmentavam os socialistas russos entre bolcheviques e mencheviques, os quais se tornaram mais próximos.

Mesmo diante da severa censura enfrentada pelo *Avanti!* em abril, o jornal conseguiu, ao longo do mês, trazer diversas denúncias sobre as notícias, publicadas pelos jornais liberais da Itália e dos países da Entente, consideradas falaciosas e mal-intencionadas. O ápice desta empreitada expositiva, ocorreu no dia 25, com o artigo de Junior, 'I rivoluzionari russi e la guerra: Lenin', texto que saía em defesa do líder bolchevique. Recém-chegado à Rússia, depois de um longo exílio, Lenin teria se tornado o "homem do dia", com a imprensa preocupada em acompanhar cada gesto que fazia em sua terra natal. Especialmente os meios ligados aos partidos liberais, crentes de que

> "Lenin é um anarquista perigoso", " Lenin é um traidor para a Alemanha", "Lênin é um homem muito honesto e idealista, que está fora de sintonia com a realidade", "Lenin foi saudado com um silêncio gelado" "Lenin foi vaiado e gritado pelos delegados dos trabalhadores", "Lenin pede o fuzilamento de Kerensky", "Lenin é um espião internacional", "Lênin não é Lênin, ele é um Romanoff disfarçado e quer uma paz separada para assumir o trono" (JUNIOR, 1917d, tradução nossa).

As declarações, retiradas por Junior de outros periódicos, representavam as mentiras mais insolentes divulgadas desde o início da revolução. Para o membro do PSI, uma confusão fantasiosa havia sido criada em torno da figura de Lenin, alimentada por boatos que envolviam o fato da sua viagem de retorno à Rússia ter sido traçada em território alemão, ainda que a escolha do trajeto não tivesse passado de uma questão de formalidades de acordos internacionais e planejamento de segurança.

Apesar das tentativas de distorção liberal, contudo, o posicionamento de Lenin perante a guerra teria-se feito amplamente conhecido. Tido como trabalhador incansável, este havia abordado o tema, direta ou indiretamente, em diversas de suas análises políticas e

econômicas. Além de tê-la expressado publicamente em inúmeras ocasiões, inclusive na Conferência de Zimmerwald. O que ele, de fato, nunca teria articulado, era uma intenção de uma paz separada com a Alemanha. Ainda assim, a burguesia não hesitava em disseminar insinuações infundadas. Sobre isso, Junior destacava a absoluta ausência de elementos factuais, questionando: "se Lenin tivesse dito isso, não o teriam telegrafado mil vezes?" (Ibid., tradução nossa).

Na realidade, a relação entre o líder bolchevique e os dirigentes do Partido Socialista Alemão era marcada por tensões. Tendo que este primeiro acusava os demais de ter traído a verdadeira causa da classe operária, ao adotar um programa político estruturado no revisionismo e em aspirações puramente reformistas. Descrito como um "inimigo ferrenho" do movimento socialista germânico, Lenin recusava, inclusive, a se autodenominar social-democrata, uma vez que o termo era comumente associado à ideologia deste grupo. Em vez disso, "queria ressuscitar o antigo nome dos comunistas revolucionários usado em 1848 por Marx" (Ibid., tradução nossa), escolha que havia horrorizado os liberais. Para o bolchevique, porém, tal designação não representava nada além de um posicionamento ligado ao marxismo ortodoxo e intransigente.

Como outros socialistas internacionalistas russos, a máxima de Lenin era a "transformação da crise da guerra numa crise revolucionária" (Ibid., tradução nossa). Em outras palavras, a missão dos líderes revolucionários deveria ser canalizar as energias de uma guerra estabelecida entre nações, para convertê-las em uma guerra entre classes. A paz, nesse sentido, não estava ligada ao favorecimento de nenhum país, e sim à recusa dos operários de todas as nacionalidades em combater seus próprios companheiros para garantir o triunfo dos objetivos imperialistas de suas respectivas burguesias. Tratava-se de identificar e combater o verdadeiro inimigo, presente dentro de cada nação. O que não implicava na instauração de um estado permanente de discórdia, mas de um meio para chegar a uma determinação política, o estabelecimento da república democrática e a restauração da paz mundial. Portanto, "devemos negar decisivamente todos os rumores da sua ação no interesse da Alemanha imperialista, ou mesmo dos social-patriotas alemães" (Ibid., tradução nossa).

No mês de maio, Junior deu continuidade a esse tema, essencialmente na publicação do dia 14, "I fatti che smentiscono". Para o socialista, qualquer pessoa minimamente familiarizada com o movimento internacionalista originado em Zimmerwald e com o papel desempenhado pelos diversos partidos e seus dirigentes na construção deste,

“sabe muito bem que Lenin odeia a burguesia imperialista alemã ou os seus agentes aninhados no seio do proletariado” (JUNIOR, 1917b, tradução nossa). Mesmo assim, este teria virado um alvo da imprensa burguesa anti-germânica, um nome na qual a mesma parecia continuamente descarregar as sua raiva e frustrações reacionárias.

Preocupados com os avanços das massas trabalhadoras, os jornais liberais haviam tentado, inclusive, apelar para a desestabilização do movimento, insistindo em descrevê-lo sempre pelas suas diferenças internas. Direcionavam seus ataques apenas ao lado bolchevique dos revolucionários, enquanto exaltavam os mencheviques como os verdadeiros marxistas. A ideia, de acordo com Júnior, era enfraquecer o movimento com intrigas potencialmente fragmentadoras, usando a viagem de Lenin como um catalisador. Assim, a burguesia teria inventado que a maioria dos operários, moderada e sábia, o hostilizou na sua chegada, mantendo-se leais ao seu ex-líder, Georgi Plekhanov.

Era Plekhanov, no entanto, quem teria sido rejeitado e condenado a permanecer às margens do movimento operário, como apresentado no artigo de Junior do dia 5 de maio, “La lotta dei partiti in Russia: Plekhanoff, Miliukoff e Lenin”. Embora este tivesse sido a grande aposta liberal, as publicações elogiosas não conseguiram lhe proporcionar a popularidade que tais partidos pretendiam explorar. Logo, aquele que acreditavam ser destinado a domar a paixão revolucionária em propósito da guerra democrática, não teria conseguido emplacar sua visão de guerra nas massas.

De fato, o socialista do PSI admite que Plekhanov havia sido um grande nome entre os trabalhadores, visto outrora como figura indispensável na sua liderança, mas seus constantes insultos ao Congresso de Zimmerwald e ao movimento internacionalista o teriam colocado no esquecimento. Na sua perspectiva particular de guerra, o proletariado deveria unir forças à burguesia, travando a luta armada contra os povos austro-alemães sem preocupar-se com a sua classe. A opinião, contudo, não correspondia mais com a vontade popular. Quando, portanto, seguro de si, este pediu para ser admitido no Comitê de Delegados dos Operários e Soldados, foi negado devido à insignificância ideológica e numérica do grupo que afirmava representar.

Ainda que estas minorias pudessem vir a ser representadas, proclamando seu direito em um futuro gabinete de coligação, sua colaboração no governo, sem apoio dos partidos socialistas e do Comitê dos trabalhadores, não influenciaria a direção geral da política russa. Na prática, a ideia da continuação da guerra até o fim de suas realizações

imperialistas estava se enfraquecendo mesmo na Duma. O fato era que o Governo Provisório havia reconhecido abertamente a impossibilidade de sustentar o poder por muito mais tempo sem o apoio dos partidos socialistas, uma vez que estes tinham alcançado uma influência sem precedentes sobre as massas. De modo que, "talvez pela primeira vez na história os valores humanos do socialismo pareçam tão indiscutivelmente persuasivos" (JUNIOR, 1917e, tradução nossa).

Tanto o partido social-democrata quanto o partido socialista revolucionário, se associavam sem ressalvas ao princípio internacionalista e à luta pela paz, bandeiras levantadas pela grande maioria dos delegados dos trabalhadores. Bem como "outros estratos da população, que tomaram consciência do significado antipopular e antidemocrático da política dos partidos burgueses, também se reúnem em torno da Rússia do Trabalho" (Ibid., tradução nossa). Portanto, para Junior, medidas para que o proletariado tomasse a frente desse novo governo não poderiam ser entendidas como autoritárias, visto que, ao menos naquele momento, este representava os interesses e aspirações de uma ampla parcela do povo.

À medida que o Governo Provisório se mostrava determinado em estabelecer conexões mais profundas com o Comitê dos Delegados dos Operários e Soldados, a tomada do poder pelos trabalhadores lhes parecia mais real. A decisão, dessa forma, levantou diversos debates e ressalvas entre seus ministros, gerando atritos internos a Duma. Nesse contexto conturbado, o ministro Miliukov teria renunciado ao seu cargo. Ainda que sua motivação não fosse explícita naquele momento, Junior acreditava que o mesmo havia se sentido vencido dentro do próprio governo. Sobretudo porque o Comitê o teria pressionado a esclarecer algumas questões quanto às suas ambíguas manifestações acerca da guerra e da não-anexação, ora adotando uma postura, ora outra, conforme o contexto interno ou externo.

A oscilação não era mero acaso, mas um "hábito diplomático de falsas reservas que, em linguagem simples, são chamadas de: engano" (Ibid., tradução nossa). Tendo alternado entre uma 'repentina coragem anexionista' e a proposta de compromisso com os trabalhadores, Miliukov expôs seu oportunismo conciliador, tornando-se alvo de protestos. Inclusive por parte dos pequenos burgueses que constituíam a própria base do partido do seu partido.

Sua saída, portanto, foi entendida de maneira positiva pelos membros do PSI, conforme publicado em *Avanti!* no artigo anônimo "Cooperazione o governo operario?", no dia 12 de maio. Sendo o início de um processo necessário de "eliminação completa de todos

os vestígios da política externa imperialista, da diplomacia autocrática, secreta e suspeita" (COOPERAZIONE [...], 1917, tradução nossa). Condição tida como fundamental caso o Comitê de Delegados dos Operários e Soldados e os partidos socialistas russos decidissem assumir as responsabilidades do poder. Meias medidas, ou tentativas de mudanças ministeriais parciais, não seriam suficientes para contornar a situação do governo, preso em um ciclo no qual sua capacidade destrutiva estava superando a sua capacidade de reconstrução de novas estruturas políticas e econômicas no país.

Cabia às organizações operárias, portanto, decidir não apenas se a democracia laboral deveria ser representada no governo, mas de que maneira. Internamente, o Comitê discutia se havia chegado o momento de tomar o poder, como proposto por algumas lideranças socialistas, ou se era possível prolongar o compromisso até fosse convocada a Assembleia Constituinte. De acordo com Junior, em seu artigo "Perchè l'Europa esca dalla presente situazione?", publicado no dia 15, os socialistas italianos se manteriam vigilantes quanto a qualquer alteração na situação russa, uma vez que acreditavam que o que estava sendo tratado ali não eram apenas os melhores interesses para a Rússia, mas de toda a humanidade.

Até aquele momento, obrigados a "investigar as notícias ambíguas e contraditórias que são fornecidas pela grande imprensa" (JUNIOR, 1917h, tradução nossa), apenas sabiam que o Comitê de Delegados dos Operários e Soldados havia recusado a proposta de uma participação oscilante no Governo Provisório. Sem informações sobre quais elementos teriam se posicionado contra e a favor da proposta, tampouco as razões apresentadas pelas duas correntes. A certeza que tinham, no entanto, era que o debate estaria girando em torno de um único problema, se a entrada no poder, por qualquer meio que fosse, beneficiaria a causa da paz.

Era esta a preocupação que conectava todo o movimento, apesar das diferenças enaltecidas pela imprensa burguesa. Para o membro do PSI, estes divergiam, exclusivamente, em relação à política interna, sobretudo na definição das táticas para o estabelecimento do programa socialista e do papel dos camponeses neste processo. Os bolcheviques, seguindo fielmente as propostas de Lenin, estariam propondo a tomada imediata do poder, instaurando, durante um breve período de ajustamento, uma ditadura do proletariado que garantisse a proteção das liberdades conquistadas pelos trabalhadores nos eventos de fevereiro. Além de permitir que a Rússia lançasse sua vontade de paz na balança internacional. Por outro lado, os

mencheviques teriam rejeitado a ideia, estimando que as condições econômicas, políticas e morais da nação ainda não estavam maduras o suficiente para assumir um governo proletário real. De modo que um regime ditatorial, mesmo que temporário, assustaria as massas, podendo provocar uma contra-revolução.

Entre os ministros trabalhistas do Governo Provisório, a perspectiva cautelosa dos mencheviques parecia dominar, na visão de Junior. O ministro da justiça, Alexandre Kerensky, teria proclamado, em carta publicada pelos jornais franceses, que representaria a democracia dos trabalhadores no Governo Provisório, enquanto esperava que esta se organizasse e determinasse a sua própria linha de conduta. Estimava, portanto, que os primeiros passos haviam sido dados, mas que ainda não seria viável ao proletariado exercer diretamente o poder.

O ministro da agricultura, Mikhail Cernov, apresentado no artigo anônimo do dia 20 de maio, "Tre ministri Zimmerwaldisti", também estava em foco dos editores de *Avanti!*. Descrito por estes como grande líder revolucionário e um internacionalista convicto, Cernov, tendo alcançado uma posição no Governo Provisório, era considerado um triunfo do programa socialista. Podendo se tornar o principal impulsionador da reforma agrária radical, isto é, da socialização da terra e da expropriação das grandes e médias propriedades para uso dos trabalhadores sem indenização.

Sobre a questão da tomada do poder, Cernov havia declarado sua inclinação em esperar até a convocação da Assembléia Constituinte para tomar medidas decisivas, na certeza de que esta teria uma autoridade inigualável, representando o verdadeiro programa de paz dos povos. O ponto é que, ao menos na visão dos socialistas italianos, o mesmo considerava a questão da guerra como de igual relevância às questões internas russas. Especialmente porque esta só poderia ser encerrada pelo esforço internacional da classe trabalhadora unida, agindo como uma única força e poder soberano. Logo, a liquidação do conflito marcaria "o início de uma era de convulsões políticas e sociais em toda a Europa" (TRE [...], 1917, tradução nossa).

Sobre esta questão, outro ministro chamou a atenção do PSI durante o mês de maio, o ministro da guerra, Alexander Guchkov. Apesar deste ter renunciado ao cargo naquele momento, o artigo de Junior, publicada no dia 16 com o título "Le dimissioni di Gutchkoff", se ocupou mais em desmentir *L'idea Nazionale*, do que anunciar tal fato. Os nacionalistas italianos teriam lamentando a saída do integrante do Governo Provisório, afirmando que o mesmo era o "líder designado do povo russo", com quem toda a Europa podia contar. No

entanto, para o membro do PSI, Guchkov nunca foi, nem seria, acolhido pela democracia das massas, o que teria tornado sua permanência no governo impossível frente à possibilidade de criação de um ministério de coalizão.

Durante toda sua trajetória política, este, tido como rico comerciante, teria agido contra o interesse dos trabalhadores. Como líder do partido Outubrista, Guchkov representava os interesses conservadores da nobreza e da burguesia, convertidos aos novos princípios constitucionais anunciados no manifesto de 17 de outubro[11]. Seu partido não se diferenciava, em termos de natureza social, cultura ou educação política, dos elementos da direita monárquica e nacionalista, com os quais manteve alianças entre 1913 e 1914, formando uma maioria neutra nas terceira e quarta Dumas.

Longe de representar qualquer avanço democrático, sua atuação esteve alinhada com a manutenção da ordem estabelecida e com a contenção das demandas populares. Portanto, "para a classe trabalhadora russa, o Sr. Gutchkoff é o símbolo da reação burguesa" (JUNIOR, 1917f, tradução nossa). Tendo se mostrado interessado por assuntos militares, dedicando-se ao estudo da defesa nacional e da reestruturação da eficiência militar russa, este teria ingressado no Governo Provisório sob o pretexto de ser o parlamentar mais competente em questões de guerra. O seu programa imperialista, no entanto, não contava com amplo apoio, o que o levou a um isolamento dentro do gabinete. Como resultado, "o significado principal desta renúncia consiste na eliminação de um sério obstáculo a um novo acordo entre Governo e o Comitê de Trabalhadores ou à orientação decisiva da política externa em direção aos objetivos daquele Comitê" (Ibid., tradução nossa).

Até então, sob comando de homens como Guchkov, com os quais o mesmo confraternizava, a guerra na Rússia czarista havia sido essencialmente imperialista, voltada para a expansão e a conquista. Como explicitado no artigo "La fine di un imperialismo", assinado no dia 3 de maio por Carlo Bertagni, o país perseguia seus próprios interesses como um colosso que se estendia por todo o mundo, limitado apenas pelo antagonismo do imperialismo britânico, igualmente atento às supostas oportunidades econômicas no Oriente. Desde o início, o Czar havia justificado seus desejos expansionistas sob o pretexto de

[11] O Manifesto de 17 de Outubro foi um decreto do czar Nicolau II que prometia liberdades civis e a ampliação da participação política na Rússia, em resposta à Revolução de 1905. Mesmo determinando a criação da Duma, as reformas propostas foram limitadas, e o regime manteve forte controle sobre o parlamento, frustrando os setores revolucionários.

proteger a grande família eslava e a sua ortodoxia, enquanto explorava toda sua voracidade territorial.

No entanto, um acontecimento inesperado teria mudado completamente os rumos da situação. A Revolução de Fevereiro, ao "abraçar a nova história do mundo", desafiou e repudiou o imperialismo da dinastia, da nobreza e da burguesia. Assim, em pouco tempo, o expansionismo russo foi interrompido pelos socialistas e seus ideais aprimorados em Zimmerwald. Mais do que selar o desaparecimento do Império Russo, a criação do Comitê Delegados dos Operários e Soldados, teria marcado a libertação da nação.

Na perspectiva do PSI, não se poderia interpretar a afirmação de tal política externa como um marco no fim da exploração e opressão de determinados povos. Na realidade, a retirada da Rússia da guerra favoreceria a ascensão de um imperialismo concorrente, representado pelo Império Britânico. Como apresentado no artigo "Per la pace e pel dopo guerra", assinado pela direção do partido no dia 16 de maio, nenhuma solução nacional conseguiria mudar inteiramente a dinâmica de dominação e exploração que se perpetuava em escala global.

Ainda que a iniciativa na Rússia continuasse sendo tratada em tom elogioso pelos socialistas italianos, ela havia se mostrado limitada. Para que se fossem verdadeiramente respeitadas as autonomias dos povos, as declarações de paz não poderiam garantir apenas o fim das anexações forçadas, mas impedir o retorno de uma terrível experiência como da Primeira Guerra Mundial. O que, por sua vez, demandava o estabelecimento de alguns pactos internacionais, como o desarmamento imediato ou simultâneo dos Estados, a remoção das barreiras alfandegárias e o estabelecimento de relações jurídicas confederadas entre todos os estados civilizados.

Ao longo do século, as políticas exacerbadas de protecionismo e a falta de organização estatal entre as nações teriam apenas agravado os conflitos e aprofundado as divisões entre os povos, empobrecendo ainda mais uns em detrimento daqueles pertencentes a elites privilegiadas. No entanto, para que qualquer paz verdadeira, duradoura e justa fosse possível, os diversos Estados deveriam estar prontos para abraçá-la. Logo, o fim da exploração internacional significava, em primeira instância, a erradicação das formas de exploração interna que ainda se perpetuavam dentro das próprias nações. Para isso, era fundamental que o proletariado, a única classe genuinamente interessada em resolver as

causas dos conflitos armados entre os povos, assumisse a responsabilidade de implementar as reformas necessárias com toda sua força, capacidade e determinação. Em resumo

> A aplicação de tais medidas, com as modificações ou acréscimos que são sugeridos pelas condições particulares de cada nação, só pode ocorrer essencialmente através do esforço consciente dos vários proletariados dentro da estrutura de cada Estado individual; que será facilitado e apoiado pelo acordo internacional das classes trabalhadoras (DIREZIONE [...], 1917, tradução nossa).

Com a possibilidade de um tratado de paz pairando no horizonte, aquele era o momento das organizações socialistas planejarem o seu pós-guerra, visto que as precárias condições em que vinham vivendo as massas tornavam evidente a necessidade de um novo caminho. Para os socialistas italianos, a Rússia surgia como um farol, iluminando a possibilidade concreta de um mundo renovado, fundado na soberania popular e na justiça social. Essa, para tanto, deveria implementar integralmente o programa socialista.

A começar pela adoção de uma república baseada na soberania popular e no sufrágio universal e direto, onde a Câmara eleita teria plena autonomia para se reunir e regular seu próprio trabalho. Nela, as estruturas descentralizadas dos poderes administrativos e regionais, assegurariam um governo ágil e eficiente, com cargos eletivos e maior responsabilização dos funcionários públicos. De modo que as decisões referentes a política externa, fossem afastadas do poder executivo e confiadas exclusivamente aos parlamentos, proporcionando o fim de acordos secretos e a transparência nas relações internacionais.

No campo do trabalho, era essencial reverter os danos da guerra, reduzir a migração forçada pela pobreza e utilizar de forma racional as riquezas naturais, como o poder hidrelétrico e os recursos do subsolo, especificamente no caso russo. Seria garantido aos trabalhadores o direito à educação e uma existência digna, com um sistema geral de seguros, salários dignos e igualitários e condições de trabalho adequadas. Além de um maior poder às organizações proletárias, essenciais na proteção destes direitos dos trabalhadores.

2.2 A Revolução como proposta de paz

Se o mês de maio havia terminado com a proposta de um modelo ideal de estruturação nacional que a Rússia e, futuramente, outros países deveriam seguir, junho começava com uma análise sobre as possibilidades e os percalços que, na prática, estariam à frente do caminho dos revolucionários. Especificamente detalhados no artigo “I socialisti

russi nel ministero di coalizione", publicado no dia 5 sob assinatura do correspondente russo Martov.

Envolvidos com maior intensidade nas greves e manifestações de rua, os socialistas russos haviam deixado, espontaneamente, a burguesia livre para tomar os poderes do Estado, esvaziados pela queda do regime czarista. A escolha teria decorrido da falta de preparo das organizações operárias para manter o controle a longo prazo, uma vez que sua maior preocupação naquele momento era a mobilização das massas. Confiar o governo aos partidos liberais pareceu, portanto, menos arriscado do que permitir uma possível retomada da Rússia pela antiga nobreza imperial. Além do fato de que estes grupos, com os quais tinham formado uma breve aliança durante a movimentação revolucionária, representavam a preservação da liberdade recém-conquistada, viabilizando a criação do Comitê de Delegados dos Operários e Soldados.

Os centros de trabalhadores tinham se contentado, na visão de Martov, em operar como vigilantes, exercendo pressão sobre o Governo Provisório. Contudo, à medida que se consolidavam e ganhavam força entre o povo, seus membros teriam passado a almejar uma participação mais significativa na tomada de decisões governamentais. Sobretudo porque os inevitáveis embates de opinião começavam a se mostrar inconciliáveis, especialmente os relacionados à continuação do país na guerra.

O aumento da tensão entre esses dois pólos foi o responsável por uma série de conflitos e consequentes derrotas dos elementos imperialistas mais ativos entre os liberais. Somando-se aos ministros Miliukov e Guchkov, diversos generais haviam renunciado seus cargos, evidenciando o colapso do bloco burguês. De acordo com relevado pelo PSI, haviam permanecido no poder somente aqueles elementos da burguesia que teriam encoberto seus interesses expansionistas e coloniais. Mesmo entre estes, abandonados pelos principais gestores da ideologia imperialista e militarista, o enfraquecimento fazia-se nítido, obrigando-os a buscar aliados nos partidos revolucionários.

Como o autor socialista admitia em *Avanti!,* a situação criada era precária e nada estável. A autoridade moral que as organizações socialistas haviam assumido em meio às massas russas era tamanha, que a democracia pequeno-burguesa não queria se separar do proletariado, tampouco participar do governo se tais partidos não assumissem uma parcela de responsabilidade junto a ela.

A questão, que impedia os representantes trabalhistas de aceitar um governo de

coalizão, era que os próprios termos sob os quais o socialismo teria conquistado forte influência popular, pautado pela luta antiimperialista e pelo fim da guerra, não correspondiam com as resoluções que a burguesia poderia lhes oferecer, ao menos naquele momento. De modo que a "maioria liberal-democrática no gabinete não será capaz de perseguir uma política externa independente. [...] Ela oscilará entre a política de paz e a política de adaptação às necessidades do imperialismo anglo-francês" (MARTOV [...], 1917, tradução nossa). Assim, o erro político cometido pelos socialistas logo no início do movimento de fevereiro, abrindo espaço para a monopolização liberal do poder, acabou colocando-os em um impasse, no qual eram forçados a "desatar, com suas próprias forças, o nó tecido pela guerra mundial" (Ibid., tradução nossa).

Além de encontrar diversos entraves dentro do próprio governo, a proposta revolucionária de paz sem anexações e indenizações vinha sofrendo com ataques da imprensa burguesa internacional, como explicitado por Junior no dia 2 de junho, no artigo "Indennità e contribuzione". Para o socialista, mentiras e manipulação já eram práticas comuns aos veículos ligados a partidos liberais de toda Europa, contudo, os embates que se acirravam com o desenrolar da Revolução Russa teriam os levado a medidas extremas, distorcendo até o sentido das palavras presentes nas propostas dos rebeldes russos.

Embora fosse claro para qualquer um que entendesse o mínimo de história, política ou legislação militar, o significado das contribuições rejeitadas pelo governo russo, os jornais haviam tentado confundir as massas a respeito do assunto. Era de conhecimento geral que as contribuições correspondiam a pagamentos impostos pelo vencedor ao derrotado, não como compensação por danos, mas como um lucro direto da guerra, comparável à conquista de um territórios. O conceito era claro para todos, sendo inclusive o modo com que os governos da Entente haviam, até aquele momento, planejado pagar as dívidas contraídas pelos seus respectivos Estados durante os anos de conflito.

Entretanto, os jornalistas liberais, tomados por más intenções, teriam informado seus leitores de que, ao negar as contribuições, os socialistas russos estariam se recusando a compensar os países injustamente devastados, como a Bélgica e a Sérvia. A compensação, para Junior, tratava-se de uma transação completamente diferente, sendo uma questão de direito, que só poderia ser resolvida após o conflito, quando internacionalmente pudesse se estabelecer os culpados, os vitimizados e o ônus de restituição a ser compartilhado entre estes primeiros. O que o Comitê de Delegados dos Operários e Soldados não queria era que os

derrotados, além de arcarem com todos os seus prejuízos e perdas, sendo a guerra igualmente desastrosa para todos os povos, fossem coagidos a desembolsar quantias absurdas em meio a falência. Estes tinham que era "injusto e desumano impor privações horrendas a esta ou àquela nação, condenando-as a um verdadeiro jugo econômico e político" (JUNIOR, 1917c, tradução nossa).

Tal confusão drástica de conceitos, era completamente injustificada na visão de Junior. Especialmente porque a fórmula adotada pela Rússia já estava explícita e delimitada desde a Conferência de Zimmerwald, tornando impossível para a imprensa burguesa alegar falta de informação. Tampouco poderia culpar a tradução, tendo em vista que a palavra tinha em russo "a mesma redação que em todas as línguas europeias" (Ibid., tradução nossa). Logo, o que restava era apenas atribuir o erro à "ignorância ou má-fé. E deixe que os jornalistas escolham entre essas duas alternativas" (Ibid., tradução nossa).

Entre os tantos jornais apontados como integrantes desta farsa, havia uma parcela publicada na Itália. *L'Idea Nazionale*, *Corriere della Sera* e *La Tribuna* são apontados algumas vezes pelos membros de *Avanti!* por sua conduta inapropriada. A esse respeito, comentam no artigo "Consigli sprecati", publicado de forma anônima no dia 24 de junho, que apesar de pertencerem ao mesmo povo e contexto social, se consideravam parte de um mundo completamente diferente dos liberais italianos. Sobretudo porque "a moral deles não é a nossa, a dignidade deles não é a nossa" (CONSIGLI [...], 1917, tradução nossa). Na realidade, se sentiam muito mais distantes dos compatriotas fraudulentos do que dos camaradas socialistas que na França, Rússia, Inglaterra e Alemanha, pensavam e trabalhavam pela paz internacional como proposta em Zimmerwald, onde "fizeram um pacto de fraternidade que distorções e calúnias nacionalistas não conseguirão quebrar" (Ibid., tradução nossa).

Para os socialistas italianos, conforme o artigo "Revisione e soluzione" do dia 13 do mesmo mês, a campanha de difamação promovida por determinados jornais refletia a raiva burguesa diante da percepção que a Revolução Russa ameaçava diretamente as "empresas militares dos Estados e as coligações das grandes potências, que necessariamente têm nas guerras os seus objetivos específicos" (REVISIONE [...], 1917, tradução nossa). Assim, o movimento que antes tinha sido bajulado pelos partidos liberais, passou a aterrorizá-los por seu potencial de despertar a consciência popular e fortalecer a solidariedade proletária.

Cegados por seus interesses imperialistas, na visão dos socialistas italianos, os grupos burgueses europeus não conseguiam compreender que a aversão da Rússia

revolucionária aos velhos métodos de resolução de disputas entre nações derivava do sofrimento imposto aos povos oprimidos. Os socialistas russos, como o PSI, queriam propor aos povos da Europa uma vida comum mais civilizada, objetivo que consideravam mais importante do que antigos tratados, sobretudo aqueles que nem sequer reconheciam, tendo sido assinados por um regime que não existia mais.

A esse respeito, *Avanti!* já havia publicado um artigo anônimo no dia 4 de junho, "Senza anessionni", defendendo o pedido de revisão dos pactos firmados com a Entente, feito oficialmente pelo ministro de relações exteriores da Rússia, Mikhail Tereschenko. Não fazia sentido, dentro da lógica dos socialistas italianos, que a democracia russa tivesse que servir a propósitos anexionistas que lhe eram estranhos. Afinal, se na imprensa burguesa "não faltaram declarações de direitos históricos, geográficos, estratégicos e econômicos sobre territórios europeus, asiáticos, africanos" (SENZA [...], 1917, tradução nossa), a mesma não poderia sugerir a negação do direito do governo russo em decidir seus próprios princípios. Não se tratava de uma ruptura com os aliados, pelo contrário, os revolucionários buscavam remover as cláusulas de engrandecimento às custas de outros povos europeus e coloniais justamente para evitar que as divergências os fizessem deixar a Entente.

Nesse sentido, o *Avanti!* já havia publicado, em 4 de junho, o artigo "Senza anessioni", no qual defendia a revisão dos pactos firmados com a Entente, conforme solicitado oficialmente pelo ministro das Relações Exteriores da Rússia, Mikhail Tereschenko. Para os socialistas italianos, não fazia sentido que a democracia russa tivesse de servir a propósitos anexionistas que lhe eram estranhos. Afinal, se a mídia burguesa não hesitava em reivindicar "direitos históricos, geográficos, estratégicos e econômicos sobre territórios europeus, asiáticos e africanos" (Ibid., tradução nossa), a mesma não poderia negar ao governo russo o direito de definir seus próprios princípios. O pedido, portanto, não representava uma tentativa de ruptura da aliança, mas, pelo contrário, buscava uma forma de remover determinadas cláusulas do contrato justamente para evitar que tais divergências levassem a Rússia a abandonar a Entente.

O objetivo das organizações revolucionárias russas era renovar os termos sob os quais a relação havia sido estabelecida pelo antigo regime com a França, Inglaterra e Itália. Estreitando os laços entre os países, em bases pacíficas e antiimperialistas, como descrito no artigo anônimo "La crisi della rivoluzione", publicado no dia 22 de julho. Isso porque, em última instância, estas compreendiam que "é sua tarefa estender os benefícios da revolução

ainda não consolidada a todos os outros países" (LA CRISI [...], 1917b, tradução nossa).

A questão, debatida pelo jornal ao longo de todo o mês de julho, era que os socialistas russos, ao atribuírem à revolução um caráter essencialmente internacionalista, teriam se colocado em uma missão "superior à capacidade humana". Por isso, acabaram recorrendo àqueles que, sem compreender plenamente tal programa, adquiriram grandes responsabilidades pela situação econômica e política da Rússia. Desse modo, estabeleceu-se um esquema de governabilidade em colaboração com uma burguesia que estava, em partes, interessada no engrandecimento nacional às custas de outros povos europeus e coloniais.

Para os membros do PSI, se não tivesse coragem de tomar as decisões supremas, o elemento revolucionário triunfante veria seu movimento ser explorado pelos partidos liberais. As novas instituições, inevitavelmente, teriam herdado do antigo regime não apenas a guerra, mas uma grande crise monetária e social, que atingia as classes baixas em suas condições mais básicas de vida. Era esperado, portanto, que agitações continuassem a acontecer, mesmo sob o regime dos sociais-democratas, sobretudo porque as forças proletárias não conseguiriam distinguir facilmente as consequências imediatas da ligação entre o antigo e o novo governo. Os tumultos, que visavam tirar da revolução o melhor resultado possível para o proletariado de todo o mundo, estariam, contudo, sendo usados pela burguesia como forma de justificar certas posturas incompatíveis aos propósitos do movimento.

Era evidente que o proletariado russo não teria sido capaz de manter a sua fé na revolução se as condições que levaram à derrubada do Czar tivessem piorado, mas o período de ajustamento do novo governo estava sendo mais longo do que o esperado originalmente, como afirma o correspondente francês Boris Souvarine no artigo de *Avanti!*, "La nuova crisi in Russia: la situazione interna". Para o autor, o Comitê de Delegados dos Operários e Soldados havia se deparado com uma complexa crise, resultado direto da abundância de papel-moeda emitido pelos governos do antigo regime, "isto resultou na desvalorização do rublo, que passou agora de 2,65 em Julho de 1914 para 1,30" (SOUVARINE [...], 1917, tradução nossa).

A situação era agravada pela atitude dos agricultores russos, que se recusavam a pagar impostos, causando uma perda de vários milhões ao tesouro nacional. O embate com os grandes produtores rurais, somados a condições climáticas desfavoráveis ao plantio, contribuíam para a escassez de diversos alimentos, sobretudo nas grandes cidades. Para

aumentar os seus recursos, os ministros do Governo Provisório planejavam criar monopólios estatais, o que demandava recursos imediatos. A solução teria sido recorrer aos países da Entente, que, por sua vez, exigiam uma participação cada vez mais ativa do exército russo na guerra.

Segundo Leon Trotsky (2017a, p.53), as Revoltas de Julho de 1917 marcaram um dos momentos mais críticos do período revolucionário, se caracterizando como um "ensaio geral" para a Revolução de Outubro. Por meses depois da derrubada do Czar, a insatisfação popular vinha crescendo entre as massas que, prontas para verdadeiras mudanças políticas e sociais, não sentiam suas necessidades atendidas pelo novo governo, especialmente quanto à saída do país da Primeira Guerra.

Em julho, essa tensão explodiu em Petrogrado, quando milhares de trabalhadores e soldados saíram às ruas para exigir que o Soviete assumisse o poder. As manifestações começaram espontaneamente, mas logo ganharam apoio de setores bolcheviques mais radicais. No entanto, a liderança do partido, incluindo Lenin, hesitou em apoiar completamente a revolta, considerando que ainda não havia condições maduras para a tomada do poder. A resposta do Governo Provisório foi brutal. Suas tropas leais reprimiram os protestos, prenderam diversos manifestantes, inclusive o próprio Trotsky, ao passo que iniciaram uma campanha de perseguição aos bolcheviques, obrigando Lenin a se refugiar momentaneamente na Finlândia. Apesar da repressão, o episódio contribuiu para o fortalecimento do partido, demonstrando que este já tinha um apoio popular significativo.

Enquanto a fração maximalista das organizações operárias mantinha viva a efervescência nos círculos operários, o descontentamento social crescia, obrigando os ministros a adotar posicionamentos mais à esquerda, ao menos nas suas declarações. Contudo, como declarado no artigo “La grave situazione al fronte e all’interno della Russia: Borghesi e socialisti”, publicado no dia 24 de julho sob assinatura de “Ing”, o desenrolar dos acontecimentos em Petrogrado “pode impressionar, mas não deve desorientar o proletariado italiano” (ING, 1917g, tradução nossa).

Para o membro do PSI, as massas russas deveriam receber de “seus camaradas em outros países uma compreensão mais profunda e científica do trabalho grandioso que está se tornando parte da prática russa e uma apreciação fraterna do doloroso nascimento da nova grande ordem social que emergiu da Revolução Russa” (Ibid., tradução nossa). Um olhar mais atento relevaria a estes que o trabalho dos socialistas russos se caracterizava em uma

constante batalha para definir a organização estatal. A ideia era que o Estado se construísse de forma a permitir que as forças proletárias participassem plenamente da vida política, sem a necessidade de lutas intensas e desgastantes no futuro, de modo que toda a sua energia e esforço pudessem ser direcionados à revolução social e à concretização do ideal socialista.

A sua concretização encontrava, no entanto, um grande obstáculo na própria concepção revolucionária adotada pelos partidos liberais, através da qual a Revolução Russa era tida como um movimento político burguês. Nesse sentido, para "Ing", concordavam com os socialistas quanto ao ímpeto das massas trabalhadoras em não considerar sua tarefa encerrada com a derrubada do czarismo, mas destoavam quanto às expectativas em relação a essa continuidade. Visto que, para os liberais, o movimento implicaria na criação de uma nova situação política no Estado, favorável ao desenvolvimento do capitalismo em geral e, especificamente, do imperialismo de guerra.

Além da clara disputa ideológica estabelecida entre o Comitê de Delegados dos Operários e Soldados e o Governo Provisório, os socialistas tinham que enfrentar frações internas ao seu próprio movimento. Embora este se apresentasse formalmente como uma frente unida, suas organizações eram compostas por diversos grupos, sendo alguns minoritários, mas igualmente responsáveis por gerar dissensos, como os anarquistas e os nacional-socialistas. No entanto, a principal questão estava na divisão dentro da classe internacionalista, formada pelos mencheviques e bolcheviques. A grande diferença, apontada por Vodovosov ou "Ing", era o medo deste último de que, enquanto a revolução estivesse em andamento, a ameaça de um retorno contra-revolucionário continuaria presente, não mais representada pelo czarismo descentralizado, mas pela própria burguesia. A preocupação teria levado os líderes bolcheviques a adotar medidas mais rígidas, marcadas pela intransigência e recusa de diálogo com outros grupos políticos.

Para essa fração socialista, esperar cooperação ou permissão da burguesia não agregaria em nada à causa operária, sendo, na realidade, o único meio possível para um partido burguês fazer triunfar as suas ideias. Postura apreensiva que intimidava os partidos liberais, já conscientes da necessidade de uma aliança para permanecerem no poder. Como defesa, conforme descrito no artigo "La situazione in Russia", publicado anonimamente no dia 30, os mesmos teriam começado a tentar colocar uma força revolucionária contra a outra.

Assim, simultaneamente com a antiga estratégia da dissimulada imprensa burguesa, os liberais estariam tentando infiltrar seus agentes provocadores dentro das

manifestações lideradas por bolcheviques. Portanto, "não é difícil entender que os cadetes[12], com o objetivo de enfraquecer as forças socialistas da revolução tomaram medidas para fazer o movimento maximalista parecer antissemita, bem como uma venda ao Kaiser" (LA SITUAZIONE [...], 1917a, tradução nossa). Mesmo com os judeus sendo amplamente representados pelo movimento socialista, sobretudo entre a corrente maximalista, os primeiros dias de julho teriam sido marcados pelas extensas publicações burguesas sobre cartazes, colocados na frente do palácio da bailarina Kschessinskaya, incitando protestos contra tal grupo social. Para o PSI, a produção destes suspeitos anúncios havia sido, claramente, uma obra paralela ao movimento, motivo pelo qual as notícias teriam sido recebidas dentro do mesmo com incredulidade e espanto.

De acordo com o artigo "Lenin", publicado em *Avanti!* no dia 22 daquele mês, o movimento bolchevique se tornava, dessa forma, o novo alvo do corrupto esquema liberal, de maneira muito semelhante como havia sido com Lenin, cuja "postura intransigente e sua tenacidade contra qualquer colaboração com a burguesia tornaram-se os documentos de seu crime" (LENIN, 1917a, tradução nossa). Antes tido como um homem honesto e forte, admirável em sua doutrina e no trabalho de liderança do movimento operário e dos consideráveis fundos recolhidos pelos revolucionários, este havia sido reduzido pela imprensa a um mero agente alemão.

Para que a narrativa parecesse verdadeira, o nome de Lenin teria sido associado ao de Alexander Parvus, figura controversa da Revolução Russa, conhecida nas notícias internacionais como um vigarista e manipulador político. No entanto, os socialistas italianos não acreditavam haver quaisquer provas desta relação e, ao contrário, ofereciam sua total solidariedade a Lenin, certos de que este triunfaria, não tanto por si, mas pelo proletariado russo, cuja emancipação este havia dedicado toda a sua existência. As massas não o abandonariam, tendo, inclusive, forçado Miliukov a renunciar porque o mesmo "ousou lançar a acusação difamatória de traição contra Lenin e torná-la pública sem uma investigação regular. Em vez de acreditar que Lenin era um traidor, os membros dos Sovietes expulsaram o ministro burguês e ampliaram a crise no Gabinete" (Ibid., tradução nossa).

Os membros do PSI, entretanto, fizeram questão de afirmar, em um artigo de

[12] Os cadetes (do Partido Constitucional Democrata) foram um partido liberal russo, formado em 1905, visando a defesa da monarquia constitucional, de reformas políticas moderadas e do fortalecimento da Duma. Durante a Revolução Russa, tiveram Miliukov como um dos seus principais líderes e se opuseram tanto ao regime czarista quanto aos bolcheviques, apoiando o Governo Provisório em 1917.

autoria de “Ing”, “Kerensky e Lenin”, no dia 31 de julho, que apesar da declarada importância de Lenin na Revolução russa, as “revoluções de natureza amplamente democrática ou proletária, foram feitas e continuam a ser feita pelas massas trabalhadoras do povo: este é o sinal mais característico da progressividade do movimento” (ING, 1917d, tradução nossa). Em outras palavras, o grande ator das transformações russas eram as classes operárias. Assim, a sua história poderia por vezes polarizar-se em torno de algumas figuras, mas estas não passariam de alegorias, expressando tendências muito maiores.

O fato é que a burguesia, ofuscada pela sua falta de conhecimento em base histórico-materialista sólida, era incapaz de analisar os acontecimentos como um todo, e por isso “admite que são essas individualidades que constituem os principais elementos da situação, em vez de apenas símbolos” (Ibid., tradução nossa). A visão personalista, por sua vez, teria permitido que, diante do mundo burguês, Lenin fosse apresentado como tudo aquilo que é contra o senso comum, os fatos e a lógica. Assim, moldaram-no como conspirador alemão, mesmo quando este havia se recusado a estabelecer contato com estes durante sua viagem de retorno à Rússia, e depois como anti-semita, apesar de sempre ter sido um dos mais ardentes protestantes contra a perseguição do povo judeu na Rússia.

Para o membro do PSI, as tentativas liberais de esmagar Lenin, e consequentemente o movimento bolchevique, estariam ficando cada vez mais agressivas e desesperadas, à medida que suas ideias eram abraçadas pelo programa proclamado pelo novo governo, como soluções para a crise política e econômica enfrentada pelo povo russo. Assim, “acontece o que argumentamos: que a oposição de Lenin não apenas foi útil e necessária para o desenvolvimento e o caminho progressivo da revolução russa, mas que suas ideias já deixaram a marca necessária à política socialista. E ainda não acabou” (Ibid., tradução nossa).

Contudo, a Revolução Russa não tinha sido centralizada apenas na sua figura, mas também na do novo Primeiro-Ministro, sobretudo no embate entre os dois. Nesse sentido, Kerensky e Lenin não tinham nada em comum, “e, claro, a imprensa burguesa varreu o primeiro para as nuvens da glória com elogios e calúnias, que são talvez uma forma de esperanças secretas, e lançou o último nas profundezas do inferno com acusações, difamações e calúnias” (Ibid., tradução nossa).

Embora Lenin fosse incompreendido por quase toda a imprensa burguesa, para o correspondente russo, sua sinceridade, honestidade e retidão eram inquestionáveis. Na realidade, enquanto este era completamente determinado, o perfil de Kerensky era, em muitos

aspectos, bastante incerto ou nebuloso, mesmo para seus partidários mais fervorosos. Fato que não vinha de um conhecimento deficiente sobre sua história, tendo sido uma das pessoas que mais teve oportunidades de se mostrar, em diversos sentidos e ocasiões, mas pela sua própria falta de precisão. Em resumo, “as ideias de Lenin, sejam elas quais forem, são cristalinas em suas convicções e em sua fé socialista, enquanto as de Kerensky são, em muitos casos, o produto de suposições temporárias e muitas vezes divergentes do ponto de partida” (Ibid., tradução nossa).

Inclusive, ao início dos eventos de fevereiro, poucos teriam considerado Kerensky como um verdadeiro socialista, apesar de sua longa vida pública. Apesar da sua ascensão ter sido impulsionada pelo entusiasmo revolucionário, suas ideias mostraram-se simplistas e ingênuas. Até mesmo seus aliados o haviam descrito como impulsivo, facilmente influenciável e sem uma identidade política bem definida. Ainda assim, pressionado pelo Soviete e pelas críticas internas, este acabou sendo levado mais à esquerda do que originalmente pretendia, tendo deixado suas raízes moderadas nos Trudoviks, um partido camponês que defendia um “programa mais de implementações socialistas do que de ideais socialistas” (Ibid., tradução nossa).

De acordo com “Ing”, Kerensky, apesar de se declarar socialista, foi amplamente manipulado pela burguesia, que explorou sua falta de firmeza ideológica para usá-lo como um freio ao avanço da revolução. Ambiguidade que ficou nítida durante sua trajetória política. Entre suas passagens pelo Comitê Executivo Provisório da Duma, onde o mesmo assumiu o Ministério da Justiça, a pasta da Guerra e da Marinha e, posteriormente, a presidência do Conselho, Kerensky se viu constantemente obrigado a justificar suas ações aos Sovietes. Em uma busca para reafirmar sua identidade socialista, diante de decisões que favoreciam setores conservadores e até contrarrevolucionários. Perdido no meio de tantas pressões, este teria sido progressivamente arrastado para um caminho que ele próprio dizia combater, o da ditadura.

2.3 A Revolução Russa como combate a burguesia

O mês de agosto se iniciava com notícias entusiasmadas acerca da chegada dos representantes russos do Soviete à Itália. De acordo com o artigo “Il Soviet in Italia: gli argomenti della pace”, publicado no dia 8 com assinatura de “Ing”, os quatro delegados

teriam sido enviados em uma missão, estabelecida pelo Comitê de Delegados dos Operários e Soldados, com o objetivo de levar a voz da nova Rússia à Europa. Tendo embarcado em Paris, e com passagens agendadas para viajar a Londres, estes estariam em Turim para reunir os camaradas da Entente em torno do seu inimigo comum, o capitalismo internacional.

Diferentemente das habituais delegações burguesas, o quarteto não possuía um líder, mas uma combinação harmoniosa que refletia a gama de ideias presentes no Soviete, visto que "em última análise, cada elemento da delegação representa um grupo e uma tendência particular do socialista russo, que encontra o seu equivalente na Internacional" (ING, 1917c, tradução nossa).

Para "Ing", mais do que figuras políticas em particular, estes encarnavam "cerca de vinte milhões de trabalhadores e soldados organizados". O que não significava que suas trajetórias não deveriam ser reconhecidas, visto que estes teriam sido propositalmente escolhidos pelos companheiros russos para um projeto tão importante. Assim, o membro do PSI se ocupou de retratá-las, sobretudo para combater as informações distorcidas que a imprensa burguesa estaria divulgando sobre os representantes, ironicamente nomeados de argonautas da paz.

Na descrição fornecida em *Avanti!,* Goldenberg tinha a história marcada por um excelente trabalho intelectual e militância revolucionária dentro das fileiras do Partido Social-Democrata Russo. Foi perseguido e exilado, retornando à Rússia apenas em 1914, momento em que separou-se de Lenin por diferenças táticas.

Na descrição publicada no *Avanti!*, Goldenberg aparece como uma figura cuja trajetória era marcada por um notável vigor intelectual e militância revolucionária nas fileiras do Partido Social-Democrata Russo. Perseguido e exilado, havia retornado à Rússia apenas em 1914, quando rompeu com Lênin por divergências táticas. Em seu país, teria permanecido ativo no Comitê Executivo do Soviete, onde defendia a primazia da ação contra as guerras entre proletários, e se tornado editor-chefe do *Izvestia*, jornal diário vinculado ao Soviete, com uma tiragem que ultrapassava 250 mil exemplares, distribuídos por todo o país.

Smirnov, por sua vez, foi apresentado como um metalúrgico e líder sindical na Rússia, membro da administração do Sindicato dos Metalúrgicos de Petrogrado, que já contaria com 120.000 membros. Sua importância era reconhecida também no movimento socialista internacional, tendo não apenas participado da Conferência de Zimmerwald, mas fazendo parte de redes de coordenação da ação entre sindicatos socialistas em diversos países,

através do qual se opunha veementemente às políticas imperialistas e ao pacifismo moderado.

Erlich era um membro importante do Comitê Central do Bund, partido socialista judeu formado durante o Império Russo, no qual teria um papel ativo na luta contra a perseguição e opressão direcionadas ao grupo pelo regime czarista. Em razão disso, era visto como uma peça fundamental para reforçar o posicionamento do Soviete quanto aos direitos de autodeterminação nacional, que não se limitaria aos proclamados pelos judeus, mas por todos os povos oprimidos.

Por fim, Russanoff, "com uma cabeça grisalha coroando uma alma jovem e entusiasmada, foi um emigrante político por muitos anos" (Ibid., tradução nossa). No exterior teria estudado a ação socialista dos países ocidentais e também participado do evento em Zimmerwald, retornando à Rússia com ideais radicalmente internacionalistas e revolucionários. Era parte do Partido Socialista Revolucionário, onde defendia que a guerra, embora impulsionada pelo imperialismo e pelas rivalidades nacionais, não podia ser explicada apenas por estes fatores. Na realidade, acreditava que o conflito era também o resultado das atividades anteriores das classes dominantes, que deliberadamente despertaram sentimentos secularistas nas massas, para "explorar os sentimentos justos das nacionalidades oprimidas" (Ibid., tradução nossa).

Pelo seu trabalho e dedicação à Revolução Russa e à causa operária como um todo, os delegados foram recebidos em território italiano com manifestações operárias entusiasmadas, promovidas pelo PSI. Em apreço, como revelado em "I delegati del Soviet visitano L'Avanti!", publicado anonimamente no dia 9 de agosto, estes teriam ido até o escritório do periódico socialista para cumprimentar seus membros pelo esforço pacifista realizado entre as massas. Na conversa, os italianos afirmam terem sido contemplados sobre as questões que sentiam ainda estarem defasadas pela difícil comunicação internacional.

Segundo sua descrição, os representantes do Soviete não hesitaram em lhes assegurar, em consonância, que a Rússia havia se libertado para sempre do governo imperialista. Ficando entendido que Kerensky não tinha pretensões expansionistas e continuaria a guerra apenas enquanto fosse necessário para proteger as conquistas revolucionárias contra possíveis ataques internos e externos. Da mesma forma, teriam confirmado que as organizações operárias rejeitavam, e continuariam a rejeitar, a tese que lhes era atribuída sobre uma paz separada. De modo que "o Soviete fará todos os esforços para reunir todos os homens de boa vontade, a fim de levá-los à beira da guerra" (I DELEGATI

[...], 1917, tradução nossa). Quanto a Lênin, afirmava-se que, embora suas posições pudessem levar quem não o conhecia de perto a considerá-lo um inimigo da revolução russa, era, na verdade, um homem "honesto até os ossos".

Embora inicialmente tenham demonstrado grande satisfação com as palavras proferidas pelos colegas russos, ao longo de agosto, os socialistas italianos foram impactados por um outro evento significativo, que revelou a inveracidade das declarações feitas sobre Kerensky. O fato era a declaração de um novo gabinete do Governo Provisório, em resposta à crise ministerial que havia se estabelecido no país, como anunciado no artigo anônimo do dia 9 daquele mês, "Come è stata risolta la crisi ministeriale in Russia".

A organização governamental teria sido inteiramente formada por Kerensky, com o mesmo conduzindo pessoalmente as negociações com os representantes de diversos partidos políticos russos. Estes, por sua vez, já haviam autorizado as respectivas lideranças a adentrar o novo governo, em uma conferência conduzida no Palácio de Inverno no dia 3 de agosto, demonstrando grande disposição geral em colaborar ativamente na construção de uma unidade nacional. Como resultado, apenas dois ministros do primeiro Governo Provisório foram convidados a retornar na sua nova composição, Nekrassov e Terestchenko. Tentando evitar cometer os mesmos erros de seus antecessores, o Primeiro-Ministro havia proposto a criação de um órgão especial para a direção suprema de todos os assuntos relacionados à defesa nacional, reforçando sua intenção de assumir maiores responsabilidades na administração suprema do Estado.

Quanto à necessidade de reorganização das forças governamentais, indo em direção contrária à imprensa burguesa, os membros do PSI não acreditavam se tratar de um sinal de debilidade do novo regime, mas de um fator esperado, dadas as condições sob as quais este havia sido formado. Como apresentado no dia 10 de agosto no artigo "Diagnosi interessata", de Omero Concetto, de modo semelhante a todas as revoluções populares, que historicamente seriam causadas pela explosão de sofrimentos em circunstâncias difíceis, não seria possível "passar repentinamente do regime politicamente absoluto e economicamente injusto, [...] para o coletivismo ou, pelo menos, para uma administração de caráter social" (CONCETTO [...], 1917, tradução nossa). Sobretudo em uma nação na posição da Rússia, enfrentando uma complexa guerra e uma fome endêmica.

Era inevitável que, por vezes, o movimento revolucionário precisasse recuar, a fim de garantir as liberdades que havia conquistado. O estabelecimento de governos

provisórios representava, assim, a busca por um "ponto estável de equilíbrio entre as diferentes correntes que se empurram e se seguram" (Ibid., tradução nossa). Aqueles que acreditaram, motivados pela notícia da vitória fácil dos revolucionários, na possibilidade de criar imediatamente um Estado comunista na Rússia, com a aceitação passiva das antigas aristocracias dominantes e uma renúncia quase voluntária das burguesias industriais e dos proprietários de terras, teriam "sonhado com os olhos abertos". Assim como os que acreditavam que todos os socialistas deveriam se sentir satisfeitos por terem derrubado o czarismo, estabelecendo-se meramente como o alicerce para as bases democrático-burguesas construírem o novo sistema, estariam delirantes.

Ao longo da história humana, na visão de Concetto, sempre que um movimento revolucionário se encontrou em uma encruzilhada, houveram aqueles partidos entre os vencedores que renunciam à finalidade última de seus ideais, preocupados em não se comprometer em uma disputa civil. Enquanto uma outra parte destes, permanecia fiel aos postulados pelos quais lutou desde o princípio, não vendo razão em desistir do seu próprio espírito rebelde até que os objetivos pretendidos fossem completamente alcançados. Na Rússia, Kerensky e seus colegas eram os que decidiram parar antes de dar o próximo passo, se contentando em desempenhar a função de mediadores, e Lenin, por outro lado, era o disposto não apenas a caminhar rumo a maior conquista possível, mas a transformar esse caminho em um ponto de passagem para todos os povos. Na opinião do membro do PSI, "as multidões devem considerar o Governo de hoje não como o representante legítimo das suas próprias aspirações, mas como o novo e melhor adversário que tomou o lugar do mais velho que avança" (Ibid., tradução nossa).

A composição do novo Governo Provisório, contudo, foi alvo de diversas críticas nas publicações de *Avanti!*. Como explicitado em "Il nuovo Ministerio russo", artigo assinado por "Ing" no dia 11 daquele mês, esta havia sido um motivo de espanto para toda a imprensa socialista, especialmente depois da conversa com os membros do Soviete russo, na qual haviam sugerido uma outra postura a ser adotada por Kerensky. Era esperado, especialmente por conta das condições absolutamente extraordinárias sob as quais a crise ministerial havia se instaurado, que a reorganização do governo ocorresse em uma base ampla, com a participação de todos os partidos, marcando o início de uma coalizão nacional mais poderosa. Todavia, "não vemos nada disto na composição do Ministério" (ING, 1917a, tradução nossa).

A imprensa burguesa já havia proclamado que os cadetes assumiriam um papel de

maior destaque na nova configuração governamental. No entanto, para o membro do PSI, o partido mostrou-se tão atraente a Kerensky que acabou dominando o gabinete do Governo Provisório, tirando o espaço de grupos que realmente representavam os interesses dominantes da vida nacional russa. Na verdade, acreditava que era possível dizer que o novo gabinete era menos representativo que o anterior, dada a ausência do Partido Social Democrata. A coligação, assim, se revelava incapaz de servir os propósitos unificadores que teriam justificado sua própria existência, de modo que

> A consideração dos elementos da vida russa que determinariam a resolução da crise e a ação do futuro Governo, conduziu-nos logicamente e, quase diríamos, inexoravelmente a um Governo indeterminado, potencialmente autoritário e de estabilidade duvidosa, como o hoje formado (Ibid., tradução nossa).

Concluir que o novo Ministério, instaurado sob bases burguesas, era potencialmente autoritário significava, portanto, que este estava ameaçando as liberdades conquistadas na Revolução de Fevereiro, fato que contrariava justamente o papel que um governo de transição deveria desempenhar. Especialmente porque o mesmo contava com a presença dos cadetes, partido que "teve inevitavelmente de se tornar contra-revolucionário" (Ibid., tradução nossa). A ideia apresentada por "Ing", nesse sentido, era que o sentimento opositivo dos liberais não poderia ter sido outro, visto que o movimento revolucionário estava tentando deliberadamente esmagar todos os seus alicerces. Logo, sua dominação política e socioeconômica, suas tendências imperialistas e sua liberdade de exploração ilimitada teriam encontrado um perigo mortal no programa socialista.

Como retomado por "Ing" no dia 26 de agosto, no artigo "La borghesia al lavoro in Russia", os ataques furiosos aos internacionalistas, "chamados leninistas, bolcheviques, maximalistas, simplesmente germânicos e vendidos, era apenas a liberação de uma raiva mais intensa ou mais geral contra toda a população revolucionária ou contra toda a sua massa consciente: o proletariado" (ING, 1917e, tradução nossa). O desprezo liberal, embora pudesse parecer um efeito pós-revolucionário, era uma perspectiva unânime desde o princípio. De fato, estes não teriam começado sua ofensiva em fevereiro apenas porque a realidade e as circunstâncias do momento não permitiram.

Na realidade, o incidente entre Miliukov e os bolcheviques, que para os socialistas italianos teria custado a sua posição ministerial, "era apenas uma tentativa de testar as águas e ver se havia chegado o momento certo para falar e agir ainda mais claramente" (Ibid., tradução nossa). Como resultado, por ter se sacrificado pela causa imperialista, a ação o

colocou definitivamente à frente de toda a burguesia, o que lhe permitiu continuar no comando desses confrontos ideológicos, mesmo fora da organização estatal. E assim ele fez, transformando a política de guerra do "até o fim, até a destruição", para “até o fim, até a eliminação do Soviete”.

No entanto, na visão do membro do PSI, as ações mais perigosas de Miliukov não foram as investidas diretas, e sim o sorrateiro trabalho de manipulação que instaurou em diversas frentes para provocar e ampliar a oposição entre o Governo Provisório e o Comitê de Delegados dos Operários e Soldados. Além de tentar intoxicar a opinião pública através da imprensa e das correspondências provinciais, buscou infiltrar antigos “socialistas” alinhados à causa imperialista da burguesia aos movimentos operários, enquanto procurava incentivar e enfatizar a importância de pequenos grupos social-patrióticos. O grande sucesso desse plano foi a influência conquistada sobre Kerensky. Miliukov não apenas teria conseguido criar uma realidade que colocou este em confronto direto com Lenin, enfraquecendo o feroz inimigo do imperialismo e a própria reputação do Primeiro-Ministro, como lhe impôs, indiretamente, a sua política de guerra. A composição do novo governo era a principal prova desta vitória.

Setembro começava, então, com uma análise do comportamento de Kerensky frente às investidas burguesas na Conferência de Moscou. No artigo “L’inquietudine di Kerensky”, publicado por *Avanti!* no dia 3 daquele mês, o correspondente “Ing” afirma que o Primeiro-Ministro teria percebido tarde demais que, ao organizá-la, havia dado uma grande oportunidade para as forças reacionárias se manifestarem. Assim, durante o evento, este teria se mostrado perturbado pelo fato de que

> Havia aberto a caixa de Pandora e despertado os espectros da contra-revolução e da reação, que, aliás, estavam acordados há muito tempo e só esperavam o momento certo para sair à luz e fazer um grande desfile de suas forças, inflando e exagerando sua importância ao extremo (ING, 1917h, tradução nossa).

Longe de querer resolver os conflitos, as forças burguesas teriam ido à reunião para organizar um desfile de “fantasmas imperialistas”, cujo objetivo não era convencer as massas trabalhadoras a optar pela guerra até o fim, mas assustá-las quanto às possibilidades de uma paz derrotista. Em um único golpe pediam que o povo renunciasse à sua vida, sacrifício que consideravam pequeno em relação a grandeza dos objetivos imperialistas de todas as democracias do mundo, e à todos os seus direitos revolucionários.

Contudo, na visão de “Ing”, discursos como os proferidos pelas infames figuras socialistas, Plekhanov e Kropotkine, cheios de “lugares-comuns do imperialismo mais

vulgar", provocaram um efeito contrário ao esperado, desencadeando um sentimento de indignação entre o proletariado russo. Assim, o movimento, que buscava conter o avanço revolucionário por meio da força liberal reacionária, acabou por alimentar ainda mais as chamas da revolução que já ardiam em seu interior. Inclusive acendendo-a no próprio Primeiro-Ministro, cujo discurso passou a assumir um tom bem distinto do apresentado ao início da Conferência. Enquanto a sua fala inicial teria sido quase inteiramente dirigida contra as massas trabalhadoras e o Soviete, "o discurso de encerramento ameaçou principalmente a contra-revolução, contra a qual Kerensky declarou-se determinado a lutar e batalhar energicamente" (Ibid., tradução nossa).

O desfecho, comemorado pelo autor socialista, não era uma surpresa para quem havia acompanhado a determinação e resiliência dos revolucionários russos. O que lhe espantava, era o fato de Kerensky não estar ciente desta vontade burguesa de se sobrepor aos demais partidos políticos incluídos no Governo Provisório. Por mais ambíguo que seu comportamento fosse, ele ainda era parte do Partido Socialista Revolucionário Russo, cujo foco do trabalho havia sido, ao menos nos últimos meses, alertar sobre o perigo liberal e sua crescente agressividade contra os internacionalistas.

A Conferência de Moscou, realizada entre 12 e 15 de agosto de 1917, foi um evento organizado pelo Governo Provisório na tentativa de unir diferentes frações políticas e obter apoio para a continuidade da Rússia na Primeira Guerra Mundial. Segundo o historiador Orlando Figes (2011, p.324), esta se tratou de uma tentativa desesperada de Kerensky de fortalecer sua posição diante do caos crescente, esperando convencer empresários, generais e socialistas moderados a cooperarem para estabilizar o país. No entanto, o evento apenas evidenciou a polarização política da Rússia, dividida entre conservadores que exigiam medidas autoritárias e repressão contra os bolcheviques, e trabalhadores e soldados que esperavam mudanças radicais nas estruturas políticas e econômicas russas.

Para os socialistas italianos era evidente que o povo, bem como o governo liderado por Kerensky, estavam se movendo de forma cada vez mais decisiva para a esquerda, sendo as reviravoltas que se seguiram à Conferência apenas o primeiro sinal dessa mudança. Segundo o artigo "Korniloff tenta il colpo di stato" publicado anonimamente no dia 11 de setembro, a percepção das tentativas dos elementos reacionários de assumir a liderança havia servido, portanto, como o impulso necessário para que os revolucionários se restabelecessem. O resultado teria sido apresentado na eleição municipal de Petrogrado, na qual as massas

"deram 38 mil votos aos bolcheviques (em vista da supressão e da prisão dos líderes leninistas) e 120 mil aos revolucionários que estão se unindo em torno de Chernoff, contra quem os três cadetes estão mirando: enquanto estes últimos reuniram apenas 2 mil votos" (KORNILOFF [...], 1917, tradução nossa).

Por outro lado, os indicativos de que Miliukov estava perdendo sua influência teriam provocado uma reação desesperada de Kornilov, figura que já havia assumido o papel de ditador na Conferência, se passando por salvador da Rússia. Para o PSI, acreditando que poderia contar com o exército, ou pelo menos boa parte dele, o general tentou marchar até a capital para tomar o poder das mãos do Governo Provisório. A empreitada, no entanto, foi rapidamente liquidada, antes mesmo de se aproximar da cidade, por um conjunto de forças agindo a mando dos ministros e líderes trabalhistas.

Conforme reforçado por "Ing" no dia 14 daquele mês, em artigo publicado com o nome de "Senza maschera", o golpe de Kornilov não veio do nada, como tentou fazer parecer a imprensa burguesa. Na realidade, foi uma medida detalhadamente idealizada por um grupo que "naquele momento não tinha mais nada a perder, pois estava perdendo terreno cada vez mais rapidamente na guerra aberta do campo político" (ING, 1917j, tradução nossa). Sua vitória significaria a vitória da monarquia burguesa sobre a república democrática, definindo de vez a revolta da burguesia contra as conquistas sociais da revolução.

Contudo, um outro artigo de sua autoria, divulgado por *Avanti!* quatro dias depois do primeiro, "Dopo Korniloff", afirmava que embora a tempestade tivesse passado, o horizonte russo ainda permanecia nebuloso. As notícias confusas, contraditórias e tendenciosas impediam os socialistas italianos de confirmar o fracasso total da tentativa contra-revolucionária. Sobretudo porque Kerensky, e o restante do governo, ainda não haviam se pronunciado sobre os acontecimentos, sendo a interpretação destes um ponto fundamental para o esclarecimento da situação. O silêncio inquietante assombrava o proletariado europeu, preocupado com os impactos que o frustrado golpe poderiam ter no futuro imediato do movimento revolucionário.

Naquele momento, Kerensky tinha todos os partidos alinhados firmemente em sua volta, o que não era mérito de seu programa ou governo, mas da vontade resoluta destes em defender o movimento revolucionário e o novo regime. Ali estava a oportunidade que poderia, de uma vez por todas, definir o caráter e as consequências históricas dos eventos que se

sucediam na Rússia desde fevereiro. Dependia do Primeiro-Ministro entender a situação ou desaparecer em uma nova tempestade.

Em outubro, a preocupação com os rumos da revolução e o papel de Kerensky continuam em destaque, assumindo outras formas. No dia 2, o artigo de "Ing", "La conferenza democratica", apresentava a ideia de que as organizações operárias, diretamente envolvidas na supressão da ação golpista de Kornilov, teriam que agir rapidamente para se reafirmar entre as massas, visto que o ministro tentaria reunir os partidos burgueses para assumir o crédito pela rápida e sangrenta repressão do evento. A ideia destes era mascarar sua inação através do sucesso pessoal de Kerensky, sempre exaltado pelos jornalistas liberais. No entanto, apesar da afeição que muitos nutriam por ele, era impossível não reconhecer o quanto sua posição era lamentável.

Por sua vez, envolvidos na Conferência Democrática, os socialistas russos estariam ocupados com sua própria fragmentação, igualmente acentuada com a empreitada do general Kornilov. Enquanto uma parte do movimento insistia na colaboração com a burguesia, acreditando na boa intenção daqueles que se opuseram a tentativa do golpe, a outra estava convencida de que a coalizão não beneficiaria nem as massas trabalhadoras nem os próprios partidos liberais, "pois isso prolongaria em vão uma situação incerta, dolorosa e desesperadora" (ING, 1917f, tradução nossa). Mais do que uma questão tática, o embate operário começava a assumir um aspecto ideológico, com a fração bolchevique não acreditando na possibilidade de uma gestão única que levasse em conta o capital e o trabalho.

Segundo Leon Trotsky (2017a, p.318), a Conferência Democrática de 1917, realizada de 14 a 22 de setembro, e o pré-Parlamento a que deu origem, assinalaram uma nova etapa no desenvolvimento da Rússia pós-revolucionária. Organizada com o objetivo de discutir o futuro do movimento, esta reuniu representantes de diversos grupos políticos, como mencheviques, socialistas-revolucionários e bolcheviques. Mesmo com participações limitadas, se mostrou fundamental para expor a crescente polarização entre os grupos moderados e radicais, refletindo a intensificação da luta pelo controle do processo revolucionário.

A principal questão desta divergência, para Trotsky (2017a, p.320), foi a proposta apresentada pelos mencheviques de uma revolução democrática gradual, com base no parlamentarismo burguês. De modo que o pré-Parlamento serviria como uma etapa natural rumo à Assembleia Constituinte, responsável por consolidar a revolução. Contudo, os

bolcheviques, que estavam ganhando influência nos Sovietes de Petrogrado e Moscou, criticaram essa abordagem. Para estes, o processo revolucionário deveria seguir um caminho mais direto, com a transferência imediata do poder para as organizações proletárias. Lenin, um de seus principais líderes, teria sido enfático em sua crítica à participação no pré-Parlamento, considerando-a uma ilusão liberal, sendo a verdadeira revolução aquela a ser conduzida nas ruas.

O evento, conforme descrito por "Ing" no artigo "Socialismo a Governo in Russia: ancora un Gabinetto", do dia 16 de outubro, estava dividido em duas partes semelhantes que lutavam em um dilema agonizante, dentro do qual se mostravam irredutíveis. A parcela tida como moderada, composta pelos nomes a favor da união de classes, estava tomada pelo medo de se ver sobrecarregada com todo o poder e responsabilidades estatais. Ao mesmo tempo, a mais radical, que sempre havia desconfiado dos partidos burgueses, exibia as ações de Kornilov como prova de que as liberdades conquistadas pelos trabalhadores não estariam garantidas enquanto os socialistas não se afastassem por completo da ideologia liberal.

A confusão persistente, sentida pelo membro do PSI a cada nova notícia que saía da Rússia, pouco ajudava no esclarecimento que a opinião pública europeia buscava. Na realidade, naquelas condições "Ing" considerava natural que a Revolução Russa continuasse a ser vista, e retratada por boa parte da imprensa, como uma sucessão de eventos caóticos. Sobretudo porque os embates, até aquele momento, haviam obscurecido o seu enorme potencial transformador.

O que estaria, de fato, nítido, era a crise representativa que desafiava o novo Governo Provisório desde o dia da sua formação. Para "Ing", Kerensky havia condenado seu próprio gabinete ao fracasso ao permitir que a nova administração, que deveria encarnar a totalidade da nação, se reduzisse à expressão de um grupo restrito. A questão era que, para as massas russas, a escolha do Primeiro-Ministro não teria apenas frustrado suas expectativas, mas se revelado como uma traição. Embora tivessem sido protagonistas no processo revolucionário, as mesmas teriam se sentido relegadas a um papel secundário, enquanto a burguesia era incentivada a se apossar do "direito de se arrogar a autoridade de agir em nome de toda a Rússia" (ING, 1917k, tradução nossa).

Mesmo com os intensos atritos na Conferência Democrática, o evento teria levado a um acordo parcial que, ao menos momentaneamente, reuniu o consenso dos diferentes

atores governamentais. Segundo o artigo de "Ing", "Il parlamento preparatorio", publicado por *Avanti!* em 22 de outubro, a saída foi a criação do Parlamento Preparatório, instituição de caráter preliminar a Assembleia Constituinte, com a ideia de ser implementada em forma de um conselho junto ao Governo Provisório.

A iniciativa teria partido de duas prerrogativas, "uma negativa veio da burguesia, e a outra positiva e criativa da democracia da classe trabalhadora" (ING, 1917b, tradução nossa). Para os partidos liberais, a montagem de um parlamento consultivo era uma maneira de tentar minar a participação das organizações socialistas no governo. Os cadetes, bem como os demais elementos burgueses que os seguiam, queriam refugiar-se nesse compromisso formal, que obrigaria o gabinete ministerial a dirigir-se aos parlamentares, ao invés dos membros do Comitê de Delegados dos Operários e Soldados. Sendo seu aceite sugestionado a um compromisso de que, ao menos um terço destes, fossem representantes da burguesia.

Por outro lado, os órgãos do proletariado acreditavam que a existência do Parlamento Preparatório refletia o ideal da democracia revolucionária, facilitando que o governo, independente de sua composição, fosse rigorosamente supervisionado e controlado em sua ação, sem que isso sobrecarregasse as lideranças trabalhistas. Além de proporcionar um maior diálogo entre as partes, criando condições para que ambas fossem gradualmente conduzidas à paz.

2.4 A Revolução como proibição

Novembro começou com um artigo anônimo, publicado pela equipe de *Avanti!* no dia 3, "La conferenza degli alleati", no qual os socialistas italianos expressam as preocupações e esperanças quanto ao fim da guerra, a ser discutido na Conferência dos Representantes dos Países de Aliados. No evento, que se aproximava, os líderes da Entente examinariam a situação militar, econômica e política de todos os países em guerra. Ainda que estes estivessem se encontrando para discutir questões de defesa e ação, seria a primeira vez que estabeleceriam um diálogo direto e honesto sobre as condições para declararem um fim a tal derramamento de sangue.

Os membros do PSI afirmam que não esperavam um desfecho socialista, dado que "há um abismo muito profundo entre nós e eles para que sejamos vítimas da ilusão de que podemos fazê-los pensar com nossas cabeças" (LA CONFERENZA [...], 1917. tradução nossa), mas entendiam que esta era uma possibilidade de que homens instruídos percebessem os custos altíssimos do conflito. Além de se mostrar um momento importante para a eliminação de qualquer mal-entendido quanto ao posicionamento do governo revolucionário russo, especialmente os relacionados ao falacioso acordo de paz separada.

Embora o *Avanti!* tenha demonstrado um interesse constante, ao longo do ano, pelos avanços da Revolução Russa, em um mês tão crucial como novembro, marcado por novos acontecimentos, que representavam uma mudança significativa no sistema político do país, é notável a escassez de textos dedicados a esse tema. Fato que, antes de ser fruto da má vontade dos socialistas italianos, era produto da censura promovida por seu governo. Das trinta edições publicadas pelo jornal, doze apresentam ao menos um artigo inteiramente ocultado, sendo que nenhuma delas pôde ser distribuída com os textos originais, mas com grandes pedaços retirados e recortados.

Nas palavras proferidas pelos mesmos, no artigo anônimo "Nei margini della rivoluzione russa", do dia 11 deste mês, "colocamo-nos à margem da revolução porque não podemos examiná-la em suas verdadeiras e profundas razões: o leitor deve compreender o esforço que estamos fazendo para não lhe servir apenas como um cheque em branco e deve tentar nos compreender" (NEI MARGINI [...], 1917, tradução nossa). O que lhes restava era expressar sua opinião por meio de trechos replicados de jornais burgueses, negando as informações e análises apresentadas nestes. A ideia era transmitir sua mensagem de forma indireta, não dizendo aquilo que realmente queriam sobre os eventos russos, visto que eram impedidos, mas negando tudo o que acreditavam que a Revolução de Outubro não era.

O que conseguiram, brevemente, expressar nesta publicação, era o fato de que estavam sim atentos a todas as movimentações revolucionárias na Rússia, com as quais se diziam contentes. Ao mesmo tempo, a onda de tensão que havia explodido na Itália, diante da queda do Governo Provisório russo e a recente reunião com os aliados, também lhes despertava o interesse, sobretudo por serem um alvo privilegiado desta agitação. De modo que "tomamos nota das repressões do regime que agora estão se espalhando pelo mundo, mas sem perguntar o porquê" (Ibid., tradução nossa).

O assunto continua em um artigo também anônimo do dia 28, já ao final de novembro, "L'Avanti! e la censura". Nele, os membros do PSI expõem que a censura estava se tornando cada vez mais severa, enfurecendo-se contra o jornal de uma forma verdadeiramente inédita. As progressivas restrições do conteúdo de *Avanti!*, inclusive, haviam lhes custado três artigos completos na edição anterior, somando mais de setecentas linhas de informações das quais seus leitores nunca teriam acesso.

Além do martírio de ter que publicar o periódico cotidianamente com tantos espaços vazios, sua equipe era obrigada a lidar com os adversários atribuindo-lhes todo o tipo de infâmia sem que pudessem responder ou rejeitar as calúnias. Ainda que alguns camaradas se mostrassem solidários ao difícil momento enfrentado pelo Partido Socialista Italiano, outros se aproveitavam para insinuar uma certa insuficiência do trabalho desempenhado pelo mesmo. A sensação para os socialistas, portanto, era que a restrição, antes de visar qualquer conteúdo específico, agia para impedir que estes reafirmassem sua identidade,

> Quase como se em três anos de censura ainda não tivéssemos aprendido a andar na linha da tesoura da censura, enquanto na verdade os vastos e frequentes espaços em branco são a demonstração clara de que a censura procede contra nós sem qualquer critério e sem método, mais por ódio e despeito ao nosso trabalho, do que em obediência às normas (L'Avanti! [...], 1917, tradução nossa).

O único artigo de novembro que conseguiu trazer, de fato, a análise crítica dos membros do PSI acerca dos eventos russos foi "L'origine del movimento", publicado por "Ing" no dia 11. Apesar de não estar completo, as informações ocultadas pela censura não comprometem o entendimento geral do texto, como foi o caso de tantos outros. Nele, o correspondente do partido afirma estar diante de um novo ato do movimento revolucionário, marcado pela concretização da "verdadeira revolução", como teria dito Lenin ao Soviete de Petrogrado.

A implementação dessa nova etapa, que para a opinião pública burguesa poderia parecer um raio aterrorizante e inesperado, vinha sendo cuidadosamente preparada pelo movimento bolchevique há meses. De modo a ser percebido por qualquer observador atento à realidade dos fatos. A surpresa da imprensa liberal, portanto, só comprovava que esta optou deliberadamente por ocultar informações de seus leitores, visando sustentar uma visão política que dependia do triunfo de Kerensky e de seu novo gabinete ministerial, apesar da posição delicada em que se encontravam.

Para “Ing”, compreender o comportamento do Primeiro-Ministro era fundamental, visto que o mesmo estava diretamente relacionado a uma cadeia de eventos que teriam provocado o colapso do Governo Provisório, ao mesmo tempo que permitido a ascensão dos líderes burgueses. A começar com o frustrado golpe de Kornilov, do qual Kerensky havia sido o promotor original, mesmo que involuntário e inconsciente, uma vez que tal ação se voltou justamente contra a sua administração governamental, incompatível à vontade popular. Como resultado, a resistência à tentativa de invasão do general elevou a moral daqueles que participaram do combate, em sua maioria maximalistas.

Diante de uma clara evidência do perigo burguês para a revolução, as ideias da democracia operária começaram a assumir um caráter cada vez mais preciso e intransigente quanto a um ministério de coalizão. Nesse contexto, a Conferência Democrática teria contribuído para denunciar as escolhas de Kerensky e, enfim, empurrar o movimento proletário em direção aos bolcheviques. Paralelamente, demissões dos ministros alinhados ao Soviete, especialmente de Cernov, intensificaram as tensões. Para o membro do PSI, o último erro dos partidos liberais foi, portanto, prometer a criação do Parlamento Provisório como solução para esses embates, mas fazê-lo sob falsos pretextos, buscando secretamente eliminar a influência das organizações operárias no governo. A descoberta de tal armadilha, teria marcado, assim, a origem do movimento de outubro, “e então temos o gancho final: a formação de um comitê revolucionário e o golpe de força que depõe o governo provisório e devolve o poder às mãos de Soviete” (ING, 1917i, tradução nossa).

Em dezembro, ainda atrapalhados pela censura, o socialista italiano Carlo Bertani declara o momento de tomada do poder pelos bolcheviques como “o grande experimento do século”, conforme explicitado no artigo do dia 17, “L’esperimento socialista russo”. Mesmo tendo poucas informações, devido a urgência com que escreviam do assunto, este se mostra interessado no estudo do caso. A ideia era que o trabalho do proletariado russo poderia levar a conclusões essenciais para que outros movimentos europeus fossem conduzidos ao mesmo caminho, subtraindo o poder das mãos da burguesia exploradora.

Quando cruzaram a Europa, os companheiros russos teriam testemunhado uma impressionante demonstração de solidariedade das forças proletárias e socialistas ao seu movimento revolucionário. Esse espetáculo não apenas os teria incentivado a seguir adiante com a tarefa a que se propuseram, mas também servira de inspiração para que outros povos buscassem, em um futuro próximo, afirmar a vontade de sua própria alma, igualmente

pacifista e internacionalista. Contudo, de acordo com o artigo de Ambrogio Belloni, "Del marxismo in Russia", publicado em *Avanti!* no dia 31, havia uma questão a ser considerada pelos demais elementos de espírito revolucionário, o fato de que o leninismo "busca introduzir o coletivismo em uma sociedade humana atrasada" (BELLONI, 1917, tradução nossa).

Na Rússia, os trabalhadores haviam se rebelado contra um sistema radicalmente distinto daquele vigente nos países aliados. Efetivamente, para Belloni, sua revolta também teria sido impulsionada pelo medo de avançar em direção a uma configuração capitalista que assombrava os proletários de outros países, e da qual seria difícil se desprender. Assim, o povo russo "extraiu da experiência de outros povos uma noção severa dos desastres que o capitalismo trouxe sobre eles e, das ruínas de seu próprio passado, aprendeu e apoiou os benefícios da propriedade coletiva" (Ibid., tradução nossa). De modo que parecia possível, naquele momento, que a nação russa saltasse diretamente para o prometido estágio do comunismo, sem precisar vagar por décadas nas profundezas do deserto capitalista.

O programa revolucionário coletivista que tentava se estabelecer na Rússia, tinha forte influência marxista e "caráter pós-moderno do movimento leninista". O artigo "Lenin", publicado anonimamente no dia 18 de dezembro, descrevia a importância que este teve ao longo de toda a história do socialismo russo. Tido como um homem de punho de ferro, o mesmo não teria recuado diante de nenhuma resistência, e tampouco se deixado desanimar pelos fracassos, caminhando incansavelmente em direção à sua meta. Para os membros do PSI, "em outro ambiente, ele teria sido um grande cientista, um político digno, um pioneiro incansável da causa à qual se dedicou. Na Rússia, onde qualquer um que seja leal e corajoso necessariamente passa para a oposição, ele só poderia ser um revolucionário" (LENIN, 1917b, tradução nossa).

Com seu conhecimento e determinação, este logo alcançou uma posição de liderança no partido socialista. Nele, sem minimizar os méritos de outros companheiros, os italianos afirmam que Lênin foi a alma do movimento, contribuindo com ideias fundamentais para sua modernização e difusão entre as massas. Posteriormente, quando o partido se mostrou dividido entre duas psicologias, por trás das quais estavam dois grandes grupos do proletariado, os operários de fábrica e os trabalhadores de pequenos negócios, tornou-se líder da fração mais radical, em total coerência com suas convicções. Assim, "ele se dedicou à luta

contra o oportunismo com todas as suas energias" (Ibid., tradução nossa), sendo o responsável pela formação de um sistema de propaganda e informação.

Em janeiro de 1918, às vésperas da convocação da Assembleia Constituinte, o líder bolchevique continuava sendo assunto de interesse. O artigo anônimo do dia 17, "Lenin e i piccoli popoli", discutia a relação entre este e as reivindicações de autonomia nacional na Rússia pós-revolução. Negando, assim, a ideia, novamente divulgada pela imprensa burguesa, de um antagonismo irreconciliável entre Lenin e os defensores da independência de regiões como a Ucrânia e a Finlândia.

Juntamente com Trotsky, o mesmo já teria, inclusive, concedido autonomias parciais por meio de decretos, considerando o assunto de natureza muito crítica para esperar pela futura assembleia. Para os bolcheviques, a revolução socialista, que só se completaria quando atingisse proporções internacionais, exigia o reconhecimento do direito de todos os povos à autodeterminação, inclusive aqueles que buscavam a separação com a Rússia. Como sempre, de acordo com os socialistas italianos, a postura leninista estaria totalmente alinhada com o pensamento marxista, visto que

> Marx e Engels dizem: Um povo que oprime outros povos não pode ser livre; um proletário que tolera o fato de seu povo oprimir outras nações não pode ser socialista.que via a opressão nacional como um entrave à emancipação proletária (LENIN [...], 1918, tradução nossa).

De modo geral, aos membros do PSI a revolução representava o triunfo das autonomias nacionais, livremente estabelecidas sob um novo modelo socialista. Exatamente por isso que no dia 23 de janeiro, no artigo publicado em *Avanti!*, "La questione della nazionalità", "Ing" se encarrega de defender tal política emancipatória das críticas liberais. Diversos destes movimentos estariam acusando-a de fragmentar a Rússia, comprometendo irreversivelmente seu poder e sua presença no cenário político, sem perceber que suas análises estavam apegadas a um modelo estatal ultrapassado, totalmente incompatível com as novas formas de organização política e econômica.

Na realidade, teria sido a centralização imperialista, perpetuada por anos do antigo regime, a responsável pela fragilidade estrutural da Rússia. O czarismo, além de um regime de opressão brutal, havia se sustentado sobre um modelo de dominação nacional que subvertia forçadamente culturas e etnias, segmentando o país. A verdadeira força russa, portanto, não

residia na imposição de uma unidade artificial, mas na construção de uma nova ordem baseada na vontade popular.

O ponto principal, para “Ing”, era que a Rússia não deveria ser avaliada apenas por sua situação presente, mas pelo potencial que emergiria da revolução, ainda em seus estágios iniciais. A reestruturação estatal, ancorada na autodeterminação dos povos, seria a base para um futuro sólido, no qual o progresso econômico e social substituiria a estagnação herdada do antigo regime.

A burguesia, imersa em todas as suas esperanças e ilusões, não conseguia perceber a verdadeira dimensão da Revolução Russa, tecendo críticas incoerentes a mesma, como afirmado no artigo “Vecchie e nuove illusioni”, publicado no dia 3 de janeiro, também com assinatura de “Ing”. Desde os primeiros dias da revolução até os eventos mais recentes, a elite teria insistido em interpretar os acontecimentos à luz de seus próprios desejos, sem considerar a realidade dos fatos.

Primeiro, a queda do czarismo havia sido recebida com a ideia de que o novo regime pudesse ser moldado ao espírito imperialista da burguesia, o que logo se mostrou um engano. Depois, os liberais europeus ignoraram deliberadamente os sinais da democracia revolucionária emergente, o papel do Soviete e os clamores populares pela paz. Preferiram depositar suas esperanças em figuras como Miliukov e Guchkov, acreditando que, apesar da esmagadora oposição das massas trabalhadoras, a revolução poderia ser contida e conduzida aos seus interesses.

Esse autoengano teria persistido, mesmo diante da crise econômica e militar, e da completa falência do Exército. Logo, quando Kerensky tentou reviver a guerra com a ofensiva de julho, a burguesia celebrou um triunfo inexistente. Da mesma forma, a Conferência de Moscou e a tentativa golpista de Kornilov foram vistas como oportunidades para restaurar a ordem, tendo posteriormente se revelado apenas como episódios frágeis e inconsequentes diante do avanço bolchevique e do colapso geral do governo burguês. No fundo, "todas essas ilusões eram caracterizadas pelo fato de nascerem e partirem de desejos e não terem nada em comum com a realidade das coisas” (ING, 1918, tradução nossa).

2.5 Resultados

Na análise dos documentos produzidos pelos membros do PSI, dois aspectos se destacam: a valorização histórica e a interação com as demais organizações políticas italianas. O primeiro ponto está diretamente relacionado à forma com a qual estes concebiam a própria ideologia socialista, como um processo de contínuo desenvolvimento e aprendizado. Mais do que antecipar seus desdobramentos futuros, interessavam-se pela sua construção, resultado de um longo trabalho do proletariado internacional, enriquecido com diferentes experiências pessoais.

O peso atribuído à trajetória de determinados trabalhadores militantes, contudo, não era fruto de um saudosismo romântico, como o culto à tradição nacionalista, mas era próprio da perspectiva do materialismo-histórico, cara aos socialistas italianos. Nesse sentido, decorre antes pelos seus efeitos práticos no presente, do que por uma nostalgia ao passado. Para o PSI, a classe trabalhadora, independente das condições específicas de sua luta em cada época e país, enfrentava um mesmo sistema opressor. Assim, o movimento assumia um sentido de continuidade e união que lhes permitia reivindicar o papel daqueles que não puderam testemunhar a Revolução Russa, mas que teriam contribuindo para a construção das bases sobre as quais esta se estabeleceu.

O resultado foi a transformação destas figuras em mártires, trazendo em *Avanti!* descrições detalhadas não apenas das ações que realizaram em nome da causa operária e camponesa, mas dos sacrifícios e mazelas que tiveram que suportar ao se comprometerem com os seus ideais. De fato, o jornal aborda com afinco a questão da perseguição que, ao longo da história, havia afetado organizações socialistas por toda a Europa, resultando na condenação de um número de militantes muito superior ao que seria possível contemplar em um único artigo, como o dedicado aos heróis russos.

Tal conceitualização de um movimento socialista singular, por sua vez, também estava por trás de uma segunda questão, igualmente recorrente nos artigos de *L'Idea Nazionale*, a ideia de que este era superior às fronteiras nacionais. Por mais que respeitassem as lideranças e a autonomia dos partidos e organizações proletárias estabelecidas na Rússia, os membros do PSI consideravam o trabalho desempenhado pelos russos como uma extensão do seu próprio. De modo que a revolução era, em partes, uma conquista internacional, benéfica para todo o operariado europeu.

Em geral, fica clara uma conexão, sentida com os correspondentes socialistas na Rússia, bem como em outros países, que não se estabelecia com os próprios compatriotas burgueses. Apesar da grande distância física os separando destes primeiros, encontravam neles os mesmos princípios e ideologias, muito diferente do que viam nos partidos liberais italianos, ainda que vivendo na mesma realidade. De fato, *Avanti!* funcionou como um espaço para expressar a aversão socialista à imprensa liberal, frequentemente republicando artigos originais desta com o único intuito de desqualificá-los.

Embora a interação e citação entre jornais fossem estratégias comuns, também usadas, em certa medida, em *L'Idea Nazionale*, a prática assumiu uma função especial no periódico socialista, sobretudo nos momentos de intensificação da censura. Nesse contexto, negar as informações e argumentos trazidos pela imprensa burguesa para o debate internacional se mostrou uma forma de contornar o sistema e, ainda que de maneira indireta, garantir que suas vozes não fossem silenciadas.

Diferentemente dos nacionalistas, os integrantes do PSI não manifestavam uma urgência em publicar. Pelo contrário, os editores de *Avanti!* demonstram um tratamento crítico das informações que recebiam, bem como a paciência para entender as reais condições russas e estabelecer um quadro completo de cada acontecimento antes que tornassem públicas suas opiniões. Como resultado, estes produziam análises mais complexas e densas, ainda que em quantidade reduzida se comparado ao periódico da ANI.

Esse fator, entretanto, não era o suficiente para explicar que, em relação à Revolução Russa, os socialistas apresentem quase cem artigos a menos do que os nacionalistas, em um exato mesmo período de publicações. Na realidade, isso era primordialmente um reflexo da intensa censura, que atuou de maneira muito desigual sobre ambos os movimentos. Encontrando-se em momentos muito pontuais nas publicações de *L'Idea Nazionale,* esta era fruto da configuração política específica assumida pelo governo italiano após a intervenção.

Em 1917, a Itália era governada por uma monarquia constitucional, composta pelo rei Vítor Emanuel III e o Primeiro-Ministro Paolo Boselli que, em meio a intensificação do conflito mundial, se propôs a liderar um governo de coalizão. Sob o comando destes, visando suprimir informações consideradas subversivas, bem como moldar a opinião pública em favor do esforço de guerra, estabeleceu-se um sistema de censura, administrado por autoridades civis e militares. O aparelho operava de forma abrangente, afetando diversos meios de

comunicação, incluindo jornais, revistas e publicações políticas, sobretudo aqueles alinhados ao internacionalismo e paz, prejudicando seriamente as campanhas socialistas. Sem conseguir, no entanto, impedir que estes expressassem suas opiniões, mesmo em períodos de intensificação da censura, como diante da Revolução de Outubro.

Durante todo o ano de 1917, também evidencia-se o protagonismo dos integrantes russos que, mesmo exilados na Itália, apresentavam forte interesse pelos acontecimentos em sua pátria. Apesar do jornal não trazer identificação na grande maioria de seus textos, a autoria de Junior e "Ing" foi reconhecida em diversos momentos, servindo como uma forma de demonstrar credibilidade nas análises, feitas por aqueles com maior conhecimento empírico do cenário político e social em debate. A prática do anonimato, por sua vez, era uma escolha inteiramente consciente feita pelos socialistas, buscando não apenas preservar a segurança de algumas lideranças partidárias, mas reforçar a ideia de coletividade.

Tratava-se de uma perspectiva que colocava a mensagem acima de quem a redigiu, evitando valorizações personalistas que pudessem ofuscar a luta coletiva. A questão advinha especialmente do fato do socialismo se apresentar como um movimento de massas, no qual cada trabalhador, militante ou ativista possuía o mesmo valor dentro da grande luta política. Este não poderia, portanto, depender de certas figuras, mas de um esforço cooperativo coordenado. Além disso, ao ocultar a autoria, evitava-se que disputas internas ou correntes partidárias monopolizassem o discurso.

É claro que o PSI não ignorava a existência de figuras socialistas que haviam, naturalmente, assumido um local de destaque diante do povo. Contudo, ao reconhecê-los não o faziam por seu prestígio ou atributos pessoais, mas pelo papel desempenhado no contexto de classe. Mesmo entre os exaltados mártires russos, não há qualquer menção a características físicas ou de personalidade, sendo estes definidos pelos seus feitos, enquanto importantes porta-vozes do proletariado. Na prática, os italianos afirmam que o destaque atribuído a alguns nomes, incluindo aqueles que estavam ativamente envolvidos na construção da revolução, se dava exclusivamente pela habilidade de concentrar em si a vontade popular, merecendo tal reconhecimento somente na medida em que se dispunham a trabalhar para sua concretização.

Conclusão

A principal intenção da presente pesquisa era verificar se, e de que maneira, a compreensão da Associação Nacionalista Italiana e do Partido Socialista Italiano acerca da Revolução Russa foram afetadas pelos seus respectivos interesses partidários e diferenças ideológicas. A resposta, contudo, não pode ser apresentada de maneira simplificada e direta, visto que estes não teceram uma única interpretação sobre os acontecimentos, mas uma complexa gama de análises que se combinam, emaranham e até se chocam.

Ainda assim, esta pode começar a ser elaborada em um ponto fundamental, que permeia todo o pensamento dos dois movimentos, sendo inclusive a principal razão destes elaborarem respostas tão diversas para os mesmos problemas que observam na Rússia, isto é, a motivação com a qual olham para a revolução. A queda do regime czarista foi, sem dúvida, um evento de enorme repercussão em toda a Europa, especialmente por ter tomado forma em meio a Primeira Guerra Mundial, que por si só já tinha assumido proporções inéditas na história contemporânea. No entanto, é visível que as duas organizações políticas são atraídas à revolução por questões que extrapolam o fato em si.

Para os nacionalistas, tal impulso estava na guerra. Desde o princípio, boa parte das reflexões partem do quanto estes acreditavam que as novas estruturas governamentais poderiam ajudar ou atrapalhar na organização dos exércitos russos. Assim, o movimento revolucionário é pensado pela ANI antes em termos internacionais, do que em seus desdobramentos internos ou possíveis impactos nas condições de vida da população do país. A relevância da Rússia está, então, diretamente condicionada a sua interferência na ação deste grande agente, que era a Entente.

Por outro lado, os membros do PSI estavam centrados na luta de classes. De modo que a derrubada do Czar foi tratada como uma questão secundária, enquanto o ponto fundamental, caracterizado pela essência da revolução, residiu no fato desta ser o produto da ação coletiva de classe. Por mais que não fosse possível desassociar completamente essas duas esferas da Revolução de Fevereiro, os socialistas o fizeram na medida em que trataram a queda do regime muito mais pela perspectiva da ação operária, do que das condições do mesmo.

Ao contrário do comportamento apresentado pelos nacionalistas, *Avanti!* não procurou justificar o movimento revolucionário nas condições específicas que cercavam

Nicolau II ou sua corte. Na realidade, tampouco teve o trabalho de descrevê-las, visto que sua equipe era regida pela ideia de que qualquer governo elitista, no qual a maioria trabalhadora estivesse longe dos espaços de tomada de decisão, resultaria na perpetuação de um sistema exploratório e opressor, independente de quais figuras se encarregassem pessoalmente do poder. Assim, os dois movimentos haviam identificado na Rússia estruturas feudais incompatíveis com as forças populares, mas para um, estas eram as massas empobrecidas, e para outro, as burguesias emergentes.

Da mesma forma, é possível compreender que ambos os jornais não abordam a revolução como um evento aleatório, mas como um fato inteiramente integrado à história do país. Por muito tempo, nas duas interpretações, o governo czarista teria se mantido apesar do descontentamento de parte significativa da sociedade russa, até que a insatisfação popular, exaltada pelas condições econômicas e sociais excepcionais do momento, eclodiram com uma ferocidade que não se poderia conter. A ANI, contudo, interpretou a interferência política dos elementos germanófilos como o catalisador de tal movimento, enquanto o PSI atribuiu esse papel à fome.

Não por acaso, os socialistas adotaram a expressão "rebeldes" para tratar dos revolucionários russos, fato que, longe de ter um sentido pejorativo, destacava sua revolta contra um sistema injusto. De forma semelhante, utilizam sempre da terminologia marxista para abordar os embates estabelecidos dentro do novo governo. A dicotomia entre burguesia e proletariado foi, portanto, a chave para interpretar a situação do duplo poder na visão de *Avanti!*. Especialmente porque para estes, a classe trabalhadora não havia construído nada com os partidos liberais, mas a despeito da sua interferência e tentativa de apropriação dos discursos revolucionários. Os nacionalistas, por sua vez, se referem ao caso em termos próprios do Estado, Governo Provisório e Comitê de Delegados dos Operários e Soldados, focando nestes como estruturas políticas, ao invés de composições sociais.

O ponto é que era imperativo a tal movimento olhar para a Rússia sob a perspectiva da organização estatal, visto que buscavam avidamente sinais de estabilização da nova ordem. Os membros da ANI nunca esqueceram que eram cidadãos italianos, ou seja, integrantes de uma nação detentora de interesses particulares, apesar da aliança estabelecida entre os países. Nesse sentido, esperavam do novo governo russo a segurança de que o mesmo ofereceria à Entente as melhores condições para vencer a guerra. Ainda que para isso, seus

ministros precisassem recuperar o controle civil e a disciplina militar, enfraquecidas no comando do Czar Nicolau II.

Diferente do esperado por estes, entretanto, a revolução acabou marcando o esvaziamento dos exércitos na Rússia. As deserções tornaram-se frequentes, indicando para os nacionalistas italianos o grave enfraquecimento da potência bélica russa. Já para os socialistas, a mudança de regime havia proporcionado aos soldados, infelizes com a participação obrigatória no conflito, a liberdade de retornarem às suas casas. A visão positiva apresentada pelos mesmos se devia, principalmente, ao fato de pensarem como parte da classe trabalhadora, torcendo pelo sucesso dos seus companheiros, independente da sua nacionalidade. Assim, ainda que pudesse ser prejudicial aos resultados da Entente, o desafio à ordem militar era um passo importante rumo a destruição da hierarquia social, responsável por perpetuar a exploração e conter as forças proletárias.

A análise aponta, então, para a emblemática questão da paz. Boa parte do ódio direcionado aos revolucionários bolcheviques, tidos pelos nacionalistas como extremistas, estava baseada nos rumores de que tal grupo estaria intermediando uma proposta de paz separada com a Alemanha. Apesar de não haver qualquer prova de uma negociação oficial naquele momento, à medida que esta corrente socialista russa assumia a maioria frente às massas, a aversão da ANI foi gradualmente sendo transferida para todo o movimento revolucionário.

A intensidade dos sentimentos expressados pela Associação Nacionalista, contudo, não era injustificada. Durante toda a análise dos eventos russos, como já demonstrado, seus membros olharam para o contexto internacional com interesses particulares. De modo não muito distante, pensaram a ideia da paz alemã pelo seu potencial em ferir os acordos firmados entre os governos da Entente, tidos em grande estima pelos nacionalistas. Esses tratados garantiriam a continuidade da guerra até o fim, não apenas como um dever compartilhado entre os países envolvidos, mas também como um compromisso mútuo entre os aliados, assegurando a cada nação o direito de exigir a persistência do conflito, sobretudo diante dos inúmeros sacrifícios feitos em nome das conquistas econômicas e territoriais almejadas com a vitória.

Para os membros da ANI, a violação de qualquer regra previamente estabelecida representava uma ameaça a todos os italianos, sobretudo, àqueles que de princípio haviam se mostrado entusiastas da participação do país na guerra. Pessoalmente, os mesmos tinham

investido tempo e recursos financeiros de *L'Idea Nazionale* na campanha intervencionista e na exaltação dos exércitos aliados, mesmo quando os soldados russos enfrentaram momentos de grande fragilidade. Muitos deles, inclusive, teriam se alistado voluntariamente para representar a Itália no conflito, almejando que seu país assumisse uma posição de destaque entre as principais potências mundiais.

Tendo em vista seu esforço, e o de tantos outros bravos italianos, vários dos quais perderam sua vida em batalhas, permitir que os revolucionários abandonassem os acordos era percebido como uma injustiça. Nessa perspectiva, se todo o derramamento de sangue havia ocorrido com o propósito de derrotar os Impérios Centrais e garantir as recompensas devidas, em benefício de toda a Entente, encerrar a guerra antes da concretização desses objetivos significava banalizar o sofrimento e morte de milhares de seus compatriotas, inclusive de pessoas próximas aos editores do jornal nacionalista.

Ainda que em um sentido completamente distinto, a ideia da paz separada também assumiu um caráter pessoal dentro do PSI, acionando sua solidariedade de classe. Por todo o continente, inclusive na Alemanha, acreditavam que a guerra estava submetendo os trabalhadores a condições precárias de vida, sendo necessário encerrá-la o quanto antes. Nesse contexto, a suposta proposta russa lhes parecia, então, a melhor forma de pôr um fim a esta angústia, libertando o povo de um conflito que não lhes interessava.

Aos socialistas, a verdadeira injustiça estaria na tentativa dos governos da Entente de forçar os russos a cumprirem um tratado que não reconheciam, firmado por um governo tão alheio à vontade popular que fora derrubado pelas próprias massas. Especialmente porque compreendiam que, ao contrário da visão imediatista divulgada pela ANI, a vontade pacifista dos revolucionários não era pretendida como impositiva, mas implicava em um consenso entre os povos europeus.

A análise da perspectiva socialista, contudo, revela que as diferenças entre as duas organizações italianas estavam envolvidas em uma discussão maior, a respeito do significado da queda do regime czarista. Para a ANI, as elites à frente do movimento revolucionário não haviam pretendido destruir o Estado russo, apenas se livrar dos elementos corruptos que agiam dentro do mesmo. Portanto, o novo governo representava uma continuação da antiga ordem, motivo pelo qual os ministros da Duma eram a opção mais adequada para assumir o comando do país, mostrando-se um elo fundamental entre as novas forças e certas estruturas tradicionais.

Para o PSI, a Revolução de Fevereiro havia sido um movimento contra as instituições políticas e ideológicas vigentes, responsáveis pela perpetuação de um sistema exploratório. O principal objetivo das massas, nesse sentido, seria substituí-las por aquelas alinhadas a um programa popular, rompendo o ciclo de injustiças que o czarismo representou na Rússia. A participação dos antigos integrantes da Duma, então, era vista como um entrave à realização plena do potencial revolucionário, sobretudo porque os socialistas identificavam nos ministros uma obsessão por uma ordem completamente descolada da vontade das massas.

Assim, para estes, os eventos na Rússia, ao escancarar justamente essa falta de identificação do povo com o governo czarista, tornava inaceitável qualquer expectativa da Entente pelo cumprimento de tratados firmados por tais autoridades. As massas não buscavam apenas se libertar das arbitrariedades impostas por Nicolau II no âmbito nacional, mas especialmente nos seus compromissos internacionais, destituídos de legitimidade popular. Em contraste, para os nacionalistas, se o Estado russo era o mesmo que havia firmado alianças e usufruído das vantagens diplomáticas e militares delas decorrentes, não poderia simplesmente se desvincular de suas obrigações.

Em determinado ponto da análise, os membros da ANI chegam a desconsiderar a participação da Rússia na aliança, não apenas apelando ao governo italiano para que não preparasse qualquer investida contando com as forças russas, mas vangloriando-se da capacidade da Entente de avançar sobre o inimigo mesmo diante dessa defasagem. A mudança, no entanto, estava diretamente relacionada com o fortalecimento da corrente bolchevique entre as massas russas. À medida que os bolcheviques demonstravam crescente capacidade de mobilização popular e influência sobre as decisões do Governo Provisório, tornava-se cada vez mais difícil para os nacionalistas italianos negarem sua legitimidade, algo que vinham fazendo por meses. Em vez de continuar reduzindo o movimento a um pequeno grupo de extremistas isolados, estes passaram a responsabilizá-lo pela destruição do Estado russo, cuja ausência inviabilizava qualquer possibilidade de negociação diplomática.

Para os nacionalistas, naquele momento, o perigo residia menos na retirada da Rússia da guerra, do que na sua aproximação dos povos europeus com os revolucionários russos. Convencidos do colapso estatal da Rússia, estes temiam que o modelo caótico, supostamente instaurado pelos socialistas, se espalhasse pelo mundo por meio do movimento internacionalista. A imagem que construíam era a de um país contaminado e destruído pela Revolução Russa. Logo, se a Itália mantivesse abertos os canais de comunicação entre os

bolcheviques e os membros do PSI, toda a sua nação correria o risco de ser igualmente infectada por uma ideologia considerada anárquica.

De fato, os socialistas italianos haviam estabelecido uma relação próxima com o socialismo russo. Especialmente porque escondia, por trás de toda a empolgação com o sucesso dos bolcheviques, o interesse pessoal de que tal mobilização incentivasse outros povos, igualmente cansados dos moldes exploratórios que lhes eram impostos, a seguirem o mesmo caminho contestador. Diferentemente dos nacionalistas, que viram nos novas movimentações populares a tragédia da Rússia, e possivelmente da Europa, o Partido Socialista Italiano as encarava como fonte de inspiração.

De qualquer maneira que fosse, as duas organizações políticas italianas compartilhavam a percepção de que a revolução tinha o potencial de se expandir para além do território russo. Exatamente por isso que, mesmo com a contínua censura que recaiu sobre *Avanti!* durante todo o ano de 1917, os membros da ANI passaram a cobrar medidas mais drásticas do governo italiano para a limitação da ação dos socialistas no país. Temiam que estes, sendo os principais instrutores e organizadores das massas, fossem capazes de conduzi-las a um levante semelhante ao que tomava forma na Rússia.

O desejo de controlar as atividades dos membros do PSI, entretanto, não era algo novo nas declarações dos nacionalistas. *L'Idea Nazionale* já havia mencionado que os mesmos não deveriam ter o direito de receber a visita de figuras que atentassem contra os interesses italianos, referindo-se a passagem da delegação russa em Turim em agosto daquele ano. A viagem do grupo, que buscava a renovação dos acordos com demais partidos socialistas europeus, foi interpretada pela ANI como uma campanha de propaganda anti-militar. Para os nacionalistas, estes estariam tentando sabotar a guerra, que era parte fundamental do plano de desenvolvimento da Itália, o que os tornavam, assim, inimigos da nação. Ao passo que a sua recepção, organizada com entusiasmo pelos socialistas italianos, era vista como um ato imoral e traiçoeiro.

A ideia de proibição apresentada pela Associação Nacionalista Italiana, contudo, indicava o modo com que a organização entendia a ação e o próprio movimento dos compatriotas socialistas. De modo geral, os nacionalistas acreditavam que os membros do PSI agiam contra os interesses da pátria, tendo em vista que estes não poderiam ser ditados pelas vontades imediatas das massas, consideradas incapazes de pensar a longo prazo. Para eles,

apenas intelectuais e acadêmicos poderiam traçar o caminho em direção ao bem comum, baseando-se em análises complexas e previsões futuras.

Desse modo, *L'Idea Nazionale* tratava o programa do PSI como um obstáculo ao avanço político e econômico da Itália. Na interpretação fornecida pelo jornal, o Partido Socialista Italiano atuava fomentando o ódio entre classes no cego instinto popular, através da criação de narrativas que opunham as massas à burguesia. A ideia de que a sociedade integrava grupos destinados a um constante antagonismo, além de considerada fantasiosa, era vista como um risco para a nação, sobretudo em tempos de guerra. Não é atoa que a ANI demonstrava uma grande preocupação com os efeitos que o discurso socialista poderia incidir nos exércitos italianos, supostamente inundados por discursos enganosos sobre o enriquecimento industrial às custas do conflito. Sobre isso, argumentam que

> Seria inconcebivelmente monstruoso se víssemos a guerra neste contraste de simplificação horrenda: por um lado, uma tragédia de sangue, sacrifício, trabalho e dor, por outro, alguns que querem ganhar dinheiro, que querem prolongá-la para recolher mais, fechado a qualquer outro sentimento humano. Infelizmente, isto, que não é outra coisa senão um dos muitos mitos de ódio promovidos pelo socialismo, chove sobre o mundo (Il PROGRAMMA, 1917, tradução nossa).

Acreditando que a ideologia socialista ameaçava o desenvolvimento da nação, bem como seu desempenho na Primeira Guerra, os nacionalistas propunham que a mesma fosse combatida através da demonstração da moralidade do trabalho, que se devia justamente ao capital, seu avanço tecnológico, e seu espírito de iniciativa. Para a ANI, as relações de classe deveriam ser tratados em seus verdadeiros termos, "honestos e simples", nos quais existiam ao menos dois tipos de produtores, os produtores operários e os produtores industriais. Sem sua distinção e colaboração, em que havia um dever de solidariedade, o trabalho não poderia ser feito, tampouco transformado em valor econômico. Defendiam, assim, que a consciência de classe construída pelo PSI fosse confrontada e substituída pela consciência nacional.

Por outro lado, os socialistas italianos também demonstravam ressalvas quanto ao programa nacionalista, especialmente dessa identidade patrótica que tanto estimavam. Visto que acreditavam que a ANI a teria acionado para justificar que divergências nacionais fossem transformadas em antagonismos imperialistas, nas quais os povos estavam divididos em dois campos inimigos. Assim, seus membros seriam parte de um movimento das classes dominantes europeias que tentava intencionalmente despertar sentimentos secularistas nas massas, ao passo que buscavam explorar os sentimentos justos das nacionalidades oprimidas.

A principal crítica, tecida aos nacionalistas italianos pelo PSI, era que a sua retórica de bem comum se configurava, na prática, como um método para preservação da posição e dos interesses das elites. Para os socialistas, tal programa incluía as demandas efetivamente populares apenas enquanto forma pontual de apaziguar os ânimos da população, descartando as máximas exigências proletárias precisamente na hora da sua prova suprema. No caso da russo, estes previam que a ANI celebraria as manifestações e greves apenas na medida em que estas se voltassem para a derrubada das estruturas feudais, passando a contrariá-las no momento em que se virassem contra os interesses dos industriais e a restauração de uma nova ordem exploratória, na qual estes estivessem na base.

De modo geral, *Avanti!* interpretava que os nacionalistas italianos, bem como toda a imprensa burguesa internacional, estariam tentando aproveitar da situação na Rússia para iniciar o seu trabalho infame de calúnia e ostracismo contra o proletariado. Nesse sentido, ao longo de todo o ano de 1917, acusaram *L'Idea Nazionale* de manipular seus leitores, criando uma narrativa favorável à sua ideologia através da omissão e distorção de informações.

No entanto, ainda que as denúncias do PSI não fossem infundadas, estas não podem ocultar o fato de que os socialistas também fizeram escolhas conscientes ao retratar a Revolução Russa, dando preferência aos eventos e abordagens que colaborassem com uma visão positiva das ações dos Sovietes. Afinal, se é que existem meios de comunicação neutros, os tratados aqui certamente não o são, visto que foram criados justamente com o objetivo de fortalecer suas respectivas agendas políticas na Itália.

A eleição destas como fonte primária de pesquisa, portanto, nunca se deu por uma pretensão histórica de reconstrução da Revolução Russa, mas objetivando apresentar suas possíveis versões, experienciadas por aqueles que acompanhavam atentamente seus desdobramentos, apesar da distância territorial. A escolha dos documentos permitiu mostrar que, além das disparidades ideológicas e conceituais, as diferentes interpretações foram possibilitadas também pelas incertezas do período e as dualidades próprias do movimento revolucionário russo.

A este respeito, algumas passagens merecem destaque, como a posição de Alexander Kerensky, personagem central em ambos os jornais e motivo de significativa divergência entre eles. No periódico nacionalista, Kerensky é apresentado como integrante de um grupo de ministros burgueses capacitados, que reconstruiriam o país por meio de sua atuação no Governo Provisório. Já no socialista, é descrito como um reformista, cuja

nomeação ao gabinete do novo governo representaria uma manobra estratégica voltada à conquista do apoio das massas.

De fato, durante sua trajetória, Kerensky sempre balançou entre os dois lados do que agora disputavam o poder revolucionário. Este entrou na Duma Imperial como membro do Trudovik, grupo político que defendia pautas camponesas, especialmente em respeito à redistribuição de terra, mas dentro desta atuou muito próximo aos partidos burgueses. Portanto, não é difícil entender como as expectativas das duas organizações caminharam para direções tão opostas, focadas nos aspectos de sua conduta que mais lhes convinham. O próprio reconhecia sua postura ambígua, passando a se identificar como mediador de tais forças.

Enquanto liderança fundamental do governo revolucionário, Kerensky foi desprezado tanto pelo PSI, quanto pela ANI, que não viram na sua política a força necessária para direcionar o movimento ao seu ápice, ainda que ambas compartilhassem uma visão distinta do que o mesmo deveria vir a ser. Contudo, inusitadamente, os nacionalistas e os socialistas passaram a enxergar no Primeiro Ministro, durante o mês de agosto, a solução para os novos desafios impostos à Revolução Russa, ainda que sob perspectivas opostas. Por um lado, a repressão do governo às Revoltas de Julho, mostraram aos nacionalistas o vigor que vinham esperando encontrar nas autoridades, necessário para que livrassem, enfim, o país daquele grupo desordeiro e extremista. Por outro, os socialistas sentiram que a presidência de Kerensky na Conferência de Moscou, que coincidiu temporalmente com o episódio exaltado pela ANI, o havia feito perceber o real perigo da ameaça contra-revolucionária, a qual teria que se empenhar em reprimir.

De forma semelhante, as consecutivas renúncias de Miliukov e Guchkov, junto de parte considerável de seu corpo de generais, foram atribuídas ao mesmo problema que se instaurava na Rússia, o desentendimento das forças revolucionárias, mas tratadas do ponto de vista que favorecia as duas organizações políticas italianas. Na perspectiva socialista, o fortalecimento dos bolcheviques entre as massas teria levado os ministros a desistirem de suas posições, uma vez que estariam cientes de que a maior organização e esclarecimento destas poderiam lhes colocar em risco, visto seus programas anti-populares e múltiplas tentativas de enganar a classe trabalhadora. Assim, diante de um povo conscientizado, não teriam aguentado a pressão de ter seus atos julgados e condenados. Já para os nacionalistas, estas teriam representado atos desesperados de homens honestos, que não aguentaram ver sua

nação paralisada pela anarquia, preferindo abandonar seus cargos do que compactuar com a loucura dos extremistas que tomavam o Comitê Executivo dos Operários e Soldados.

Não se poderia ter qualquer certeza, naquele momento, quanto ao desenrolar da revolução, especialmente porque se tratava de um evento sem precedentes na história contemporânea ocidental. Assim, as crises e as constantes mudanças ministeriais poderiam, de fato, indicar um sinal de debilidade do sistema, como propunha a ANI, quanto parte natural do processo reconstrutivo de uma nação que estava descobrindo seus rumos, como sugeria o PSI.

É curioso notar, contudo, como a análise desenvolvida em termos socialistas era mais eficaz na percepção das nuances que se estabeleciam dentro do movimento revolucionário russo. Tratava-se de uma explicação com uma ênfase teórica que não consta na apresentada pelos nacionalistas, muito preocupados com os efeitos práticos daquele processo. O PSI pouco refletiu sobre os eventos que cercaram a Revolução de Fevereiro ou sobre a atuação das figuras envolvidas na queda do regime czarista, como a ANI fez com propriedade, mas buscou compreender, por sua vez, os significados da ação popular, focando na trajetória política e ideológica dos que estavam fazendo a revolução e se apropriando do poder.

Desta forma, estavam aptos a compreender a fundo quais eram os diferentes grupos que disputavam por espaço no novo governo, enquanto na visão nacionalista toda a oposição enfretada pelos ministros da Duma vinham de um grupo misto de extremistas de tendencias anárquicas. É claro que, sendo a pauta a respeito do movimento socialista russo, o Partido Socialista Italiano tinha maior familiaridade com sua constituição, mas foram os únicos preocupados em descrever que a classe trabalhadora, bem como seus líderes, estavam divididos entre as correntes bolchevique e menchevique. Fato que, ao ser ignorado pela Associação Nacionalista Italiana, não lhe permitiu explicar muito do que estava acontecendo dentro das organizaões operárias e suas respectivas relações com o Governo Provisório.

Não é atoa que os membros da ANI se mostraram surpresos com o desenrolar da Revolução de Outubro, acreditando até o último momento que o quadro ainda poderia ser revertido em favor da burguesia. Ao passo que para aqueles que acompanharam de perto as vontades das massas russas, dentro do PSI, os episódios de outubro foram apenas a concretização de um movimento que se estabelecia há meses, cuidadosamente elaborado pelos bolcheviques e Lenin.

O fato é que, comparando a construção das narrativas dos nacionalistas e dos socialistas sobre a Revolução Russa, podemos perceber diversas evidências de que suas visões de mundo prévias, atuando em conjunto com a deliberada instrumentalização ideológica dos eventos russos, produziram histórias muito distintas. Ainda que ambas as organizações estivessem olhando, de um lugar semelhante, para os mesmos acontecimentos internacionais. Assim, não devemos buscar uma verdade absoluta nos dados apresentados, mas considerá-los como verdades para os leitores de cada um dos jornais. Portanto, apesar de construídas, eram capazes de produzir efeitos práticos no comportamento político da Associação Nacionalista Italiana e do Partido Socialista Italiano, bem como de suas bases.

Referências bibliográficas

ALIAGA, Luciana. Do Sul ao Norte: Uma introdução a Gramsci. Marília: Lutas Anticapital, 2021.

APRIRE gli occhi. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 254, 14 set. 1917.

ARAMINI, Donatello, Eversione e Violenza nel Nazionalismo Italiano. **Giornale di Storia**, n. 41, p.1-24, maio 2022.

ARFÉ, Gaetano. Storia del Socialismo Italiano. 1892-1926. Torino: Einaudi, 1965.

BADGER, C. Roberto. A Study in Italian Nationalism. Giuseppe Mazzini. **The Australian Quarterly,** v. 8, n. 31, p. 70–8o, set. 1936.

BELLONI, Ambrogio. "Del marxismo in Russia". a**vanti!.** Milão, n.362, 31 dez. 1917.

CAMMARANO, Fulvio. Storia dell'Italia liberale. Roma: Laterza, 2011.

CHIARICATI, Federico. Sons of our race! Help your motherland! Buy Italian! Italian propaganda through food ads among Italian American ethnic communities at the turn of the century. **History of Retailing and Consumption**, v. 8, n. 1, p. 49–68, jan. 2023.

CINGARI, Salvatore. Il Regno della bestia trionfante: La rivoluzione di Lenin fra nazionalismo e prefascismo. In: DI MAGGIO, Marco. La Rivoluzione russa nella politica italiana del Novecento. Accademia University Press, Turim, 2017, p. 27-55.

COGGIOLA, Osvaldo. Outubro de 1917: bolchevismo, revolução e drama. In: MACIEL, David; MAIA, Cláudio; LEMOS, Antonio Henrique (Org.). Revolução Russa: Processos, personagens e influências. Centro Popular de Estudos Contemporâneos, Goiânia, 2007, p. 11-40.

CONCETTO, Omero. Diagnosi interessata. **Avanti!.** Milão, n.220, 10 ago. 1917.

CONSIGLI sprecati. **Avanti!.** Milão, n.173, 24 jun. 1917.

COOPERAZIONE o governo operario?. **Avanti!.** Milão, n.130, 12 maio 1917.

COPPOLA, Alfredo. La Russia e gli Alleati: ultime concessioni. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 163, 14 jun. 1917a.

COPPOLA, Francisco. Messagi alla Non-Russia. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 161, 12 jun. 1917b.

COPPOLA, Francisco. Il governo russo suggerisce una conferenza fra gli Alleati: L'equivoco. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 168, 19 jun. 1917c.

CORRADINI, Enrico. Che cosa fu ed è il pangermanismo. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 96, 6 abr. 1917a.

CORRADINI, Enrico. I buoni maestri fanno i buoni discepoli. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 332, 3 dez. 1917b.

CORRADINI, Enrico. Il Nazionalismo Italiano. Milão, Fratelli Trevas, 1914.

CORRADINI, Enrico. Il pericolo russo e quello tedesco. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 222, 12 ago. 1917c.

CORRADINI, Enrico. La forza rivoluzionaria della guerra. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 94, 4 abr. 1917d.

CORRADINI, Enrico. *L'immenso Lenin.* **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 355, 27 dez. 1917e.

CORRADINI, Enrico. Sotto il fuoco e il ferro. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 252, 12 set. 1917f.

CORTESI, Luigi. Il socialismo italiano tra riforme e rivoluzione. Dibatti congressuali del Psi 1892-1921. Bari: Laterza, 1969.

COSTA, Iná Camargo. Lênin em 1917: direção em disputa e liderança reconhecida. In: COTRIM, Ana; COTRIM, Vera (Org.). Todo poder aos Sovietes! A Revolução Russa 100 anos depois. Porto Alegre: Editora Zouk. 2018, p.13-50.

CUNSOLO, Ronald. Libya, Italian Nationalism, and the Revolt against Giolitti. **The Journal of Modern History,** v. 37, n. 2, p. 186-207, 1962.

DAL VECCHIO al nuovo regime in Russia: l'azione proletaria. **Avanti!.** Milão, n.77, 18 mar. 1917.

DIREZIONE DEL PARTITO SOCIALISTA ITALIANA. **Avanti!.** Milão, n.134, 16 maio 1917.

DI SCALA, Spencer. Italian socialism: between politics and history. Amherst: University of Massachusetts Press, 1996.

DUGGAN, Christopher. The Force of Destiny: A History of Italy Since 1796. Londres: Penguin Books Ltd, 2008.

È PERMESSO dire?. **Avanti!.** Milão, n.82, 23 mar. 1917.

FEDERZONI, Luigi. Il pericolo russo. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 224, 14 ago. 1917a.

FEDERZONI, Luigi. Luci ed ombre della crisi russa: occorre di un Carnot. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 86, 27 mar. 1917b.

FIGES, Orlando. A People's Tragedy: The Russian Revolution: 1891-1924. Nova York: Viking Press, 2011.

FITZPATRICK, Sheila. The Russian Revolution. Oxônia: Oxford University Press, 2008.

FONZO, Erminio. Storia dell'Associazione nazionalista italiana (1910-1923). Napoli: Edizioni scientifiche italiane, 2017.

FRANCHI, G. L. Le riforme sociali nella disciplina della produzione. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 206, 27 jul. 1917.

GAETA, Franco. Il nazionalismo italiano. Roma ; Bari: Laterza, 1981(Biblioteca universale Laterza, 9).

GLI INTRIGHI tedeschi in Russia. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 115, 26 abr. 1917.

GRAMSCI, Antonio. Escritos políticos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. v. 1 (1910-1920).

HODNIG, Armando. Il trionfo di Trotsky. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 3, 3 jan. 1918.

I DELEGATI del Soviet visitano L'Avanti!. **Avanti!.** Milão, n.219, 9 ago. 1917.

IL NUOVO governo russo proclama l'indipendenza polacca: rivoluzione nazionale. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 91, 1 abr. 1917.

IL PROGRAMMA degli industriali e i socialisti. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 217, 7 ago. 1917.

IL TRADIMENTO leninista e gli Alleati. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 333, 4 dez. 1917.

IL TRIONFO del leninismo in Russia: il proclama del Congresso generale dei Soviets. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 310, 10 nov. 1917.

IMPERATO, Federico. Roberto Forges Davanzati, il nazionalismo italiano e la politica estera italiana (1911-1918). Tricase: Maiasto Franco, 2006.

INAZIONE. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 271, 01 out. 1917.

ING. Il nuovo Ministerio russo. **Avanti!.** Milão, n.221, 11 ago. 1917a.

ING. Il parlamento preparatorio. **Avanti!.** Milão, n.293, 22 out. 1917b.

ING. Il Soviet in Italia: gli argomenti della pace. **Avanti!.** Milão, n.218, 8 ago. 1917c.

ING. Kerensky e Lenin. **Avanti!.** Milão, n.210, 31 jul. 1917d.

ING. La borghesia al lavoro in Russia. **Avanti!.** Milão, n.226, 26 ago. 1917e.

ING. La conferenza democratica. **Avanti!.** Milão, n.273, 2 out. 1917f.

ING. La grave situazione al fronte e all'interno della Russia: Borghesi e socialisti. **Avanti!.** Milão, n.203, 24 jul. 1917g.

ING. L'inquietudine di Kerensky. **Avanti!.** Milão, n.244, 3 set. 1917h.

ING. L'origine del movimento. **Avanti!.** Milão, n.313, 11 nov. 1917i.

ING. Senza maschera. **Avanti!.** Milão, n.255, 14 set. 1917j.

ING. Socialismo a Governo in Russia: ancora un Gabinetto. **Avanti!.** Milão, n.287, 16 out. 1917k.

ING. Vecchie e nuove illusioni. **Avanti!.** Milão, n.3, 3 jan. 1918.

IN RUSSIA: Gutchkoff si è dimesso. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 133, 15 maio 1917.

I NUOVI Ministri **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 77, 18 mar. 1917a.

I NUOVI dirigenti. **Avanti!.** Milão, n.76, 17 mar. 1917b.

I PRECURSORI della rivoluzione russa. **Avanti!.** Milão, n.84, 25 mar. 1917.

JUNIOR. Gli avvenimenti politici in Russia: Il significato. **Avanti!.** Milão, n.76, 17 mar. 1917a.

JUNIOR. I fatti che smentiscono. **Avanti!.** Milão, n. 132, 14 maio 1917b.

JUNIOR. Indennità e contribuzione. **Avanti!.** Milão, n. 151, 2 jun. 1917c.

JUNIOR. I rivoluzionari russi e la guerra: Lenin. **Avanti!.** Milão, n. 114, 25 abr. 1917d.

JUNIOR. La lotta dei partiti in Russia: Plekhanoff, Miliukoff e Lenin. **Avanti!.** Milão, n. 123, 5 maio. 1917e.

JUNIOR. Le dimissioni di Gutchkoff. **Avanti!.** Milão, n. 134, 16 maio. 1917f.

JUNIOR. Pace senza conquiste. **Avanti!.** Milão, n.104, 15 abril. 1917g.

JUNIOR. Perchè l'Europa esca dalla presente situazione?. **Avanti!.** Milão, n.133, 15 maio. 1917h.

JUNIOR. Socialisti e borghesi nella rivoluzione. **Avanti!.** Milão, n.88, 29 mar. 1917i.

KERENSKY capo del Governo. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 201, 22 jun. 1917a.

KERENSKY deciso a stabilire nell'esercito: una disciplina di ferro. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 142, 24 maio 1917b.

KORNILOFF tenta il colpo di stato. **Avanti!.** Milão, n. 252, 11 set. 1917.

L'ABDICAZIONE di Nicola II ed il rivolgimenti per la guerra in Russia gli: crisi di guerra. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 76, 17 mar. 1917.

L'ACCORDO del nemico esterno col nemico interno: in tema di reazione e di

socialismo. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 262, 22 set. 1917.

LA CRISI russa. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 134, 16 maio 1917a.

LA CRISI della rivoluzione. **Avanti!.** Milão, n.201, 21 jul. 1917b.

LA CONFERENZA degli alleati. **Avanti!.** Milão, n.305, 3 nov. 1917.

LA DUMA. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 78, 19 mar. 1917.

LA NUOVA rivoluzione dominata da Kerensky. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 202, 23 jul. 1917.

LA PRIMA manifestazione parlamentare della nuova Russia. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 130, 12 maio 1917.

LA PROCLAMAZIONE della Repubblica. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 258, 18 set. 1917.

LA PROPAGANDA di Lenin. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 116, 27 abr. 1917.

LA QUESTIONE della difesa nazionale in Russia e le incertezze della situazione interna: tra l'Intensa e il Soviet. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 220, 10 ago. 1917.

LA RUSSIA e noi. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 307, 6 nov. 1917a.

LA RUSSIA ritorna: l'abdicazione del Soviet. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 205, 26 jul. 1917b.

LA SITUAZIONE in Russia. **Avanti!.** Milão, n.209, 30 jul. 1917a.

LA SITUAZIONE politica in Russia: bandiera rossa!. **Avanti!.** Milão, n.78, 19 mar. 1917b.

L'AVANTI! e la censura. **Avanti!.** Milão, n.330, 28 nov. 1917.

LA VIA maestra. **Avanti!.** Milão, n.106, 17 abril. 1917.

LENIN. **Avanti!.** Milão, n.201, 22 jul. 1917a.

LENIN. **Avanti!.** Milão, n.305, 18 dez. 1917b.

LENIN e i piccoli popoli. **Avanti!.** Milão, n.17, 17 jan. 1918.

L'IMPERIALISMO della democrazia. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 211, 01 ago. 1917.

L'INTENSA e la Russia. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 138, 20 maio 1917.

LO CZAR ha abdicato: La reggenza al granduca Michele. **Avanti!.** Milão, n.75, 16 mar. 1917.

MARI, Pio. I precedenti del conflitto. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 253, 13 set. 1917a.

MARI, Pio. La torbida situazione interna. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 270, 30 set. 1917b.

MARI, Pio. La verità sul piano di Korniloff: il generalissimo fu sacrificato al Soviet. Roma, n. 267, 27 set. 1917c.

MARI, Pio. Socialisti e agenti tedeschi: preparavano la rivoluzione anarchica. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 178, 29 jun. 1917d.

MARTOV, Julios. I socialisti russi nel ministero di coalizione. **Avanti!.** Milão, n.154, 5 jun. 1917.

MASCHERA e volti. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 118, 29 abr. 1917.

MELO, Wanderson. O processo da Revolução Russa de Fevereiro de 1917: protagonismo dos trabalhadores, estouro revolucionário e dualidade de poderes. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.6, nº12, p.4-24, jan-jun 2017.

MERRIDALE, Catherine. Lenin on the train. Nova York, Metropolitan Books, 2016.

NEI MARGI della rivoluzione russa. **Avanti!.** Milão, n.313, 11 nov. 1917.

NEMICI interni ed esterni contro Pietrogrado: i pericoli della crise. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 126, 8 maio 1917.

PAROLE russo contro la pace tedesca: Trotsky parla al Soviet. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 5, jan. 1918.

QUIRAM. La luce viene dall'Oriente. **Avanti!.** Milão, n.96, 6 abril. 1917.

RAGIONIERI, Ernesto. Il socialismo italiano e il movimento di Zimmerwald. **Casa Editrice Leo S. Olschki.** Florença, v. 28, n.2, p.129-160, mar. 1973.

REALTÀ tedesca e russa. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 304, 3 nov. 1917.

REVISIONE e soluzione. **Avanti!.** Milão, n.153, 4 jun. 1917.

RIDOLFI, Maurizio. Il PSI e la nascita del partito di massa (1892-1922). Roma: Laterza, 1992.

RINALDI, Rino. La Russia contra il pericolo della rivoluzione estremista. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 88, 29 mar. 1917.

ROCCO, Alfredo. La Russia, la guerra e la pace. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 157, 8 jun. 1917a.

ROCCO, Alfredo. Le laboriose tappe della Rivoluzione Russa: i due alleati. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 176, 27 jun. 1917b.

SABBATUCCI, Giovanni. Il riformismo impossibile: storie del socialismo italiano. Roma-Bari: Laterza, 1991.

SAVANT, Giovanna. La rivoluzione russa e i socialisti italiani nel 1917-18. **Diacronie: Studi di Storia Contemporanea,** n.32, v.4, 2017. Disponível em: http://journals.openedition.org/diacronie/6619. Acesso em: 3 fev. 2025.

SENZA anessionni. **Avanti!.** Milão, n.154, 4 jun. 1917

SCAVINO, Marco. Il socialismo nell'Italia liberale: idee, percorsi, protagonisti. 1. ed. Milano: UNICOPLI, 2007.

SKINNER, Quentin. Meaning and Understanding in the History of Ideas. History and Theory, Vol. 8, N. 1, pp. 3-53, 1969.

SMITH, John. The Legacy of Zimmerwald. **Socialist Worker**, 10 set. 2015. Disponível em: https://www.socialistworker.org/2015/09/10/zimmerwald-legacy\. Acesso em: 16 jan. 2025.

SMITH, Stephen. The Russian Revolution: A New History. Nova York: Basic Books, 2017.

SOUVARINE, Boris. La nuova crisi in Russia: la situazione interna. **Avanti!.** Milão, n.200, 21 jul. 1917

STEVENSON, David. A História da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Tradução de Valter Lellis Siqueira. Barueri: Novo Século, 2019

STORIA retrospettiva della rivoluzione. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 77, 18 mar. 1917.

TRE ministri Zimmerwaldisti. **Avanti!.** Milão, n.138, 20 maio. 1917.

TORRICELLI, Gabriella. La rivoluzione russa e i socialisti italiani nel 1917-18. **Studi Storici**. Roma, v.8, nº 4, p. 727-765, out-dez 1967.

TROTSKY, Leon. A História da Revolução Russa. VOLUME II. Brasília, Senado Federal, 2017a.

TROTSKY, Leon. A História da Revolução Russa. VOLUME III. Brasília, Senado Federal, 2017b.

TROTSKY, Leon. *The History of the Russian Revolution*. Volume One. First published: 1930. Edição de 2000, organizada por Chris Russell para o Marxists Internet Archive.

UN COLPO di mano. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 312, 11 nov. 1917.

UN PROBLEMA di governo. **L'Idea Nazionale.** Roma, n. 280, 10 out. 1917.

WONG, Aliza. Race and the Nation in Liberal Italy, 1861–1911: Meridionalism, Empire, and Diaspora. Londres: Palgrave Macmillan, 2006.

WOODROW. Wilson. Discurso ao Congresso dos Estados Unidos. 2 abr. 1917. Disponível em: https://www.archives.gov/founding-docs/woodrow-wilson-war-speech. Acesso em: 18 dez. 2024

Anexo

Tabela de artigos consultados *L'Idea Nazionale*

Título do artigo	**Assinatura**	**Data**	**N. de edição**
L'abdicazione di Nicola II ed il rivolgimenti per la guerra in Russia gli: crisi di guerra	L'Idea Nazionale	17/03/1917	76
L'esercito solidale con la Duma	-	17/03/1917	76
Mosca aderisce al movimento	-	17/03/1917	76
Il piano machiavellico contro la guerra	-	17/03/1917	76
I prodromi della rivoluzione epuratrice: gli uomini ed i motivi del conflitto	Nostro servizio particolare	17/03/1917	76
Il movimento rinvigorisce: la continuazione della guerra	-	17/03/1917	76
Due uomini e due bandiere	-	17/03/1917	76
L'intensa riconosce il nuovo Governo Russo: Volontà e azione	L'Idea Nazionale	18/03/1917	77
tti del nuovo governo	-	18/03/1917	77
Storia retrospettiva della rivoluzione	Nostro servizio particolare	18/03/1917	77
I nuovi ministri	-	18/03/1917	77
Il proclama dello Zar Michele	-	19/03/1917	78
La condotta e la situazione dello Zar Nicola II	Pio Mari	19/03/1917	78
L'abdicazione dello Zar	-	19/03/1917	78
La Duma	-	19/03/2024	78
La rivoluzione russa giudicata in Svizzera e Germania	Nostro servizio particolare	20/03/1917	79
L'eliminazione degli elementi germanofitti dalla Corte russa	Pio Mari	22/03/1917	81
Le ripercussione della revoluzione Il russo sulla politica interna tedesca	nostro servizio particolare	22/03/1917	81
Le dichiarazioni di Lvoff sul colpo di Stato russo: I Governi e legge di guerra	L'Idea Nazionale	23/03/1917	82
Come fu accolta la rivoluzione al fronte russo	nostro servizio particolare	23/03/1917	82
Il nuovo governo russo: riconosciuto dagli alleati	-	24/03/1917	84
Luci ed ombre della crisi russa: occorre di un Carnot	Luigi Federzoni	27/03/1917	86
Verso la Repubblica?	Pio Mari	27/03/1917	86

La Russia contra il pericolo della rivoluzione estremista	Gino Rinaldi	29/03/1917	88
Tutto il popolo russo per la guerra a oltranza	-	30/03/1917	90
Pace ai Russi, contro la Russi: la internazionale prussiana	L'Idea Nazionale	31/03/1917	90.1
L'unione dei soldati e degli operai russi	-	31/03/1917	90.1
Il nuovo governo russo proclama l'indipendenza polacca: rivoluzione nazionale	L'Idea Nazionale	01/04/1917	91
Speranze e intrighi tedeschi nel movimento rivoluzionario russo	Pio Mari	02/04/1917	92
La ripercussione in Germania degli avvenimenti russi	nostro servizio particolare	02/04/1917	92
Socialisti itineranti	-	02/04/1917	92
La forza rivoluzionaria della guerra	Enrico Corradini	04/04/1917	94
Che cosa fu ed è il pangermanismo	Enrico Corradini	06/04/1917	96
Governo presente	L'Idea Nazionale	07/04/1917	97
Le direttive politiche e strategici del nuovo Governo russo	nostro servizio particolare	07/04/1917	97
Il problema prussiano	L'Idea Nazionale	09/04/1917	99
I socialisti e il governo tedesco	-	24/04/1917	113
Gli intrighi tedeschi in Russia	nostro servizio particolare	26/04/1917	115
La propaganda di Lenin	-	27/04/1917	116
Maschera e volti	L'Idea Nazionale	29/04/1917	118
L'Ilusione del popolo tedesco: sulla situazione dell'Intesa	Pio Mari	04/05/1917	122
La nuova Russia adempirà agli impegni verso gli Alleati	-	05/05/1917	123
La Russia e la guerra	-	06/05/1917	124
La crise del nuovo regime russo	-	07/05/1917	125
Nemici interni ed esterni contro Pietrogrado: i pericoli della crise	L'Idea Nazionale	08/05/1917	126
La vittoria di Miliukov sugli estremisti	-	08/05/1917	126
Un comitato di guerra in Russia	-	09/05/1917	127
Il Governo provvisorio russo contro la guerra civile	-	11/05/1917	129
I reazionari alla riscossa	nostro servizio particolare	11/05/1917	129
La prima manifestazione parlamentare della nuova Russia	-	12/05/1917	130
I rappresentanti degli operai entreranno nel governo	-	12/05/1917	130
Il pericoli della crisi russa: in un coraggioso discorso del Ministro della guerra	-	13/05/1917	131

Uomini e cose della nuova Russia: Gucciof	L'Idea Nazionale	14/05/1917	132
Un altro discorso del Ministro sulle condizione dell'esercito	-	14/05/1917	132
Dichiarazione di Miliukoff: sulla politica estera del Governo Provvisorio	-	14/05/1917	132
In Russia: Gutchkoff si è dimesso	-	15/06/1917	133
La crisi russa	L'Idea Nazionale	16/05/1917	134
Il movimento rivoluzionario tra le truppe e nella provincia	-	16/05/1917	134
In Russia: le dimissioni di Miliukoff	-	18/05/1917	136
L'Intensa e la Russia	L'Idea Nazionale	20/05/1917	138
La Russia ritorna alla guerra: la forza della realtà	L'Idea Nazionale	22/05/1917	140
La riorganizzazione dell'esercito: Dichiarazioni del Principe Lvoff	-	22/05/1917	140
La Russia rivoluzionaria e L'Intensa: pregiudiziale	Francesco Coppola	24/05/1917	142
Il programma degli Alleati rimane immutato	nostro servizio particolare	24/05/1917	142
Kerensky deciso a stabilire nell'esercito: una disciplina di ferro	-	24/05/1917	142
Il problema dell'offensiva russa	-	04/06/1917	153
La Russia, la guerra e la pace	Alfredo Rocco	08/06/1917	157
Message alla Non-Russia	Francesco Coppola	12/06/1917	161
La Russia e gli Alleati: ultime concessioni	Francesco Coppola	14/06/1917	163
Il governo russo suggerisce una conferenza fra gli Alleati: L'equivoco	Francesco Coppola	19/06/1917	168
Il bivio	Francesco Coppola	20/06/1917	169
La nota dell'Italia	L'Idea Nazionale	21/06/1917	170
Il testo della nota	-	21/06/1917	170
La Santa Alleanza dell'Internazionale e della diplomazia germanica: Grim! Grim!	L'Idea Nazionale	26/06/1917	175
Le laboriose tappe della Rivoluzione Russa: i due alleati	Alfredo Rocco	27/06/1917	176
Lo scioglimento della Duma	-	27/06/1917	176
La nuova strategia diplomatica della Germania per avviare le trattative di pace: il soccorso russo	Pio Mari	27/06/1917	176
Socialisti e agenti tedeschi: preparavano la rivoluzione anarchica	Pio Mari	29/06/1917	178
Discussione al congresso degli operai sulla questione della guerra	-	29/06/1917	178
Nuovi successi russi	-	09/07/1917	188
Kerensky capo del Governo	-	22/07/1917	201

Il criminoso tentativa massimalista schiacciato dall'energia del governo	-	22/07/1917	201
La nuova rivoluzione dominata da Kerensky	L'Idea Nazionale	23/07/1917	202
Il tentativo massimalista schiacciato	-	23/07/1917	202
La Russia, l'Italia, l'Europa	L'Idea Nazionale	25/07/1917	204
Il pericolo rivoluzionario e il dopo guerra	Pio Mari	25/07/1917	204
L'Intensa di fronte alle nuova Russia	Pio Mari	26/07/1917	205
Le ultime ore della rivoluzione massimalista	-	26/07/1917	205
La Russia ritorna: l'abdicazione del Soviet	-	26/07/1917	205
Le riforme sociali nella disciplina della produzione	G. L. Franchi	27/07/1917	206
Il regime dittatoriale in Russia	-	28/07/1917	207
Verso un gabinetto di coalizione nazionale	-	28/07/1917	207
Gli inizi della riorganizzazione dello Stato russo	-	30/07/1917	209
L'imperialismo della democrazia	L'Idea Nazionale	01/08/1917	211
Il trionfo dell'istinto di conservazione	Enrico Corradini	04/08/1917	214
Un appello della Duma al popolo russo	-	04/08/1917	214
Il programma degli industriali e i socialisti	L'Idea Nazionale	07/08/1917	217
Il Soviet e il Pus	L'Idea Nazionale	08/08/1917	218
La questione della difesa nazionale in Russia e le incertezze della situazione interna: tra l'Intensa e il Soviet	L'Idea Nazionale	10/08/1917	220
Il nuovo governo e la stampa rivoluzionaria	-	10/08/1917	220
Il pericolo russo e quello tedesco	Enrico Corradini	12/08/1917	222
Il Soviet vuol salvare la Russia	L'Idea Nazionale	13/08/1917	223
Kerensky sconfessa la conferenza di Stoccolma	-	13/08/1917	223
Il pericolo russo	Luigi Federzoni	14/08/1917	224
La campagna dei leninisti continua per aumentare disgregazione russa	-	15/08/1917	225
Soviet, Giolitti, socialismo e propaganda interna	L'Idea Nazionale	17/08/1917	227
Korniloff espone la situazione militare	-	31/08/1917	240
La strada di Pietrogrado non condurrà alla pace	Pio Mari	08/09/1917	248
Sotto il fuoco e il ferro	Enrico Corradini	12/09/1917	252
Il proclama di Kerensky	-	12/09/1917	252
Lo sfacelo della rivoluzione russa: attesa	Alfredo Rocco	13/09/1917	253

I precedenti del conflitto	Pio Mari	13/09/1917	253
Aprire gli occhi	L'Idea Nazionale	14/09/1917	254
Le forze e il programma di Korniloff	Pio Mari	14/09/1917	254
Kerensky rifiuta la mediazione degli Alleati: La Russa e l'Intensa	L'Idea Nazionale	16/09/1917	256
Il passo degli Alleati	-	16/09/1917	256
Il governo russo si trasferisce a Mosca: tra la Russia e l'intensa	L'Idea Nazionale	18/09/1917	258
La proclamazione della Repubblica	-	18/09/1917	258
La guerra e la presupposti dell'anteguerra	Enrico Corradini	19/09/1917	259
I loro complici	L'Idea Nazionale	20/09/1917	260
La riorganizzazione del Comando Supremo russo	-	20/09/1917	260
L'impresa di Korniloff e l'attuale situazione russa	-	21/09/1917	261
La crisi Kerensky	-	21/09/1917	261
L'accordo del nemico esterno col nemico interno: in tema di reazione e di socialismo	L'Idea Nazionale	22/09/1917	262
Gli organizzatori del Soviet	L'Idea Nazionale	25/09/1917	265
La lotta fra il Soviet e la Dittatore: Balli russi	L'Idea Nazionale	26/09/1917	266
Il bilancio della situazione della Kerensky	-	26/09/1917	266
La verità sul piano di Korniloff: il generalissimo fu sacrificato al Soviet	-	27/09/1917	267
La insostenibile situazione di Kerensky: l'errore russo e l'Intensa	L. Medici del Vascello	30/09/1917	270
La torbida situazione interna	Pio Mari	30/09/1917	270
Inazione	L'Idea Nazionale	01/10/1917	271
Come si usa coi traditori?	L'Idea Nazionale	04/10/1917	274
Kerensky ai colleghi del governo: le creazione di un nuovo Parlamento?	-	04/10/1917	274
La Conferenza e il Soviet: contro la coalizione	-	05/10/1917	275
La fine di Kerensky	Pio Mari	08/10/1917	278
Un problema di governo	L'Idea Nazionale	10/10/1917	280
Kerensky inaugura il nuovo Parlamento della Repubblica russa	-	23/10/1917	293
Realtà tedesca e russa	L'Idea Nazionale	03/11/1917	304
La Russia e l'Intensa nelle dichiarazione di Terestchenko	-	03/11/1917	304
La Russia e noi	L'Idea Nazionale	06/11/1917	307
I russi riconoscono la loro responsabilità	-	06/11/1917	307

Il trionfo del leninismo in Russia: il proclama del Congresso generale dei Soviets	-	10/11/1917	311
La nuova rivoluzione	-	10/11/1917	311
L'anarchia russa	-	11/11/1917	312
Un colpo di mano	-	11/11/1917	312
Kerensky marcia su Pietrogrado	-	12/11/1917	313
Un membro del Soviet parla dell'Italia all nemico	-	26/11/1917	327
I buoni maestri fanno i buoni discepoli	Enrico Corradini	03/12/1917	332
La protesta degli Alleati contro la nota russa	-	03/12/1917	332
Il tradimento leninista e gli Alleati	-	04/12/1917	333
La conclusione dell'armistizio fra gli Imperi Centrale e la Russia	-	18/12/1917	347
La Russia disarma	-	24/12/1917	353
Il fallimento del piano di Lenin	-	24/12/1917	353
Inversione	L'Idea Nazionale	25/12/1917	354
L'immenso Lenin	Enrico Corradini	27/12/1917	355
Le risorse materiali	Pio Mari	28/12/1917	356
La Russia e la guerra dell'Intensa	-	29/12/1917	357
Le cose di Russia: le missione tedeschi a Pietrogrado	-	30/12/1917	358
I Bolceviki	-	30/12/1917	358
Le truppe sarebbero favorevoli alla rivoluzione	-	30/12/1917	358
I due nemici	R. Forges Davanzati	01/01/1918	1
La fame in Russia	-	01/01/1918	1
La Russia smembrata	-	02/01/1918	2
Il trionfo di Trotsky	Armando Hodnig	03/01/1918	3
A Pietrogrado non si va	-	03/01/1918	3
Gli Alleati e la manovra di Brest-Litovsk	-	04/01/1918	4
La pace di Trotsky	Pio Mari	04/01/1918	4
Parole russo contro la pace tedesca: Trotsky parla al Soviet	-	05/01/1918	5
La dure prove della pace russa	R. Forges Davanzati	06/01/1918	6
L'isolamento della pace separata russo-tedesca: la guerra dell'Intensa	R. Forges Davanzati	08/01/1918	8
Le formule e le storia	R. Forges Davanzati	09/01/1918	9

Wilson e Trotsky	-	12/01/1918	12
La Conferenza di Brest-Litovsk: le dichiarazione della delegazione russa	-	14/01/1918	14
Lo stato d'assedio a Pietrogrado	Pio Mari	20/01/1918	20
In regime di libertà	Enrico Corradini	25/01/1918	25
Fra il terrore leninista e le convulsioni antibolcevike	-	25/01/1918	25

Tabela de artigos consultados *Avanti!*

Título do artigo	**Assinatura**	**Data**	**N. de edição**
Lo Czar ha abdicato: La reggenza al granduca Michele	-	16/03/1917	75
Gli avvenimenti politici in Russia: Il significato	Junior	17/03/1917	76
L'abdicazione non è ufficiale: Dichiarazioni di Miliukov	-	17/03/1917	76
I nuovi dirigenti	-	17/03/1917	76
Dal vecchio al nuovo regime in Russia: l'azione proletaria	-	18/03/1917	77
I socialisti russi e il nuovo governo	Junior	18/03/1917	77
La situazione politica in Russia: bandiera rossa!	-	19/03/1917	78
Kerensky non è socialista	-	19/03/1917	78
I socialisti russi e il nuovo governo	Junior	20/03/1917	79
Gli "elementi demagogici" e i nuovi uomini d'ordine	Junior	21/03/1917	80
Le candele votive della borghesia	Junior	22/03/1917	81
È permesso dire?	-	23/03/1917	82
I precursori della rivoluzione russa	-	25/03/1917	84
Le prime revolte	Junior	25/03/1917	84
Presso gli operai	-	27/03/1917	86
Socialisti e borghesi nella rivoluzione	Junior	29/03/1917	88
Un appello dei lavoratori russi al proletariato di tutto il mondo	-	30/03/1917	89
Il parere di Lenine	-	30/03/1917	89
Operai, soldati, contadini	Junior	30/03/1917	89
I soldati russi nella rivoluzione	Junior	05/04/1917	95
La luce viene dall'Oriente	Quidam	06/04/1917	96
I cortigiani della rivoluzione	-	10/04/1917	100

Apertura dei negoziati fra socialisti russi e tedeschi: la politica estera del proletariado	-	13/04/1917	102
Rinuncia ad ogni conquista da parte di tutti i governi	-	14/04/1917	103
Pace senza conquiste	Junior	15/04/1917	104
La via maestra	-	17/04/1917	106
Le “alcune difficoltà” russe	F. Ciccotti	17/04/1917	106
Il viaggio di Lenin in Russia	-	23/04/1917	112
I rivoluzionari russi e la guerra: Lenin	Junior	25/04/1917	114
La fine di un imperialismo	Carlo Bertagni	03/05/1917	121
La lotta dei partiti in Russia: Plekhanoff, Miliukoff e Lenin	Junior	05/05/1917	123
Cooperazione o governo operario?	-	12/05/1917	130
I fatti che smentiscono	Junior	14/05/1917	132
Perchè l'Europa esca dalla presente situazione?	Junior	15/05/1917	133
Per la pace e pel dopo guerra	La direzione del Partito Socialista Italiano	16/05/1917	134
Le dimissioni di Gutchkoff	Junior	16/05/1917	134
Tre ministri Zimmerwaldisti	-	20/05/1917	138
Indennità e contribuzione	Junior	02/06/1917	151
Soviet	-	02/06/1917	151
Senza anessionni	-	04/06/1917	153
I socialisti russi nel ministero di coalizione	L. Martoff	05/06/1917	154
I “vagiti” della democrazia russa	Junior	07/06/1917	156
Revisione e soluzione	-	13/06/1917	162
Consigli sprecati	-	24/06/1917	173
Nuovi avvenimenti in Russia	-	19/07/1917	198
Una rivolta armata a Pietrogrado	-	20/07/1917	199
La nuova crisi in Russia: la situazione interna	B. Souvarine	21/07/1917	200
La crisi della rivoluzione	-	22/07/1917	201
Lenin	-	22/07/1917	201
La grave situazione al fronte e all’interno della Russia: Borghesi e socialisti	Ing	24/07/1917	203
La dichiarazione del nuovo governo provvisorio sulle basi della sua politica estera ed interna	-	24/07/1917	203
I fondi di Lenin	-	24/07/1917	203

La ricomposizione del ministerio	-	24/07/1917	203
La situazione in Russia	-	30/07/1917	209
Kerensky e Lenin	Ing	31/07/1917	210
Il Soviet in Italia: gli argomenti della pace	Ing	08/08/1917	218
I delegati del Soviet visitano L'Avanti!	-	09/08/1917	219
Come è stata risolta la crisi ministeriale in Russia	-	09/08/1917	219
Diagnosi interessata	Prof. Omero Concetto	10/08/1917	220
Il nuovo Ministerio russo	Ing	11/08/1917	221
Il compito della rivoluzione russa	-	15/08/1917	225
Bolsceviki, Soviet e Governo provvisorio	-	19/08/1917	229
La borghesia al lavoro in Russia	Ing	26/08/1917	236
L'equivoco di Mosca	Ing	30/08/1917	241
L'inquietudine di Kerensky	Ing	03/09/1917	244
Korniloff tenta il colpo di stato	-	11/09/1917	252
Senza maschera	Ing	14/09/1917	255
La contro-rivoluzione: come sorse e come fu schiacciata	Junior	16/09/1917	257
Dopo Korniloff	Ing	18/09/1917	259
La conferenza democratica	Ing	02/10/1917	273
Socialismo a Governo in Russia: ancora un Gabinetto	Ing	16/10/1917	287
Il parlamento preparatorio	Ing	22/10/1917	293
La conferenza degli alleati	-	03/11/1917	305
Nei margini della rivoluzione russa	-	11/11/1917	313
L'origine del movimento	Ing	11/11/1917	313
L'Avanti! e la censura	-	28/11/1917	330
L'esperimento socialista russo	C. Bertani	17/12/1917	349
Lenin	-	18/12/1917	350
La constituente	Ing	19/12/1917	351
Del marxismo in Russia	A. Belloni	31/12/1917	362
Vecchie e nuove illusioni	Ing	03/01/1918	3
Lenin e i piccoli popoli	-	17/01/1918	17
La questione della nazionalità	Ing	23/01/1918	23